

EDMUND DE WAAL



A LEBRE
COM OLHOS
DE ÂMBAR



“Você tem uma obra-prima nas mãos.”

SUNDAY TIMES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Tire um objeto
do seu bolso e o coloque
diante de si.
Você começa a contar
uma história.

EDMUND DE WAAL

A lebre com olhos de âmbar

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA



Copyright © 2010 Edmund de Waal

TÍTULO ORIGINAL

The Hare with Amber Eyes

PREPARAÇÃO

Ana Kronemberger

REVISÃO

Tais Monteiro

Clarissa Peixoto

REVISÃO DE EPUB

Ilcimar Soares dos Santos

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo

E-ISBN

978-85-8057-124-0

Edição digital: 2012

Agradecemos a permissão do uso de imagens a: *Le Pont de l'Europe*, Gustav Caillebotte © Musée du Petit Palais, Geneva; *Une botte d'asperges*, Edouard Manet © Rheinisches Bildarchiv, Cologne; Schottentor, Vienna, 1885 © Österreichische Nationalbibliothek; Palais Ephrussi fachada frontal, imagem do *Allgemeine Bauzeitung* © Österreichische Nationalbibliothek; Vienna Anschluss, 1938 © Österreichische Nationalbibliothek

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3.º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br





>>

“Não consegui parar de ler. Depois, fiquei semanas sem conseguir falar de outra coisa... Simplesmente encantador.”

Cressida Connolly, *The Spectator*

“Sutil, sucinto e elegante.”

The Independent

“Uma busca, descrita com perfeição, de uma família e de um tempo perdidos. A partir do momento em que você abre o livro, já está numa velha Europa inteiramente recriada.”

Colm Tóibín, *Irish Times*

“Elegante. Modesto.
Trágico. Homérico.”

Stephen Frears, *The Guardian*

“O melhor livro do ano... Um relato memorável, escrito com uma sobriedade exemplar.”

Anita Brookner, *The Spectator*, Books of the Year

“Um livro de uma originalidade impressionante.”

Artemis Cooper, *Evening Standard*, Books of the Year

“Parte caça ao tesouro, parte saga da família, estas memórias suntuosamente originais de Edmund de Waal abarcam quase dois séculos... Combinando todo o fascínio de memórias pessoais com a ressonância da história mundial.”

Rosemary Hill, *Evening Standard*

“A maravilhosa história de De Wall é tanto uma busca quanto uma meditação sobre as transformações e a passagem do tempo... Poucos escritores conseguiram revelar tanta sensibilidade, encantamento e dignidade em uma história familiar como Edmund de Waal, cuja narrativa cativa desde a frase de abertura.”

Eileen Battersby, *Irish Times*

“O livro perfeito, daqueles que nos fazem querer dá-lo de presente a todo mundo para compartilhar este tesouro.”

Vogue

“De maneira inesperada, combina a microarte das miniaturas com a macro-história, em um efeito grandioso.”

Julian Barnes, *The Guardian*

“Um livro complexo e belo.”

Diana Athill, *Literary Review*

“Escritor de elegância e intuição formidáveis, De Waal conta sua história com estilo perfeito e erudição. Cativante.”

Daily Telegraph

“É muito mais do que a história de uma família: é um quadro brilhantemente arquitetado de mundos desaparecidos.”

Antonia Fraser, *Mail on Sunday*

Para Ben, Matthew e Anna
e para meu pai

“Mesmo quando não estamos mais ligados às coisas, o fato de termos sido ligados a elas ainda tem algum valor; pois tal ligação sempre existiu por motivos que as outras pessoas não entendiam... Bem, agora que estou um pouco cansado para conviver com outras pessoas, essas velhas sensações, tão particulares e individuais, que tive no passado me parecem — é a mania de todo colecionador — bastante valiosas. Abro meu coração para mim mesmo como uma espécie de vitrine e examino um por um todos os casos de amor de que o mundo nada pode saber. E agora sou muito mais ligado a essa coleção do que às minhas outras, digo para mim mesmo, como Mazarin disse de seus livros, mas em verdade sem qualquer sofrimento, de modo que não será fácil ter de abandoná-los.”

Charles Swann, em *Sodoma e Gomorra* de Marcel Proust

SUMÁRIO

Árvore genealógica

Prefácio

Parte I Paris 1871-1899

Le West End

Un lit de parade

“Um *mahout* para levá-la de elefante”

“Tão leve, tão suave ao toque”

Uma caixa de doces de criança

Uma raposa com olhos incrustados, em madeira

A poltrona amarela

Os aspargos de monsieur Elstir

Até Ephrussi se apaixonou por aquilo

Meu pequeno benefício

Uma “matinê muito brilhante”

Parte II Viena, 1899-1938

Die Potemkinische Stadt

Zionstrasse

A história como de fato aconteceu

“Uma grande caixa quadrada como desenho de criança”

“Liberty Hall”

A jovem delicada

Era uma vez

Tipos da velha cidade

Viva Viena! Viva Berlim!

Literalmente a zero

Força é mudares de vida

Eldorado 5-0050

Parte III Viena, Kövecses, Tunbridge Wells, Viena 1938-1947

“Um lugar ideal para as massas marcharem”

“Uma oportunidade que jamais se repetirá”

“Bom para uma única viagem”

As lágrimas das coisas

O bolso de Anna

“Tudo bastante às claras, pública e legalmente”

Parte IV Tóquio 1947-2001

Takenoko

Kodachrome

Onde você os conseguiu?

O verdadeiro Japão

Do polimento

Coda Tóquio, Odessa, Londres 2001-2009

Jiro

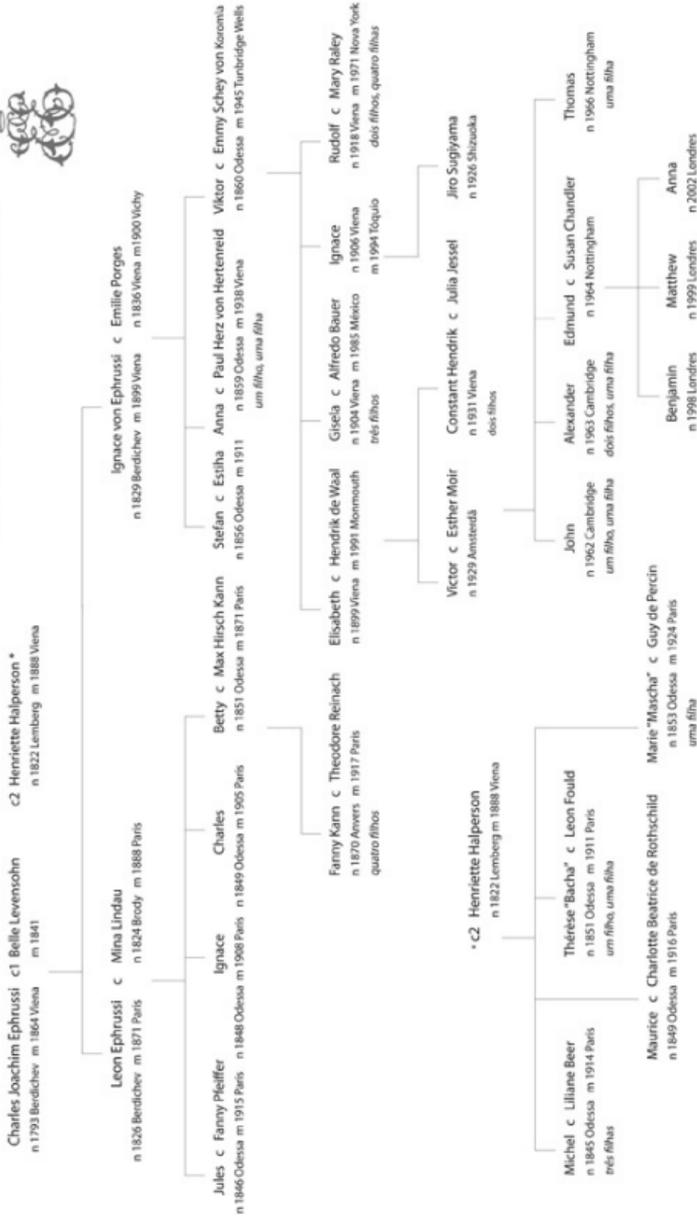
Um astrolábio, uma prancheta, um globo

Amarelo/dourado/vermelho

Agradecimentos



ARVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA EPHRUSSI



PREFÁCIO

Em 1991 ganhei uma bolsa de dois anos de uma fundação japonesa. A ideia era oferecer a sete jovens ingleses com interesses profissionais diferentes — engenharia, jornalismo, indústria, cerâmica — um curso básico de japonês em uma universidade inglesa, seguido de uma temporada de um ano em Tóquio. Nossa fluência ajudaria a construir uma nova era de contatos com o Japão. Nós fomos a primeira turma do programa e as expectativas eram enormes.

Passamos as manhãs do segundo ano em uma escola de línguas em Shibuya, no alto da colina, longe do alvoroço das lanchonetes e das lojas de produtos eletrônicos em liquidação. Tóquio se recuperava do estouro da bolha econômica dos anos 1980. Trabalhadores chegavam de fora da cidade e aguardavam na faixa de pedestres, a mais movimentada do mundo, olhando as telas que mostravam o índice da bolsa Nikkei subindo cada vez mais. Para evitar o horário do rush no metrô, eu saía uma hora antes e encontrava um colega mais velho — arqueólogo —, e tomávamos nosso café com bolinhos de canela a caminho para a aula. Eu tinha dever de casa, dever de casa mesmo, pela primeira vez desde que era criança: 150 *kanjis*, caracteres japoneses, para aprender por semana; uma coluna de tabloide para analisar; dezenas de diálogos para repetir todos os dias. Nunca tive tanto pavor de uma coisa. Os outros, mais jovens, faziam piadas em japonês com os professores sobre o que tinham visto na televisão ou sobre escândalos políticos. A escola tinha um portão de ferro verde, e me lembro de chutá-lo certa manhã, pensando em qual era o sentido de alguém com 28 anos chutar um portão de escola.

Tinha as tardes livres. Duas vezes por semana eu frequentava um estúdio de cerâmica, aonde iam desde executivos aposentados que faziam tigelas de chá até alunos que produziam declarações vanguardistas em argila vermelha. Você pagava a taxa, pegava um banco ou um torno e se virava sozinho. Não era barulhento, mas havia um animado rumor de conversas. Comecei então a fazer trabalhos em porcelana, moldando delicadamente os lados de meus jarros e bules de chá depois de tirá-los do torno.

Eu já fazia cerâmica desde criança e convencera meu pai a me levar a um curso noturno. Minha primeira peça foi uma tigela torneada que eu vitrifiquei em branco opaco com uma gota de azul-cobalto. Na época da escola, eu passava a maior parte das minhas tardes em uma oficina de cerâmica, e parei de estudar cedo, aos 17, para me tornar aprendiz de um homem austero, fã do ceramista inglês Bernard Leach. Ele me ensinou a ter respeito pelo material e adequação a um propósito: tornei centenas de tigelas de sopa e potes de mel em argila cinzenta, e varria o chão. Eu ajudaria a fazer as vitrificações, cuidadosas recalibragens de cores orientais. Ele nunca fora ao Japão, mas tinha várias estantes de livros sobre cerâmica japonesa: discutíamos os méritos de determinadas tigelas de chá em meio a canecas de café com leite durante a manhã. Cuidado, dizia ele, com o gesto injustificado: menos é mais. Trabalhávamos em silêncio ou ao som de música clássica.

Passsei um longo verão no auge do meu aprendizado adolescente no Japão, visitando mestres igualmente severos em vilas de ceramistas por todo o país: Mashiko, Bizen, Tamba. Cada som de tela de papel se fechando ou de água por entre os seixos no jardim de uma casa de chá era uma epifania, assim como cada letreiro luminoso do Dunkin' Donuts me causava uma careta de preocupação. Dou provas documentais da profundidade da minha devoção em um artigo que escrevi para uma revista quando voltei: "O Japão e a ética do ceramista: cultivando uma reverência a seus materiais e marcas da idade".

Depois de encerrado meu aprendizado, e então como estudante de literatura inglesa na universidade, passei sete anos trabalhando sozinho em estúdios silenciosos, organizados, na fronteira do País de Gales, e mais tarde em uma sombria cidade do interior. Eu era muito concentrado, assim como minha cerâmica. E agora eu estava ali novamente no Japão, dentro de um estúdio bagunçado, ao lado de um homem que falava sem parar sobre beisebol, fazendo um jarro de porcelana com os lados moldados para dentro, com minhas próprias mãos. Eu estava me divertindo: alguma coisa estava dando certo.

Duas tardes por semana, eu ficava no arquivo do Nihon Mingei-kan, o Museu de Arte Popular e Aplicada do Japão, trabalhando em um livro sobre Leach. O museu é uma casa de fazenda reconstruída em um subúrbio, e abriga a coleção de arte aplicada japonesa e coreana de Yanagi Soetsu. Yanagi, um filósofo, historiador da arte e poeta, desenvolvera uma teoria de por que alguns objetos — potes, cestos, tecidos feitos por artesãos anônimos — eram tão bonitos. Segundo ele, expressavam uma beleza inconsciente porque o artesão havia feito tantos que já se libertara de seu ego. Ele e Leach haviam sido amigos inseparáveis quando jovens, no início do século XX, em Tóquio, escrevendo cartas entusiasmadas um para o outro sobre suas leituras apaixonadas de Blake, Whitman e Ruskin. Chegaram a criar uma colônia de artistas em um vilarejo a uma distância conveniente de Tóquio, onde Leach fazia seus potes com a ajuda dos meninos da região e Yanagi discursava sobre Rodin e sobre a beleza para seus amigos boêmios.

Atravessando a porta, o piso de pedra levava ao linóleo de um escritório, e descendo por um corredor dos fundos chegava-se ao arquivo de Yanagi: uma sala pequena, de três por dois metros, com estantes até o teto cheias de livros e caixas de papelão repletas com seus cadernos e sua correspondência. Havia uma escrivinha e uma única lâmpada. Gosto de arquivos. Esse era muito, muito silencioso e noturno. Naquele lugar eu li, anotei e planejei uma revisão histórica de Leach. Seria um livro que, de maneira sutil, versaria sobre *japonismo*, a maneira como o Ocidente interpreta o Japão de forma equivocada, com paixão e criatividade, há mais de cem anos. Eu queria saber o que tem o Japão para despertar tamanha intensidade e ardor nos artistas, e tanto mau humor nos acadêmicos que expunham suas interpretações erradas uma atrás da outra. Eu esperava que escrever o livro ajudasse a me desprender da minha própria paixão, profunda e condensada, pelo país.

E uma tarde por semana, eu passava com meu tio-avô Iggie.

Eu subia a colina vindo do metrô, passava as luminosas máquinas de cerveja, passava o templo Senkaku-ji, onde estão enterrados os 47 samurais, passava o templo estranhamente barroco de uma seita xintósta, passava o sushi bar do farsante Sr. X e virava à direita no muro alto do jardim de pinheiros do príncipe Takamatsu. Eu entrava e pegava o elevador até o sexto andar. Iggie estaria lendo em sua poltrona junto à janela. Principalmente Elmore Leonard ou John LeCarré. Ou memórias em francês. É estranho, dizia ele, como algumas línguas são mais quentes que outras. Eu me inclinava e ele me dava um beijo.

Sua escrivaninha tinha um bloco de seu próprio papel timbrado e lápis apontados, embora ele já não escrevesse. O que se via através da janela atrás dele eram guindastes. A baía de Tóquio desaparecia atrás de condomínios de quarenta andares.

Nós almoçávamos a comida preparada pela senhora Nakano, sua governanta, ou deixada por seu amigo Jiro, que morava no apartamento anexo ao dele. Omelete e salada, torrada de uma das excelentes padarias francesas das lojas de departamento de Ginza. Uma taça de vinho branco gelado, Sancerre ou Bouilly Fumé. Um pêssego. Um pouco de queijo e então um café muito bom. Puro.

Iggy tinha 84 anos e já era um pouco curvo. Estava sempre impecavelmente vestido; bonito em seus paletós de risca de giz com um lenço no bolso, camisas muito brancas e gravata. Tinha também um bigodinho branco.

Depois do almoço ele corria as portas da vitrine comprida que cobria a maior parte de uma das paredes da sala e ia buscar os netsuquês, um por um. A lebre com olhos de âmbar. O menino com a espada e o elmo do samurai. Um tigre, todo omoplatas e patas, em ronda, a rosnar. Ele me passava um e olhávamos juntos para a peça, e depois eu a colocava cuidadosamente de volta entre as dezenas de animais e figuras das prateleiras de vidro.

Eu preenchia os copinhos de água que ficavam dentro do armário para garantir que os marfins não rachassem no ar seco.

Já lhe contei, dizia ele, como nós amávamos essas miniaturas quando éramos crianças? Que minha mãe e meu pai ganharam essa coleção de um primo em Paris? E já lhe contei a história do bolso da Anna?

As conversas podiam tomar rumos surpreendentes. Num momento ele descrevia como o cozinheiro deles em Viena fazia *Kaiserschmarren* nodesjejum quando era aniversário do pai, camadas de massa frita e açúcar de confeiteiro; em outro, como era servido com floreios pelo mordomo Josef, que entrava na sala e cortava o doce com uma faca comprida, e como Papa sempre dizia que nem o próprio imperador poderia escolher algo melhor para começar o dia do aniversário dele. E no momento seguinte ele estaria falando sobre o segundo casamento de Lilli. Quem era Lilli?



Iggy com a coleção de netsuquês em Tóquio, 1960

Graças a Deus, eu pensava, que, mesmo sem saber quem era Lilli, eu sabia o bastante para conhecer os lugares onde algumas das histórias se passavam: Bad Ischl, Kövecses,

Viena. Pensava, enquanto as luzes das construções nos guindastes se acendiam ao anoitecer, estendendo-se cada vez mais pela bafa de Tóquio afora, que estava me tornando uma espécie de amanuense e que provavelmente eu deveria gravar o que ele dizia sobre Viena antes da Primeira Guerra Mundial, sentado ao lado dele com um caderno. Isso eu nunca fiz. Parecia formal e inadequado. Também um tanto ganancioso da minha parte: ali estava uma ótima história, cheia de detalhes, eu não iria esquecê-la. De qualquer forma, eu gostava do modo como a repetição torna as coisas mais lisas, e havia algo de seixo de rio nas histórias de Iggie.

Nas tardes ao longo daquele ano, eu ouviria sobre o orgulho que o pai deles tinha da inteligência de Elisabeth, a filha mais velha, e que a mãe não gostava quando ela usava aquele linguajar sofisticado. Fale normalmente! Ele sempre se lembrava, com certa aflição, de uma brincadeira dele e de sua irmã Gisela, que consistia em tirar alguma coisa pequena da sala, levar lá para baixo, atravessar o pátio, passar pelos estábulos, descer a escada do porão e esconder nas catacumbas arqueadas debaixo da casa. E desafiavam-se a encontrar; e como ele perdeu coisas naquela escuridão. Parecia uma memória inacabada, esfiapada.

Muitas histórias sobre Kövecses, a casa de campo no lugar que se tornaria a Tchecoslováquia. Sua mãe, Emmy, acordando-o antes do amanhecer para sair com o guarda-caça com uma espingarda pela primeira vez sozinho para caçar lebres no restolho, e como ele não conseguira puxar o gatilho quando viu as orelhas tremendo ligeiramente no ar fresco.

Gisela e Iggie encontrando ciganos com um urso bailarino preso por uma corrente, acampados nos limites da propriedade junto ao rio, e voltando correndo aterrorizados. Como o *Orient Express* um dia brechara subitamente e a avó deles, toda de branco, descera, apoiada pelo chefe da estação, e como foram todos correndo recebê-la e pegar os pacotes de tortas embrulhadas em papel verde que ela lhes trouxera da Demel, de Viena.

E Emmy tirando-o da mesa do café para mostrar-lhe uma árvore de outono lá fora, pela janela da sala de jantar, repleta de pintassilgos. E como eles voaram quando ele bateu na janela, a árvore ainda reluzindo toda dourada.

Tomei banho depois do almoço enquanto Iggie tirava seu cochilo, e tentaria fazer minha lição de *kanji*, preenchendo folha após folha de papel quadriculado com meus esforços desajeitados. Eu ficaria até Jiro voltar do trabalho com os jornais japoneses e ingleses da tarde e os croissants para o café da manhã seguinte. Jiro colocava Schubert ou jazz, então bebíamos alguma coisa e depois eu os deixava em paz.

Eu havia alugado um quarto muito simpático em Mejiro, dando para um pequeno jardim de azaleias. Eu tinha um fogareiro elétrico e uma chaleira e dava o melhor de mim, mas depois que anoitecia minha vida consistia basicamente de macarrão e solidão. Duas vezes por mês, Jiro e Iggie me levavam para jantar ou a algum concerto. Eles me pagavam bebidas no Imperial e então maravilhosos *sushis* ou *steak tartare* ou, em homenagem aos antepassados banqueiros, *boeuf à la financière*. Eu não comia *foie gras*, o que era o principal para Iggie.

Naquele verão houve uma recepção para os estudantes na Embaixada Britânica. Precisei fazer um discurso em japonês sobre o que havia aprendido durante meu ano e como a cultura era uma ponte entre as ilhas dos dois países. Ensaiei até não suportar mais. Iggy e Jiro foram assistir e pude vê-los me encorajando por entre taças de champanhe. Depois Jiro apertou meu ombro e ganhei um beijo de Iggy, que, sorrindo, cúmplice, me disse que o meu japonês era *jozu desu ne* — expert, versado, ímpar.

Os dois se davam muito bem. Havia uma sala japonesa no apartamento de Jiro com tatames e o pequeno santuário com fotografias da mãe dele e da mãe de Iggy, Emmy, onde eram feitas as orações e se tocava o sino. E, atravessando a porta para o apartamento de Iggy, havia na mesa dele uma foto dos dois juntos em um barco no mar interior do arquipélago japonês, uma montanha de pinheiros ao fundo, manchas de sol sobre a água. Janeiro de 1960. Jiro, tão bonito com o cabelo todo para trás, com o braço sobre o ombro de Iggy. E outra foto, dos anos 1980, em um cruzeiro em algum lugar perto do Havaí, os dois de gala, de braços dados.

Viver muito é difícil, dizia Iggy, num sussurro.

Envelhecer no Japão é maravilhoso, dizia mais alto. Vivi aqui mais da metade da minha vida.

Você sente falta de alguma coisa de Viena? (Ibr que não ir direto ao ponto e perguntar: afinal você tem saudades do quê, agora que está velho e não mora mais no país onde nasceu?)

Não. Voltei a última vez em 1973. Foi opressivo. Sufocante. Todo mundo sabia o meu nome. Você compra um romance na Kärntner Strasse e eles perguntam se a sua mãe melhorou do resfriado. Não dá para se mexer. Todos aqueles dourados e mármorens na casa. Era tão escura. Você conheceu a nossa antiga casa da Ringstrasse?

Você sabe, diz ele de repente, que o doce de ameixa japonês é melhor que o vienense?

Na verdade, ele retoma após uma pausa, Papa sempre dizia que me levaria para o clube dele quando eu tivesse idade. Eles se encontravam às quintas-feiras em algum lugar perto da Ópera, todos os amigos dele, os judeus. Ele voltava sempre animado às quintas. O Clube Vienense. Sempre quis ir com ele, mas ele nunca me levou. Fui embora para Paris e depois Nova York, você sabe, e depois veio a guerra.

Sinto saudade disso. Perdi essa chance.

Iggy morreu em 1994, pouco depois de eu ter voltado à Inglaterra. Jiro me telefonou: foram três dias de hospital. Foi um alívio. Voltei a Tóquio para o enterro. Éramos vinte e tantas pessoas, os velhos amigos, a família de Jiro, a senhora Nakano com a filha, aos prantos.

Fez-se a cremação, todos nos reunimos e as cinzas foram trazidas, e em duplas, com longos palitos negros, colocamos os fragmentos de ossos não queimados dentro de uma urna.

Fomos ao templo onde Iggy e Jiro tinham o jazigo em que seriam enterrados.

Haviam planejado a tumba vinte anos antes. O cemitério fica no alto de uma colina atrás do templo, cada sepultura marcada por pequenas muretas de pedra. Lá está a lápide cinza com os nomes deles dois já inscritos, e um lugar para flores. Baldes de água, escovas e longas placas de madeira com inscrições pintadas. Você bate três palmas, saúda a família e pede desculpas pelo atraso desde a última visita, então limpa o local, remove os crisântemos velhos e coloca os novos na água.

No templo, a urna é colocada em um pequeno altar e uma fotografia de Iggie — aquela no cruzeiro, de smoking — é colocada diante dele. Os abades cantam um sutra e nós ofertamos incenso, e Iggie recebe seu novo nome budista, seu *kaimyo*, para ajudá-lo na outra vida.

Então falamos sobre ele. Tento dizer em japonês quanto meu tio significa para mim e não consigo, porque estou aos prantos e porque, apesar de minha dispendiosa bolsa de estudos de dois anos, meu japonês não é bom o suficiente quando preciso dele. Então, em vez disso, na sala do templo budista, naquele subúrbio de Tóquio, rezo o kadish por Ignace von Ephrussi, que está tão longe de Viena, por seu pai e por sua mãe, e por seu irmão e suas irmãs em sua diáspora.

Depois do funeral, Jiro pede que o ajude a separar as roupas de Iggie. Abro as portas de seu closet e vejo as camisas ordenadas pela cor. Enquanto arrumo as gravatas, reparo que eles haviam feito um mapa de todas as viagens de férias em Londres e Paris, Honolulu e Nova York.

Feito isso, bebendo uma taça de vinho, Jiro saca o pincel e a tinta, escreve um documento e sela. Dizia, ele me conta, que depois que ele se fosse, eu deveria cuidar dos netsuquês.

Eu era o próximo.

São 264 netsuquês nessa coleção. É uma coleção muito grande de objetos muito pequenos.

Þgo um deles e faço-o girar nos meus dedos, peso-o na palma da mão. Se for de madeira, castanheira ou olmo, é ainda mais leve que os de marfim. Vê-se mais facilmente a pátina nos de madeira: há um brilho difuso na espinha do lobo tigrado e nos trôpegos acrobatas que se abraçam. Os de marfim são em tons de creme, em todas as cores, na verdade, menos branco. Uns poucos têm olhos ou chifres de âmbar incrustado. Alguns dos mais antigos estão ligeiramente gastos: as ancas do fauno repousando sobre a relva perderam o relevo. Há uma pequena ranhura, um vinco quase imperceptível, na cigarra. Quem a deixou cair? Onde e quando?

A maioria deles é assinada — o momento da posse, quando o autor termina e abre mão do objeto. Há um netsuquê de madeira que é um homem sentado segurando uma abóbora entre os pés. Ele está inclinado sobre a abóbora, as duas mãos enfiando até a metade uma faca nela. É um trabalho árduo, os braços e os ombros e o pescoço mostram o esforço: todos os músculos concentrados na lâmina. Há um outro de um toneleiro

trabalhando em um barril com a enxó. Sentado e inclinado sobre a ferramenta, fixo ali, sobranceiras franzidas de concentração. É uma escultura de marfim sobre o que é esculpir em madeira. Ambas tratam do acabamento, dentro do tema das coisas pela metade. Veja, dizem elas, já cheguei até aqui e ele mal começou.

Quando você as deixa cair dentro das mãos, há um prazer em descobrir onde as assinaturas foram feitas — na sola de uma sandália, no final de um ramo, no tórax de uma vespa —, além do jogo entre um movimento e o seguinte. Penso nos movimentos para assinar com tinta no Japão, passar o pincel na tinta, o primeiro momento de contato, a volta do pincel à pedra, e me pergunto como se poderia desenvolver uma assinatura tão distinta usando-se as precisas ferramentas de metal do artesanato de netsuquês.

Alguns desses netsuquês não têm qualquer nome assinado. Alguns têm pedacinhos de papel colados, com minúsculos números cuidadosamente escritos com caneta vermelha.

Existe uma grande quantidade de ratos. Talvez porque eles dão ao autor a chance de enrolar seus rabos sinuosos sobre tinas de água, sobre o peixe morto, sobre a roupa do mendigo, e depois dobrar aquelas patas por baixo do entalhe. Existem também muitos caçadores de rato, eis que me dou conta.

Alguns netsuquês são estudos em pleno movimento, de modo que seus dedos percorrem uma superfície ora de cordas tensas, ora de água derramada. Outros possuem pequenos movimentos contidos que parecem nós ao toque: uma menina dentro de uma banheira de madeira, o vértice da concha de um molusco. Alguns surpreendem e fazem as duas coisas: um dragão intrincadamente eriçado apoiado sobre uma simples rocha. Você passa os dedos pela superfície lisa e arredondada, o toque pétreo do marfim, e descobre de repente a densidade do dragão.

São sempre assimétricos, penso com prazer. Como nas minhas tigelas de chá favoritas, não se entende o todo pela parte.

Quando volto a Londres, passo o dia com um desses netsuquês no bolso e o levo comigo para todo lado. Levo não é exatamente a palavra quando se tem um netsuquê no bolso. Soa proposital demais. Um netsuquê é algo tão leve e tão pequeno que não para de migrar e quase desaparece entre suas chaves e moedas. Simplesmente você esquece que ele está lá. Este era um netsuquê de uma nêspera muito madura, feita de madeira de castanheira no final do século XVIII em Edo, a antiga Tóquio. No outono do Japão às vezes você encontra nêsperas; um galho sobre o muro de um templo ou de um jardim particular dando em uma rua cheia de máquinas de lanches é incrivelmente agradável. Minha nêspera está madura a ponto de desmanchar. As três folhas em cima parecem prestes a cair se você passar o dedo. A fruta é ligeiramente torta: está mais madura de um dos lados. Ibr baixo, você sente os dois furos — um maior que o outro — onde passava o cordão de fios de seda, de modo que o netsuquê podia funcionar como fecho de um saco. Tento imaginar de quem teria sido essa nêspera. Foi feita muito antes da abertura do Japão ao comércio estrangeiro na década de 1850, e, portanto, criada para um gosto

japonês: podia ter sido entalhada a pedido de um comerciante ou de um erudito. É uma peça silenciosa, que não se exhibe, mas me faz sorrir. Fazer algo resistente de um material muito duro e que seja tão suave ao toque é uma brincadeira títul muito boa e demorada.

Fico com minha nêspira no bolso do paletó e vou a uma reunião em um museu sobre uma pesquisa que eu devia estar fazendo, e depois ao meu estúdio e então à Biblioteca de Londres. Intermitentemente giro essa coisa nos meus dedos.

Percebo a importância que dou ao fato de este objeto duro e suave, tão facilmente perdível, haver sobrevivido. Preciso encontrar um modo de desenredar sua história. A posse deste netsuquê — a herança de todos eles — significa que me foi dada a responsabilidade por ele e perante seus outros donos. Estou confuso e perplexo sem saber quais poderiam ser os parâmetros dessa responsabilidade.

Conheço o cerne dessa jornada pelo que Iggie me contou. Sei que esses netsuquês foram comprados em Paris nos anos 1870 por um primo do meu bisavô chamado Charles Ephrussi. Sei que ele os deu de presente de casamento ao meu bisavô Viktor von Ephrussi em Viena na virada do século XIX. Conheço a história de Anna, a empregada da minha bisavó, muito bem até. Sei que vieram com Iggie para Tóquio, é claro, e fizeram parte da vida dele com Jiro.

Paris, Viena, Tóquio, Londres.

A história da nêspira começa onde ela foi feita. Edo, a antiga Tóquio, antes que os Navios Negros do comodoro americano Perry abrissem o Japão para o comércio com o resto do mundo, em 1859. Mas sua primeira morada foi o estúdio de Charles em Paris. Era uma sala que dava para a rue de Monceau, no Hôtel Ephrussi.

É um bom começo. Estou contente porque tenho um contato direto, em primeira mão, com Charles. Quando menina, em uma família de cinco irmãos, minha avó Elisabeth conhecera Charles no Chalet Ephrussi, em Meggen, junto ao lago Lucerne. O “chalé” tinha seis andares de rochas rústicas que terminavam em pequenas torres neogóticas, uma casa de estupenda feiura. Havia sido construída no início dos anos 1880 pelo irmão mais velho de Charles, Jules, e por sua esposa Fanny, como um lugar para onde fugir da “horrível opressão de Paris”. Era imensa, grande o bastante para abrigar todo o “clã Ephrussi” de Paris e Viena e os diversos primos de Berlim.

O chalé tinha inúmeros estreitos caminhos de cascalho que estalavam quando se pisava neles, com bem-acabadas jardineiras à inglesa, pequenos canteiros repletos de plantas e um jardineiro bravo para dizer às crianças que fossem brincar longe dali; o cascalho não se espalhava naquele austero jardim suíço. O jardim descia até o lago, onde havia um pequeno ancoradouro e uma garagem de barco, além de outras oportunidades de reprimendas. Jules, Charles e o irmão do meio, Ignace, eram cidadãos russos e a bandeira imperial russa ondulava ao vento sobre o telhado da garagem dos barcos. Passaram inúmeros e intermináveis verões no chalé. Minha avó seria a próxima herdeira da fabulosa fortuna de Jules e Fanny, um casal sem filhos. Ela se lembrava de uma grande pintura de salgueiros junto a um córrego na sala de jantar. Lembrava também que eram só empregados homens na casa, e que até o cozinheiro era homem — o que era muito

mais excitante e diferente da criadagem de sua família em Viena, só com Josef, o mordomo, o porteiro que piscava para ela sempre que lhe abria o portão para a Ringstrasse e os cavalariços, entre todas as empregadas e cozinheiras. Aparentemente empregados homens não quebram tanta porcelana. E, ela se lembrava, havia porcelana sobre cada superfície daquele chalé sem crianças.

Charles estava na meia-idade, mas parecia velho em comparação a seus irmãos infinitamente mais glamorosos. Elisabeth se lembrava apenas de sua bela barba e que ele tinha um relógio extremamente delicado que tirava do bolso do colete. E que, como fazem os parentes mais velhos, ele lhe dera uma moeda de ouro.

Mas ela também se lembrava com grande clareza, e mais animação, de que Charles havia se agachado e brincado com os cabelos da irmã dela. Sua irmã Gisela — mais nova e muito, muito mais bonita — sempre tivera esse tipo de atenção. Charles chamava a irmã dela de ciganinha, sua *bohémienne*.

E essa era minha ligação verbal com Charles. É de fato a história, mas quando a escrevo, não parece muito ser verdade.

E o que mais houvesse pela frente — a quantidade de empregados homens e aquela história ligeiramente requentada da moeda de ouro de presente — parecia preso em uma espécie de penumbra melancólica, embora eu gostasse de verdade do detalhe da bandeira russa. Sei que minha família era judia, é claro, e sei que era incrivelmente rica, mas eu realmente não quero entrar nessa saga em sépia, nem escrever uma narrativa elegíaca típica da Europa Central sobre a perda. E com certeza não quero transformar Iggy em um tio-avô velho no estúdio dele, uma figura como o Utz de Bruce Chatwin, contando a história da família e me dizendo: Vá, mas tenha cuidado.

Esse tipo de história se escreve sozinha. Um pouca anedotas melancólicas bem-costuradas, um pouco mais sobre o *Orient Express*, é claro, mais um pouco de passeios por Praga ou outro lugar igualmente fotogênico, uma pesquisa de imagens no Google sobre salões de baile na Belle Époque. Algo que ficasse bem nostálgico. E *rarefeito*.

Não tenho direito a nostalgia por toda essa riqueza e glamour perdidos de um século atrás. E não estou interessado em nada rarefeito. Eu quero saber qual a relação entre este objeto de madeira que giro entre meus dedos — duro, surpreendente e japonês — e os lugares onde ele esteve. Quero ser capaz de entrar em cada cômodo onde este objeto viveu, de sentir o volume do espaço, de conhecer os quadros nas paredes, de saber como era a luz que vinha das janelas. E quero saber em quais mãos esteve, e o que elas achavam e pensaram sobre ele — se pensaram sobre ele. Quero saber o que este objeto testemunhou.

A melancolia, creio, é uma espécie de imprecisão de fundo, uma cláusula a escapar, uma sufocante falta de foco. E este netsuquê é uma pequena e tenaz explosão de exatidão. Merece a mesma exatidão em troca.

Tudo isso me importa porque o meu trabalho é fazer coisas. Como os objetos são manuseados, usados e passados adiante não é apenas uma questão de algum interesse

para mim. É a *minha* questão. Eu já fiz muitos, muitos milhares de potes. Sou muito ruim com nomes, esbravejo e falo bobagem, mas sou bom com potes. Sou capaz de me lembrar do peso e do equilíbrio de um pote, de qual é a relação entre sua superfície e seu volume. Consigo interpretar como uma borda cria ou perde tensão. Pbsso sentir se foi feita com pressa ou com diligência. Se tem calor.

Consigo ver como um objeto se relaciona com os demais que estão ao lado. Como desloca uma pequena parte do mundo em torno de si.

Consigo também me lembrar se algo convidava ao toque com a mão inteira ou se apenas com os dedos, ou se era um objeto que pedia distância. Não que manusear algo seja *melhor* do que não manusear. Algumas coisas no mundo devem ser vistas de uma certa distância e não apalpada a torto e a direito. E, como ceramista, acho um pouco estranho quando pessoas que têm minhas cerâmicas falam delas como se estivessem vivas: não sei se posso lidar com a vida após a morte daquilo que eu fiz. Mas alguns objetos parecem reter a pulsação de sua própria elaboração.

Essa pulsação me intriga. Existe um suspiro de hesitação entre tocar e não tocar, um momento estranho. Se eu escolher pegar essa pequena xícara branca com uma lasca perto da asa, ela fará parte da minha vida? Um simples objeto, essa xícara mais marfim do que branca, pequena demais para um café pela manhã, não exatamente equilibrada, poderia fazer parte da minha vida de coisas manuseadas. Pderia sumir no território das histórias pessoais contadas; o entrelaçar sensual, sinuoso, das coisas com as lembranças. Uma coisa favorita, preferida. Ou posso deixar de lado. Ou passar adiante.

O modo como os objetos são passados adiante é como o modo de contar uma história. Estou te dando isso porque te amo. Ou porque alguém me deu. Pbrque eu comprei naquele lugar especial. Pbrque você saberá dar valor. Pbrque isso vai complicar a sua vida. Para fazer inveja a alguém. Não existe história fácil sobre aquilo que é legado. O que se lembra e o que se esquece? Pbde ser que exista uma cadeia do esquecimento, do apagamento do dono anterior e do lento acréscimo de história. O que me está sendo dado agora, com todos esses pequenos objetos japoneses?

Percebo que estou vivendo com essa história de netsuquês há muito tempo. Pbsso contar anedotas a respeito dela pelo resto da vida — minha estranha herança de um parente mais velho e muito amado — ou tentar descobrir seu significado. Certa noite me vi em um jantar contando a alguns especialistas o que eu sei dessa história e me senti ligeiramente nauseado com minha própria empáfia. Ouço-me entretendo todo o grupo, e a história ecoa nas reações deles. Não está ficando mais clara, está ficando mais rala. Preciso resolvê-la logo ou irá desaparecer.

Viver ocupado não é desculpa. Acabei de terminar uma exposição de minhas porcelanas em um museu e posso adiar a entrega de um pedido de um colecionador, se souber mexer os pauzinhos. Negociei com minha mulher e liberei minha agenda. Três ou quatro meses me fariam bem. Teria tempo de voltar para ver Jiro em Tóquio e de visitar Paris e Viena.

Com minha avó e meu tio-avô Iggie mortos, preciso também recorrer à ajuda de

meu pai para começar tudo. Ele está com oitenta anos, é a bondade em pessoa, e vai procurar as coisas da família para mim, diz ele, informações sobre nosso passado. Ele parece adorar que um dos quatro filhos tenha demonstrado tal interesse. Não tem muita coisa, ele me adianta. Ele apareceu no meu estúdio com um pequeno álbum de fotografias, quarenta e poucas. Trouxe também duas pastas azuis de cartas às quais ele mesmo acrescentara comentários em post-its, perfeitamente legíveis, uma árvore genealógica da família anotada pela minha avó em algum momento dos anos 1970, o livro de presença do Clube Vienense em 1935 e, dentro de uma sacola de supermercado, uma pilha de romances de Thomas Mann com dedicatórias. Colocamos tudo na mesa comprida do meu escritório lá no segundo andar, em cima da sala do forno onde queimo a cerâmica. Agora você é o depositário do arquivo da família, ele me diz, e olho para as pilhas de coisas e não sei se acho muita graça nisso.

Pergunto, um tanto desesperado, se não há mais material. À noite, ele volta a procurar em seu pequeno apartamento no pátio dos padres aposentados onde mora. Ele me telefona para dizer que encontrou outro volume de Thomas Mann. Essa jornada será mais complicada do que eu havia pensado.

Ainda assim, para um começo, não posso reclamar. Sei muito pouco de substancial sobre Charles, o primeiro colecionador dos netsuquês, mas descobri onde ele morava em Paris. Coloco um netsuquê no bolso e saio.

Partie I

PARIS, 1871-1899



1. LE WEST END

Em um belo dia ensolarado de abril parti em busca de Charles. A rue de Monceau é uma rua comprida de Paris, cortada pelo grande boulevard Malesherbes, que vai na direção do boulevard Péreire. É uma ladeira de casas de pedras douradas, uma série de hotéis discretamente neoclássicos, cada um deles um palácio florentino, com térreos pesadamente entalhados e uma exibição de cabeças, cariatídes e cártulas. O número 81 da rue de Monceau, o Hôtel Ephrussi, onde meus netsuquês começam sua jornada, fica quase no topo da ladeira. Passo pela sede de Christian Lacroix e lá está, a próxima porta. Hoje em dia, amargamente, é um escritório de seguros de saúde.

É simplesmente lindo. Quando menino, eu costumava desenhar edifícios assim, passava tardes inteiras usando o nanquim nas sombras para que se pudessem ver as oscilações de profundidade das janelas e pilastras. Há algo de musical nesse tipo de elevação. Você junta elementos clássicos e tenta lhes dar uma vida rítmica: quatro colunas coríntias se erguem para formar a fachada, quatro enormes urnas no parapeito, cinco andares, oito janelas de largura. O nível da rua é feito de grandes blocos de pedra entalhada de modo a parecer gasta pelo tempo. Passo por ele duas vezes, até que na terceira reparo nos dois Es sobrepostos da família Ephrussi incorporados aos gradis das janelas que dão para a rua, as gavinhas da letra entrando pelo espaço da elipse. Mal se notam. Tento analisar tanta retidão e o que isso revelava sobre a segurança que sentiam. Entro por uma passagem que dá no pátio interno, então, por outro arco, vou até os estábulos, uma construção de tijolos vermelhos com os aposentos dos empregados no andar de cima: uma agradável simplificação de materiais e texturas.

Um entregador leva caixas do Speedy-Go Pizza para os seguradores de saúde. A porta da entrada está aberta. Entro no saguão, sua escada subindo como uma espiral de fumaça pelo centro da casa, ferro fundido negro com filigranas douradas se elevando até uma claraboia no teto. Há uma urna de mármore dentro de um nicho profundo, piso de mármore xadrez. Executivos descem a escada, os duros sapatos no mármore, e eu me retiro constrangido. Como posso começar a explicar essa busca idiota? Fico na rua, observo a casa e faço algumas fotos; parisienses pedem licença ao passar por mim. Observar a arquitetura é uma arte. Você precisa desenvolver um modo de ver como uma construção está colocada na paisagem ou na rua. Precisa descobrir quanto espaço ela ocupa do mundo, quanto do mundo ela desloca. O número 81, por exemplo, é uma casa que desaparece com astúcia entre as vizinhas: há casas mais grandiosas, outras mais simples, mas poucas são mais discretas.

Olho para cima até as janelas do segundo andar, onde Charles fizera seus aposentos, alguns dos quais davam para a casa mais robustamente clássica do outro lado da rua, outros para o outro lado do pátio, onde havia telhados adornados por urnas e gabletes e torres de chaminés. Ele tinha uma antecâmara, dois salões — um dos quais transformara em seu estúdio —, uma sala de jantar, dois quartos e uma “*petite*”. Tento entender

melhor; ele e seu irmão mais velho, Ignace, deviam ter apartamentos contíguos neste andar, o irmão mais velho de todos, Jules, e a mãe deles, Mina, viúva, no andar de baixo, com aquele pé-direito alto, as janelas grandes e as sacadas onde, nesta manhã de abril, há gerânios vermelhos bastante pernalta em vasos de plástico. O pátio da casa era, segundo registros da prefeitura, coberto de vidro, embora todo esse vidro hoje se tenha perdido. E havia cinco cavalos e três carruagens nos estábulos que agora abrigam uma primorosa loja de bijuterias. Imagino se esse número de cavalos era apropriado para uma família grande e sociável desejando causar o tipo certo de impressão.

É uma casa grande, mas os três irmãos deviam se encontrar todo dia naquelas escadas espiraladas em negro e dourado, ou escutar quando o barulho da carruagem sendo preparada no pátio ecoava pela abóbada de vidro. Ou encontrando amigos que passavam pela porta deles a caminho do apartamento de cima. Devem ter desenvolvido uma maneira de não se verem tanto, também de não se ouvirem: viver tão intimamente com a família dá um certo trabalho, creio, pensando nos meus próprios irmãos. Deviam se dar bem. De qualquer maneira, talvez não tivessem outra opção. Paris era trabalho, afinal.

O Hôtel Ephrussi era a residência de uma família, mas era também o quartel-general parisiense de uma família em ascensão. Tinha sua contraparte em Viena, o vasto Palácio Ephrussi na Ringstrasse. Tanto o edifício parisiense quanto o vienense compartilham um mesmo drama, uma face pública diante do mundo. Ambos foram construídos em 1871 em bairros novos e elegantes: a rue de Monceau e a Ringstrasse eram tão modernas que ainda nem estavam prontas, eram inacabados, ruidosos e poeirentos canteiros de obras. Ainda eram espaços que estavam sendo inventados; comparados às partes mais antigas da cidade e suas ruas estreitas, eram agressivamente arrivistas.

Se esta casa em particular nesta rua em particular parece um tanto teatral, é porque era a encenação de um intento. As casas de Paris e de Viena faziam parte de um plano familiar: a família Ephrussi estava “dando uma de Rothschild”. Assim como os Rothschild haviam mandado os filhos e filhas para fora de Frankfurt no início do século XIX para colonizar as principais cidades europeias, também o Abraão da minha família, Charles Joachim Ephrussi, havia planejado a expansão a partir de Odessa na década de 1850. Verdadeiro patriarca, tivera dois filhos do primeiro casamento, Ignace e Leon. E então, quando se casou pela segunda vez, aos cinquenta anos, continuou produzindo crianças: mais dois filhos, Michel e Maurice, e duas filhas, Thérèse e Marie. Todas essas seis crianças trabalhariam como financistas ou estariam casadas em dinastias judias apropriadas.

Odessa era uma cidade dentro da Zona de Residência, área das fronteiras ocidentais da Rússia imperial onde os judeus tinham permissão de viver. Era famosa por suas escolas rabínicas e sinagogas, rica em literatura e música, um ímã para os judeus empobrecidos dos *shtetelech* da Galícia. Era também uma cidade que dobrava sua população de judeus, gregos e russos a cada década, uma cidade poliglota repleta de especuladores e negociantes, docas cheias de intrigas e espões, uma cidade em

construção. Charles Joachim Ephrussi havia transformado um pequeno negócio de comércio de grãos em um grande empreendimento, monopolizando o mercado de compra do trigo. Ele comprava o trigo dos intermediários, que o transportavam em carroças por estradas bastante sulcadas do rico solo negro dos campos ucranianos, os maiores trigais do mundo, até o porto de Odessa. Ali o grão era armazenado em seus depósitos antes de ser exportado pelo mar Negro, Danúbio acima, e Mediterrâneo.

Em 1860 a família já havia se tornado a maior exportadora de grãos do mundo. Em Paris, James de Rothschild era conhecido como *le Roi des Juifs*, o rei dos judeus. Os Ephrussi eram *les Rois du Blé*, os reis do trigo. Eram judeus com o próprio brasão de armas: uma espiga e um barco heráldico com três mastros e velas enfunadas. O lema da família, *Quod Honestum* [o que é honesto], desfraldado na base do navio: *Estamos acima de qualquer crítica. Pode confiar em nós.*

O grande plano era construir essa rede de contatos e financiar imensos projetos: pontes sobre o Danúbio, ferrovias através da Rússia e da França, docas e canais. Ephrussi et Cie. se transformariam de uma casa comercial bem-sucedida em uma casa de finanças internacional. Haviam se transformado em um banco. E cada acordo proveitoso obtido com um governo, cada negócio com um arquiduque empobrecido, cada cliente obrigado a se comprometer seriamente com a família era um passo à frente rumo a uma respeitabilidade cada vez maior, um passo para longe dos vagões de trigo que vinham rangendo da Ucrânia.

Em 1857, os dois irmãos mais velhos e suas famílias foram enviados de Odessa para Viena, a capital do disperso Império Habsburgo. Compraram uma casa imensa no centro da cidade e durante dez anos ali foi o lar de uma população flutuante de avós, filhos e netos conforme a família se deslocava, indo e vindo entre as duas cidades. A um dos filhos, meu tataravô Ignace, coube cuidar dos negócios dos Ephrussi por todo o Império Austro-Húngaro a partir de sua base em Viena. Paris veio em seguida: a Leon, o filho mais velho, coube a tarefa de estabelecer a família e os negócios na cidade.

Estou do lado de fora do entreposto de Leon sobre uma ladeira cor de mel do oitavo *arrondissement*. Na verdade, estou encostado na parede da casa em frente e pensando naquele verão terrivelmente quente de 1871, quando chegaram de Viena naquela mansão dourada, recém-construída. Era uma cidade ainda traumatizada. O cerco do exército prussiano havia terminado poucos meses antes da derrota francesa e da declaração do Império Germânico no Salão de Espelhos de Versalhes. A nova Terceira República estava ainda trêmula, atacada nas ruas pelos *communards* e pelas facções no governo.

A casa podia estar terminada, mas todos os edifícios vizinhos ainda estavam em obras. Os gesseiros haviam acabado de sair, os douradores se deitavam nos andaimes estreitos, lustrando os adornos do corrimão. Móveis, quadros, engradados de louça são lentamente levados até os apartamentos. Há barulho dentro e fora, e todas as janelas da rua estão abertas. Leon não passa bem do coração. E a vida da família ali naquela belíssima rua tem um começo terrível. Betty, a mais nova dos quatro filhos de Leon e Mina, casada com um jovem banqueiro judeu de uma adequação a toda prova, morre

semanas após o parto de uma filha, Fanny. Eles precisam construir um jazigo no setor judaico do cemitério de Montmartre na cidade recém-adotada. É um mausoléu gótico, grande o bastante para receber todo o clã, um modo de deixar claro que eles ficarão ali, aconteça o que acontecer. Por fim o encontrei. Não há mais portão e as folhas caídas das castanheiras já o tomaram de assalto.



Esta ladeira era o cenário perfeito para a família Ephrussi. Assim como a Ringstrasse em Viena, onde vivia a outra metade da família, acidamente chamada de Zionstrasse, da mesma forma o dinheiro judeu era um denominador importante da vida na rue de Monceau. A região fora incrementada na década de 1860 por Isaac e Emile Péreire, dois irmãos sefarditas que fizeram fortuna como financistas, construtores de ferrovias e magnatas imobiliários, criando grandes obras de hotéis e lojas de departamentos. Eles haviam comprado a planície de Monceau, uma área indefinida que originalmente ficava fora dos limites da cidade, e passaram a construir casas para a florescente elite das finanças e do comércio, uma paisagem apropriada para as famílias judias recém-chegadas da Rússia e do Levante. Essas ruas se converteram praticamente em uma colônia, um complexo de casamentos endógamos, obrigações e afinidades religiosas.

Os Péreire remodelaram o parque já existente do século XVIII de modo a aprimorar a visão das novas casas no seu entorno. Novos portões de ferro trabalhado com os emblemas dourados dos Péreire agora conduziam ao seu interior. Chegaram a chamar aquela região em volta do parque Monceau de *le West End*. Se lhe perguntarem onde termina o boulevard Malesherbes, escreveu um jornalista contemporâneo, “responda com coragem: le West End... Ibdieriam ter dado um nome francês, mas seria vulgar; em inglês ficou mais elegante”. Ali era o parque onde, segundo um jornalista ferino, você podia ver “as grandes damas do nobre Faubourg... as ‘ilustrações’ de ‘La Haute Finance’ e ‘La Haute Colonie Israelite’ a passeio”. O parque tinha trilhas sinuosas e canteiros de flores ao estilo inglês com mudas de plantas da estação que necessitavam ser constantemente renovadas, muito distante das cinzentas formalidades bem aparadas das Tulherias.

Conforme vou descendo a ladeira do Hôtel Ephrussi a um passo que considero propriamente um flunar, mais lento que de costume, zigzagueando de um lado para outro da rua para conferir de perto detalhes de uma vitrine, estou ciente de que muitas dessas casas por onde passo possuem histórias de reinvenção dentro de si.

Dez casas abaixo do lar dos Ephrussi, no número 61, fica a casa de Abraham Camondo, com a de seu irmão Nissim no 63 e a da irmã deles, Rebecca, do outro lado da rua, no número 60. Os Camondo, financistas judeus como os Ephrussi, tinham vindo de Constantinopla para Paris, passando por Veneza. O banqueiro Henri Cernuschi, um plutocrata que apoiava a Comuna de Paris, veio da Itália e vivia magnificamente bem com seus tesouros japoneses nos limites do parque. No número 55, fica o Hôtel Cattau, casa de uma família de banqueiros judeus do Egito. O número 43 é o palácio de Adolphe de Rothschild, comprado de Eugène Péreire e reconstruído com uma sala de exposição com tetos em vidro para sua coleção de arte renascentista.

Mas nada se comparava à mansão construída pelo magnata dos chocolates Émile-Justin Menier. A construção era algo tão esplendorosamente exagerado, tão eclético em sua decoração ornamentada, vislumbrada acima de suas paredes altas, que sua descrição

feita por Zola dele, “um opulento bastardo de todos os estilos”, ainda é praticamente exata. No sombrio, *La Curée* [A matança], de 1872, Saccard — um predador judeu magnata dos imóveis — mora aqui na rue de Monceau. Imagine a rua quando a família se muda: é uma rua de judeus, uma rua cheia de gente exibindo suas luxuosas mansões douradas. Monceau é gíria em Paris para novo-rico, arrivista.

Este é o mundo onde meus netsuquês vieram parar pela primeira vez. Nesta rua, descendo-a, sinto o jogo entre discrição e opulência, uma espécie de inspiração e expiração, entre a invisibilidade e a visibilidade.

Charles Ephrussi tinha 21 anos quando veio morar aqui. As árvores ainda estavam sendo plantadas em Paris e largos calçamentos tomavam o lugar dos interstícios apinhados da velha cidade. Foram 15 anos de constantes demolições e reconstruções sob direção do barão de Haussmann, o mentor da reforma urbanista da cidade. Ele arrasara as ruas medievais e criara novos parques e novos bulevares. Novos panoramas foram abertos com extraordinária velocidade.



Gustave Caillebotte, Le Pont de l'Europe, 1876

Se você quiser sentir o gosto desse momento, prove a poeira levantada das avenidas recém-pavimentadas e, através das pontes, veja duas pinturas de Gustave Caillebotte. Caillebotte, alguns meses mais velho que Charles, vivia na mesma quadra da família Ephrussi em outro *grand hotel*. Vê-se em seu *Le Pont de l'Europe* um rapaz bem-vestido, de sobrecasaca cinza e cartola preta, talvez o próprio artista, passeando pela ponte com uma calçada generosa. Ele vai dois passos à frente de uma moça com um vestido de babados e segurando uma sombrinha. O sol está alto. Há uma luminosidade de pedras novas. Passa um cachorro. Um trabalhador se inclina sobre o parapeito da ponte. É como o começo do mundo: uma litania de movimentos e sombras perfeitos. Todos, inclusive o cachorro, sabem o que estão fazendo.

As ruas de Paris possuem uma calma peculiar: as fachadas de pedra limpa, o detalhamento rítmico das sacadas, lmeiras recém-plantadas aparecem na pintura *Jeune homme à sa fenêtre*, exposta na Segunda Exposição Impressionista em 1876. Aqui o irmão de Caillebotte está parado na janela aberta do apartamento da família olhando para a interseção das ruas vizinhas à rue de Monceau. Ele está de pé com as mãos nos bolsos, bem-vestido e seguro de si, com toda a vida pela frente e uma poltrona de veludo por trás.

Tudo é possível.

Este bem podia ser o jovem Charles. Ele nasceu em Odessa e passou os primeiros dez anos da vida em um *palais* de estuque amarelo junto a uma praça poeirenta rodeada

de castanheiras. Se ele subir até o sótão da casa poderá ver até o mar por entre os mastros do navio lá no porto. Seu avô ocupa todo um andar e todo o espaço. O banco fica ao lado. Ele não pode sair na calçada sem que alguém interpele o avô, o pai ou um de seus tios para perguntar alguma coisa, pedir um favor, um copeque, qualquer coisa. Ele aprende, sem saber, que aparecer em público significa uma série de encontros e fugas; como dar dinheiro a mendigos e pedintes, como cumprimentar conhecidos sem precisar parar.

Então Charles se muda para Viena, fica lá por mais dez anos com os pais, irmãos, seu tio Ignace e sua glacial tia Emilie, e três primos — Stefan (esnobe), Anna (azedada) e o pequenino Viktor. Um tutor vem todas as manhãs. Aprendem línguas: latim, grego, alemão e inglês. Em casa sempre falam francês, e podem falar russo entre eles, mas não devem ser pegos falando o iídiche que aprenderam nos pátios de Odessa. Todos os primos são capazes de começar uma frase em uma língua e terminar em outra. Eles precisam dessas línguas quando a família viaja para Odessa, para Petersburgo, para Berlim, Frankfurt e Paris. Eles também precisam delas como denominadores comuns de classe. Com as línguas, você pode se mover de uma situação social para outra. Com as línguas, você se sente *em casa em qualquer lugar*.

Visitam *Caçadores na neve*, de Bruegel, o Velho, com a matilha de cães descendo por entre montanhas. Abrem os armários de desenhos da galeria Albertina, a lebre trêmula das aquarelas de Dürer, a asa estendida de um pássaro exuberante. Eles aprendem a montar no parque Prater. Os meninos aprendem esgrima e todos os primos fazem aula de dança. Todos dançam bem. Charles, aos 18 anos, possui um apelido, *Le Polonais*, o pé de valsa.

É em Viena que os meninos mais velhos — Jules, Ignace e Stefan — são levados para os escritórios fora da Ringstrasse, em Schottenbastei. Era um prédio restrito. É dali que os Ephrussi tocam seus negócios. Dizem para os meninos ficarem sentados e parados enquanto se discute um carregamento de grãos e as porcentagens em estoque são conferidas. Existem novas possibilidades com petróleo em Baku e de ouro próximo ao lago Baikal. Correria de escritório. É ali que eles passam pelo batismo de sangue da consciência plena de tudo o que um dia será deles, ali aprendem o catecismo do lucro a partir das infundáveis colunas do livro-caixa.

É quando Charles senta com o primo mais novo, Viktor, e desenha Laocoonte e as serpentes, a estátua que ele adorava em Odessa, fazendo as dobras especialmente marcadas nos ombros musculosos para impressionar o menino. Demora muito tempo para desenhar bem todas aquelas serpentes. Ele esboça o que viu na galeria Albertina. Desenha os empregados. E conversa com os pais de seus amigos sobre os quadros deles. É sempre agradável ter seus quadros comentados por um rapaz que conhece tanto.

E então, por fim, acontece a planejada mudança para Paris. Charles é bonito, de estatura mediana, com uma barba escura bem-aparada, que tem algo de ruivo dependendo da luz. Ele tem o nariz dos Ephrussi, grande e curvo, e a testa alta de todos os primos. Seus olhos são de um cinza-escuro e bem vivos, e ele é encantador. Vê-se

como se veste bem, com a gravata bem-arrumada, e então ouve-se a voz dele falando: ele conversa tão bem quanto dança.

Charles é livre para fazer o que quiser.

Prefiro pensar que é porque ele era o mais novo e o terceiro filho e, como em toda boa história de criança, é sempre o terceiro filho que sai de casa em busca de aventuras — pura projeção, também sou o terceiro. Mas desconfio que a família sabia que esse menino não fora talhado para a Bolsa. Seus tios Michel e Maurice mudaram-se para Paris: talvez já houvesse filhos o bastante nos escritórios da Ephrussi et Cie. do número 45 da rue de l'Arcade para mais esse primo livresco, com seu costume de sacar quando o dinheiro aumenta e sua aptidão para se perder em longas conversas.

Charles tem seu próprio apartamento na casa da família, dourado e limpo, e vazio. Ele tem um lugar para onde voltar, uma nova casa em uma ladeira recém-pavimentada em Paris. Ele sabe línguas, tem dinheiro e tempo de sobra. Então agora ele parte só. Como um rapaz bem-criado, Charles vai para o sul. Ele vai para a Itália.

2. UN LIT DE PARADE

Na pré-história da minha coleção de netsuquês, esta é a primeira era das coleções de Charles. Talvez, quando criança, tenha recolhido resina das árvores do passeio em Odessa, ou colecionado moedas em Viena, mas aqui é onde eu sei que ele começou. O que ele escolheu para começar e trazer para o apartamento da rue de Monceau, número 81, demonstra avidez. Ou ganância ou uma excitação liberada: o fato é que ele compra muito.

Ele tem um ano para viver longe da família, um ano livre, o tradicional *Wanderjahr*, um *grand tour* pelo cânone da arte renascentista. Essa jornada transforma Charles em um colecionador. Ou, talvez, creio, é o que permite que ele passe a colecionar, que passe de olhar a ter, e de ter a conhecer.

Charles compra desenhos e medalhões, peças renascentistas esmaltadas e tapeçarias do século XVI feitas a partir dos desenhos de Rafael. Compra uma criança de mármore à *la Donatello*. Compra uma linda escultura em faiança de um jovem fauno de Luca della Robbia, uma criatura ambígua, vulnerável, que se vira para nos olhar, vitrificada em um profundo azul do manto da Virgem e amarelo-gema. Em seu apartamento do segundo andar, Charles coloca-o em um nicho dentro de seu quarto envolto em brocados italianos do século XVI, tecidos densamente bordados. Torna-se uma espécie de altar satírico, com o fauno em vez do martírio de um santo.

Existe uma ilustração dessa peça em um enorme fólio de três volumes marrons na biblioteca do Victoria and Albert Museum. Eu pedi para consultá-lo, e foi hilário quando ele chegou à sala de leitura trazido em um carrinho de chá de hospital. Este *Musée graphique* contém gravuras de todas as maiores coleções da arte renascentista na Europa, principalmente as de Sir Richard Wallace (da Wallace Collection de Londres), de vários Rothschild — e do jovem Charles, de 23 anos de idade. Tais fólios são vaidade editorial em escala colossal, produzidos por colecionadores para impressionar outros colecionadores. Três folhas depois do suntuoso nicho do fauno — cor de vinho com raios e contas douradas, retábulos de santos, brasões —, outra parte da coleção é revelada.

Não consigo evitar uma risada alta: uma imensa cama renascentista, um *lit de parade* também com brocados por cima. Um alto dossel com anjos enredados em padrões intrincados, cabeças grotescas, emblemas, flores e frutos. Duas luxuosas cortinas estão presas por cordas franjadas, ambas com um E dourado ao fundo. Na própria cabeceira da cama há outro E. É uma espécie de leito ducal — quase de um pequeno príncipe. Algo fantasioso. Trata-se de um leito de onde se poderia governar uma cidade-estado, receber para audiências, escrever sonetos, certamente fazer amor. Que tipo de rapaz compra uma cama assim?

Anoto uma longa lista de novos bens e tento imaginar ter 23 anos, com esses tesouros engradados sendo içados pela escada em caracol até o andar de cima e abertos

com todas as raspas e lascas de madeira voando; arrumando tudo em minha própria suíte, experimentando disposições em relação ao sol da manhã que invade da rua. Conforme os visitantes chegam ao salão, veriam uma parede de desenhos ou uma tapeçaria? Vislumbrariam meu *lit de parade*? Imagino a mim mesmo mostrando os esmaltes aos parentes e irmãos, exibindo-me para a família. E subitamente volto, constrangido, a ter 16 e empurro a cama para o corredor para dormir no chão, e armo um tapete em cima do colchão para me fazer um dossel. E passo os fins de semana mudando os quadros e livros de lugar, experimentando a sensação de mudar meu próprio espaço. É algo certamente possível.

Trata-se, é claro, de um cenário. Todas essas coisas que Charles colecionou são objetos que exigem o olho de um *connoisseur*, tudo ali falava de conhecimento, de história, de linhagem, do próprio ato de colecionar. Destrinche a lista de tesouros — tapeçarias feitas a partir de desenhos de Rafael, esculturas a partir de Donatello — e verá que Charles começara a internalizar o modo como a arte se desdobra através da história. Em Paris, ele doa ao Louvre um raro medalhão do século XV de Hipólito sendo rasgado ao meio por cavalos selvagens. Acho que chego a ouvir o jovem historiador falando com os visitantes. Você apalpa e sente o caderno de anotações, não só o dinheiro.

Mas começo também a sentir o prazer dele pelas coisas aqui: o surpreendente peso do damasco, a superfície fria dos camafeus esmaltados, a pátina dos bronzes, a importância dos fios em relevo nos brocados.

A primeira coleção é totalmente convencional. Muitos amigos de seus pais teriam objetos semelhantes em suas casas, e os teriam reunido para compor cenas de uma suntuosidade decorativa, exatamente como o jovem Charles criou sua própria *mise-en-scène* vinho e dourada em seu quarto parisiense. É apenas uma versão menor do que devia ocorrer em outros lares judaicos. Ele está mostrando, de modo bastante enfático para um rapaz, quão adulto já é. E está se preparando para uma vida pública.

Se você quisesse ver essas peças de cenário em escala, poderia ir a qualquer uma das casas dos Rothschild em Paris ou, a bem dizer, ao novo palácio de James de Rothschild em Ferrières, logo na saída da cidade. Ali eram celebradas obras da Itália renascentista dos comerciantes e banqueiros: lembre-se de que o grande mecenato passa pelo uso astuto do dinheiro e não é algo hereditário. Em vez de um Grande Salão, cavaleiresco e cristão, Ferrières tinha uma galeria central com quatro grandes portas dando a partes diferentes da casa. Sob um teto de Tiepolo havia uma galeria de tapeçarias de Triunfos, figuras esculpidas em mármore branco e preto e quadros de Velázquez, Rubens, Guido Reni e Rembrandt. Sobretudo, havia muito ouro: na mobília, nas molduras dos quadros, nos gessos, nas tapeçarias, e incrustados — em toda parte —, eram os símbolos dourados dos Rothschild. *Le goût Rothschild* se tornou sinônimo de gosto por douração. Judeus e seu ouro.

A sensibilidade de Charles não chega a Ferrières. E, claro, está na medida de seu próprio espaço: ele só tem seus dois salões e um quarto de dormir. Mas Charles não apenas tinha um lugar onde organizar suas novas posses e livros, como via a si mesmo

como um jovem colecionador erudito. Ele se encontrava na extraordinária condição de ser ao mesmo tempo ridiculamente rico e muito autocentrado.

Em nenhuma dessas duas coisas me faz simpatizar minimamente com ele. Na verdade, o leito me fez sentir um pouco embrulhado: não sei até quando vou aguentar olhar para esse moço e seu olho para arte e decoração de interiores, com ou sem *netsuquê*. *Connoisseur*, soa meu alarme. E *acha que sabe demais, jovem demais*.

E, evidentemente, *rico, riquíssimo demais para seu próprio bem*.

Percebo que devo compreender como Charles via as coisas, e para tanto preciso ler o que ele escreveu. Aqui estou no terreno seguro do campo acadêmico: reunirei uma bibliografia completa e trabalharei a partir dela em ordem cronológica. Começo lendo os velhos volumes da *Gazette des Beaux-Arts* da época em que Charles vem morar em Paris, fazendo anotações sobre seus primeiros comentários, bastante secos, sobre pintores maneiristas, bronzes e Holbein. Sinto-me concentrado, dedicado. Ele tem um pintor veneziano favorito, Jacopo de Barbari, que gostava de São Sebastião, do combate dos Tritões e de nus serpentiniformes. Não tenho certeza se esse gosto dele por assuntos eróticos se comprovará. Lembro de Laocoonte e fico um pouco aflito.

Ele começa mal. Escreve sobre exposições, livros, ensaios, e sobre publicações: o esperado detrito de história da arte na margem do estudo de outras pessoas (“Notas para uma autenticação de fulano”, “Respostas ao *catalogue raisonné* de sicrano”). Esses textos são um tanto como suas coleções italianas e sinto que faço poucos avanços. Mas, conforme se passam as semanas, descubro-me começando a relaxar na companhia de Charles: esse primeiro colecionador de *netsuquês* começa a escrever com mais fluência. Há inesperados registros sentimentais. Três semanas da minha preciosa primavera se vão, e então mais outra quinzena, uma louca empreitada de dias na penumbra dos periódicos.

Charles aprende a passar tempo com um quadro. Ele foi e olhou, pode-se sentir, e depois voltou para ver de novo. Há ensaios sobre exposições em que você sente o toque dele em seu ombro, aquela virada para olhar mais uma vez, chegando mais perto, afastando-se. Sentem-se a confiança crescente e sua paixão, e então, por fim, o início de um rigor em seus escritos, um desgosto diante das opiniões estabelecidas. Charles contém seus sentimentos em equilíbrio com seus julgamentos, mas escreve de forma que você fica ciente de ambos. Isto é raro quando se escreve sobre arte, creio, enquanto as semanas passam por mim dentro da biblioteca e as pilhas de *Gazettes* se acumulam ao meu redor, uma torre de novas questões, cada volume uma matriz de marcadores, post-its amarelos e tiras de papel.

Meus olhos doem. A letra é corpo oito, menor ainda nas notas. Pelo menos meu francês está voltando. Começo a achar que posso trabalhar com esse homem. Ele não está se exibindo sobre o tanto que sabe a maior parte do tempo. Ele quer que vejamos mais claramente o que está diante dele. Isso é algo digno de respeito.

3. “UM MAHOUT* PARA LEVÁ-LA DE ELEFANTE”

Ainda não é hora de os netsuquês entrarem na história. Charles, com seus vinte e poucos anos, está sempre em alguma outra cidade, a caminho de algum lugar, enviando seus cumprimentos e pedindo desculpas por faltar às reuniões familiares de Londres, Veneza, Munique. Ele está começando a escrever um livro sobre Dürer, o artista por quem se apaixonara vendo as coleções de Viena, e precisa encontrar cada desenho, cada rabisco de cada arquivo, para lhe fazer justiça.

Seus dois irmãos mais velhos estão seguramente abrigados em seus próprios mundos. Jules está à frente da Ephrussi et Cie. na rue de l'Arcade com os tios. Seu treinamento anterior em Viena demonstra-se valioso e ele se revela muito bom com dinheiro. E casara-se na sinagoga de Viena com Fanny, a inteligente e irônica jovem viúva de um financista vienense. Ela é muito rica, e tudo é apropriadamente dinástico. O comentário nos jornais de Paris e Viena é que ele dançou com ela todas as noites até ela cansar, desistir e se casar com ele.

Ignace foi mais relaxado. Dado a paixões espetaculares, em série. Como um *amateur de femmes*, sua habilidade peculiar é a capacidade de escalar edifícios e entrar por janelas altas para um encontro amoroso — o que mais tarde descobri em memórias de idosas damas da sociedade. Ele é um *mondain*, um parisiense do mundo, vivendo entre *affaires*, noites no Jockey — o epicentro dos solteiros da sociedade — e duelos. Que são ilegais, mas ocupam o tempo de rapazes ricos e oficiais do exército, os quais recorrem ao florete diante das mínimas transgressões da honra. Ignace aparece nos manuais de duelo da época, em um jornal lembrando a ocasião em que seu olho quase foi arrancado em um combate com seu tutor. Ignace é “relativamente alto, embora um pouco abaixo da altura média (...) dotado de uma energia que por sorte é garantida por músculos de aço (...) o senhor Ephrussi é um grande entusiasta (...) também um dos mais amistosos e honestos esgrimistas que já conhecemos”.

Aqui está ele, impávido com seu florete, como uma miniatura de Hilliard de um cortesão elisabetano: “Incansável esportista, você o encontrará bem cedo pela manhã na floresta, montando um soberbo cavalo branco mosqueado; depois da lição de esgrima...” Imagino Ignace conferindo a altura dos estribos nos estábulos da rue de Monceau. Quando cavalga, sua montaria usa “arreios à moda russa”. Não sei ao certo o que isso significa, mas parece esplêndido.

É nos salões que Charles será visto a princípio. Ele é notado pelo ácido romancista, memorialista e colecionador Edmond de Goncourt em seu diário. O fato de pessoas como Charles serem convidadas aos salões da sociedade enojava o escritor: os salões estavam “infestados de judeus e judias”. Ele comenta sobre esses novos rapazes que vinha encontrando: esses Ephrussi eram “*mal élevés*”, sem educação, e “*insupportables*”. Charles, ele afirma, está em todos os lugares, sinal de quem não sabe o seu lugar; é ávido por contatos, não sabe quando disfarçar sua avidez e se tornar invisível.

Goncourt está com ciúme daquele menino encantador que traz um sotaque muito sutil em seu francês. Charles adentrara, aparentemente sem esforço, os formidáveis e elegantes salões do momento, cada um deles um campo minado de geografias políticas, artísticas e religiosas do gosto aristocrático, ferozmente contestadas. Havia muitos, mas os três principais salões eram o de madame Straus (a viúva de Bizet), o da condessa Greffulhe e o de uma bissexta aquarelista de flores, Mme. Madeleine Lemaire. Um salão consistia de uma sala cheia de convidados regulares, encontrando-se com hora marcada à tarde ou à noite. Betas, dramaturgos, pintores, frequentadores de clubes, *mondains* se encontravam sob os auspícios de uma anfitriã para conversar sobre temas notáveis, ou boatos maliciosos, ou simplesmente ouvir música ou ver em primeira mão algum novo retrato da sociedade ser exposto ao público. Cada salão tinha sua própria atmosfera distinta e seus próprios acólitos: quem ofendesse Mme. Lemaire era um “maçante” ou “desertor”.

O salão das quintas-feiras de Mme. Lemaire é mencionado em um ensaio do jovem Marcel Proust. Ele evoca o aroma de lilases que enchia o estúdio e saía pela rue de Monceau, repleta das carruagens dos belos e elegantes. Você não conseguia passar pela rue de Monceau às quintas. Proust repara em Charles. Há um tumulto qualquer e ele se aproxima atravessando as fileiras de escritores e socialites. Charles está ali no canto conversando com um retratista, ambos de cabeça baixa e falando tão suave e intensamente que, embora esteja ali por perto, Proust não consegue ouvir nem uma pequena parte da conversa.

Goncourt, bilioso, está particularmente enfurecido porque o jovem Charles se tornou confidente de *sua* querida princesa Mathilde, sobrinha de Bonaparte. Ela mora perto, em uma vasta mansão na rue de Courcelles. Ele se lembra de ouvir dizer que ela havia sido vista na casa de Charles na rue de Monceau na companhia do “*gratin*”, a nata da aristocracia, e que a princesa encontrara em Charles “um *mabout* para ser seu guia na vida”. É uma imagem inesquecível a da formidável e idosa princesa com sua presença negra, elefantina, mais para uma rainha Vitória, e o rapaz de vinte anos, sendo capaz de guiá-la com a mínima sugestão: o toque.

Charles está começando a encontrar seu próprio lugar nessa cidade complexa e esnobe. Está começando a descobrir os lugares onde sua conversa é bem-vinda, onde ser judeu é algo aceito ou relevado. Como jovem crítico de arte, ele vai à redação da *Gazette des Beaux-Arts*, na rue Favart, todos os dias — percorrendo seis ou sete salões no trajeto, agrega o onisciente Goncourt. Da casa da família até a redação são exatamente 25 minutos de caminhada intensa, ou, naquela minha manhã de abril, 45 flinando. Imagino que Charles vá de carruagem, reflito, mas não tenho como cronometrar isso.

A *Gazette*, o *Courrier Européen de l'art et de la curiosité*, possui uma capa amarelo-canário e, na folha de rosto, uma exibição estética de artefatos renascentistas sobre um túmulo clássico no alto do qual há um Leonardo aparentemente furioso. Por sete francos você obtém resenhas de diferentes exposições lutando para aparecer em Paris, a Exposition des Artistes Indépendents, os Salões oficiais cheios do chão até o teto de

pinturas, as visitas ao Trocadéro e ao Louvre. É acerbamente descrita como “uma revista de arte de luxo que toda senhora importante tinha aberta na mesa sem ler” e com certeza tinha a reputação de ser parte essencial da vida da sociedade, uma *World of Interiors* e também uma *Apollo*. Na belíssima biblioteca oval da mansão Camondo, saindo do Hôtel Ephrussi ladeira abaixo, há prateleiras e mais prateleiras de seus números encadernados.

Aqui na redação há outros autores e artistas, e a melhor biblioteca de arte de Paris, repleta de periódicos de toda a Europa e catálogos de exposições. É um clube de arte exclusivo, um lugar para trocar notícias e boatos sobre qual pintor está trabalhando em qual encomenda, quem caiu no desagrado de qual colecionador ou dos jurados do Salão. É também um lugar agitado. A *Gazette* sai mensalmente, de modo que é um verdadeiro local de trabalho. Há todas as decisões sobre quem escreverá sobre o quê e as encomendas das gravuras e ilustrações. Ibdese aprender bastante vindo aqui todos os dias, observando as discussões.

Quando Charles, recém-chegado de suas pilhagens de negociantes de arte italiana, começa a escrever para a *Gazette*, a revista inclui luxuosas gravuras das imagens do momento, artefatos mencionados nas eruditas resenhas e imagens importantes do Salão reproduzidas cuidadosamente. Escolho ao acaso um número do ano de 1878. Inclui, entre outras matérias, artigos sobre tapeçaria espanhola, escultura grega arcaica, a arquitetura do Champ de Mars e Gustave Courbet — tudo, é claro, com ilustrações cobertas de papel translúcido. É o periódico perfeito para um rapaz colaborar, um cartão de visita para aqueles lugares onde a sociedade e a arte se interceptam.

Encontro sinais dessas interseções percorrendo assiduamente as colunas sociais dos jornais de Paris da década de 1870. Dou início a esse processo como uma espécie de limpeza da vegetação rasteira, mas é algo que se torna estranhamente estimulante e um alívio para minha tentativa frustrada de localizar todas as resenhas de exposições escritas por Charles. Há as mesmas listas labirínticas de encontros e convidados, a minúcia de quem vestia o quê, quem há para ser visto, cada rodada de nomes uma calibragem de apreensões e julgamentos ferinos.

Fiquei especialmente absorto pelas listas de presentes nos casamentos da sociedade, dizendo a mim mesmo que aquilo era uma ótima pesquisa sobre a cultura do presentear, e gastei um tempo embaraçosamente longo tentando identificar os muito generosos, avarentos ou simplesmente sem graça. Minha tataravó dá um conjunto de pratos dourados em forma de concha de berbigão em um casamento da sociedade em 1874. Vulgar, penso comigo, sem ter base de comparação para tanto.

E em meio a todos esses bailes e soirées musicais, salões e recepções, começo a encontrar menções aos três irmãos. Eles aparecem juntos: os MIM Ephrussi são vistos no camarote na Opéra, em funerais, em recepções ao príncipe X, condessa Y. O czar visitou a cidade e eles estão lá para cumprimentá-lo como cidadãos russos proeminentes. Dão festas juntos, notabilizam-se pelas “grandiosas séries de jantares que oferecem”, foram notados, ao lado de outros esportistas, andando na novidade do momento: a bicicleta. Uma coluna em *Le Gaulois* é dedicada a *déplacements* — quem foi para

Deauville e quem foi para Chamonix —, de modo que fico sabendo quando eles saem de Paris para passar férias, em Meggen, no aristocrático Chalet Ephrussi de Jules e Fanny. De sua casa dourada na ladeira eles parecem ter se tornado parte da sociedade parisiense em poucos anos depois de sua chegada. *Monceau*, lembro, arrivista.

O elegante Charles tem outros interesses além de redecorar seus aposentos e aperfeiçoar suas frases sinuosas de historiador da arte. Ele tem uma amante. E começou a colecionar arte japonesa. Essas duas coisas, sexo e Japão, estão entremeadas.

Ele ainda não possui nenhum netsuquê, mas se aproxima disso. Estou torcendo por ele quando começa sua coleção, comprando uma laca de um negociante de arte japonesa chamado Philippe Sichel. Goncourt escreve em seu diário que visitou Sichel, “o lugar para onde vai o dinheiro judeu”; ele vai até uma sala dos fundos em busca do último *objet*, um novo álbum de gravuras eróticas, talvez um pergaminho. Ali ele se encontra com “La Cahen d’Anvers, recostada sobre uma caixa de laca com seu amante, o jovem Ephrussi”.

Ela está informando “a hora e o lugar onde ele poderá fazer amor com ela”.

* Guia e tratador de elefantes na Índia. (*N. do T.*)

4. “TÃO LEVE, TÃO SUAVE AO TOQUE”

A amante de Charles é Louise Cahen d’Anvers. É dois anos mais velha que Charles e muito bonita, com cabelos loiros arruivados. “La Cahen d’Anvers” é esposa de um banqueiro judeu e o casal tem quatro filhos, um menino e três meninas. O quinto filho chega e Louise lhe dá o nome de Charles.

Tudo o que sei sobre casamentos parisienses vem dos romances de Nancy Mitford, mas me parece ser algo extraordinariamente sanguíneo. É deveras impressionante — quero ser ridículo e perguntar como alguém arranja tempo para cinco filhos, um marido e um amante. Os dois clãs são muito íntimos. Na verdade, estou na place d’Iéna do lado de fora do lar de Jules e Fanny, as iniciais dele floridamente entrelaçadas às dela acima das portas grandiosas, e descubro que estou olhando direto para o novo palácio também barroco de Louise, do outro lado da rua, na esquina da rue Bassano. A esta altura imagino se a inteligente, infatigável Fanny não teria arranjado esse caso para a melhor amiga.

Havia algo definitivamente muito íntimo em todo o arranjo. Eles se encontravam com frequência nas rodadas de recepções e bailes e as duas famílias muitas vezes viajam juntas para passar férias no Chalet Ephrussi na Suíça ou no chateau dos Cahen d’Anvers em Champs-sur-Marne, perto de Paris. O que ditaria a etiqueta quanto a encontrar o amante subindo a escada para o apartamento do seu cunhado? Esses amantes talvez precisassem mesmo recorrer às salas dos fundos de negociantes de arte para conseguir escapar de toda aquela sufocante e astuta amabilidade. E das crianças.

Charles, esse rapaz cada vez mais adepto e prestativo dos salões, combinou que seu amigo Léon Bonnat faria um retrato de Louise em pastel. Ela está retratada em um vestido claro, olhando para baixo com discrição, seu cabelo escondendo metade de seu rosto.

Na verdade, Louise estava longe de ser discreta. Goncourt se lembra dela com seu olho de romancista, no sábado 28 de fevereiro de 1876, no próprio salão:

Os judeus preservam, de sua origem oriental, uma indiferença peculiar. Hoje, fiquei encantado de ver Mme. Louise Cahen procurando no fundo de sua vitrine de porcelanas e lacas, para me mostrar algumas; ela se movia como uma gata preguiçosa. E quando são loiras — essas judias — há, no seio de sua lourice, algo dourado, como na pintura da AMANTE DE TICIANO. Encerrada a busca, a judia descansou em uma espreguiçadeira, a cabeça estendida para um lado e revelando um cacho de cabelos que parecia um ninho de serpentes. Impressionando a muitos, questionando expressões e franzindo o nariz, ela reclamou da insensatez dos homens e dos romancistas ao esperarem que as mulheres não fossem criaturas humanas e não sofressem no amor o mesmo desgosto que eles.

Trata-se de uma imagem inesquecível do langor erotizado: a amante de Ticiano de fato é bastante dourada e parece bastante nua, cobrindo-se vagamente com uma das mãos. Calcule o poder de Louise sobre o famoso autor, o controle da situação que ela demonstrava. Ela é, afinal, “*La muse alpha*” de Paul Bourget, outro romancista popular na época. No retrato que ela encomendou de si mesma para seu próprio salão a Carolus-Duran, o pintor da sociedade do momento, ela mal está coberta pela camisola, lábios ligeiramente entreabertos. Existe muito drama nessa musa. Fico a me perguntar por que ela haveria de querer esse jovem esteta como amante.

Talvez fosse a ausência de histrionismos da parte dele, o ritmo ponderado de um historiador da arte. Ou talvez pelo fato de ela possuir duas casas imensas, um marido e uma série de filhos, ao passo que Charles era desimpedido, perfeitamente livre para entreter-la quando ela precisasse de distração. É certo que os amantes dividiam um mesmo interesse pela música, arte e poesia — e por músicos, artistas e poetas. O cunhado de Louise, Albert, era compositor, e Charles e Louise iam com ele à Ópera em Paris, e às estreias mais radicais em Bruxelas para ouvir Massenet. Eram ambos apaixonados por Wagner, um tipo de paixão difícil de fingir, mas boa de compartilhar. As óperas de Wagner, imagino, além do mais, dão ao casal bastante tempo para ficarem juntos naqueles profundos e aveludados camarotes da Ópera. Estavam presentes em um pequeno e seletto jantar (*sans* marido) seguido por um recital de poesia de Anatole France, apresentado por Proust.

E compravam caixas japonesas de laca preta e dourada em pares para suas coleções paralelas: eles começam seu caso de amor com o Japão.

É através de Louise, abatida depois de uma briga com o marido ou com Charles, pescando indolentemente em sua vitrine de bibelôs japoneses de laca, depois se recostando em sua *chaise longue*, que fico sabendo que estou mais perto dos netsuquês. Eles estão entrando em foco, parte de uma complexa, desabrida vida parisiense que realmente existiu.

Quero descobrir como esses indiferentes parisienses, Charles e sua amante, lidavam com coisas japonesas. Como foi ter algo tão estrangeiro em suas mãos pela primeira vez, pegar uma caixa ou uma cuia — ou um netsuquê — feito de um material que você nunca viu antes e manuseá-lo, sentindo seu peso e equilíbrio, passando o dedo pela decoração em relevo de uma cegonha voando entre nuvens? Deve haver algures uma literatura sobre o tato, creio; alguém há de ter registrado em diário ou cartas o momento fugaz em que sentiram algo em suas mãos. Deve ainda haver sinal dessas mãos em algum lugar.

Goncourt à parte, há um bom lugar por onde começar. Charles e Louise compraram suas primeiras lacas japonesas na casa dos irmãos Sichel. Não era uma galeria onde a cada colecionador se apresentassem reverentemente os *objets* e gravuras em cabines separadas, como na sofisticada galeria de Siegfried Bing, a Oriental Art Boutique, mas um lodaçal caudaloso de tudo o que fosse japonês. As quantidades eram impressionantes. Philippe Sichel enviara 45 engradados com cinco mil objetos de Yokohama após uma única viagem de compras em 1874. Isso criava uma atmosfera

febril. O que era aquele lugar, e onde ficava? Outros colecionadores podiam encontrar tesouros antes de você?

Tal volume de arte japonesa inspirou devaneios. Goncourt se lembraria de um dia passado na loja dos Sichel pouco depois de uma entrega ter chegado do Japão, cercado por “*tout cet art capiteux et hallucinatoire*” — toda aquela arte inebriante e alucinatória. Desde 1859 que gravuras e cerâmicas haviam começado a aparecer na França; no início da década de 1870, aquilo se tornou uma avalanche de coisas. Um certo colaborador, nos primeiros dias de sua paixão por arte japonesa, chegou a escrever para a *Gazette* em 1878:

As pessoas se mantinham informadas sobre novos carregamentos. Velhos marfins, esmaltes, faiança e porcelana, bronzes, lacas, esculturas em madeira (...) cetins bordados, brinquedos simplesmente chegavam em uma loja e imediatamente iam parar nos estúdios de artistas ou escritores (...) Iam para as mãos de (...) Carolus Duran, Manet, James Tissot, Fantin-Latour, Degas, Monet, dos escritores Edmond e Jules de Goncourt, Philippe Burty, Zola (...) dos viajantes Cernuschi, Duret, Émile Guimet (...) O movimento estava estabelecido, os diletantes foram atrás.

E ainda mais extraordinária era a visão ocasional de

rapazes em nossos grandes bairros, nos nossos bulevares, nos teatros, cuja aparência nos surpreende (...) Usam cartolas ou pequenos chapéus redondos de feltro sobre cabelos negros belos e lustrosos, compridos e penteados para trás, as sobrepelizes abotoadas corretamente, calças cinza-claro, bons sapatos e uma gravata de cor escura flutuando sobre linho elegante. Se a joia que prende a gravata não fosse tão chamativa, as calças não cobrissem o peito do pé, as botas altas não fossem tão reluzentes, as bengalas tão finas — tais nuances traem o homem que se submete ao gosto do alfaiate em vez de impor seu próprio gosto —, nós os tomaríamos por parisienses. Cruzamos com eles nos passeios, olhamos para eles: sua pele é um pouco bronzeada, a barba, rala; alguns deles adotaram o bigode (...) a boca é grande, de modo a se abrir muito, aquadrada, ao modo das máscaras da comédia grega; os zigomas se arredondam e a testa fica protuberante na face oval; os ângulos externos dos olhinhos franzidos, mas vivos e negros, com um olhar penetrante, erguidos para os templos. São os japoneses.

É uma descrição de tirar o fôlego do que é ser estrangeiro em uma nova cultura, quase imperceptível com exceção do vestuário meticuloso. O passante olha uma segunda vez, e é justamente a completude do disfarce que o entrega.

Revela ainda a estranheza desse encontro com o Japão. Embora os japoneses fossem extremamente raros em Paris na década de 1870 — havia delegações e diplomatas e o esquisitíssimo príncipe —, a arte deles estava em toda parte. Todos queriam pôr as mãos

nessas *japonaiseries*: todos os pintores que Charles estava começando a conhecer nos salões, todos os autores que Charles conhecia da *Gazette*, a família dele, os amigos da família, sua amante, todos estavam vivendo essa convulsão. Fanny Ephrussi registra em cartas suas excursões de compras na Mitsui, uma loja elegante na rue Martel que vendia objetos do Extremo Oriente, com o objetivo de comprar papéis de parede japoneses para a nova sala de fumantes e para os quartos de hóspedes da casa que ela e Jules haviam acabado de construir na place d'Iéna. Como Charles, o crítico, o bem-vestido *amateur d'art* e colecionador, poderia não comprar arte japonesa?

Na estufa artística parisiense fazia diferença quando você tinha começado a sua coleção. Os primeiros colecionadores, *japonistes*, eram o ápice, pois eram homens de conhecimento superior e criadores do gosto. Goncourt, naturalmente, daria um jeito de dizer que ele e seu irmão haviam na verdade visto gravuras japonesas *antes* da abertura do Japão. Esses primeiros a se tornarem adeptos da arte japonesa, embora ferozmente competitivos entre si, compartilhavam seu discernimento. Mas, como George Augustus Sala escreveu em *Paris Herself Again*, em 1878, a atmosfera acadêmica dos primeiros colecionadores logo desapareceu. “O japonismo se tornou para alguns diletantes bastante artísticos, os Ephrussi, os Camondo, uma espécie de religião.”

Charles e Louise eram “neojaponistas”, jovens e ricos retardatários artísticos. Bis em se tratando de arte japonesa existia uma excitante ausência de especialistas, nada daquele conhecimento traiçoeiro de historiadores da arte que confundem as suas reações imediatas, suas intuições. Ali estavam uma nova Renascença em andamento e a possibilidade de possuir arte antiga e séria do Oriente nas mãos. Era possível adquirir em quantidade e instantaneamente. Ou você podia encomendar agora e fazer amor depois.

Quando se segura um *objet* japonês, ele se revela. O tato lhe diz o que você precisa saber: ele diz algo a respeito de você. Edmond de Goncourt também deu sua opinião: “Aqui, em se tratando de polidez, delicadeza, melifluidade por assim dizer, das coisas perfeitas que alguém tem nas mãos: um aforisma. O tato é o sinal pelo qual o diletante reconhece a si mesmo. Quem manuseia um objeto com dedos indiferentes, com *deselegância* nos dedos, dedos que não envolvem amorosamente, é um homem que não é apaixonado pela arte.”

Para esses primeiros colecionadores e pessoas que viajavam ao Japão, bastava pegar um objeto japonês para saber se era “genuíno” ou não. De fato, o artista americano John La Farge, em sua viagem de 1844, fez um pacto com os amigos “de que não trariam nenhum livro, não leriam nenhum livro, mas chegariam com a maior inocência possível”. Ter uma *sensibilidade* para a beleza era o bastante: o tato era uma espécie de inocência sensorial.

A arte japonesa era todo um admirável mundo novo: apresentava novas texturas, novos modos de sentir as coisas. Embora houvesse todos aqueles álbuns de gravuras a partir de blocos de madeira à venda, não se tratava apenas de arte para se pendurar na parede. Aquilo era uma epifania de novos materiais: bronzes com pátina que parecia

muito mais profunda do que a renascentista; lacas de uma profundidade e um preto inigualáveis; biombos dobráveis de folha de ouro para separar um ambiente, refletir a luz. Monet pintou *Mme. Monet trajando um quimono (La Japonaise)*; o quimono de Camille Monet tinha “alguns bordados dourados de vários centímetros de espessura”. E havia objetos que não se pareciam com nada na arte ocidental, objetos que só podiam ser descritos como “brinquedos”, pequenos animais e mendigos entalhados chamados “netsuquês”, que você podia segurar com os dedos. O amigo de Charles e editor da *Gazette*, o colecionador Louis Gonse, descreve belissimamente um específico netsuquê de madeira como “*plus gras, plus simple, plus caresse*” — tão esmerado, tão simples, tão tátil. É difícil superar a cadência dessa reação.

Eram todas coisas para se pegar com a mão, coisas para agregar texturas ao seu salão ou ao seu boudoir. Olhando para as imagens dessas coisas japonesas, noto que os parisienses sobrepoem materiais: um marfim envolto em seda, uma seda pendurada atrás de uma mesa de laca, uma mesa de laca coberta de porcelana, leques abertos pelo chão.

Tato apaixonado, descoberta das mãos, coisas envolvidas amorosamente, *plus caresse*. O japonismo e o tato foram a combinação perfeita para Charles e Louise, e para muitas outras pessoas.

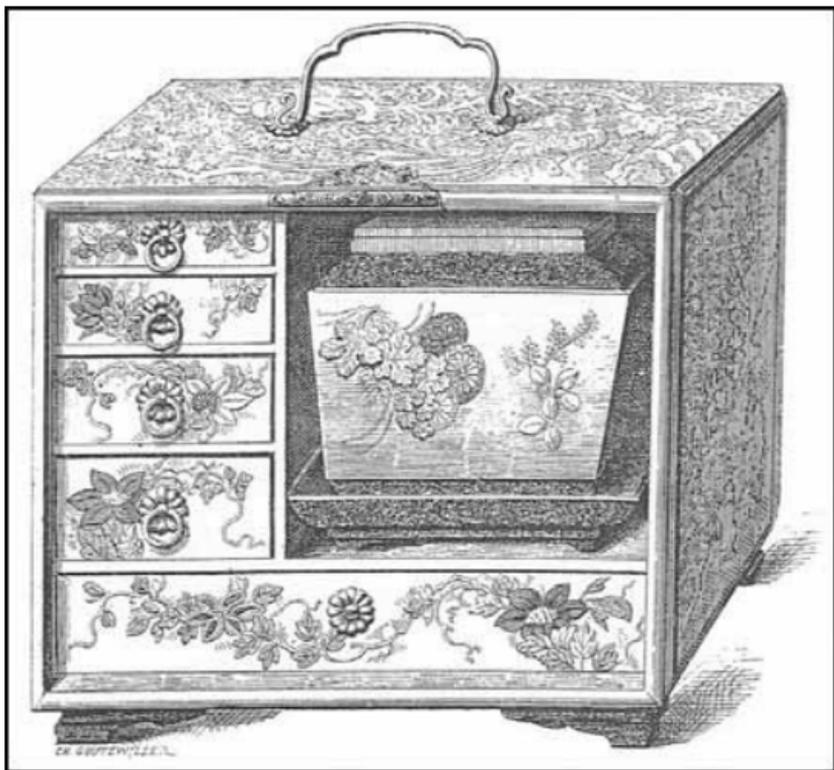
Antes dos netsuquês há uma coleção de 33 caixas pretas e douradas de laca. Era uma coleção para se juntar às outras coleções de Charles no apartamento do Hôtel Ephrussi, algo para ficar perto de seus artefatos renascentistas em tons de vinho e sua alvíssima escultura de Donatello em mármore. Charles e Louise montam essa coleção a partir da caótica casa de tesouros de Sichel. Era uma constelação de lacas do século XVII, tão boa quanto qualquer outra na Europa: para escolher, eles deviam visitar Sichel regularmente. E o que muito me agradou como ceramista: junto das lacas, Charles também tinha um jarro de louça com tampa, do século XVI, de Bizen, a aldeia de ceramistas japoneses onde estudei aos 17 anos, entusiasmado para finalmente colocar minhas mãos apaixonadas naquelas simples e táteis cuias de chá.

Em “Les lacques japonais au Trocadéro”, um longo ensaio publicado na *Gazette* em 1878, Charles descreve as cinco ou seis vitrines repletas de lacas em exibição no Trocadéro, em Paris. É o seu trabalho mais extenso sobre arte japonesa. Como em outras instâncias, ele é por sua vez acadêmico (tarimbado nas datações), descritivo e por fim lírico a respeito do que vê diante de si.

Ele menciona o termo *japonisme*, “cunhado por meu amigo Philippe Burty”. Durante três semanas inteiras, antes que eu encontrasse uma menção anterior, acho que é o primeiro emprego do termo em letras impressas, e me encho de entusiasmo porque meus netsuquês e o *japonisme* estão ligados de modo tão belo, um momento “eu-já-tinha-dito-isso-antes” de felicidade visceral na seção de Publicações da biblioteca.

Charles se mostra muito entusiasmado nesse ensaio. Descobre que Maria Antonietta tinha uma coleção de lacas japonesas, e usa essa informação para negociar uma adorável correspondência entre o mundo civilizado do rococó do século XVIII e o mundo japonês. No ensaio, as mulheres, a intimidade e as lacas parecem fios de uma mesma

trama. Lacas japonesas, explica Charles, raramente eram vistas na Europa: “Era preciso ao mesmo tempo ser rico e ter a sorte de ser um favorito da rainha para chegar à invejada posse desses objetos quase inalcançáveis.” Mas foi um período — Paris da Terceira República — em que dois mundos remotos e alheios um ao outro entraram em colisão. Essas lacas, de uma raridade lendária e tão complexas tecnicamente que são quase impossíveis de serem feitas, objetos pessoais de príncipes japoneses ou rainhas ocidentais, estão agora aqui na loja parisiense, disponíveis, à venda. Para Charles, essa laca possui uma qualidade de poesia entalhada: não apenas esmerada e estranha, mas latente de histórias de desejo. Sua paixão por Louise é palpável. A inatingibilidade dessa laca cria a aura que a cerca. Sente-se que ele se dirige à dourada Louise ao escrever.



Caixa japonesa de laca dourada da coleção de Louise Caben d'Anvers

E então Charles pega uma pequena caixa: “Tome uma dessas caixas de laca na mão — tão leve, tão suave ao toque, onde o artista representou macieiras em flor, groux sagrados sobrevoam a água, e no alto de uma serra de montanhas, ondulantes sob um céu

nublado, algumas pessoas em quimonos esvoaçantes, em poses que nos parecem bizarras mas sempre graciosas e elegantes, sob suas imensas sombrinhas...”.

Segurando essa caixa, ele fala sobre seu exotismo. Sua realização requer uma flexibilidade manual que é “inteiramente feminina, uma destreza tenaz, um sacrifício de tempo” que nós no mundo ocidental não seríamos capazes de alcançar. Quando você vê e pega essas lacas — ou netsuquês, ou bronzes —, você imediatamente toma consciência do trabalho: eles incorporam todo o labor, e ainda assim são objetos milagrosamente livres.

As imagens na laca se entrelaçam ao amor cada vez maior que ele tem pelas pinturas impressionistas: as imagens de macieiras em flor, céus nublados e mulheres de quimonos esvoaçantes saem diretamente de Pissarro e Monet. Objetos japoneses — lacas, netsuquês, gravuras — conjuram o quadro de um lugar onde as sensações são sempre novas, onde a arte brota da vida cotidiana, onde tudo existe em um sonho de fluxo infinito e belo.

E encartadas no ensaio de Charles sobre lacas há gravuras de peças da coleção de Louise e da dele. Sua prosa aqui se torna, então, um tanto excessiva, um tanto ofegante, ao descrever o interior do armário de laca dourada de Louise, com ipomeias trepadeiras esparramadas. As coleções deles foram formadas “pelo capricho de um diletante opulento em condições de satisfazer toda sua cobiça”. Ao falar sobre suas coleções desses objetos estranhamente untuosos ele discretamente se aproxima de Louise. São ambos cobiçosos e dados a caprichos, levados por súbitos desejos. O que eles colecionam são objetos para se descobrirem com as próprias mãos, “tão leves, tão suaves ao toque”.

Trata-se de um ato de descobrimento discretamente sensual, mostrar suas peças reunidas em público. E a reunião dessas lacas também recorda seus encontros: a coleção lembra seu caso de amor, sua própria história secreta do tato.

Há uma resenha em *Le Gaulois* de uma exposição em 1884 das lacas de Charles. “Seria possível passar dias inteiros diante dessas vitrines”, escreve o resenhista. Concordo. Não consigo localizar os museus onde as lacas de Charles e Louise desapareceram, mas volto a Paris para mais um dia no Musée Guimet, na avenue d'Iéna, que hoje abriga a coleção de Maria Antonieta, e fico diante das vitrines cheias de labirínticos reflexos daqueles objetos suavemente reluzentes.

Ele leva esses densos *objets* pretos e dourados para seu salão na rue de Monceau, onde ele havia pouco colocara um tapete Savonnerie com fios dourados. Ricamente tecido em seda, foi feito originalmente para uma galeria do Louvre no século XVII. As imagens são uma alegoria do Ar: os quatro ventos soprando suas trombetas com bochechas gordas, e tudo entrelaçado de borboletas e fitas ondulantes. O tapete foi cortado ao meio para caber. Imagino-me caminhando sobre esse piso. Todo o cômodo é dourado.

5. UMA CAIXA DE DOCES DE CRIANÇA

Para comprar um pedaço do Japão a melhor coisa a fazer é visitar o lugar. Tal foi a demonstração suprema de superioridade de Henri Cernuschi, vizinho de Charles, ou do industrial Émile Guimet, o organizador da exposição no Trocadéro.

Quem não podia fazer o mesmo precisaria visitar as galerias de Paris atrás de bibelôs japoneses. Essas lojas eram conhecidas como locais de encontro, lugares de reunião de amantes elegantes — *rendez-vous des couples adultères*, como Charles e Louise. Nos velhos tempos, você podia encontrar esses casais no Jonque Chinoise, a loja da rue de Rivoli, ou na sua companhia, a Brte Chinoise, na rue Vivienne, onde a galerista madame Desoye — que vendera arte japonesa à primeira leva de colecionadores — sentava-se “coroadada de joias (...) quase uma figura histórica de nosso tempo como um gordo ídolo japonês”. Agora Sichel assumira seu lugar.

Sichel era um grande vendedor, mas não um antropólogo curioso ou observador. Em um panfleto publicado em 1883, *Notes d'un bibeloteur au Japon*, ele escreveu: “O país era inteiramente novo para mim: para falar de forma franca, não estava nem um pouco interessado na vida cotidiana: eu só queria saber das lacas do bazar.”

E isso foi tudo o que ele fez. Logo após sua chegada ao Japão, em 1874, Sichel descobriu um conjunto de estojos de escrita de laca escondido debaixo de camadas de poeira em um bazar em Nagasaki. Pagou “um dólar por cada uma, e hoje muitos desses objetos são avaliados em mais de mil francos”. Foram esses estojos de escrita que ele vendera — ele não o diz — a seus clientes em Paris como Charles ou Louise ou Gonse por muito mais de mil francos.

Sichel continua:

Naquele tempo, o Japão era uma arca de tesouros em objetos de arte para se comprar por uma pechincha. As ruas das cidades eram repletas de lojas de curiosidades, tecidos e objetos penhorados. Os comerciantes formavam filas de madrugada na porta dos outros: vendedores de *fukusa* [pergaminhos] ou negociantes de bronzes levando seus objetos em carruagens. Até mesmo passantes de boa vontade vendiam netsuquês tirados de seus *obi* [cintos]. O bombardeio de ofertas era tão incessante que se ficava atordoado com a insistência e sem vontade de comprar. Contudo, esses negociantes de objetos exóticos eram comerciantes amistosos. Agiam como guias, barganhavam a seu favor em troca de uma simples caixa de doces para criança, e fechavam negócios oferecendo grandes banquetes em sua honra que terminavam com excitantes apresentações de dançarinas e cantoras.

O Japão era aquela caixa de doces. Coletar no Japão estimulava uma ganância impressionante. Sichel escreve sobre a compulsão “*de dévaliser le Japon*” — de pilhar ou

violiar o país. As histórias de daimiôs destituídos vendendo seus espólios, samurais vendendo suas espadas, dançarinas vendendo seus corpos — e passantes vendendo seus netuquês — tornavam-se uma história de possibilidades infinitas. Qualquer um podia lhe vender qualquer coisa. O Japão existia como uma espécie de país paralelo de satisfação artística, comercial e sexual.

As coisas japonesas continham um ar de possibilidades erotizadas, não meramente o encontro dos amantes em torno da caixa de laca ou de bibelôs de marfim. Leques japoneses, bibelôs e quimonos só ganhavam vida em encontros privados. Eram adereços para a fantasia, para a troca de papéis, sensuais mudanças de imagem de si mesmo. Evidentemente exerciam apelo sobre Charles, com seu leito ducal, com seu dossel coberto de brocados e as eternas reconfigurações de seus aposentos da rue de Monceau.

No quadro de James Tissot, *La Japonaise au bain*, uma menina está nua, mal coberta por um quimono bordado, solto sobre os ombros, de pé no umbral de uma sala japonesa. No provocante retrato que Monet faz da esposa, Camille, ela usa uma peruca dourada e um vestido vermelho no qual há bordado um samurai sacando sua espada. Atrás dela há ventarolas espalhadas pela parede e pelo chão, como a explosão dos fogos de artifício de Whistler. É uma verdadeira performance para o artista, semelhante àquela descrita por Proust em *No caminho de Swann*, da *demi-mondaine* Odette recebendo Swann, vestida em seu quimono em sua sala de almofadas de seda japonesas, biombos e lanternas, impregnada do aroma forte dos crisântemos, como um *japonisme* olfativo.

A propriedade parecia deslocada. Esses objetos pareciam induzir uma insaciabilidade, possuir seus donos, exigir de você. Os próprios colecionadores falam da embriaguez da busca e da compra, um processo capaz de levar à mania: “De todas as paixões, todas sem exceção, a paixão pelos bibelôs é talvez a mais terrível e invencível. O sujeito obstinado por uma antiguidade é um sujeito perdido. O bibelô não é mera paixão, é uma mania”, alegava o jovem escritor Guy de Maupassant.

Uma assombrosa autodescrição disso aparece em um estranho livro escrito pelo desafeto de Charles, Edmond de Goncourt. Em *La Maison d'un artiste*, Goncourt descreve cada cômodo de sua própria casa em Paris em meticulosos detalhes — as *boiseries*, os quadros, os livros, os objetos — em uma tentativa de evocar cada objeto e quadro e sua posição como uma homenagem ao irmão morto, com quem ele havia morado. Em dois volumes, cada um com mais de trezentas páginas, Goncourt constrói uma autobiografia e um diário de viagem, além de um exaustivo inventário de uma casa através de seus objetos. A casa é saturada de arte japonesa. Há brocados e *kakemonos* (pergaminhos emoldurados) já no vestibulo. Até o jardim passou por uma cuidadosa curadoria na seleção de árvores e arbustos chineses e japoneses.

Em um momento digno de Borges, a coleção chega a incorporar um conjunto de arte chinesa reunido por um aficionado “*bibeloteur exotique*” japonês do século XVII. Há todo um jogo na exibição feita por Goncourt dos quadros, biombos, pergaminhos abertos à mostra e os objetos das vitrines.

Imagino Goncourt, olhos escuros, uma indomável echarpe de seda branca com um

nó sob o queixo, fazendo uma pausa posada junto a sua vitrine de madeira de pereira. Ele segura um de seus netsuquês e começa a contar uma história sobre a busca obsessiva pela perfeição que está por trás de cada objeto daqueles:

Uma classe inteira de exímios artistas, excepcionais — em geral especializados — são os responsáveis pela (...) fabricação e dedicam-se exclusivamente à reprodução de um objeto ou criatura. Assim, ficamos sabendo de um artista cuja família vem há três gerações esculpindo ratos no Japão, nada além de ratos. Além desses artistas profissionais, em meio aos dotes manuais da ralé, há ainda escultores amadores de netsuquês, que se entretêm esculpindo para si mesmos pequenas obras-primas. Um dia, o Sr. Philippe Sichel se aproximou de um japonês sentado à soleira de casa, trabalhando em um netsuquê que estava nos últimos estágios de acabamento. O Sr. Sichel perguntou se ele gostaria de vendê-lo (...) depois de terminado. O japonês começou a rir, e acabou contando que isso levaria aproximadamente mais uns 18 meses; então mostrou a ele outro netsuquê que levava preso ao cinto, e informou que aquele havia levado vários anos de trabalho para ser feito. E conforme a conversa avançou, o artista amador confessou ao Sr. Sichel que ele “não trabalhava nunca em longos estírios de muitas horas (...) que ele precisava estar no clima (...) que era só em determinados dias (...) dias em que ele havia fumado um ou dois cachimbos, quando já se sentia alegre e revigorado”, basicamente lhe fazendo saber que, para aquele trabalho, ele precisava de horas de inspiração.

Esses bibelôs de marfim ou laca ou madreperla parecem, todos eles, expressar o fato de que os trabalhadores japoneses tinham a imaginação de “*bijoux-joujoux lilliputien*”, encantadores fazedores de bugigangas liliputianos. Que os japoneses são pequenos, e fazem coisas pequenas, era um lugar-comum em Paris. Essa ideia de miniatura era muitas vezes considerada o motivo por que a arte japonesa parecia carecer de ambição. Eram brilhantes na laboriosa criação da sensação fugaz, mas falhavam quando se tratava de sentimentos mais grandiosos de tragédia ou temor. Eis por que não tinham um Partenon, um Rembrandt.

Eram capazes de fazer o cotidiano. E a emoção. Foram essas emoções que encantaram Kipling quando ele viu pela primeira vez um netsuquê no Japão, em suas viagens de 1889. Ele escreve em uma carta enviada do país:

uma loja repleta de relíquias do Japão antigo (...). O professor percorre os gabinetes de ouro velho e marfim guarnecido de jade, lápis-lazúli, ágata, madreperla e cornalinas, mas para mim mais desejáveis que qualquer maravilha de cinco pedras são os botões e netsuquês depositados sobre a lã de algodão, que se podem pegar na mão e com que se pode brincar. Infelizmente, um mero risco de ideograma japonês é a única pista do nome do artista, de modo que me vejo incapaz de dizer quem concebeu, e em marfim creme executou, o velho horrivelmente constrangido por uma siba; o sacerdote que fez o

soldado lhe caçar um veado e riu ao pensar que a carne do peito ficaria consigo e a parte dura para o companheiro; ou a serpente seca, esguia, enrolada com escárnio sobre um crânio sem mandíbula mosqueado de sinais da decadência; ou o texugo rabelaisiano que fica de ponta-cabeça e nos faz corar embora não tenha dois centímetros de estatura; ou o garotinho rechonchudo batendo no irmão menor; ou o coelho que acaba de fazer uma graça; ou — e havia toda uma escala de notas, suscitadas por diversos humores, júbilo, escárnio e experiências que balançam o coração dos homens; e por esta mão que segurou meia dúzia deles em sua palma fiquei pasmo à sombra do falecido entalhador! Ele partira para o descanso eterno, mas lavrara em mármore três ou quatro impressões que eu vinha buscando em letras impressas.

E os japoneses entendiam de erotismo. Era algo procurado com bastante paixão: Goncourt fala de suas compras “libertinas” na loja de Sichel. *Shunga* — gravuras de posições sexuais acrobáticas ou encontros bizarros de cortesãs e criaturas fantásticas — era algo cobiçadíssimo por Degas e Manet. Itlvos eram os prediletos, pois sua sinuosidade oferecia muitas possibilidades inventivas. Goncourt lembra que acabou de “comprar um álbum de obscenidades japonesas (...) Elas me divertem, encantam meus olhos (...) A violência das linhas, as conjunções inesperadas, a disposição dos acessórios, o capricho das posições e das roupas, o (...) pitoresco das genitálias”. Netsuquês eróticos também eram muito populares entre os colecionadores parisienses. Os temas costumavam incluir inúmeros polvos enlaçados a garotas nuas, macacos portando grandes cogumelos fálcos e caquis maduros abertos.

Esses *objets* eróticos complementavam outros objetos ocidentais do prazer masculino: os bronzes, pequenos e perfeitos nus para as mãos, que os connoisseurs mantinham no escritório para discussões eruditas sobre a qualidade do modelo e da pátina. Ou coleções de pequenas caixas esmaltadas que, quando abertas, mostravam faunos priápicos ou ninfas assustadiças, pequenas encenações de disfarces e revelações. Essas coisinhas para manusear e mudar de lugar — levemente, divertidamente, ajuizadamente — eram guardadas em vitrines.

A oportunidade de se encontrar um objeto pequeno e chocante era boa demais para se deixar passar na Paris da década de 1870. As vitrines haviam se tornado essenciais para as intermitências astutas e dadas ao flerte da vida dos salões.

6. UMA RAPOSA COM OLHOS INCRUSTADOS, EM MADEIRA

E então Charles compra os netsuquês. São 264.

Uma raposa com olhos incrustados, em madeira
Uma serpente enrolada em uma folha de lótus, em marfim
Uma lebre de madeira com a lua
Um guerreiro de pé
Um servo dormindo
Crianças brincando com máscaras, em marfim
Crianças brincando com cachorrinhos
Crianças brincando com um elmo de samurai
Dúzias de ratos de marfim
Macacos, tigres, um cervo, enguias e um cavalo galopando
Sacerdotes, atores, samurais, artesãos e uma mulher banhando-se na tina de madeira
Um maço de velas amarrado por um cordão
Uma nêspora
Uma vespa no vespeiro, o vespeiro em um galho quebrado
Três sapos em uma folha
Um macaco com seu filhote
Um casal fazendo amor
Um cervo coçando a orelha com a pata de trás
Um ator Nô com um traje densamente bordado segurando uma máscara diante do rosto
Um polvo
Uma mulher nua e um polvo
Uma mulher nua
Três castanhas doces
Um sacerdote a cavalo
Um caqui

E mais de duzentos outros, uma imensa coleção de coisas muito pequenas.

Charles comprou-os, não peça por peça como suas lacas, mas como uma coleção completa e espetacular, na loja de Sichel.

Teriam simplesmente chegado, cada um envolto em seu quadrado de seda dobrado, e depois colocados em meio às aparas de madeira, depois de despachados em caixas de Yokohama em alguma daquelas encomendas que levavam quatro meses, passando pela

Cidade do Cabo? Sichel teria colocado a coleção em um armário para tentar sua rica freguesia, ou Charles os teria desembrolhado um por um, encontrando meu tigre favorito virando surpreso atrás de um ramo de bambu, esculpido em mármore no final do século XVIII em Osaka; e os ratos olhando para cima interessados nos restos de peixe seco?

Apaixonara-se pela impressionante lebre clara com olhos de âmbar e comprara o restante para acompanhá-la?

Encomendara de Sichel? Teriam sido reunidos ao longo de um ou dois anos daquela gente recém-empobrecida por algum astuto negociante em Kyoto, e depois vendidos? Olho com atenção. Há pouquíssimos deles feitos para o mercado ocidental, esculpidos às pressas dez anos antes. Um gordinho, sorrindo de forma afetada com sua máscara, é definitivamente um desses. É malfeito, vulgar. A grande maioria são netsuquês esculpidos antes da chegada do comodoro Perry, cerca de uns cem anos antes. São figuras humanas, animais, eróticas e seres míticos: abarcam a maioria dos temas que se podem esperar de uma coleção abrangente. Alguns são assinados por famosos entalhadores. Alguém dotado de conhecimentos formou esse conjunto.

Estaria ele por acaso ali na loja de Sichel com Louise, em meio àquela avalanche de sedas, pastas de gravuras, biombos e porcelanas, antes que outros colecionadores localizassem o tesouro? Ela se virara para ele ou ele se virara para ela?

Ou Louise estaria em outro lugar? E aquilo havia sido pensado como uma surpresa para ela quando ela fosse novamente aos aposentos dele?

Quanto teriam custado àquele rapaz, àquele caprichoso e charmoso colecionador? Seu pai, Leon, havia acabado de morrer do coração, com apenas 45 anos, e fora enterrado ao lado de Betty no jazigo da família, em Montmartre. Mas a Ephrussi et Cie. ia muito bem, na verdade. Jules havia comprado recentemente o terreno no lago Lucerna para seu chalé de férias. Seus tios estavam adquirindo châteaux e promovendo corridas de cavalos em Longchamps com as cores dos Ephrussi, bolinhas azuis e amarelas. Os netsuquês devem ter saído caro de fato, mas Charles poderia decidir se permitir essa extravagância conforme sua fortuna crescia ano após ano com a fortuna da família.

Há coisas que não terei como saber. Mas sei que Charles comprou uma vitrine preta para guardá-los, madeira polida como uma laca. Era mais alta do que ele, pouco mais de um metro e oitenta. Dava para ver através da porta de vidro da frente e dos vidros dos lados. Um espelho nos fundos projetava os netsuquês em coleções infinitas. E eram todos colocados sobre veludo verde. Há muitas variações sutis de cores nos netsuquês, todas as cores do marfim, do chifre e da madeira: creme, cera, castanho, dourado sobre denso campo verde-escuro.

Eles estão à minha frente agora, a coleção dentro de uma coleção de Charles.

Charles coloca os netsuquês sobre veludo verde em sua vitrine escura com espelho ao fundo, sua primeira morada nesta história. Estão ao lado das caixas de laca, perto das grandiosas tapeçarias que ele trouxera da Itália, perto do tapete dourado.

Pergunto-me se ele teria resistido a sair na sacada e virar à esquerda para contar a seu irmão Ignace sobre a nova aquisição.

Os netsuquês não podiam ficar soltos pelo salão ou pelo estúdio sem proteção. Eles se perdem e caem, acumulam poeira, lascam. Precisam de um lugar de descanso, de preferência na companhia de outros bibelôs. É aqui que entra em cena a vitrine. E nesta jornada em direção aos netsuquês me intrigarão cada vez mais as vitrines, os mostruários de vidro.

Encontro-as novamente no salão de Louise. Havia visto outras em mansões conservadas da Belle Époque, havia lido sobre elas nas críticas à exposição de Charles na *Gazette* e nas descrições de inventários dos Rothschild. E agora que Charles tem uma, percebo que fazem parte da performance da vida dos salões, não apenas da mobília. Um amigo colecionador de Charles é descrito, no ato de colocar objetos japoneses em uma vitrine, “como um pintor aplicando uma pincelada em sua tela. A harmonia se completa e o refinamento é perfeito...”.

As vitrines existem para que você possa ver os objetos, mas não tocá-los: elas enquadram coisas, suspendem coisas, tantalizam através da distância.

Eis que me dou conta de que não entendia nada sobre as vitrines. Passei os primeiros vinte anos da minha vida como ceramista, tentando devotadamente tirar objetos de dentro das caixas de vidro onde minhas peças eram muitas vezes colocadas em galerias e museus. Elas morreriam, eu dizia, atrás desse vidro, presas naquele vácuo. As vitrines eram uma espécie de caixa: os objetos deveriam estar fora dali e correr riscos longe da proteção do exibidor formal, precisavam ser libertados. “Fora do armário, cozinha adentro!”, escrevi em uma espécie de manifesto. Havia muita coisa na frente. Havia *trop de verre*, vidro demais, como comentou um grande arquiteto sobre a casa de vidro de um rival modernista.

Mas a vitrine — ao contrário do expositor do museu — é para ser aberta. E a porta de vidro e o momento de ver, depois escolher, e então colocar a mão lá dentro e pegar é um momento de sedução, um encontro entre uma mão e um objeto que é algo elétrico.

Cernuschi, amigo de Charles, tinha uma grande coleção de arte japonesa na mesma rua perto do portão do parc Monceau, exposta em radicais paredes brancas. Fazia os objetos japoneses “parecerem infelizes”, como se estivessem no Louvre, observou um crítico. Expor arte japonesa como Arte tornava-a problemática, séria demais. Mas o salão de Charles ladeira acima, um local de encontro entre velhas coisas italianas e coisas novas japonesas, não é um museu.

A vitrine de Charles é um limiar.

E esses netsuquês são perfeitos para a vida do salão de Charles. A dourada Louise abrindo sua vitrine de objetos japoneses, pescando, tirando-os para serem vistos e manuseados, para serem acariciados, mostra que os objetos japoneses são feitos para a conversa digressiva, feitos para a distração. Esses netsuquês agregam algo muito peculiar ao modo de vida de Charles, creio. São as primeiras coisas que possuem qualquer

conexão com a vida cotidiana, ainda que uma vida cotidiana exótica. São maravilhosos e altamente sensuais, é claro, mas não são principescos como seu leito de Médici ou suas lacas de Maria Antonieta. Prestam-se ao tato.

Acima de tudo, eles fazem você dar risada em diversos sentidos. São sagazes, irreverentes e maliciosamente cômicos. E agora que eu enfim levei os netsuquês pela escada em caracol e me instalei no salão de Charles no hotel cor de mel, descobro que estou aliviado porque este homem de quem todo mundo gostava tanto tinha bastante senso de humor para desfrutar deles. Não tenho que simplesmente admirá-lo. Também posso gostar dele.

7. A POLTRONA AMARELA

Os netsuquês — meu tigre, minha lebre, meu caqui — estão acomodados no estúdio de Charles, onde ele finalmente terminava seu livro sobre Dürer. É um quarto que se acende na carta ofegante que o jovem poeta Jules Laforgue escreve a Charles:

Cada linha de seu belo livro evoca tantas memórias... Especialmente as horas passadas trabalhando sozinho em sua sala, onde o tom de uma poltrona amarela explode! E os impressionistas! Duas ventarolas de Pissarro, solidamente construídas de meticulosas pinceladas mínimas. Os Sisley, o Sena e os cabos telegráficos e o céu na primavera. Banhistas perto de Paris, com aqueles desocupados no ancoradouro. E as macieiras em flor de Monet colina acima. E a pequena e desgrenhada selvagem de Renoir e os arbustos profundos e frescos de Berthe Morisot, uma mulher sentada com uma criança, um cachorro preto, uma rede de apanhar borboletas. E outro Morisot, uma empregada em seus afazeres — azul, verde, rosa, branco, com manchas de sol. E os outros Renoir, a parisiense de lábios rubros de blusa azul. E aquela mulher descuidada, com um regalo e uma rosa de laca na lapela... E a dançarina de ombros nus de Mary Cassatt em amarelo, verde, loiro, ferrugem na poltrona vermelha. E as nervosas bailarinas de Degas, Duranty por Degas — e, é claro, o *Polichinelo* de Manet com o poema de Banville! (...) Ah! Horas ternas que passei aí, deixando-me perder no catálogo de Albert Dürer, sonhando (...) em sua sala iluminada onde explode o tom da poltrona amarela, amarela, tão amarela!

Albert Dürer et ses dessins é o primeiro livro propriamente dito de Charles, um livro que o levava em “vadiagens” por toda a Europa. Laforgue, aos 21 anos e novato em Paris, havia sido recomendado como secretário para conferir as listas, emendas, notas de dez anos de estudo em apêndices, tabelas e índices para a publicação. Para Laforgue, Charles em seu robe chinês era um patrão inebriante em um cenário inebriante.

Também estou bastante entusiasmado, porque não fazia ideia de que Laforgue havia trabalhado para ele, até deparar com uma nota em um livro sobre Manet. Laforgue é um maravilhoso poeta de cidades, bancos de parques molhados, cabos telegráficos em ruas onde não passa ninguém.

Charles já não é aquele rapaz apressado. Ele se tornara o “dândi beneditino da rue Monceau”, um erudito de fraque, mas ainda *flâneur*, com a cartola inclinada em determinado ângulo; alguém com a bengala embaixo do braço e um senso de correção e *amour propre*. Alguém com um criado para garantir que sua cartola estivesse sempre escovada. Alguém, tenho certeza, que jamais levaria nada nos bolsos do paletó para não comprometer o caimento do tecido. Aqui nós o vemos aos trinta, com sua amante e em seu novo papel de recém-empossado editor da *Gazette*, e vemos que ele amadureceu. É um historiador da arte *mondain* e com secretário. E um colecionador não só de

netsuquês, mas de quadros.

E está tão vivo em sua sala! Essas cores — o preto do fraque, e o preto da cartola, e o matiz levemente arruivado de sua barba — contra a torrente de pinturas fantásticas, acesas pela feroz claridade do tom da poltrona amarela! Um estúdio, pode-se pensar, de um homem que não só precisa de cor, como constrói sua vida em torno dela. Um homem que traja o perfeito negro rabínico na rue de Monceau, e que leva essa outra vida atrás da porta de seu estúdio.

Que tipo de estudo se poderia fazer em uma sala assim?

Jules Laforgue começou a trabalhar para Charles em 14 de julho de 1881. Trabalhou o verão inteiro no estúdio, ficando até o meio da noite. Ele era, reparo com alguma crueldade, muito mal pago por seu mecenas judeu. É através dos olhos dele que vemos Charles completando seu livro: “pedra sobre pedra você lenta e solidamente erigiu a pirâmide que sustenta seu monumento lindamente barbado”. Em um fragmento de sua marginália, Laforgue rascunha um retrato dos dois juntos. Laforgue, minúsculo com o cabelo bufante, anda na frente, de mãos na cintura, soprando baforadas de fumaça, enquanto o atraente, ereto e alto, o monumental Charles de perfil assírio caminha atrás. Encorpara esplendidamente.



O "dândi beneditino da rue Monceau": autorretrato com Charles, por Jules Laforgue, 1881

Laforgue o adora e o provoca. Está ansioso para se mostrar capaz nesse primeiro

trabalho. “E agora, oh dândi erudito da rue Monceau, o que você quer? Sempre leio os sumários da *Gazette* e da *Art*. O que você está tramando entre a *Grenouillère* de Monet, o *Constantin Guys* de Manet e as... estranhas arqueologias de Moreau — diga-me.”

Laforgue manda lembranças à “nossa” sala, despede-se com “minhas estimas ao Monet — você sabe qual”. Seu verão com Charles foi um encontro com o Impressionismo, um encontro que o desafiaria a encontrar um novo tipo de linguagem poética. Ele experimenta uma espécie de poema em prosa, que ele chama de “Guitare”, e o dedica a Charles. Mas certamente essas descrições do estúdio de Charles já são em si poemas em prosa: há mesclas de marcas exatas de cor — “*la tache colorée*” —: a poltrona amarela, os lábios rubros e a blusa azul da menina de Renoir. As cartas, tumultuadas de sensações, cheias de ideias, são próximas da descrição que Laforgue faz do estilo dos impressionistas como aquele em que o espectador e o espetáculo estão unidos: “*irremédiatement mouvants, insaisissables et insaisissants*”.

Charles era muito ligado a Laforgue. Após o longo verão em Paris ele conseguiu para o jovem poeta um emprego em Berlim como leitor de francês para a imperatriz — Charles tinha por acaso um impressionante alcance social — e escrevia para ele, enviava-lhe dinheiro, aconselhava-o, criticava suas resenhas e por fim ajudou Laforgue a ser publicado. Charles guardara mais de trinta cartas de Laforgue dessa época, publicando-as no jornal *La Revue blanche* depois da morte do poeta, ainda muito jovem, de tuberculose.

Nessas cartas *sente-se* a sala. Eu queria estar aqui com os netsuquês, me preocupava porque jamais conseguiria ir além de um inventário especializado do grandioso mobiliário do apartamento de Charles. Ficava preocupado com o modo como eu construiria uma vida inteiramente a partir de objetos. A sala transborda, como os escritos de Laforgue, de conjunções e disjunções inesperadas. Pôssou ouvir as digressivas conversas noturnas dos dois e estou por fim aqui dentro.

Tudo neste salão é altamente emocional. É difícil não se sentir vivo em um lugar saturado de imagens de liberdade e lassidão, dias de folga no interior, mulheres jovens, uma menina cigana, banhista no Sena, um desocupado em uma viela sem ter aonde ir, um belo fauno enquadrado entre brocados e todos aqueles curiosos, divertidos e táteis netsuquês.

8. OS ASPARGOS DE MONSIEUR ELSTIR

Estou na biblioteca outra vez, hesitante. O autorretrato de Dürer — crístico, cabelos e barbas longos — me encara de volta quando abro o livro de Charles, *Albert Dürer et ses dessins*. Há um desafio nesse olhar fixo. Passei muito tempo pensando em como esse cuidadoso e delicado novelo de pensamentos, e todas essas tabelas e listas corretamente editadas, pode ser escrito em um estúdio com a brisa de verão de Monet soprando ali o dia inteiro na parede.

Quando leio sobre o entusiasmo de Charles ao descrever sua pesquisa dos desenhos perdidos de Dürer, posso ouvir o tom de sua voz: “Localizamos os desenhos de nosso mestre onde quer que suspeitássemos que pudessem estar escondidos: museus de capitais e pequenas cidades fora do país, de Paris e das províncias, coleções famosas e outras pequenas coleções particulares e desconhecidas, *cabinets* de diletantes e de pessoas severas, inspecionamos e vasculhamos, examinando tudo.” Charles podia ser um *flâneur*, podia passar seu tempo pelos salões, ser visto nas corridas e na Opéra, mas essa “vadiagem” era feita com genuína intensidade.

Vadiar é expressão sua. Soa recreativa em vez de diligente ou profissional. Como um judeu *mondain* extremamente rico, teria sido contrário ao bom-tom social ser visto trabalhando. Ele era um “*amateur de l’art*”, um amante das artes, e a expressão é ciosamente autodepreciativa. Mas capta o prazer de pesquisar de forma correta, o modo como você perde a noção do tempo quando está pesquisando, levado por caprichos tanto quanto pela própria intenção. É o que me faz pensar na inspeção que estou fazendo na vida *dele* ao retrazar os passos dos netsuquês, reparando nas anotações feitas por outros nas margens. Vadiando pelas bibliotecas, apuro aonde ele foi e o porquê. Sigo pistas de quem ele conheceu, sobre quem escreveu, quais quadros comprou. Em Paris, saio e fico do lado de fora de seu antigo escritório na rue Favart sob a chuva de verão como um lamentável detetive da história da arte esperando ver quem sai.

Descubro que conforme se passam os meses estranhamente me torno mais sensível às qualidades de papel.

E descubro que me apaixonei por Charles. Ele é um erudito apaixonado. Bem-vestido e bom historiador da arte e tenaz em sua pesquisa. Que grande e improvável trindade de atributos para se ter!, penso, ambiciosamente.

Charles tinha um motivo muito particular para fazer o trabalho de pesquisa. Ele acreditava que “todos os desenhos de Dürer, mesmo o mais mínimo esboço, mereciam ser especialmente mencionados, que nada atribuído à mão de nosso mestre deveria ser omitido...”. Charles sabe que o que importa é a intimidade. A partir de um desenho podemos “captar o pensamento do artista em todo o seu frescor, no exato momento de sua manifestação, com talvez mais verdade e sinceridade do que nas obras que requerem árduas horas de trabalho, com a desafiadora paciência do gênio”.

Éis um maravilhoso manifesto a favor do desenho. Celebra o momento da apreensão

e o momento fugaz da reação — uns poucos traços de tinta ou alguns rabiscos da pena. É também uma reivindicação belamente formulada de um diálogo entre um certo tipo de antigo com o muito novo na arte. Charles pretendia com esse livro “tornar conhecido na França o maior artista alemão”, o primeiro artista por quem ele se apaixonou durante a infância em Viena. Mas também deu a Charles uma plataforma emocional e intelectual a partir da qual pudesse argumentar que épocas diferentes se informavam mutuamente, que um esboço de Dürer podia dialogar com um esboço de Degas. Ele sabia que isso podia funcionar.

Charles foi se tornando um defensor, na imprensa, dos artistas vivos que ia conhecendo. Era um crítico tanto em seu nome quanto sob pseudônimos, defendendo os méritos de determinadas pinturas, lutando pela causa da *Pequena bailarina* de Degas, “em suas roupas de trabalho, cansada e desmazelada...”. Agora, como editor da *Gazette*, começava a encomendar resenhas das exposições dos pintores que ele admirava. E, passional e *partisan*, também começara a comprar quadros para a sala da poltrona amarela.

Os primeiros quadros de Charles foram de Berthe Morisot. Ele adorava o trabalho dela: “Ela esfrega pétalas de flor em sua paleta, para espalhá-las depois na tela com toques aéreos, astutos, realizados um tanto aleatoriamente. Esses toques se harmonizam, mesclam-se, e acabam por produzir algo vital, belo e encantador que você nem tanto vê como intui (...) mais um passo e será impossível distinguir ou entender qualquer coisa!”

Em três anos ele reúne uma coleção de quarenta obras impressionistas — e compra vinte outras para seus primos Bernstein de Berlim. Compra pinturas e pastéis de Morisot, Cassatt, Degas, Manet, Monet, Sisley, Pissarro e Renoir: Charles criou uma das primeiras grandes coleções de arte impressionista. Todas as paredes de seus aposentos deviam ser cobertas desses quadros, deviam ser pendurados uns sobre os outros, formando camadas triplas. Esqueça o pastel de Degas reluzindo solitário na parede de uma das galerias do Metropolitan, distante um metro e meio de cada quadro ao lado, sem nada acima ou abaixo. Nessa sala, esse pastel (*Dois mulheres na loja de miudezas*, 1880) haveria de ficar obscurecido pelo Donatello, encostado a uma pilha de outras pinturas brilhantes, roçando a vitrine dos netsuquês.

Charles estava na vanguarda. Precisava de audácia. Os impressionistas tinham seus patrocinadores entusiastas, mas ainda eram atacados na imprensa e pela Academia como charlatães. Defendê-los era algo relevante; ele tinha a gravidade de um crítico e editor proeminente. Tinha também a direta utilidade de um patrono para pintores que lutavam para se manter: era na “mansão de um americano ou de um jovem banqueiro israelita” que se encontravam essas pinturas, escreveu Philippe Burty. E Charles agia como um *mahout*, um guia, para outros amigos ricos, convencendo Mme. Straus, anfitriã de um salão ferozmente estético, a comprar uma *Ninfeia* de Monet.

Mas ele era muito mais do que isso. Era um verdadeiro interlocutor, alguém que visitava regularmente os ateliês para ver os trabalhos em andamento, para comprar uma pintura ainda no cavalete, “um irmão mais velho para jovens artistas”, como escreveu um

crítico. Ele e Renoir conversavam longamente sobre quais pinturas podiam ser melhores para mandar para o Salão, Whistler pedia-lhe para apontar defeitos em uma de suas pinturas. “Foi graças a ele”, escreveu Proust em um esboço posterior de Charles como “*un amateur de peinture*”, “que muitas pinturas, que haviam sido deixadas pela metade, foram enfim terminadas”.

Ele era um amigo dos artistas. “Já é quinta-feira”, escreve Manet a Charles, “e ainda não tive notícias tuas. Evidentemente deves estar absorto pela espirituosidade de tua anfitriã (...) Vamos, toma tua melhor pena e escreve-me logo”.

Charles comprara de Manet uma pintura representando aspargos, uma de suas pequenas e extraordinárias naturezas-mortas, em que um limão ou rosa tremeluz no escuro. Era um maço de vinte talos de aspargos atado por uma fita. Manet queria oitocentos francos, uma soma substantiva, e Charles, eletrizado, mandou logo mil. Uma semana depois, Charles recebe uma outra tela, pequena, assinada com um simples M. Era um único talo de aspargo deitado em uma mesa, com um bilhete: “Este parece ter escapado do maço.”

Proust, que conhecia bem as pinturas de Charles das visitas a seu apartamento, reconta a história confirmando tudo. Em seus romances há um pintor impressionista, Elstir, inspirado parte em Whistler, parte em Renoir. O duque de Guermantes esbraveja que “não havia nada mais no quadro. Um maço de aspargos exatamente como esse que você está comendo. Mas devo dizer que eu me recusaria a engolir o aspargo de monsieur Elstir. Ele pediu trezentos francos por um maço de aspargos. Um Luís, eis quanto valiam, mesmo fora de época. Achei um tanto duro”.

Muitos quadros nas paredes do escritório onde Charles trabalhava eram de seus amigos. Havia um pastel de Degas retratando Edmond Duranty, captado em uma descrição do jovem escritor J.K. Huysmans: “Eis monsieur Duranty, entre suas gravuras e seus livros, sentado à escrivaninha. E seus dedos tamborilantes, seus olhos zombeteiros e sagazes, sua expressão agudamente inquisitiva, seu sorriso irônico de humorista inglês...” Havia uma tela de Constantin Guys, o “pintor da vida moderna”, assim como um retrato dele feito por Manet, bastante despenteado e hirsuto, ligeiramente iracundo. De Degas, Charles comprara o retrato duplo do general Mellinet e do rabino Astruc, no qual as cabeças desses dois homens respeitáveis — amigos depois das experiências compartilhadas na guerra de 1870 — são vistas em meio perfil lado a lado.



Edouard Manet, Une botte d'asperges, 1880

Depois vinham os quadros de Charles sobre a vida em Paris: uma cena de Degas do início das corridas em Longchamp, onde ele iria assistir às famosas corridas promovidas por seu tio Maurice Ephrussi. “Corridas — Ephrussi — 1.000 [francos]”, escreve Degas em seu diário. E imagens do *demi-monde*, dançarinas e uma cena na modista, com as nuças de duas moças recostadas em um sofá (dois mil francos), e uma mulher solitária em um café com um copo de absinto.

A maioria dos quadros de Charles retratava o campo, as nuvens se movendo depressa e o vento nas árvores que falavam de seu sentimento pelo momento evanescente. Havia cinco paisagens de Sisley e três de Pissarro. De Monet ele comprou, por quatrocentos francos, uma vista de Vétheuil com nuvens brancas opacas sobre um campo de salgueiros, e um quadro de macieiras, *Pommiers*, pintado na mesma aldeia. Comprara também uma cena de manhã invernal junto ao Sena, *Les Glaçons*, com o gelo a romper-se, uma pintura lindamente descrita por Proust em seu romance de juventude *Jean Santeuil* como “um dia de degelo (...) o sol, o azul do céu, o gelo partido, a lama, e a água a se mover tornando o rio um espelho deslumbrante”.

Mesmo o retrato da “pequena e desganhada selvagem” de quem Laforgue pedia para

mandar suas lembranças capta o sentimento de impermanência, da mudança iminente. *La Bohémienne*, a cigana ruiva de cabelos desgrenhados, está com trajes interioranos em meio à relva e às árvores sob um sol causticante. Ela claramente faz parte da paisagem, prestes a sair correndo e continuar correndo.

Eram todas pinturas, escreveu Charles, capazes de “apresentar o ser vivo, em gesto e atitude, movendo-se em fugitivas e semoventes atmosfera e luz; captar de passagem a perpétua mobilidade da cor do ar, ignorando deliberadamente sombras individuais em nome de alcançar uma unidade luminosa cujos elementos separados se misturem em um todo indivisível e cheguem à harmonia geral mesmo que por meio de elementos discordantes”.

Ele também comprou uma pintura espetacular de Monet sobre banhistas, *Les Bains de la Grenouillère*.

De volta a Londres, a caminho da biblioteca, entro na National Gallery para ver esse quadro e volto a imaginá-lo próximo à poltrona amarela e aos netsuquês. Mostra um lugar popular do Sena no meio do verão. Pessoas em trajes de banho caminham pelas pranchas estreitas até a água manchada de sol, enquanto não banhistas com suas roupas caminham até a margem, uma única mancha de vermelhão na bainha de um vestido. Barcos a remo — os “barcos gloriosamente imaginados” de Laforgue — embaralham-se ao fundo, um dossel de árvores pende sobre a cena. A água forma ondulações, mesclando-se às cabeças pululantes dos banhistas, “a perpétua mobilidade da cor do ar”. Está quente apenas o bastante para se entrar na água, você pensa, e quase frio demais para sair. Você se sente vivo ao olhar para isso.

Essa conjunção de objetos japoneses e cintilantes pinturas do novo estilo parece correta: embora o japonismo pudesse ser uma “espécie de religião” para os Ephrussi, foi no círculo de amigos artistas de Charles que essa nova arte exerceu efeito mais profundo. Manet, Renoir e Degas eram, como ele, ávidos colecionadores de estampas japonesas. A estrutura dos quadros japoneses parecia esboçar o sentido do mundo de modo diferente. Cada retalho inconsequente da realidade — um mendigo coçando a cabeça, uma mulher com uma criança chorando, um cachorro mancando para a esquerda — tinha tanto significado quanto uma grande montanha no horizonte. Como nos netsuquês, a vida cotidiana seguia em frente sem ensaios. Essa conjunção quase violenta de narração de uma história com uma claridade gráfica, caligráfica, foi catalítica.

Os impressionistas aprenderam como recortar a vida em vislumbres e interjeições. Mais do que paisagens formais, tinha-se um fio de trapézio dividindo um quadro, as nucas das mulheres na modista, as colunas da Bolsa de Valores. Edmond Duranty, cujo retrato em pastel de Degas ficava na parede do estúdio de Charles, viu isso acontecer. “A pessoa (...) nunca está no centro da tela, no centro da cena. Nem sempre é vista por inteiro: às vezes aparece cortada no meio da perna, a meia altura, ou longitudinalmente.” Quando se vê o estranho retrato que Degas fez do *Visconde Lepic e filha: Place de la Concorde*, hoje no Hermitage de São Petersburgo — três pessoas e um cachorro deslocando-se por um estranho vazio através da tela —, a influência da perspectiva

achatada das estampas japonesas parece palpável.

Como os temas repetidos nos netsuquês. As gravuras japonesas também oferecem a possibilidade das séries — 47 vistas de uma famosa montanha sugerem um modo de voltar de maneiras diferentes e de reinterpretar elementos pictóricos formais. Palheiros, curvas de rio, choupos, a Catedral de Rouen e sua face rochosa — tudo compartilha desse retorno poético. Whistler, o mestre das “variações” e dos “caprichos”, explicou que “em qualquer tela as cores devem, por assim dizer, estar bordadas à superfície; isto é, a mesma cor deve reaparecer de quando em quando, como um único fio de bordado”. Zola, um dos primeiros defensores da causa, escreveu sobre as pinturas de Manet dizendo que “essa arte de simplificação deve estar associada à das estampas japonesas; lembram aquelas gravuras por sua estranha elegância e magníficas manchas de cor”. A simplificação parecia estar no coração desta nova estética, mas apenas se combinada ao “manchadismo”, a uma abstração da cor ou à sua repetição.

Às vezes bastava pintar a vida parisiense debaixo de chuva. Uma flotilha de guarda-chuvas de manchas cinzentas tomando o lugar das sombrinhas transformava Paris numa espécie de Edo.

Quando Charles escreve — com beleza e precisão — sobre seus amigos, ele compreende quanto eles são radicais, tanto na técnica como nos temas. Lembra um dos melhores críticos do Impressionismo. O objetivo deles era

tornar as figuras indivisíveis de seu fundo, como se fossem produto dele, de modo que, para apreciar o quadro, o olho devia tomá-lo como um todo, olhando para ele da distância correta — tais são os ideais da nova escola. Eles ainda não aprenderam seu catecismo ótico, desdenham das regras e regulamentos pictóricos, tornando o que se vê da forma como se vê, espontaneamente, bem ou mal, sem concessões, sem comentários, sem verborragia. Em seu horror à platitude, eles buscam novos temas, assombram os corredores dos teatros, cafés, cabarés, até mesmo os piores salões de música; o clarão dos salões de música não preocupa seus membros; que saem de barco, Sena abaixo, pelos subúrbios de Paris

Este seria o cenário da ousadia de Renoir: *O almoço dos remadores*. Mostra uma tarde agradavelmente ostentatória na Maison Fournaise, um restaurante à beira do Sena em um dos lugares então na moda entre os parisienses, aonde eles iam a passeio, geralmente de trem. Barcos de passeio e um esquifê podem ser vistos por entre os salgueiros cinzentos e prateados. Um toldo listrado de vermelho e branco protege o grupo do sol. É logo após o almoço no novo mundo de Renoir, um mundo de pintores, padrinhos, atrizes, onde todo mundo é amigo. Modelos fumam, bebem e conversam em meio a restos de garrafas vazias e comida nas mesas. Aqui não há regras ou regulamentos.

A atriz Ellen Andrée, com um chapéu com uma flor espetada, ergue o copo até a

boca. O barão Raoul Barbier, outrora prefeito da Saigon colonial, chapéu-coco puxado para trás, conversa com a jovem filha do proprietário. O irmão dela, chapéu de palha como um remador profissional, está de pé ao fundo conferindo o almoço. Caillebotte, à vontade de camiseta branca e chapéu de palha, está sentado atravessado na cadeira, olhando para a jovem costureira Aline Charigot, amante de Renoir e sua futura esposa. O artista Paul Lhote está sentado com o braço senhorial enlaçado à atriz Jeanne Samary. É uma matriz de conversas sorridentes e flertes.

E ali está Charles. É o homem bem no fundo, de cartola e paletó preto, virando-se ligeiramente de costas, como se olhasse de soslaio. Dá até para ver a barba castanha arruivada. Ele está conversando com um simpático e malbarbeado Laforgue, vestido como um poeta, de boina de trabalhador e o que poderia ser um paletó de veludo.

Duvido que Charles realmente usasse suas roupas beneditinas, pesadas e escuras, em uma festa de barco em pleno sol de verão, e cartola em vez de chapéu de palha. Essa é uma piada interna entre amigos sobre o uniforme de seu *Mécène*, é Renoir sugerindo que padrinhos e críticos são necessários, em algum ponto do fundo, a um canto, mesmo no dia mais ensolarado e livre.

Proust escreve sobre esse quadro, reparando em “um cavalheiro (...) de gravata em uma festa esportiva do remo na qual estava claramente deslocado, o que provava que para Elstir ele não era apenas um conviva regular, mas um amigo, quem sabe um patrono”.

Charles está claramente deslocado, mas é um conviva, um amigo e um patrono e ali está ele. Charles Ephrussi — ou pelo menos as costas, a nuca de Charles — entra na história da arte.

9. ATÉ EPHRUSSI SE APAIXONOU POR AQUILO

É julho e estou em meu estúdio ao sul de Londres. Fica no final de uma descida entre uma casa de apostas e uma lanchonete caribenha que serve apenas para viagem, imprensado entre oficinas de carros. É uma região barulhenta, mas um espaço bonito, com meus tornos e fornos em uma comprida e arejada oficina, e uma sala ao final de uma escada branca e íngreme para os meus livros. É aqui que exponho algumas das minhas peças terminadas, grupos de cilindros de porcelana por ora dentro de caixas revestidas de chumbo; e é aqui que acumulo minhas pilhas de anotações sobre os primórdios do Impressionismo e continuo a escrever sobre o primeiro colecionador dos meus netsuquês.

É um espaço tranquilo, livros e cerâmicas são bons companheiros. E é para cá que trago clientes que querem encomendar alguma peça minha. É muito estranho ler tanto sobre Charles como mecenas e sua amizade com Renoir e Degas. Não é só o vertiginoso abismo que há entre quem encomenda algo e quem recebe a encomenda para fazê-lo. Ou, de fato, entre ter pinturas e escrever sobre elas. O fato é que já trabalho há bastante tempo fazendo cerâmica para saber que receber uma encomenda é um assunto extremamente delicado. Você se sente grato, é claro, mas gratidão é diferente de sentir-se em dívida. É uma questão interessante para qualquer artista: por quanto tempo você se sente grato depois que alguém compra algum trabalho seu? Devia ser especialmente complexo, dada a juventude do patrono — 31 anos em 1881 — e a idade de alguns dos artistas: Manet estava com 48 quando pintou o maço de aspargos. E penso ao olhar uma imagem do Pissarro que era de Charles — a de choupos na brisa — que devia ser algo especialmente delicado se o seu credo artístico fosse a liberdade de expressão, a espontaneidade e a ausência de concessões.

Renoir precisava de dinheiro, e assim Charles convenceu uma tia a posar para ele; depois ele começou a trabalhar com Louise. Levou um longo verão de delicadas negociações entre os amantes e o pintor; Fanny, escrevendo do Chalet Ephrussi, onde Charles estava hospedado, detalha até onde ele chegou para garantir que desse tudo certo. Deu um bocado de trabalho fazer com que esses dois quadros saíssem. O primeiro é da irmã mais velha de Louise, Irene, de cabelos loiros arruivados, como os da mãe, caindo-lhe sobre os ombros. O segundo, um retrato incrivelmente adocicado das meninas mais novas, Alice e Elisabeth.* As duas meninas têm o cabelo da mãe. Elas estão diante de uma cortina cor de vinho escura, aberta para revelar um salão ao fundo, de mãos dadas, como que para ganharem confiança — um confeito rosa e azul de drapeados e fitas. Ambos os quadros foram expostos no Salão de 1881. Não tenho certeza se Louise gostou muito. Depois de todo aquele trabalho, ela demorou exageradamente para pagar modestos 1.500 francos. Vejo-me constrangido de modo parecido quando encontro um bilhete contrariado de Degas lembrando a Charles do pagamento.

Todas essas encomendas a Renoir fizeram com que alguns pintores amigos de

Charles ficassem desconfiados. Degas foi especialmente severo: “Monsieur Renoir, o senhor não tem integridade. É inaceitável que você pinte por encomenda. Agora o senhor trabalha para financistas, passeia com monsieur Charles Ephrussi, o próximo passo será expor na Mirlitons com monsieur Bouguereau!” Tal aflição só fez aumentar quando Charles começou a comprar quadros de outros artistas; o patrono tinha mudado, parecia sempre em busca de novas sensações. E foi aí que o judaísmo de Charles o tornou suspeito.

Charles havia comprado duas pinturas de Gustave Moreau. Goncourt descreveu essas obras como “aquarelas de um ourives poeta, que pareciam banhadas das cintilações e pátinas dos tesouros das *Mil e uma noites*”. Eram exuberantes, altamente simbólicas, pinturas parnasianas de Salomé, Hércules, Safó, Prometeu. As figuras de Moreau estão seminuas, cobertas apenas por uma gaze caída. Os cenários são clássicos, repletos de ruínas de templos, detalhes precisamente codificados. Era uma longa distância da campina ao vento, das correntezas do rio sob o gelo, ou da costureira debruçada sobre o trabalho.

Huysmans escreveria seu escandaloso romance, *Às avessas*, sobre a sensação de morar com uma pintura de Moreau. Ou, para ser preciso, na atmosfera criada por uma pintura de Moreau. Seu herói, Des Esseintes, era bastante inspirado no decadente conde Robert de Montesquiou, um homem dedicado a alcançar uma existência totalmente estetizada, refinando os detalhes de sua casa de modo a imergir completamente em suas experiências sensoriais. O ápice foi uma tartaruga cujo casco era incrustado de pedras preciosas de modo que sua lenta passagem através da sala desse vida a um padrão de tapete persa. Isso impressionou Oscar Wilde, que observou em francês, em seu diário de Paris, que “um amigo de Ephrussi mandara incrustar esmeraldas em uma tartaruga. Também preciso de esmeraldas, de bibelôs vivos...”. Isso era substancialmente melhor do que abrir a porta de uma vitrine.

Na existência atenuada de Des Esseintes havia um artista que o “impressionava e conduzia em incessantes enlevos prazerosos — Gustave Moreau. Comprara-lhe duas obras-primas, e noite após noite ficava de pé em devaneios diante de uma delas, uma Salomé”: ele está tão envolvido com essas pinturas intensamente carregadas que se torna uno com elas.

E isso é muito parecido com o que Charles sentiu em relação a esses dois grandes quadros. Ele escrevera a Moreau dizendo que seu trabalho tinha “as tonalidades de um sonho ideal” — um sonho ideal como aquele em que ficamos suspensos em um estado de devaneio impalpável e perdemos nossos próprios limites.

E Renoir ficou absolutamente furioso. “Ah, aquele Gustave Moreau, e pensar que ele é levado a sério, um pintor que nunca conseguiu pintar um pé (...) ele sabia uma ou duas coisas. Foi esperto da parte dele receber os judeus, ter pensado em pintar com cores douradas (...) Até Ephrussi, que eu pensava que tinha algum bom senso, se apaixonou por aquilo! Fui outro dia visitá-lo e dou de cara com um Gustave Moreau!”

Imagino Renoir entrando pelo saguão de mármore e subindo a escada depois do

apartamento de Ignace em direção aos aposentos de Charles no segundo andar, e sendo recebido e deparando com o *Jasão* de Moreau diante dele: nu sobre o dragão derrotado, segurando sua lança partida e o velo de ouro. Medeia segura o pequeno frasco que contém a poção mágica e repousa sua mão em adoração sobre o ombro dele — “um sonho, um lampejo de encantamento”, “estranhas arqueologias de Moreau”, na expressão de Laforgue.

Ou talvez tenha ficado face a face com a *Galateia*, dedicada “à mon ami Charles Ephrussi”, um quadro descrito por Huysmans como “uma caverna iluminada por pedras preciosas como um tabernáculo, contendo aquela inimitável e radiante joia, o corpo branco, seus seios e lábios tintos de rosa, Galateia, adormecida...”. Há certamente bastante ouro junto à poltrona amarela: Galateia está envolta por uma moldura estilo falso renascentista digna de um Ticiano.

É “arte de judeu”, escreve Renoir, ofendido por descobrir seu mecenas, o editor da *Gazette*, com coisas ao *gôut Rothschild* penduradas na parede, cravejadas e míticas, contagiosamente próximas de suas próprias pinturas ali. O salão de Charles na rue de Monceau havia se tornado “uma caverna (...) como um tabernáculo”. Havia se tornado um ambiente capaz de enfurecer Renoir, inspirar Huysmans e impressionar o sanguíneo Oscar Wilde: “*Pour écrire il me faut de satin jaune*”, ele escreve em seu diário parisiense — “Para escrever, preciso de cetim amarelo”.

Dou-me conta de que estou tentando policiar o gosto de Charles. Estou preocupado com esse ouro e com Moreau. E ainda mais com o trabalho de Paul Baudry, o decorador dos tetos da Opéra de Paris, adepto dos ornamentos barrocos dos novos edifícios da Belle Époque de Paris. O trabalho de Baudry havia sido insultado pelos impressionistas como pastiche vulgar — um pintor acadêmico como o odiado William-Adolphe Bouguereau. Ele fazia muito sucesso com seus nus. Ainda faz. Existe um pôster muito popular de um Baudry com uma onda prestes a quebrar sobre uma garota deitada, chamado *Pérola e mar*, que se pode encontrar nas lojas de museus e até em ímãs de geladeira. E Baudry era o amigo pintor mais íntimo de Charles — suas cartas terminavam com palavras de carinho. Charles era seu biógrafo e foi nomeado executor de seu testamento.

Talvez eu devesse continuar procurando cada um dos quadros que estiveram na sala de Charles com os netsuquês. Começo listando todos os museus onde esses quadros estão agora e refazendo os trajetos que fizeram até chegar lá. Pondero quanto demoraria para ir do Art Institute de Chicago até o Musée de la Ville de Gerardmer para colocar as *Corridas em Longchamp* de Manet ao lado do retrato duplo de Degas do general e do rabino. Imagino se devo levar meu netsuquê branco da lebre com olhos de âmbar no bolso para reunir objeto e imagem. Após uma xícara de café concluo que existe uma possibilidade concreta, uma maneira de continuar em movimento.

Minha agenda sumiu. Minha outra vida de ceramista está em suspensão. Um museu precisa de uma resposta. Estou fora, dizem meus assistentes quando alguém telefona. Sim, é um projeto grande. Ele retornará a ligação.

Em vez disso faço a viagem familiar a Paris e estou debaixo dos tetos de Baudry na Opéra e então sigo correndo para o Musée d'Orsay para ver o talo avulso de aspargo que Manet fez para Charles e os dois quadros de Moreau que eles têm agora, para ver se são coerentes, se tudo soa em harmonia, se posso ver o que viram seus olhos. E, é claro, não consigo, pelo simples motivo de que Charles compra aquilo de que gosta. Não compra arte para ser coerente, ou para preencher lacunas de sua coleção. Ele está comprando quadros de amigos, com todas as complexidades que isso acarreta.

Charles tem muitas outras amizades além dos ateliês dos pintores. As noites de sábado, ele passa no Louvre com seus colegas, todos colecionadores ou autores com um esboço, ou com um problema de atribuição para discutir: “qualquer assunto podia ser trazido à mesa, exceto pedantismos! As coisas que aprenderíamos ali, e nunca precisamos duvidar! Incansáveis viagens naquelas belas poltronas do Louvre, percorrendo museus da Europa!”, lembraria o historiador da arte Clément de Ris. Charles tinha companhias estimulantes no trabalho na *Gazette*. Tinha amigos como vizinhos, os irmãos Camondo e Cernuschi, homens para quem se podia alegremente mostrar uma aquisição.

Charles estava se tornando uma figura pública. Em 1885 ele se tornaria proprietário da *Gazette*. Ajudara a arrecadar dinheiro para a compra de um Botticelli para o Louvre. Tinha seus escritos. Seu trabalho de curador: ele ajudou a organizar exposições dos desenhos do Velho Mestre em 1879, e duas de retratos em 1882 e 1885. Uma coisa era ser um rapaz ávido e vadio, outra era assumir essas responsabilidades e adotar critérios. Ele havia acabado de receber a *Légion d'honneur* por sua contribuição às artes.

A maior parte de sua vida ocupada fora vivida à vista de seus colegas, vizinhos, amigos, seus jovens secretários, sua amante e sua família.

Proust, um neófito já bastante amigo, havia se tornado visitante regular do apartamento, embriagando-se da conversa celestial de Charles, do modo como ele organizava seus novos tesouros, de sua influência na sociedade. Charles conhece a avidez social de Proust bem o bastante para lhe dizer que está na hora de ir embora após uma ceia depois da meia-noite, pois os anfitriões estão desesperados para dormir. Por uma desfeita havia muito enterrada, Ignace no apartamento ao lado o apelida de “Proustaillon” — uma descrição precisa do borboletear migratório de uma ocasião social para outra de Proust.

Proust também se torna uma presença na redação da *Gazette* da rue Favart. Ele ali é diligente: 64 obras de arte que aparecerão mais tarde nos 12 romances que compõem *Em busca do tempo perdido* foram ilustrações da *Gazette*, uma grande proporção da textura visual dessas obras. Como Laforgue antes dele, ele enviara seus primeiros escritos sobre arte a Charles e recebera uma dura crítica e, por fim, um primeiro pedido de colaboração. Para Proust foi um estudo de Ruskin. O prefácio à tradução que Proust fez da *Bíblia de Amiens* de Ruskin traz o texto dedicado a “M. Charles Ephrussi, sempre bom para mim”.

Charles e Louise ainda são amantes, embora eu não tenha certeza se Louise não teria outro amante, ou vários outros amantes. Charles, que primava pela discrição, não faz

nenhuma alusão a isso, e sinto-me decepcionado ao não descobrir mais nada a respeito. Percebo que Laforgue foi o primeiro de uma série de rapazes muito mais novos que trabalhariam para ele mais como acólitos do que como secretários, e me ponho a pensar nessa série de intensos relacionamentos dentro de seus inebriantes aposentos cavernosos iluminados pelo cetim amarelo e aqueles Moreau. Corria em Paris que Charles era *entre deux lits*, bissexual.

Na primavera de 1889 a Ephrussi et Cie. prosperava, mas as questões familiares estavam muito complicadas. O robustamente heterossexual Ignace, ao lado de outros solteiros entusiastas, dedicava-se por inteiro à condessa Ptocka. A intrigante condessa, sobre cuja aparência Proust dissera ser “ao mesmo tempo delicada, majestosa e maliciosa”, com seus cabelos negros puxados para trás, divididos ao meio, exercia poder sobre um séquito de rapazes que usariam camafeus de safira com o lema “*À la Vie, à la Mort*”. Ela oferecia jantares “macabeus” durante os quais eles se submetiam a atos ultrajantes em sua honra. Como os macabeus eram mártires judeus, aquilo devia fazer dela uma Judite, noto tardiamente, a heroína que cortara a cabeça de Holofernes quando ele estava embriagado. Depois de um desses jantares, uma carta a Maupassant lembra que “Ignace estava um pouco mais embalado que os outros (...) e teve a brilhante ideia de andar completamente nu pelas ruas de Paris...” e foi enviado ao interior para se recuperar.

Charles, aos quarenta, pairava entre todos esses mundos distintos. Seu gosto privado era agora domínio público. Nele tudo era estética. Era conhecido em Paris como um esteta cujas encomendas, declarações e até o paletó eram avaliados. Era um devoto da Opéra.

Até sua cadelinha se chamava Carmen.

Encontro uma carta para ela, aos cuidados de monsieur C. Ephrussi, rue de Monceau número 81, nos arquivos do Louvre, enviada por Puvis de Chavannes, o pintor simbolista das figuras pálidas e paisagens lavadas.

* *Rosa e azul* (1881), no acervo do MASP, São Paulo, desde 1952. (*N. do T.*)

10. MEU PEQUENO BENEFÍCIO

Não era só Renoir que não gostava de judeus. Uma série de escândalos financeiros ao longo da década de 1880 fora atribuída aos novos financistas judeus, e a família Ephrussi tornou-se um alvo dileto: supunha-se que “maquinações judaicas” estivessem por trás do colapso em 1882 da Union Générale, um banco católico que tinha fortes vínculos com a Igreja e diversos pequenos correntistas católicos. O popular demagogo Édouard Drumont escreveu em seu livro *La France Juive*:

A audácia com que esses homens tratam essas enormes operações, que para eles são meras brincadeiras numa festa, é algo incrível. Com uma assinatura, Michel Ephrussi compra ou vende 15 milhões em petróleo ou trigo. Sem problemas; sentado por duas horas junto a uma coluna da Bolsa de Valores e cofiando fleumaticamente sua barba com a mão esquerda, ele distribui ordens aos asseclas que vivem à sua volta com os lápis a postos.

Seus asseclas vinham sussurrar no ouvido de Michel as notícias do dia. O dinheiro era uma ninharia para esses judeus das finanças, sugere Drumont, um brinquedo. Sem relação com as economias suadas levadas ao banco nos dias de semana, ou escondidas no bule na prateleira.

É uma vívida imagem das forças ocultas, da conspiração. Possui a intensidade da pintura de Degas *Retratos na Bolsa de Valores*, da conversa sussurrada entre financistas de nariz adunco e barba ruiva em meio a colunas. A Bolsa e seus personagens passam por Templo e vendilhões.

“Quem impedirá portanto esses homens de viver, quem muito em breve fará assim da França uma terra devastada? (...) é o especulador do trigo importado, é o judeu, o amigo do conde de Paris (...) o favorito dos salões do bairro aristocrata; é Ephrussi, o chefe do bando de judeus que especula com trigo.” A especulação, a criação de dinheiro a partir do dinheiro, é vista como um pecado caracteristicamente judaico. Mesmo Theodor Herzl, o apologista do sionismo, sempre ávido por arrecadar dinheiro para a causa entre a rica judiaria, é rude em uma carta ao mencionar “o Ephrussi, *spekulant*”.

A Ephrussi et Cie. exercia um poder extraordinário. A ausência dos irmãos na Bourse era sinal de pânico durante uma crise. A ameaça de inundar os mercados com grãos em reação aos pogroms na Rússia foi levada a sério em um alarmado relatório em um jornal durante outra crise. “[Os judeus] (...) aprenderam o poder dessa arma quando fizeram a Rússia recuar na última perseguição aos judeus (...) reduzindo o valor das ações russas 24 pontos em 13 dias. ‘Toquem em outro do nosso povo e não terão mais nenhum rublo para salvar o seu império’, disse Michel Ephrussi, chefe da grande casa de Odessa, os maiores negociantes de grãos do mundo.” Os Ephrussi eram, em

suma, muito ricos, muito visados e muito engajados.

Drumont, editor de um jornal diário antissemita, agia como porta-voz dessas opiniões na imprensa. Dizia aos franceses como identificar um judeu — uma das mãos é maior que a outra — e como reagir à ameaça que essa raça representava para a França. Seu livro *La France Juive*, de 1886, vendeu cem mil cópias no primeiro ano de publicação. Em 1914, já tinha vendido duzentas edições inteiras. Drumont argumentava que os judeus, por serem intrinsecamente nômades, não sentiam dever nada ao Estado. Charles e seus irmãos, cidadãos russos de Odessa, Viena e Deus sabe de onde mais, pensavam neles mesmos — enquanto sugavam o sangue vital da França ao especular com o dinheiro francês.

A família Ephrussi certamente se considerava parisiense. Drumont com certeza achava que não: “Judeus, vomitados de todos os guetos da Europa, agora estão instalados como senhores em residências históricas que evocam as lembranças mais gloriosas da antiga França (...) os Rothschild estão em toda parte: em Ferrières e em Les Vaux-de-Cernay (...) os Ephrussi, em Fontainebleau, no palácio de Francisco I...” A zombaria sobre a rapidez com que a família havia passado de “aventureiros sem vintém” a tal ascensão social, seus arremedos na caça, seu recém-encomendado brasão de armas, transforma-se em raiva virulenta quando Drumont pensa em seu patrimônio maculado pelos Ephrussi e seus amigos.

Obrigo-me a ler estas publicações: livros de Drumont, jornais, inúmeros panfletos em diversas edições, versões em inglês. Alguém anotou todo um livro sobre judeus em Paris na minha biblioteca londrina. Escrita em letras caprichadas e aprovativas ao lado de Ephrussi vem a palavra “venal” em maiúsculas.

Há muitos e muitos outros exemplos disso, oscilando absurdamente de uma jactância generalizada à minúcia mais biliosa. De quando em quando aparece citada a família Ephrussi. Como se abrissem uma vitrine e eles fossem retirados um por um para sofrerem abusos. Eu sabia muito por alto do antissemitismo francês, mas é essa particularidade que me provoca náuseas. Trata-se de uma dissecação anatômica, pública e diária da vida deles.

Charles é posto no pelourinho como alguém “que *especula* (...) no mundo da literatura e das artes”. Como alguém que tem poder na arte francesa, mas trata a arte como comércio. Tudo o que Charles faz se converte em ouro, dizem os autores citados em *La France Juive*. Fundido, transportado, mutável, ouro para ser levado consigo, comprado e vendido por judeus que nada entendiam de terra ou país. Mesmo seu livro sobre Dürer é analisado em busca de tendências semitas. Pois como Charles poderia entender aquele grande artista alemão, escreve um furioso historiador da arte, se não passava de um “*Landesman aus dem Osten*”, um oriental?

Seus irmãos e tios são duramente criticados e suas tias, agora casadas com aristocratas franceses, ferozmente ridicularizadas. Todos os bancos da França são acusados de uma vez: “*Rothschild, Erlanger, Hirsch, Ephrussi, Bamberger, Camondo, Stern, Cahen d’Anvers* (...) membros do mundo das finanças internacionais”. Os

complexos casamentos internos entre os clãs são incansavelmente lembrados de modo a se criar um quadro de uma terrível teia de intrigas, uma rede ainda mais cerrada quando Maurice Ephrussi se casa com Beatrice, filha do chefe dos Rothschild da França, Alphonse de Rothschild. Então as duas famílias passam a ser uma só.

Os antissemitas precisam expulsar esses judeus de volta para o lugar de onde vieram, despi-los de sua sofisticada vida parisiense. Um panfleto antissemita, *Ces Bons Juifs*, descreve uma conversa imaginária entre Maurice Ephrussi e um amigo:

— É verdade que você está indo para a Rússia?

— Daqui a dois ou três dias — disse M. de K.

— Ora! — respondeu Maurice Ephrussi. — Se você for a Odessa, visite a Bolsa e mande notícias minhas ao meu pai.

M. de K. promete que o fará, e depois de encerrados os negócios em Odessa, vai à Bolsa e pergunta pelo velho Ephrussi.

— Você sabe — dizem-lhe ali —, se você quiser que algo seja feito, só precisa falar com o judeu.

O velho Ephrussi então chega, um hebreu horroroso com os cabelos compridos e sujos, vestindo uma peliça inteiramente manchada de gordura.

M. de K. dá o recado ao velho e faz menção de partir quando é subitamente puxado pela gola, e ouve o velho Ephrussi lhe dizer:

— Você esqueceu o meu pequeno benefício.

— Como assim, o seu pequeno benefício!? — exclamou M. de K.

— Você entendeu perfeitamente, caro Sir — responde o pai do genro dos Rothschild, fazendo uma reverência quase até o chão —, sou uma das curiosidades da Bolsa de Odessa; quando estrangeiros vêm me ver sem compromisso de negócio sempre me dão algum presente. Meus filhos, então, mandam mais de mil visitantes por ano e isso me ajuda a fechar o mês.

E com um amplo sorriso, o nobre patriarca acrescenta:

— Eles sabem muito bem que um dia serão recompensados... meus filhos!

Os Ephrussi, *les Rois du Blé*, são ao mesmo tempo odiados como arrivistas e festejados como patronos das artes. Ora são lembrados pelo negociante de grãos de Odessa, um patriarca de roupa engordurada e a mão estendida pedindo dinheiro; no momento seguinte, Beatrice está em um baile da sociedade usando sua tiara de centenas de espigas tremeluzentes de ouro. Maurice, dono de um amplo chateau em Fontainebleau, declara-se, em sua certidão de casamento com Beatrice de Rothschild, “proprietário de terra”, em vez de banqueiro. Não por engano. Para os judeus, ser dono de terra era ainda uma experiência relativamente nova: só com a Revolução os judeus adquiriram cidadania plena, um erro — segundo alguns comentaristas —, uma vez que os judeus não são adultos capazes. Era só ver o estilo de vida dos Ephrussi; como

sugeria uma longa ladainha em *The Original Mr. Jacobs*, “o amor pelos bricabraques, miscelâneas, ou melhor, a paixão judaica pelas posses, muitas vezes beira o infantilismo”.

Pergunto-me como os irmãos viviam suas vidas nessas condições. Dariam de ombros ou levariam a peito esse incessante rumor de vilipêndios, murmúrios de venalidades, uma espécie borbulhante de animosidade constante que lembra seu avô ao narrador dos romances de Proust: “Sempre que eu trazia um novo amigo para casa, meu avô dificilmente deixava de murmurar: ‘Oh, Deus de nossos pais’, de *La Juive*, ou então: ‘Israel, rompe teus grilhões.’” O velho saía dizendo em voz alta “Em guarda! Em guarda!” ao ouvir o nome de algum desses novos amigos, e se a vítima admitia sua origem, “então meu avô (...) olhava para nós, murmurando a meia voz: ‘O quê!? Você guiou até aqui os pés desse tímido israelita?’”.

Havia duelos. Embora proscritos, eles eram populares entre jovens aristocratas, membros do Jockey Club e oficiais do exército. Muitas dessas disputas eram inconsequentes, questões territoriais entre rapazes. Uma extemporânea referência a um cavalo de propriedade dos Ephrussi em um artigo de *Le Sport* foi o início de uma disputa com o jornalista, “que levou a uma alteração e depois a um encontro hostil” com Michel Ephrussi.

Mas algumas disputas revelavam as crescentes e alarmantes fissuras dentro da sociedade parisiense. Ignace era um rematado duelista, mas preferir não lutar era considerado um defeito particularmente judeu. Um relato de má-fé dá conta de um caso assim quando um acordo de negócios entre Michel e o conde Gaston de Breteuil termina com perdas substanciais da parte do conde. Michel, um homem de negócios, não entendeu que fosse caso de duelar e deixou de dar satisfações ao conde, não o enfrentando. Quando o conde retornou a Paris depois do convite recusado, “segundo a história que corre nas rodas dos clubes (...) ele encontrou Ephrussi (...) e torceu o nariz deste último com as cédulas que reproduziam a imagem da balança, cujo fiel fez então espetando-as na tromba do grande especulador do trigo. Ele abandonou o Rue Royale Club e deu um milhão de francos para serem distribuídos entre os pobres de Paris...”. Isso era contado como comédia — judeus ricos, grossos e sem honra, e seus narizes.

Eles não estavam acima das críticas: os judeus simplesmente não sabem se comportar.

Michel enfrentou um bocado de duelos com o conde de Lubersac em nome de um primo Rothschild cuja honra fora impugnada, e que era jovem demais para se defender sozinho. Um desses duelos ocorrera na ilha do Grande Jatte, no rio Sena. “No quarto ataque, Ephrussi foi ferido no peito, a espada do conde atingindo-lhe uma costela (...) O conde atacou vigorosamente desde o início, e os combatentes separaram-se ao final sem o aperto de mãos de praxe. O conde saiu de cena em um landau, e foi saudado com gritos de ‘*À bas les Juifs*’ e ‘*Vive l’Armée*’.”

Proteger seu nome e a honra de sua família era cada vez mais difícil para um judeu em Paris.

11. UMA “MATINÉ MUITO BRILHANTE”

Em outubro de 1891, Charles levou os netsuquês para um novo lar na avenue d'Iéna. O imóvel do número 11 era maior que o Hôtel Ephrussi na rue de Monceau e mais austero visto de fora — nada de ornamentos, nenhuma urna. É tão grande que é praticamente invisível. Paro e olho. Os pés-direitos são maiores: estes são cômodos volumosos. Charles mudou-se para cá com seu irmão Ignace três anos depois que a mãe viúva morreria. Arrisco a sorte, toco a campainha e explico minha missão a uma mulher com sorriso perfeito e indecifrável, que me explica, devagar, que estou completamente enganado sobre quem havia morado ali, que era uma residência particular e que ela nunca ouvira falar nessa família. Ela fica me observando até que eu volte à rua.

Fico furioso. Uma semana depois, descubro que a casa dos irmãos havia sido demolida e reconstruída mais tarde na década de 1920.

Essa nova região é ainda mais grandiosa do que a rue de Monceau. Havia apenas vinte anos que os Ephrussi chegaram a Paris, mas era uma família que então já se sentia segura. A casa dos irmãos solteiros ficava a menos de trezentos metros, descendo a ladeira, da luxuosa mansão de Jules e Fanny, com seus emblemas de espigas sobre as janelas e suas iniciais entrelaçadas sobre o enorme portão para o pátio. O palácio de Louise ficava do outro lado da rua, na rue Bassano. A região fica na ladeira ao norte do Champ de Mars, onde a Torre Eiffel havia acabado de ser construída. Era o lugar certo na hora certa: a então chamada “ladeira das artes”.

O gosto de Charles continuava mudando. Sua paixão pelos objetos japoneses lentamente foi passando. O culto se tornara tão difundido que todo mundo na década de 1880 tinha a casa cheia de *japonaiseries*: eram agora consideradas bricabraques, cobrindo feito poeira cada superfície disponível. “Tudo agora”, disse Alexandre Dumas em 1887, “é japonês”: a casa de Zola nos arredores de Paris, repleta de *objets* japoneses, era considerada ligeiramente ridícula. Tornara-se muito mais difícil defender seus atributos especiais depois que se tornaram oficiais, quando até os pôsteres de bicicleta ou absinto descolando-se dos tapumes agora pareciam xilografuras japonesas. Ainda existiam os colecionadores sérios de arte japonesa — entre eles, Guimet, que era vizinho —, e havia muito mais conhecimento histórico a respeito dela do que na tempestuosa década anterior. Goncourt havia publicado seus ensaios sobre Hokusai e Utamaro, Siegfried Bing tinha seu diário *Le Japon artistique*, mas não era mais acompanhado com intensidade religiosa pelo elegante círculo de Charles.

Proust recorda esse momento de transição na sala da amante de Swann, a *demi-mondaine* Odette: “o Extremo Oriente vinha batendo em retirada cada vez mais diante das forças invasoras do século XVIII (...) hoje raramente Odette recebia os mais íntimos de quimono japonês, mas com a reluzente e ondulante seda de um roupão de Watteau”.

Era uma mudança de exotismos que foi sentida por Charles, crítico, colecionador e curador. Um jornalista escreveu que Charles havia começado “a se afastar [do Japão]

pouco a pouco (...) e se voltar cada vez mais para o século XVIII francês, as produções de Meissen e do estilo Império, do qual ele colecionava um conjunto de criações da mais alta qualidade”. Em sua nova casa, Charles pendurou nas paredes de seu escritório um grupo de tapeçarias ilustrando brincadeiras de crianças, tecidas em fio de prata. E criou uma série de cômodos contíguos, que decorou com conjuntos formais de mobília em estilo Império, com seus bronzes, sobre os quais colocou ornamentos de porcelana de Sèvres e Meissen: ali havia um ritmo cuidadoso. E então pendurou os Moreau, Manet e Renoir.

Proust coloca a duquesa de Guermantes elogiando esse tipo de móvel neoclássico, visto na casa do duque de Iéna: “todas essas coisas invadindo nossas casas, esfinges agachadas ao pé da poltrona, serpentes enrodilhadas em torno dos candelabros (...) todas essas lâmpadas de Pmpeia, as camas pequenas em forma de barco que parecem que estavam boiando no Nilo”. Em uma cama há uma sereia destacada em relevo, ela diz, que parece muito um Moreau.

É nessa nova casa que Charles troca seu *lit de parade* por uma cama Império. Trata-se de um *lit à la polonaise* coberto de sedas.

Em um sebo de Paris encontro os catálogos de venda de parte das coleções de arte de Michel e Maurice que se dispersaram depois que eles morreram. Um negociante fizera ofertas pelos relógios, sem êxito, anotando o preço a que chegara cada lote: 10.780 francos por um relógio astronômico Luís XV com os signos do zodíaco incrustados em bronze. Toda essa porcelana, os tapetes Savonnerie, as pinturas de Boucher, as *boiseries* e as tapeçarias revelam uma necessidade da família Ephrussi de se integrar à sociedade. E comecei a me dar conta de que o novo gosto de Charles pelas pinturas e pela mobília do estilo Império no momento em que ele avançava na casa dos quarenta era mais do que um modo de criar um ambiente onde morar. Era também a reivindicação de um francesismo essencial, de pertencer adequadamente a um lugar. E talvez um modo de se distanciar daqueles dois primeiros cômodos, atabalhoadamente heterodoxos, e de sua vida impositiva como árbitro do gosto. Estilo Império não era mais *le goût Rothschild*, não é judeu. É francês.

Imagino como os netsuquês ficariam aqui: é nesses cômodos formais que Charles começa a se afastar deles. Os aposentos da rue de Monceau não haviam “aprendido seu catecismo ótico”; eles ficavam atravessados pelo tom da poltrona amarela. Eram acúmulos de coisas diferentes para se pegarem e manusearem. Mas sinto que Charles está se tornando mais grandioso. Ele agora é chamado de “o opulento Charles” por um astuto parisiense. Há menos coisas para se tocar aqui: ninguém ousaria pegar naqueles vasos de Meissen com seus suportes de bronze e inspecioná-los na mão. Os móveis desses cômodos foram descritos por um crítico depois da morte de Charles como os melhores em seu estilo: eram “*pompeaux, ingénieux et un peu froids*”, pomposos, engenhosos e um pouco frios. São de fato frios, penso, colocando a mão sub-repticiamente sobre o veludo do braço de uma poltrona estilo Império no Musée Nissim de Camondo, na rue de Monceau, para pesquisa.

Acho mais difícil imaginar a vitrine sendo aberta e uma mão hesitante sobre os netaquês, indecisa entre uma luta de cachorrinhos de marfim e uma garota se ensaboando em uma tina de madeira. Não tenho certeza se combinam com o ambiente.

Na nova casa, os irmãos oferecem grandes jantares e soirées. No dia 2 de fevereiro de 1893, *Le Gaulois* registra um desses eventos em sua coluna “Mondanités”. Houvera uma “matinê muito brilhante ontem à tarde, na casa dos Messrs. Charles e Ignace Ephrussi, em homenagem à princesa Mathilde”, diz a coluna:

Sua Alteza Imperial, acompanhada da baronesa de Galbois, chegou aos esplêndidos salões da avenue d’Iéna, onde mais de duzentas pessoas, os mais altos escalões de Paris e do mundo inteiro, reuniam-se.

Mencionemos ao acaso:

Condessa d’Haussonville, de cetim preto; condessa Von Moltke-Hvitfeldt, também de preto; princesa de Léon, de veludo azul-escuro; duquesa de Morny, de veludo preto; condessa de Louis de Talleyrand-Périgord, de cetim preto; condessa Jean de Ganay, de vermelho e preto; baronesa Gustave de Rothschild, de veludo preto (...) condessa Louise Cahen d’Anvers, de veludo malva; Mme. Edgard Stern, de cinza esverdeado; Mme. Manuel de Yturbe, *née* Diaz, de veludo lilás; baronesa James de Rothschild, de preto; condessa de Camondo, *née* Cahen, de cetim cinza; baronesa Benoist-Méchin, de veludo preto e pele etc.

Entre os homens, os notáveis incluíam:

O ministro da Suécia, príncipe Orloff, príncipe de Sagan, príncipe Jean Borghèse, marquês de Modène, Messrs. Forain, Bonnat, Roll, Blanche, Charles Yriarte Schlumberger etc.

Mme. Léon Fould e Mme. Jules Ephrussi fizeram as honras, recebendo os convidados, uma de vestido cinza-escuro e a outra de cinza-claro.

Os apartamentos elegantes foram muito elogiados, especialmente o grande salão Luís XVI, onde se admirava a cabeça do rei Midas, uma maravilha de Luca della Robbia, e os aposentos de Charles Ephrussi, no mais puro estilo Império.

A recepção foi bastante animada, e houve um belo programa musical apresentado pelos ciganos.

A princesa Mathilde só foi embora da avenue d’Iéna depois das sete.

Foi uma boa mudança para os irmãos. Segundo o jornal, foi uma tarde fria e clara com lua cheia. A avenue d’Iéna é larga, com árvores regulares cujas copas chegam até o centro, e imagino as carruagens dos convidados dos irmãos bloqueando a passagem, e a música cigana vindo dos apartamentos. Imagino Louise, loira arruivada e ticianesca em seu veludo malva, voltando para o marido a pé algumas centenas de metros até sua imensa mansão em estilo falso-renascentista.

Uma “matinê muito brilhante” seria algo difícil de ocorrer no ano seguinte. Em

1894, como disse o pintor J.E. Blanche, “o Jockey Club abandonou a mesa dos príncipes de Israel”.

Era o início do Caso Dreyfus, 12 anos que convulsionaram a França e polarizaram Paris. Alfred Dreyfus, um alto oficial judeu do exército francês, foi acusado de ser espião para os alemães com base numa evidência forjada, uma folha de papel encontrada em um cesto de lixo. Ele foi levado à corte marcial e considerado culpado, embora fosse bastante evidente para o exército que a prova era falsa. Dreyfus foi expulso diante de uma multidão enfurecida que exigia sua execução. Patibulos de brinquedo eram vendidos nas ruas. Ele foi enviado à ilha do Diabo para cumprir sua pena de prisão perpétua em uma solitária.

A campanha por um novo julgamento começou quase imediatamente, provocando uma intensa e violenta reação antisemita; dizia-se que os judeus estariam desrespeitando a justiça natural. Seu patriotismo fora impugnado: ao apoiar Dreyfus, estavam provando que eram judeus em primeiro lugar e antes de mais nada, e franceses por circunstância. Charles e seus irmãos, ainda cidadãos russos, eram tipicamente judeus.

Dois anos depois descobriu-se que outro oficial francês, o major Esterhazy, estava por trás da falsificação da prova, mas Esterhazy foi exonerado no segundo dia da corte marcial e a condenação de Dreyfus foi confirmada. Outras provas forjadas apareceram para confirmar a fraude. Apesar do apelo apaixonado de Zola ao presidente, “J'accuse...!”, publicado no jornal *L'Aurore* em janeiro de 1898, Dreyfus foi trazido de volta em 1899 e condenado uma terceira vez. Zola foi condenado por libelo criminoso e fugiu para a Inglaterra. Só em 1906 Dreyfus seria finalmente inocentado.

Houve rupturas sísmicas entre amargos dreyfusistas e antidreyfusistas. Amizades rompidas, famílias separadas e salões onde judeus e velados antisemitas costumavam se encontrar para trocar hostilidades. Entre os amigos artistas de Charles, Degas se tornou o mais selvagem antidreyfusista, e parou de falar com Charles e com o judeu Pissarro. Cézanne, também, estava convencido da culpa de Dreyfus, e Renoir tornou-se efetivamente hostil a Charles e sua “arte judia”.

A família Ephrussi era dreyfusista por fé e por inclinação — e simplesmente por viver de forma pública. Em uma carta escrita a André Gide na febril primavera de 1898, um amigo conta ter ouvido um homem catequizar os filhos diante da casa dos Ephrussi na avenue d'Iéna. Quem mora aí? “*Le sale juif!*” O judeu sujo! Ignace fora seguido até sua casa desde a Gare du Nord, após um jantar tardio no interior, por inspetores de polícia que o haviam confundido com o exilado Zola. “Cinco agentes”, relataria o antidreyfusista *Le Gaulois* no dia 19 de outubro de 1898, “passaram a noite de tocaia. O inspetor Frecourt chegou à tarde para entregar o mandato judicial a M. Zola, que ele achava estar escondido na casa dos Ephrussi (...) Quando ousar voltar, M. Zola não escapará do olho vigilante da polícia”.

E aquilo virou uma batalha familiar: a sobrinha de Charles e Ignace, Fanny, a adorada filha da irmã caçula deles, Betty, havia se casado com Theodore Reinach, um arqueólogo e helenista de uma proeminente família judia de intelectuais franceses. E Joseph, o irmão político de Theodore, era o principal proponente da defesa de Dreyfus

— e mais tarde autor do magistral *Histoire de l'affaire Dreyfus*. Reinach se tornou um condutor elétrico para o antisemitismo: boa parte da ira de Drumont seria dirigida contra a “personificação do francês fajuto”. O “judeu Reinach” também foi destituído de sua patente militar em uma corte marcial, espancado na saída do julgamento de Zola, e se tornara alvo de uma campanha nacional de difamação extremamente violenta.

Paris havia se transformado para Charles. Ele era um *mondain* de portas fechadas, um mecenas no ostracismo por decisão de alguns de seus artistas. Imagino como deve ter sido, e lembro-me de Proust escrevendo sobre a raiva do duque de Guermantes:

No tocante a Swann (...) dizem-me agora que ele é abertamente dreyfusista. Eu jamais teria acreditado nisso da parte dele, um epicurista, um homem de juízo prático, um colecionador, conhecedor de livros antigos, membro do Jockey, um homem que desfrutava do respeito de todos, que conhece todos os bons endereços e costumava nos mandar o melhor vinho do porto que se pode desejar, um *dilettante*, um homem de família. Ah! Estou muito decepcionado.

Em Paris vasculho os arquivos e tráfego entre casas velhas e escritórios, vadiando pelos museus, ora a esmo, ora com excesso de propósitos. Estou planejando uma viagem na memória. Tenho o netsuquê de um lobo malhado no bolso. É quase estranho demais ver como a figura de Charles está entrelaçada à figura que Proust constrói de Swann.

Continuo indo aos lugares onde as vidas de Charles Ephrussi e de Charles Swann se interceptam. Antes de iniciar minha jornada, eu já sabia que em linhas gerais meu Charles era um dos dois principais modelos do protagonista de Proust — o menos importante dos dois, segundo dizem. Lembro-me de ter lido um comentário desdenhoso sobre ele — “um judeu polonês (...) robusto, barbado e feio, seus modos eram graves e rudes” — na biografia de Proust publicada por George Painter nos anos 1950 e tomá-lo ao pé da letra. O outro modelo admitido por Proust era um encantador dândi e homem da sociedade chamado Charles Haas. Um sujeito mais velho, que não escrevia e não colecionava.

Se era preciso existir um primeiro dono do meu lobo, preferiria que fosse Swann — motivado, amado, gracioso —, mas não quero que Charles desapareça em meio às fontes, que ele vire uma nota de rodapé. Charles se tornou tão real para mim que receio perdê-lo nos estudos de Proust. E me importo demais com Proust para converter sua ficção em uma espécie de acróstico da Belle Époque. “Meu romance não tem chave”, disse Proust diversas vezes.

Tento mapear as correspondências diretas que meu Charles e o Charles ficcional compartilham, o delineamento de suas existências. Digo “diretas”, mas quando começo a passá-las a limpo, elas se revelam uma lista e tanto.

Ambos são judeus. Ambos são *hommes du monde*. Possuem relações sociais que vão da realeza (Charles levava a rainha Vitória para passear em Paris, Swann é amigo do

príncipe de Gales), passando pelos salões, até os ateliês dos artistas. São amantes da arte profundamente apaixonados pela Renascença italiana, em especial Giotto e Botticelli. Ambos são experts no misterioso campo dos medalhões venezianos do século XV. Colecionadores, mecenas dos impressionistas, deslocados ao sol na festa do amigo pintor junto ao rio.

Ambos escreveram monografias sobre arte: Swann sobre Vermeer, meu Charles sobre Dürer. Usam sua “erudição em matéria de arte (...) para aconselhar damas da sociedade sobre quais quadros comprar e como decorar suas casas”. Tanto Ephrussi quanto Swann são dândis e ambos são *Chevaliers da Légion d’honneur*. Suas vidas haviam passado pelo japonismo e chegado ao novo gosto pelo estilo Império. E eram ambos dreyfusistas que descobriram que suas vidas cuidadosamente construídas estavam profundamente rachadas por seu próprio judaísmo.

Proust jogou com a interpenetração do real e do inventado. Seus romances possuem um arsenal de figuras históricas que aparecem como elas mesmas — a madame Straus e a princesa Mathilde, por exemplo — mescladas com personagens reinventados a partir de pessoas identificáveis. Elstir, o grande pintor que abandona sua paixão pelo japonismo para se tornar um impressionista, possui em si elementos de Whistler e de Renoir, mas é dono de outra força dinâmica. De modo similar, os personagens de Proust postam-se diante de quadros reais. A textura visual dos romances abarca não só referências a Giotto e Botticelli, Dürer e Vermeer, além de Moreau, Monet e Renoir, mas também o ato de ver pinturas, o ato de colecioná-las e lembrar como foi ver determinada coisa, com uma lembrança do momento dessa apreensão.

Swann capta semelhanças de passagem: Odette e um Botticelli, o perfil de um soldado durante uma recepção e um Mantegna. Assim como Charles fazia. Não posso deixar de me perguntar se minha avó, tão composta, tão alinhada em seu vestido branco engomado naqueles caminhos de cascalho do jardim do chalé suíço, sabia o que fizera Charles se agachar e fazer um carinho no cabelo da irmãzinha bonita e compará-la ao seu Renoir da cigalinha.

E quando encontro Swann, ele é divertido e encantador, mas possui algo reservado, “como um armário trancado”. Move-se pelo mundo deixando as pessoas mais atentas às coisas que ele ama. Penso no modo como o jovem narrador, apaixonado pela filha de Swann, visita sua casa, é recebido com muita cortesia e é apresentado a sua sublime coleção.

Esse é o meu Charles, submetendo-se a agruras infinitas para mostrar livros ou quadros aos jovens amigos, a Proust, escrevendo sobre objetos e esculturas com acuidade e honestidade, animando o universo das coisas. Eu sei. Foi como fiz ao visitar Berthe Morisot pela primeira vez, como aprendi a recuar e depois avançar. Foi como acabei ouvindo Massenet, como olhei para os tapetes Savonnerie, como descobri que valia a pena olhar sem pressa para aquelas lacas japonesas. Pego os netsuquês de Charles um a um e penso nele ao escolhê-los. E penso em sua reserva. Ele faz parte desse deslumbrante mundo parisiense, mas nunca deixa de ser cidadão russo. Não abandona

jamais essa província secreta dentro de si.

Charles tinha um coração fraco como o pai. Tinha cinquenta anos quando Dreyfus foi trazido de volta da ilha do Diabo para submeter-se à farsa de seu segundo julgamento e ser novamente condenado em 1899. Na delicada gravura feita naquele ano por Jean Patricot, Charles olha para baixo, para dentro, a barba ainda bem-aparada, a gravata presa por uma pérola. Ele está mais envolvido com música e é agora patrono da Société des Grandes Auditions Musicales da condessa Greffühle, “onde seus conselhos são muito apreciados, e onde ele se pôs a trabalhar com ardor”. Praticamente parou de comprar quadros, exceto o Monet das pedras na maré baixa em Iburville, na costa da Normandia. É uma bela pintura, pedras em cores atenuadas no primeiro plano e estranhas caligrafias de mastros dos barcos de pesca emergindo do mar. Trata-se, penso comigo, de algo bastante japonês.

Charles também diminuiu o ritmo de seus escritos, embora fosse metucioso com suas obrigações na *Gazette*, inequívoco quanto ao que devia ser publicado, “jamais, em hipótese alguma, atrasado, sempre diligente a ponto de ser minucioso com cada artigo, sempre em busca da perfeição”, feliz de poder convidar novos colaboradores.



Charles Ephrussi, em gravura de Putricot, publicada com seu obitúario na Gazette des Beaux Arts, 1905

Louise tinha um novo amante. Charles foi sucedido pelo príncipe herdeiro Alfonso

da Espanha, trinta anos mais jovem que ele e um tanto frágil, mas ainda assim um futuro rei.

No limiar do novo século, o primo de primeiro grau de Charles em Viena iria se casar. Charles conhecia Viktor von Ephrussi desde a infância, quando a família inteira morava na mesma casa, todas as gerações sob o mesmo teto, passando as tardes planejando a mudança para Paris. Viktor era um garotinho entediado, o sobrinho mais novo, para quem Charles fazia caricaturas dos empregados. O clã era íntimo e eles haviam se visto em festas em Paris e Viena, nas férias em Vichy e St. Moritz, nos encontros que Fanny promovia todo verão no Chalet Ephrussi. E eles tinham Odessa em comum — a cidade onde ambos haviam nascido, o local de origem nunca mencionado.

Todos os três irmãos em Paris enviaram presentes de casamento para Viktor e sua jovem noiva, a baronesa Emmy Schey von Koromla. O casal começaria a vida nova no enorme Palais Ephrussi, na Ringstrasse.

Jules e Fanny enviam uma bela escrivainha Luís XVI de marchetaria e pés que se estreitavam e terminavam em garras douradas.

Ignace manda uma pintura do Velho Mestre holandês, de dois navios em uma tormenta. Talvez uma piada cifrada sobre o casamento da parte do contumaz solteirão refratário ao compromisso.

Charles envia-lhes algo especial, algo espetacular, de Paris: uma vitrine preta com prateleiras verdes aveludadas e um fundo espelhado que refletia 264 netsuquês.

Parte II

VIENA, 1899-1938

12. DIE POTEMKINISCHE STADT

Em março de 1899, o generoso presente de casamento enviado por Charles a Viktor e Emmy é cuidadosamente encaixotado e levado da avenue d'Iéna, deixando para trás o tapete dourado, as poltronas estilo Império e os Moreau. O presente viaja pela Europa e é entregue no Palais Ephrussi em Viena, na esquina da Ringstrasse com a Schottengasse.

Basta de passear com Charles e ler sobre interiores parisienses, é hora de começar a ler *Die Neue Freie Presse* e de se concentrar na vida urbana vienense da virada do século. Estamos em outubro e descubro que passei quase um ano com Charles — muito mais do que julguei ser possível, imprevistos emaranhados de tempo de leitura sobre o caso Dreyfus. Não preciso mais mudar de andar na biblioteca: as literaturas francesa e alemã ficam lado a lado.

Fico ansioso para saber para onde meu lobo de madeira e meu tigre de marfim estão se mudando agora. Reservo passagem para Viena e toco para o Palais Ephrussi.

Este novo lar de meus netsuquês é absurdamente grande. Parece um manual de arquitetura clássica; chega mesmo a fazer as residências parisienses dos Ephrussi parecerem discretas. O Palais possui pilastras coríntias e colunas dóricas, urnas e arquivadas, quatro pequenas torres nos cantos e fileiras de cariátides segurando o telhado. Os dois primeiros andares são densamente entalhados, encimados por mais dois andares de tijolos de um rosa lavado e pálido, e pedras por trás das cariátides do quinto andar. Há tantas dessas sólidas e infinitamente pacientes meninas gregas em suas túnicas entreabertas — 13 ao longo da face do Palais que dá para a Schottengasse, seis na fachada principal da Ringstrasse — que elas parecem perfiladas ao longo de um muro em uma coreografia bastante singela. É impossível não notar a quantidade de ouro: há um bocado de douração nos capitéis e sacadas. Há até mesmo um nome reluzindo ao longo da fachada, mas se trata de um nome relativamente novo: o Palais é hoje a sede dos Cassinos Áustria.

Faço aqui também minha observação de arquitetura. Ou melhor, tento fazer minha observação de arquitetura, mas o Palais hoje fica em frente a uma parada de bonde sobre uma estação de metrô que libera pessoas em um fluxo constante. Não há nenhum lugar onde eu possa me encostar e fazer uma pausa para observar. Tento olhar a linha do telhado contra o céu de inverno e quase fico na frente do bonde, então um sujeito barbudo com três casacos e uma balaclava me passa um sermão sobre minha imprudência, e dou a ele bastante dinheiro para me deixar em paz. O Palais fica defronte ao edifício principal da Universidade de Viena, onde três manifestações de protesto — contra a política americana no Oriente Médio, outra contra as emissões de carbono e a terceira, algo relacionado a impostos — disputam assinaturas e qual é mais barulhenta. É impossível ficar parado ali.

A casa é grande demais para ser absorvida, tomando muito espaço nessa parte da cidade, muito céu. Está mais para uma fortaleza ou uma torre de vigilância do que para

uma residência. Tento me acostumar com seu tamanho. Certamente não é uma casa para um judeu errante. Então deixo cair meus óculos e a armação se parte próximo à ponte do nariz, de modo que preciso juntar as metades para enxergar alguma coisa.

Estou em Viena, a cerca de quatrocentos metros, através de um pequeno parque, da porta do apartamento de Freud, diante da casa da família de meu pai, e não consigo enxergar direito. Nem me fale em simbolismo, murmuro, segurando meus óculos para tentar ver aquele róseo monólito, provando a mim mesmo que esse trecho da jornada será difícil. Comecei com o pé esquerdo.

Então resolvo caminhar. Obrigo-me a andar por entre os estudantes e chego à Ringstrasse, onde já posso me mover e respirar.

Só que se trata de uma rua sinuosamente ambiciosa, de tirar o fôlego em sua escala imperial. É tão grande que um crítico argumentou, quando foi construída, que ela havia criado uma neurose inteiramente nova, a da agorafobia. Foi muito inteligente da parte dos vienenses inventar uma fobia para a nova cidade.



O Palais Ephrussi ao longo da Schottengasse em direção a Votivkirche, Viena, 1881

O imperador Franz Josef havia ordenado a criação de uma metrópole moderna em torno de Viena. Os velhos muros da cidade medieval precisariam ser demolidos, os velhos fossos deveriam ser aterrados e um grande arco de novos edifícios, uma sede para a prefeitura, um parlamento, uma ópera, um teatro, museus e uma universidade seriam construídos. Esse Anel, *Ring*, daria as costas para a velha cidade e olharia para o futuro. Seria um grande anel ao redor de Viena de obras cívicas e culturais grandiosas, uma Atenas, uma florescência ideal de *Prachtbauten* — edifícios esplendorosos.

Esses edifícios seriam de estilos arquitetônicos distintos, mas o conjunto reuniria toda sua heterogeneidade em um todo, o mais grandioso espaço público da Europa, um anel de parques e espaços abertos; a Heldenplatz, o Burggarten e o Volksgarten seriam ornamentados por estátuas celebrando os triunfos da música e da poesia e do teatro.

Produzir tal espetáculo exigia gigantescas obras de engenharia. Durante vinte anos houve pó, pó e não mais do que pó. Viena, disse o escritor Karl Kraus, foi sendo “demolida em uma grande cidade”.

Todos os súditos do imperador de um extremo a outro do império — magiares, croatas, poloneses, tchecos, judeus da Galícia e de Trieste, todas as 12 nacionalidades, as seis línguas oficiais, as cinco religiões — encontrariam essa civilização *Kaiserlich-königlich*, imperial e real.

Funciona: descubro que é curiosamente difícil parar no Ring, com sua promessa infinitamente postergada de um momento em que se poderá ver tudo ao mesmo tempo. Essa nova rua não é dominada por nenhum edifício em particular; não há qualquer crescendo em direção a um palácio ou catedral; mas há um constante triunfo espalhado de um grande aspecto da vida civilizada a outro. Fico pensando que haverá uma vista definidora através dessas árvores nuas no inverno, um momento capturado de relance através dos meus óculos quebrados. O vento vai me varrendo adiante.

Saio andando da universidade, construída no novo estilo renascentista, escadas que dão em um grande pórtico flanqueado por fileiras de janelas em arco, bustos de acadêmicos em cada nicho, sentinelas clássicas nos telhados, pergaminhos dourados identificando anatomistas, poetas, filósofos.

Passo pela prefeitura, de um gótico fantasioso, em direção ao edifício central da Ópera, depois passo os museus e o Reichsrat, o parlamento, construído por Theophilus Hansen, o arquiteto daquele momento. Hansen era um dinamarquês que fez fama estudando arqueologia clássica em Atenas e projetando a Academia de Atenas. Aqui, no Ring, ele construiu o Ringstrasse Palais para o arquiduque Wilhelm, depois o Musikverein, depois a Academia de Belas-Artes e então a Bolsa de Valores de Viena. E o Palais Ephrussi. Ele havia recebido tantas encomendas na década de 1880 que outros arquitetos desconfiaram de uma conspiração envolvendo Hansen e “seus vassalos (...) os judeus”.

Não se tratava de conspiração. Ele simplesmente era muito bom em oferecer a seus clientes o que eles queriam; seu Reichsrat tem um detalhe grego atrás do outro. Berço da democracia, diz o grande pórtico. Protetora da cidade, diz a estátua de Atena. Há sempre um pequeno detalhe, onde quer que você ponha os olhos, para lisonjear o vienense. Há carruagens no telhado, reparo.

Olhando para cima, na verdade, vejo que há em toda parte figuras humanas recortadas contra o céu.

Incessantemente. Aquilo se torna uma série musical de edifícios, espaçados por parques, pontuados de estátuas. Aquilo possui um ritmo adequado ao propósito. Desde a inauguração oficial, a 1^o de maio de 1865, com um desfile do imperador e da imperatriz, isto se tornou um espaço do progresso, da exibição. A corte Habsburgo vivia segundo o cerimonial da corte espanhola, um severo código de rituais, e havia inúmeras ocasiões de complexos cortejos e procissões. E havia a marcha diária do Regimento da Cidade, e marchas nos dias de grandes festas da Guarda Húngara, celebrações do Aniversário Imperial, jubileus, guardas de honra para a chegada da princesa herdeira e funerais. Cada guarda tinha seu uniforme: miríades de adereços, franjas e plumas nos chapéus e dragonas. Estar na Ringstrasse de Viena era ouvir uma banda marcial, sentir o tropel das botas. Os regimentos Habsburgo formavam “o exército mais bem-vestido do mundo”, com um cenário à altura.

Percebo que estou indo depressa demais, andando como se tivesse um destino, em

vez de um ponto de partida. Lembro que essa era a rua por onde passava o lento “Corso” diário, o passeio ritualizado da sociedade ao longo do Kärntner Ring, onde ocorriam os encontros, os flertes e as bisbilhotices, aonde se ia para ser visto. Nas páginas sensacionalistas que proliferavam em Viena na época em que Viktor e Emmy se casaram, havia muitas vezes cartuns mostrando “*Ein Corso Abenteuer*”, uma aventura no Corso, galanteios de homens bigodudos com bengalas e olhares de *demi-mondaines*. Havia o “tráfego de sempre”, escreveu Felix Salten, “dos cavaleiros da moda, nobres de monóculo, membros da brigada dos calças-passadas”.

Era um lugar para se ir bem-vestido. Na verdade, ali tinha sido o palco do mais espetacular exemplo de elegância em Viena. Em 1879, vinte anos antes de Viktor e Emmy se casarem e da chegada dos netsuquês de Charles, Hans Makart, um pintor amplamente popular de imensas telas de fantasias históricas, orquestrara uma *Festzug*, uma procissão de artesãos, para os vinte anos de casamento do imperador. Os artesãos de Viena formavam 43 guildas, cada uma com um carro alegórico decorado. Músicos, arautos, lanceiros e porta-estandartes desfilavam em volta de cada carro. Todos com fantasias renascentistas, e Makart à frente do cortejo fanfarrão sobre um cavalo branco, usando um chapéu de aba larga. Ocorre-me que essa extravagância — um pouco de Renascença, um toque de Rubens, um tanto de classicismo posição — ajusta-se perfeitamente à Ringstrasse.

É tudo tão conscientemente grandioso, e no entanto tem algo de Cecil B. de Mille. Não sou o melhor público para isso. Um jovem pintor e estudante de arquitetura, Adolf Hitler, teria uma reação muito mais visceral à Ringstrasse: “Desde cedo até tarde da noite corro de um objeto de interesse a outro, mas sempre foram os edifícios que primeiro chamaram minha atenção. Eu podia ficar parado diante da Ópera durante horas, olhando o Parlamento por horas; toda a Ringstrasse me pareceu um encantamento tirado das *Mil e uma noites*.” Hitler retrataria todos os grandes edifícios do Ring, o Burgtheater, o Parlamento de Hansen, os dois grandes prédios diante do Palais Ephrussi, a universidade e a Votivkirche. Hitler apreciava o modo como o espaço podia ser usado para uma exibição de efeito dramático. Ele compreendera todos esses ornamentos de um modo diferente: segundo ele, aquilo expressava “valores eternos”.

Tanto encanto fora pago com a venda de terrenos à classe em rápida ascensão dos financistas e industriais. Muitos foram vendidos para a construção do Ringstrasse Palais, um tipo de prédio com um conjunto de apartamentos por trás de uma formidável fachada. Você podia morar no imponente palácio, com uma grande porta de entrada, sacadas e janelas dando para a Ringstrasse, um saguão de mármore, um salão com pinturas no teto — e no entanto ocupar um só andar. Esse andar, o Nobelstock, teria todos os cômodos principais de recepção dispostos em torno de um grande salão de festas. O Nobelstock é fácil de localizar, pois é o que tem mais ornamentos em torno das janelas.

E como muitos dos moradores desses novos Palais eram as famílias que haviam enriquecido recentemente, isso significava que na Ringstrasse viviam basicamente judeus.

Saindo a pé do Palais Ephrussi, passo o Palais dos Lieben, o dos Todesco, o dos Epstein, o dos Schey von Koromla, o dos Königswarter, o dos Wertheim, o dos Gutmann. Esses edifícios heroicos são uma verdadeira lista de famílias judias e seus casamentos endógamos, um desfile arquitetônico de afirmação da riqueza onde judaísmo e ornamento estão entrelaçados.

Caminhando a favor do vento, penso em minha “vadiagem” pela rue de Monceau e me lembro do sagaz Aristide Saccard de Zola, com sua mansão vulgar e opulenta, que avançava rua adentro. Ali em Viena há questões sutilmente diferentes com relação aos judeus da Zionstrasse por trás das grandiosas fachadas dos Palais. Aqui, o que se dizia nas ruas era que os judeus haviam sido tão assimilados, imitando tão bem seus vizinhos gentios, que eles haviam conseguido enganar os vienenses e simplesmente haviam desaparecido no tecido do Ring.

Robert Musil, em seu romance *O homem sem qualidades*, mostra o conde Leinsdorf pensando sobre esse momento de desaparecimento. Esses judeus teriam turvado a vida social de Viena ao não permanecerem fiéis às suas raízes decorativas:

Toda essa assim chamada Questão Judaica desapareceria sem deixar traços se os judeus simplesmente se convencessem a falar hebraico, retomando seus antigos nomes, e usassem trajes orientais (...) Francamente, um judeu da Galícia que acabou de fazer fortuna em Viena não fica bem no Esplanade em Ischl, usando uma roupa de tirolês com um tufo de chamois no chapéu. Mas coloque-o numa bata comprida e larga (...) Imagine-o passeando pela nossa Ringstrasse, o único lugar do mundo onde você vê, em meio à mais alta elegância da Europa Ocidental, um maometano com seu fez vermelho, um eslovaco com suas peles de ovelha, ou um tirolês de calças curtas.

Vá aos cortiços de Viena, Leopoldstadt, e você verá judeus vivendo como judeus deveriam viver, 12 no mesmo quarto, sem água, falando alto na rua, usando aquelas batas, usando aquele linguajar. Em 1863, quando Viktor chegou a Viena vindo de Odessa aos três anos de idade, havia menos de oito mil judeus na cidade. Em 1867, o imperador concedeu igualdade civil aos judeus, removendo as últimas barreiras para a conquista do direito de dar aulas e possuir propriedade. Quando Viktor tinha trinta anos, em 1890, havia 118 mil judeus em Viena, muitos deles *Ostjuden* expulsos da Galícia pelos horrores dos pogroms que haviam ocorrido na década anterior. Os judeus vinham também de pequenas aldeias da Boêmia, da Morávia e da Hungria, *shtetls* onde as condições de vida eram abjetas. Falavam iídiche e às vezes vestiam caftãs: estavam imersos na herança talmúdica. Segundo a imprensa popular vienense, era possível que esses imigrantes estivessem envolvidos com assassinatos rituais, e certamente estariam envolvidos com prostituição, venda itinerante de roupas usadas, comercializando coisas por toda a cidade com seus estranhos cestos nas costas.

Na época do casamento de Viktor e Emmy, em 1899, havia 145 mil judeus em

Viena. Por volta de 1910, apenas Varsóvia e Budapeste tinham uma população maior de judeus na Europa; só Nova York tinha uma população maior de judeus no mundo. Muitos da segunda geração de novos imigrantes haviam feito conquistas notáveis. Viena era uma cidade, disse Jakob Wassermann na virada do século, onde “toda a vida pública era dominada pelos judeus. Os bancos. A imprensa, o teatro, a literatura, as organizações sociais, tudo estava nas mãos dos judeus (...) Eu ficava impressionado com a multidão de médicos, promotores, frequentadores dos clubes, esnobes, dândis, proletários, atores, jornalistas e poetas judeus”. Na verdade, 71 por cento dos financistas eram judeus, 65 por cento dos advogados eram judeus, 59 por cento dos médicos eram judeus e metade dos jornalistas de Viena era de judeus. *Die Neue Freie Presse* era “de propriedade de judeus, editada e escrita por judeus”, disse Wickham Steed em seu livro despreocupadamente antisemita sobre o Império Habsburgo.

E esses judeus tinham as fachadas perfeitas — eles sumiam. Era uma cidade potemkiniana e eles eram moradores potemkinianos. Assim como o general russo levantara uma cidade inteira em madeira e gesso para impressionar Catarina, a Grande, em sua visita, também a Ringstrasse, como escreveu o incendiário arquiteto Adolf Loos, não passava de uma grande simulação. Era *potemkinische*. As fachadas não tinham nenhuma relação com os edifícios. A pedra era puro estuque, era tudo uma invenção para arrivistas. Os vienenses deviam parar de viver nesse cenário “torcendo para que ninguém perceba que é falso”. O satirista Karl Kraus concordava. Aquilo era a “degradação da vida prática pelo ornamento”. E mais do que isso, através dessa degradação, a linguagem havia se infestado daquela “catastrófica confusão. A fraseologia é o ornamento da mente”. Esses edifícios ornamentais, sua disposição ornamental dos espaços, a vida ornamental que ocorria em torno deles: Viena se tornara pomposa.

Esse é um lugar complexo para se enviar os netsuquês, pensei, fazendo a volta para retornar ao Palais Ephrussi ao crepúsculo, sentindo-me mais tranquilo. Complexo porque não sei exatamente o que quer dizer todo esse ornamento. Meus netsuquês são de um material ou de outro, madeira ou marfim. São duros a toda prova. Não são *potemkinische*, não são de estuque e cola. E são coisinhas divertidas, e não consigo imaginar como eles sobreviveriam nessa cidade grandiloquente e cheia de si.

Mas então, novamente, ao mesmo tempo, ninguém pode acusá-los de serem práticos. Certamente se pode pensar neles como algo ornamental, até mesmo como uma espécie de encantamento. Penso na adequação do presente de casamento de Charles ao chegar em Viena.

13. ZIONSTRASSE

Quando os netsuquês chegaram ao Palais, a casa já tinha quase trinta anos, construída por volta da mesma época que o Hôtel Ephrussi na rue de Monceau. O edifício é uma peça teatral, um espetáculo público do homem que contratou a obra, o pai de Viktor, meu tataravô Ignace.

Existem, receio, três Ignace Ephrussi nesta história, espalhados em três gerações. O mais novo é o meu tio-avô Iggie em seu apartamento de Tóquio. Antes dele, o irmão de Charles, o parisiense duelista com sua fileira de casos de amor. E aqui em Viena nós encontramos o barão Ignace von Ephrussi, detentor da Cruz de Ferro de Terceira Classe, nobilitado por seus serviços prestados ao imperador, conselheiro imperial, cavaleiro da Ordem de St. Olaf, cônsul honorário do rei da Suécia e da Noruega, possuidor da Ordem do Velocino da Bessarábia e da Ordem Russa do Loureiro.



Barão Ignace von Ephrussi, 1871

Ignace era o segundo banqueiro mais rico de Viena, dono de outro imenso edifício na Ringstrasse e do conjunto de prédios de seu banco. E isso apenas em Viena. Encontro um documento de auditoria que mostra que em 1899 ele tinha um patrimônio na cidade de 3.308.319 florins, algo em torno de duzentos milhões de dólares hoje em dia; 70 por cento dessa riqueza era na forma de ações, 23 por cento em propriedades, 5 por cento em obras de arte e joias e 2 por cento em ouro. É um bocado de ouro, penso cá comigo, além de sua ruritaniana lista de títulos. Era preciso uma fachada com muitas cariátides e douraões para estar à altura de tal lista.

Ignace foi um *Gründer*, um patriarca, da *Gründerzeit*, a época da fundação da modernidade austríaca. Ele chegara em Viena com os pais e o irmão mais velho, Leon, diretamente de Odessa. Quando o Danúbio inundou catastróficamente Viena, em 1862, com as águas lambendo os degraus do altar da catedral de Santo Estêvão, foi a família Ephrussi quem emprestou dinheiro para o governo construir os diques e as novas pontes.

Tenho um desenho de Ignace. Ele devia ter seus cinquenta anos, e está usando um paletó bastante elegante com lapelas largas e um gordo nó de gravata com uma pérola espetada. Barba, cabelos escuros penteados para trás, Ignace me devolve o olhar de escrutínio e a boca está como que prestes a emitir algum julgamento.

Tenho também um retrato de sua esposa, Emilie, de olhos cinzentos com um cordão de pérolas dando voltas no pescoço e caindo por sobre o vestido de seda preta furta-cor. Ela também parece bastante crítica, e toda vez que coloco essa pintura na parede de casa, tenho de tirar depois, pois ela encara nossa vida doméstica com um olhar de descrença. Emilie era conhecida na família como “o crocodilo”, por seu sorriso contagiante — quando sorria. Como Ignace tinha casos com as duas irmãs dela, além de uma série de amantes frequentes, sinto-me com sorte por ela estar ao menos sorrindo no quadro.

De alguma forma imagino que foi Ignace quem escolheu Hansen como arquiteto; ele sabia como fazer um símbolo funcionar. O que esse rico banqueiro judeu queria era um edifício que encenasse a ascensão de sua família, uma casa para combinar com aquelas grandes instituições da Ringstrasse.

O contrato entre os dois homens foi assinado no dia 12 de maio de 1869, com a permissão para a obra sendo concedida pela prefeitura no final de agosto. Na ocasião em que veio trabalhar no Palais Ephrussi, Theophilus Hansen já havia sido alçado à nobreza: ele era agora Theophil Freiherr von Hansen, e seu cliente — sagrado cavaleiro — era Ignace Ritter von Ephrussi. Ignace e Hansen começaram discordando a respeito da escala da elevação: as plantas registram incontáveis revisões conforme os dois voluntariosos senhores chegavam a um acordo sobre o melhor modo de utilizar o espetacular logradouro. Ignace fez questão de estábulos para quatro cavalos, além de uma garagem para “duas ou três carruagens”. Sua principal exigência era uma escada exclusiva para ele, que não pudesse ser utilizada por mais ninguém da casa. Está tudo descrito em um artigo de 1871 do *Allgemeine Bauzeitung*, ilustrado com esplêndidos desenhos e cortes. O Palais seria uma grande tribuna para Viena: suas sacadas dariam para a cidade,

e a cidade passaria diante de suas imensas portas de carvalho.

Paro do lado de fora. Este é o último momento em que posso decidir dar meia-volta, atravessar a rua, tomar o bonde e deixar essa residência dinástica e sua história em paz. Respiro fundo. Empurro a porta da esquerda, atravesso os imensos portões duplos de carvalho e estou em um corredor comprido, alto e escuro, com um teto ornamentado em dourado acima de mim. Sigo em frente e estou em um pátio coberto de vidro de cinco andares, com sacadas internas pontuando a imensidão de espaços. Há uma estátua em tamanho natural de um Apolo musculoso que tange sua lira despreocupadamente diante de mim, parado em seu pedestal.

Há pequenas árvores plantadas em vasos e uma recepção, onde explico, precariamente, quem eu sou e que aquela fora a residência da minha família, e que eu adoraria dar uma olhada na casa se não fosse um grande incômodo. Certamente não era. Um homem encantador aparece e me pergunta o que eu gostaria de ver.

Tudo o que vejo é mármore: muito mármore. Dito assim, não se imagina quanto. Tudo ali é de mármore. O piso, a escada, as paredes da escada, as colunas da escada, o teto sobre a escada, até mesmo os ornamentos do teto sobre a escadaria. Virando à esquerda, subo a escada da família, degraus baixos de mármore. Virando à direita, adentro outro saguão de entrada. Olho para baixo e vejo as iniciais do patriarca no piso de mármore: JE (de Joachim Ephrussi), encimadas por uma coroa. Junto à grandiosa escadaria há dois tocheiros mais altos do que eu. Os degraus continuam sem cessar, perigosamente rasos. Molduras de mármore negro nas imensas portas duplas — em preto e dourado —; empurro-as e entro no mundo de Ignace Ephrussi.

Em se tratando de aposentos dourados, esses são muito, muito escuros mesmo. As paredes são divididas em painéis, cada um delimitado de fitas douradas. As lareiras são gigantescos acontecimentos em mármore. Os pisos são um parquê intrincado. Todos os forros do teto se dividem em redes de losangos, elipses e painéis triangulares de ornamentos intensamente dourados que se alçam e se projetam em intrincados rolos de espuma neoclássica. Grinaldas e acantos coroam a inebriante mistura. Todos os painéis são pintados por Christian Griepenkerl, aclamado autor da decoração do teto do auditório da Ópera. Cada cômodo aborda um tema clássico: na sala de bilhar temos uma série de conquistas de Zeus — Leda, Antíope, Dânae e Europa —, cada jovem desnudada amparada por *putti*,* e veludos pensos. A sala de música possui alegorias das musas; no salão, uma miscelânea de deusas espargindo pétalas; o salão menor tem mais *putti* espalhados ao acaso. A sala de jantar, dolorosamente óbvia, traz ninfas servindo vinho, cobertas de uvas ou absortas pela caça. Há mais *putti*, sem nenhum critério, sentados sobre os umbrais das portas.

Tudo nesse lugar, noto, é muito brilhante. Não há onde se agarrar nessas superfícies marmóreas. A ausência de tato me dá pânico: passo minhas mãos pelas paredes e sinto certa viscosidade. Eu achava que tinha esgotado minha cota de arquitetura da Belle Époque em Paris, forçando o pescoço para ver os Baudry no teto da Opéra. Mas aqui está tudo muito mais próximo, é tudo muito mais pessoal. Tudo aqui é agressivamente

dourado, agressivamente despropositado. O que Ignace estava tentando fazer? Calar a boca de seus detratores?

No salão de baile, com as três grandes janelas dando para a praça da Votivkirche, Ignace deixa subitamente escapar um detalhe. Ali, no teto — onde em outro palais da Ringstrasse você encontra algo elísio —, há uma série de cenas bíblicas do Livro de Ester: Ester coroada rainha de Israel, ajoelhada diante do sacerdote de túnica rabínica, recebendo a bênção, com as criadas ajoelhadas atrás dela. E então aparece a destruição dos filhos de Amã, o inimigo dos judeus, pelos soldados judeus.

É feito com beleza. É um modo disfarçado e duradouro de marcar posição sobre quem você é. O salão de baile é o único lugar de um lar judaico — por mais grandioso que seja, e por mais que você seja rico — que seus vizinhos gentios jamais verão socialmente. É a única pintura judaica em toda a Ringstrasse. Aqui, na Zionstrasse, é um pedacinho de Sião.

* *Putto* (no plural, *putti*): representação de menino inspirado em modelos clássicos de Eros/Cupido surgida na pintura e na escultura decorativa da Renascença. (*N. do E.*)

14. A HISTÓRIA COMO DE FATO ACONTECEU

Foi nesse implacável Palais de mármore que os três filhos de Ignace foram criados. Nas fotografias guardadas que meu pai me deu há uma foto das crianças no salão, posando rigidamente entre cortinas de veludo e um vaso de palmeira. Stefan é o mais velho, bonito e algo afrito. Ele passa seus dias no escritório com o pai, aprendendo sobre os grãos. Anna tem o rosto comprido e olhos grandes, muitos cachos, e parece mesmo entediada, com o álbum de retratos quase a lhe cair das mãos. Está com 15 anos e, além das aulas de dança, passa os dias numa carruagem deslocando-se entre as casas com sua mãe glacial. E o caçula é meu bisavô Viktor. Chamado pelo patronímico russo, Tascha, ele está com paletó de veludo, segurando um chapéu de veludo e uma bengala. Seus cabelos são negros, brilhantes e ondulados e parece que lhe prometeram uma recompensa por passar essa longa tarde fora de sua sala de estudos, sob essas pesadas cortinas.

A sala de estudos de Viktor tem uma janela que dá para o terreno onde será construída a universidade, com sua seqüência racional de colunas que conta aos vienenses que o conhecimento é laico e novo. Durante anos, todas as janelas desse novo lar na Ringstrasse deram para a poeira e a demolição. E, enquanto Charles conversa com Mme. Lemaire sobre Bizet nos salões de Paris, Viktor está em sua sala de estudos do Palais Ephrussi com seu tutor alemão, o prussiano *Herr Wessel*. *Herr Wessel* fez Viktor traduzir passagens de *Declínio e queda do Império Romano*, de Edward Gibbon, do inglês para o alemão, ensinando-lhe como funcionava a história segundo o grande historiador alemão Leopold von Ranke, “*wie es eigentlich gewesen*” — a história como aconteceu na verdade. A história estava acontecendo agora, disseram a Viktor; a história está soprando como o vento pelos campos de trigo desde Heródoto, Cícero, Plínio e Tácito, através dos impérios, até o austro-húngaro, e depois até Bismarck e a nova Alemanha.

Para entender a história, ensinava *Herr Wessel*, você também deve conhecer Ovídio e Virgílio. Deve saber como os heróis enfrentaram o exílio e a derrota e a volta ao lar. De modo que após as aulas de história, Viktor precisava aprender partes da *Eneida* de cor. E depois disso, imagino que como recreação, *Herr Wessel* ensinava a Viktor sobre Goethe, Schiller e Humboldt. Viktor aprende que amar a Alemanha é amar o Iluminismo. E que o alemão significa emancipação do retrocesso, significa *Bildung*, cultura, conhecimento, a jornada rumo à experiência. *Bildung*, como está implícito, é a jornada do russo ao alemão, de Odessa à Ringstrasse, do comércio de grãos à leitura de Schiller. Viktor começa a comprar seus próprios livros.

Viktor, segundo a família, é o mais brilhante e deverá prosseguir nesse tipo de educação. Viktor, como Charles, será o filho poupado e não precisará se tornar banqueiro. Stefan vem sendo preparado para isso, assim como o primogênito de Leon, Jules. Em uma fotografia de Viktor poucos anos mais tarde, ele está com apenas 22 anos e parece um perfeito intelectual judeu com a barba bem-aparada, já um pouco acima do

peso, um colarinho branco alto e um paletó preto. Ele tem o nariz dos Ephrussi, é claro, porém o mais notável é seu pincenê, a marca do rapaz com ambições de historiador. De fato, em “seu” café, Viktor é capaz de discorrer longamente, conforme seu tutor lhe ensinara, sobre aquele momento e sobre como as forças da reação deviam ser vistas no contexto do progresso. E assim por diante.

Todo rapaz tinha o seu café favorito, e cada café apresentava uma diferença sutil. O de Viktor era o Griensteidl, no Palais Herberstein, perto do Hofburg. Ali era o ponto de encontro de jovens escritores, a *Jung Wien* do poeta Hugo von Hofmannsthal, e do dramaturgo Arthur Schnitzler. O poeta Peter Altenberg recebia a correspondência em sua mesa. Havia pilhas de jornais e uma coleção completa da *Meyers Konversations-Lexicon*, a resposta alemã à *Encyclopaedia Britannica*, para provocar ou resolver discussões ou alimentar as laudas jornalísticas. Você podia passar o dia inteiro ali, com uma única xícara de café sob a alta abóbada do teto, escrevendo, não escrevendo, lendo a edição matutina do jornal — *Die Neue Freie Presse* — enquanto esperava a edição da tarde. Theodor Herzl, o correspondente em Paris do jornal com apartamento na rue de Monceau, costumava escrever ali e discutir sua ideia absurda de um Estado judaico. Até mesmo os garçons tomavam parte na conversa em torno das enormes mesas redondas. Era, na expressão memorável do satirista Karl Kraus, “um posto experimental do fim do mundo”.

Em um café era possível adotar uma atitude de isolamento melancólico. Essa era uma atitude compartilhada por muitos amigos de Viktor, filhos de outros ricos banqueiros e industriais judeus, outros membros da geração que crescera nos *palais* de mármore da Ringstrasse. Os pais deles haviam financiado cidades e ferrovias, haviam feito fortunas, mudado com suas famílias através de continentes. Era tão difícil chegar à altura do *Gründer* que o melhor que se podia esperar dos filhos era que soubessem conversar.

Esses filhos tinham uma ansiedade comum a respeito do futuro, vidas colocadas diante deles em monotrilhas dinásticas, expectativas familiares a impulsioná-los adiante. Isso significava uma vida vivida sob os tetos dourados das casas de seus pais, casamentos com filhas de financistas, infundáveis bailes, anos de negócios se projetando à frente deles. Significava o *Ringstrassenstil*, o estilo da Ringstrasse — pompa, excesso de confiança, arrivismo. Significava o bilhar na sala de jogos com os amigos do pai depois do jantar, uma vida emparedada em mármore, observada pelos *putti*.

Esses rapazes podiam ser vistos como judeus ou como vienenses. Não importava que tivessem nascido na cidade: os judeus tinham essa injusta vantagem sobre os *vienenses nativos*, que haviam concedido a liberdade aos semitas recém-chegados. Como disse o jornalista inglês Henry Wickham Steed, isso era:

Dar liberdade ao esperto, astuto e infatigável judeu de saquear uma esfera pública e política totalmente despreparada para se defender dele ou competir com ele. Recém-saído do Talmude e da sinagoga, e conseqüentemente treinado na conspiração contra a lei e capacitado para a intriga, o semita invasor chegou da Galícia ou da Hungria e arrasta consigo o que encontra no caminho. Desconhecido e portanto livre do controle da

opinião pública, sem nenhuma “aposta no país” e portanto impulsivo, ele pretende apenas satisfazer seu apetite insaciável pela riqueza e pelo poder...

A insaciabilidade dos judeus era um tema comum. Eles simplesmente não reconheciam nenhum limite. O antissemitismo fazia parte da vida cotidiana. O sabor do antissemitismo de Viena era distinto do parisiense. Ambos se apresentavam ora aberta, ora disfarçadamente. Mas em Viena você podia esperar ter seu chapéu arrancado de sua cabeça em plena Ringstrasse, simplesmente por parecer judeu (o personagem Ehrenberg de *Caminho para a liberdade*, de Schnitzler; o pai de Freud em *A interpretação dos sonhos*); ser chamado de judeu sujo por abrir uma janela de um vagão de trem (Freud); ser esnobado em uma reunião de um comitê beneficente (Emilie Ephrussi); ter suas aulas na universidade interrompidas por gritos de “*Juden hinaus*” — “Fora, judeus” — até que cada estudante judeu pegasse seus livros e saísse da sala.

Os abusos se davam também de modo mais generalizado. Era possível ler as últimas declarações da versão vienense de Édouard Drumont em Paris, Georg von Schönerer, ou escutar suas violentas manifestações que percorriam todo o Ring sob sua janela. Schönerer ganhara notoriedade como fundador do Movimento Pangermânico, perorando contra “o judeu, o vampiro sugador (...) que bate (...) na janela estreita do camponês e do artesão alemão”. Ele havia jurado no Reichsrat que se seu movimento não obtivesse êxito naquele momento, “os vingadores hão de ressurgir dos nossos ossos” e que diante “do terror dos opressores semitas e de seus companheiros”, vale o princípio “olho por olho, dente por dente”. Revides contra as injustiças dos judeus — bem-sucedidos e abonados — eram algo especialmente comum entre artesãos e estudantes.

A Universidade de Viena era um foco de nacionalismo e antissemitismo, com as *Burschenschaften* ou fraternidades estudantis à frente com sua profissão de fé de expulsar os judeus da universidade. Esse é um dos motivos por que muitos alunos judeus consideravam necessário se tornar experientes e perigosos esgrimistas. Preocupadas, essas fraternidades instituíram o princípio Waidhofen, o que significava que não poderiam existir duelos com judeus, pois os judeus não tinham honra e não se deveria esperar que vivessem como se tivessem: “É impossível ofender um judeu. Um judeu não pode, portanto, tirar satisfações por nenhuma ofensa sofrida.” Mas mesmo assim era possível espancá-los, é claro.

No entanto, o doutor Karl Lueger, fundador do Partido Social Cristão, com sua amabilidade, seu jargão vienense, e seus seguidores, com seus cravos brancos na lapela, pareciam ainda mais perigosos. Seu antissemitismo parecia mais cuidadosamente ponderado, menos abertamente insuflador de multidões. Lueger desempenhava seu papel de antissemita mais por necessidade do que por convicção: “Lobos, panteras e tigras chegam a ser humanos se comparados a esses animais predadores com forma humana (...) Fazemos objeções à substituição do velho império cristão da Áustria pelo novo império judaico. Não odiamos o indivíduo, o pobre, o judeuzinho. Não, senhores, não odiamos nada além do grande e opressor capital que está nas mãos dos judeus.” Eram os

Bankjuden — os Rothschild e Ephrussi — que deviam ocupar essa posição.

Lueger alcançou imensa popularidade e acabou nomeado prefeito em 1897, comentando com certa satisfação que “o ataque aos judeus é um excelente meio de fazer propaganda e uma carreira na política”. Lueger então chega a um acordo com aqueles mesmos judeus que ele havia perseguido em sua ascensão ao poder, comentando presunçosamente que “quem é ou não é judeu é uma questão que eu mesmo determino”. Havia ainda uma grande aflição entre os judeus: “Seria considerado apropriado, tendo em vista a reputação e os interesses da cidade, que Viena fosse a única grande cidade do mundo administrada por um agitador antissemita?” Ainda que não existisse uma legislação antissemita, a pena pelos vinte anos de retórica de Lueger foi a legitimação do preconceito.

Em 1899, o ano em que os netsuquês chegam a Viena, era possível para um deputado do Reichsrat fazer discursos exigindo *Schussgeld* — recompensas em dinheiro — para quem a tirasse em um judeu. Em Viena, as declarações mais ultrajantes foram encaradas pelos judeus assimilados com uma sensação de que provavelmente era melhor não fazer muito alarde.

Parece que passarei outro inverno lendo sobre antissemitismo.

Foi o imperador quem se manifestou contra essa agitação. “Não tolerarei nenhuma *Judenhetze* em meu império”, disse. “Estou plenamente convencido da fidelidade e da lealdade dos israelitas e eles sempre poderão contar com a minha proteção.” Adolf Jellinek, o mais famoso orador judeu da época, declarou que “os judeus são completamente dinásticos, leais, austríacos. A águia bicéfala austríaca é para eles um símbolo de redenção e as cores da Áustria adornam as bandeiras de sua liberdade”.

Rapazes judeus em seus cafés tinham uma visão ligeiramente diferente. Eles estavam vivendo na Áustria, parte de um império dinástico, parte de uma rígida burocracia em que cada decisão era infinitamente lenta, em que tudo aspirava a ser “*Kaiserlich-königlich*”, *k & k*, imperial e real. Você não dava um passo em Viena sem deparar com a águia bicéfala dos Habsburgo ou com retratos do imperador Franz Josef, com seu bigode, suas costeletas, o peito coberto de medalhas e seus olhos de avô acompanhando tudo da vitrine da loja onde você comprou charutos, por sobre o pequeno balcão do maître no restaurante. Você não dava um passo em Viena, se fosse jovem, rico e judeu, sem ser observado por um membro de sua família dinástica estendida. Tudo o que você fazia podia ir parar em uma revista satírica. Viena era uma rede de intrigas, caricaturistas — e primos.

O espírito do tempo era algo bastante discutido nas mesas de mármore dos cafés entre aqueles rapazes tão sérios. Hofmannsthal, filho de um financista judeu, argumentou que o espírito da época “é a multiplicidade e a indeterminação”. Residia apenas, segundo ele, em “*das Gleitende*”, o mutável, o escorregadio, o deslizante: “o que outras gerações acreditavam ser firme é na verdade *das Gleitende*”. O espírito da época era a própria mudança, algo que se refletiria no parcial e fragmentário, no melancólico e lírico, não mais nos acordes grandiosos, firmes, operísticos do *Gründerzeit* e na Ringstrasse. “A

segurança”, disse Schnitzler, o filho abonado de um professor judeu de laringologia, “não existe em parte alguma”.

A melancolia combina com o outono eternamente moribundo do *Abschied*, Adeus, de Schubert. *Liebestod*, morrer de amor, era uma reação a isso. O suicídio era terrivelmente comum entre os conhecidos de Viktor. A filha de Schnitzler, o filho de Hofmannsthal, três irmãos de Wittgenstein e o irmão de Gustav Mahler, todos se matariam. A morte era um modo de se separar do mundano, dos esnobes, das intrigas e da boataria, e de escapar de *das Gleitende*. A lista de Schnitzler das razões para se matar em *Caminho para a liberdade* abrange: “Misericórdia, ou dívidas, por tédio com a vida, ou por pura afetação.” Quando, a 30 de janeiro de 1889, o arquiduque Rudolf, príncipe herdeiro, comete suicídio depois de assassinar sua jovem amante Marie Vestera, o suicídio ganha seu *imprimatur* imperial.

Ficara subentendido que nenhuma das sensíveis crianças Ephrussi chegaria àquele ponto. A melancolia tinha seu lugar. Um café. Não devia ser levada para casa.

Mas outras coisas chegariam em casa.

No dia 25 de junho de 1889, a irmã de Viktor, de rosto comprido, *belle laide* Anna, converteu-se ao catolicismo para se casar com Paul Herz von Hertenreid. Ela dispunha de uma longa lista de pretendentes, e agora havia encontrado um banqueiro e barão que vinha do tipo certo de família, mesmo sendo cristão. Os Von Hertenreid são uma família que — no tom de aprovação de minha avó — *sempre falou francês*. As conversões eram relativamente comuns. Passo um dia olhando registros do rabinato vienense nos arquivos de uma comunidade judaica próxima à sinagoga na Seitenstetgengasse, vendo os nomes de cada judeu nascido, casado ou enterrado em Viena. Estou procurando por ela quando uma arquivista me diz: “Eu me lembro do casamento dela, 1889. Ela tem uma assinatura muito firme, segura. Quase rasga o papel.”

Bsso acreditar. Anna parece ter sido alguém capaz de criar confusão aonde quer que fosse. Na árvore genealógica que minha avó fez para meu pai nos anos 1970, há anotações a lápis. Anna teve dois filhos, ela escreve, uma bela filha que se casou e depois fugiu com o amante para o Oriente, e um filho que “não casou, não fez nada”. “Anna”, ela continua, “bruxa”.

Onze dias depois do casamento de Anna com seu banqueiro, Stefan, o provável herdeiro — criado para a vida no banco, com seu fantástico bigode encerado —, foge com a amante russa de seu pai, Estiha. Estiha só falava russo — isso está escrito na árvore anotada da família — *e um alemão estropiado*.

Stefan é imediatamente deserddado. Não receberá mesada, nem morará em propriedades da família, sequer se comunicará com qualquer membro da família. Era um proscrito como no Antigo Testamento, reconhecidamente com o particular toque vienense do casamento com a amante do pai. Os pecados se sobrepunham: apostasia e desgraça filial. E incompetência linguística de amante. Não sei ao certo como interpretar isso. Depõe contra o pai, contra o filho ou contra ambos?

Banido, o casal foi primeiro a Odessa, onde ainda havia alguns amigos e um sobrenome útil. Depois a Nice. Então uma sucessão de redutos cada vez menos elegantes ao longo da Côte d'Azur, conforme o dinheiro foi se acabando. Em 1893, um jornal de Odessa comentava que o barão Stefan von Ephrussi fora recebido na fé protestante luterana. Em 1897, ele está encarregado do caixa de um banco russo de comércio internacional. Chega uma carta de um hotel barato em Paris no décimo *arrondissement* em 1898. Eles não têm filhos, nenhum herdeiro para complicar os planos de Ignace. Pergunto-me, de passagem, se Stefan teria conservado o belo bigode enquanto descia ladeira abaixo com Estiha por aqueles hotéis cada vez mais baratos, aguardando um telegrama de Viena.

E o mundo de Viktor parou como um livro subitamente abandonado.

Com suas mãos no café ou não, Viktor de repente estava no comando de um negócio muito grande, complexo e internacional. Ele ganharia tarimba em ações e remessas, seria enviado a Petersburgo, Odessa, Paris, Frankfurt. Um tempo precioso havia sido perdido com o outro filho. Viktor aprenderia depressa o que se esperava dele. E era só o começo. Viktor também deveria se casar, e ter filhos: mais especificamente, ele precisava ter um menino. Todos aqueles sonhos de escrever uma magistral história de Bizâncio foram deixados para trás. Agora ele era o herdeiro.

Creio que tenha sido nessa altura que Viktor desenvolveu o tique nervoso de tirar o pincenê e passar a mão no rosto da testa ao queixo, um movimento reflexo. Ele estava limpando a mente, ou acomodando sua imagem pública. Ou talvez estivesse apagando seu rosto privado, tirando-o com a mão.

Viktor esperou o aniversário de 17 anos da moça e então pediu a mão da baronesa Emmy Schey von Koromla, que ele conhecia desde pequena. Os pais dela, o barão Paul Schey von Koromla e a inglesa Evelina Landauer, eram amigos da família, sócios de negócios de seu pai, vizinhos da Ringstrasse. Viktor e Evelina eram amigos íntimos, além de contemporâneos. Partilhavam o amor à poesia, saíam juntos para dançar nos bailes e para caçar em Kővecses, a propriedade dos Schey na Tchecoslováquia.



O jovem acadêmico: Viktor aos 22 anos, 1882

Viktor e Emmy casaram-se no dia 7 de março de 1899, na sinagoga de Viena. Ele tinha 39 anos e estava apaixonado, e ela tinha 18 e estava apaixonada. Ele, apaixonado por Emmy. Ela, por um artista e playboy que não tinha nenhuma intenção de se casar com

ninguém, muito menos com aquela criatura decorativa. Não era Viktor a sua paixão.

Entre os presentes mais apropriados vindos de toda a Europa, deixados após o café da manhã do casamento na biblioteca, estava o famoso colar de pérolas de uma avó, a escritaninha Luís XVI do primo Jules e de Fanny, os dois navios na tempestade do primo Ignace, uma Virgem italiana com o menino *nach* Bellini em uma imensa moldura dourada do tio Maurice e da tia Beatrice, e um grande diamante de alguém cujo nome se perdeu. E, do primo Charles, havia a vitrine contendo os netsuquês alinhados em estantes de veludo verde.

E então, no dia 3 de junho, dez semanas após o casamento, Ignace morreu. Foi de repente: não houve falsas convalescenças. Segundo minha avó, ele morreu no Palais Ephrussi com Emilie segurando-lhe uma das mãos e sua amante, a outra. Essa devia ser outra amante, percebo, uma amante que não era nem a esposa de seu filho nem uma de suas cunhadas.

Tenho uma fotografia de Ignace em seu leito de morte, a boca ainda firme e decidida. Ele foi enterrado no mausoléu da família Ephrussi. É um pequeno templo dórico que ele mandara construir com a característica precaução de assegurar ao clã Ephrussi um lugar na seção judaica do cemitério de Viena, e onde seu pai, o patriarca Joachim, fora novamente enterrado. Bastante bíblico, creio, ser enterrado com o pai e deixar espaço para os filhos. No testamento ele deixou herança para 17 de seus empregados, do valete Sigmund Donnebaum (1.380 coroas) e o mordomo Josef (720 coroas) ao porteiro Alois (480 coroas) e as criadas Adelheid e Emma (140 coroas). Pediu a Viktor que escolhesse um quadro da coleção para seu sobrinho Charles, e subitamente vejo aqui uma certa ternura, uma lembrança de um tio a seu sobrinho jovem e livresco com seus cadernos, quarenta anos antes. Imagino o que Viktor escolheu dentre as pesadas molduras douradas.

E assim Viktor, com sua nova e jovem esposa, herdou o banco Ephrussi e responsabilidades que envolviam Viena, Odessa, São Petersburgo, Londres e Paris. Inclusos na herança estavam o Palais Ephrussi, diversos edifícios em Viena e uma imensa coleção de arte, um serviço de jantar dourado com o duplo E gravado, e a responsabilidade por 17 empregados que trabalhavam no Palais.

Viktor apresentou a Emmy o novo apartamento, o *Nobelstock*. O comentário dela foi preciso: “Parece o foyer da Ópera.” O casal resolveu se instalar no andar de cima, no segundo grande andar do Palais, um pavimento com menos tetos decorados, menos mármore em torno das portas. Os aposentos de Ignace foram reservados para festas ocasionais.

Os recém-casados, meus bisavós, tinham uma sacada que dava para a Ringstrasse, uma sacada com vista para o novo século. E os netsuquês — meu monge adormecido sobre sua cuia de mendigo e o cervo coçando a orelha — tinham um novo lar.

15. “UMA GRANDE CAIXA QUADRADA COMO DESENHO DE CRIANÇA”

A vitrine precisa ir para algum canto. O casal resolveu deixar o *Nobelstock* como um monumento a Ignace; e a mãe de Viktor, Emilie, graças a Deus, resolvera voltar ao seu grandioso hotel em Vichy onde podia tomar suas águas e aterrorizar as criadas. De modo que eles tinham um andar inteiro do Palais só para eles. O lugar já estava repleto de pinturas e mobília, evidentemente, e ainda havia os empregados — inclusive a nova criada de Emmy, uma menina vienense chamada Anna —, mas era só para eles.

Depois de uma longa lua de mel em Veneza eles precisam tomar algumas decisões. Esses marfins deviam ficar no salão? O estúdio de Viktor não era exatamente grande o bastante. Ou na biblioteca? Ele veta a biblioteca. No canto da sala de jantar ao lado dos bufês em estilo Bouille? Cada um desses lugares oferecia um tipo de problema. Ali não era um apartamento no “mais puro estilo Império”, como a delicada calibragem de objetos e quadros de Charles em Paris. Aquilo era um acúmulo de *coisas* resultantes de quatro décadas de compras caríssimas.

A grande caixa de vidro com belos objetos apresentava uma dificuldade particular para Viktor, uma vez que viera de Paris, e ele não a queria por perto a lembrá-lo de outro lugar, de outra vida. O fato é que Viktor e Emmy não estavam seguros de haverem gostado do presente de Charles. São magníficas, essas pequenas esculturas, divertidas e intrincadas, e era óbvio que seu primo favorito, Charles, havia sido extremamente generoso. Mas o relógio de malaquita chapeada e os dois globos dos primos de Berlim, e a Virgem, foram logo postos de lado — salão, biblioteca, sala de jantar —, e com a notável vitrine não se podia fazer o mesmo. É muito estranha e complexa, e também bastante volumosa.

Emmy, aos 18 anos de idade, impressionantemente bela e fabulosamente vestida, era segura de si. Viktor cederia às intenções dela quanto ao destino de todos os presentes de casamento.

Ela era bastante esguia, tinha cabelo castanho-claro e belos olhos cinzentos. Era dona de uma espécie de luminosidade, aquela rara qualidade de alguém que está à vontade aonde quer que vá. Emmy se movimentava graciosamente. Bem-apegoada e com vestidos que destacavam sua cintura fina.

Como uma bela e jovem baronesa, Emmy dispunha de todas as cartas do jogo social. Fora criada em dois lugares, na cidade e no campo, e possuía habilidades em ambos. Sua infância em Viena transcorreria no Palais dos Schey, um austero exemplo de grandiloquente neoclassicismo, menos de dez minutos a pé de seu novo lar com Viktor, dando para a Ópera, diante da estátua de um Goethe extremamente contrariado. Tinha ainda um encantador irmão mais novo, que todos conheciam por Pips, e duas irmãszinhas, Eva e Gerty, ainda bebês.

Até completar 13 anos, Emmy tivera uma governanta inglesa obediente e cumpridora de ordens, que gostava de manter a paz na sala de estudos. E depois mais nada. Sua

educação formal é, como resultado, repleta de lacunas de terra incógnita. Existem vastos campos sobre os quais ela não sabia praticamente nada — história sendo um deles —, e ela dava uma risada peculiar quando tais coisas eram mencionadas.

O que ela conhecia eram línguas. Era encantadora tanto falando inglês quanto francês, que ela alternava em casa com os pais. Conhecia diversos poemas infantis nas duas línguas e era capaz de citar longos trechos da *Caçada ao Snark* e “Jabberwocky”. E dominava seu alemão, é claro.

Durante a semana, desde que ela tinha oito anos, todas as tardes em Viena incluíam uma hora de dança, e ela é agora uma dançarina maravilhosa, par ideal dos jovens ardentes nos bailes, também por sua fina cintura com uma brilhante faixa de seda. Emmy patina tão bem quanto dança. E aprendeu a sorrir interessada nas conversas com os amigos do pai sobre ópera e teatro nas ceias tarde da noite que ofereciam, uma vez que ali era uma casa onde não se falava de negócios. Eram muitos primos em suas vidas. Alguns deles, como o jovem escritor Schnitzler, verdadeiros vanguardistas.

Emmy sabe ouvir animada, com tato para o momento de perguntar, de rir, quando virar a cabeça para outro convidado e deixar seu interlocutor olhando sua nuca. Ela tinha muitos admiradores, alguns dos quais presenciaram seus súbitos furores. Emmy tinha um gênio e tanto.

Para levar essa vida em Viena ela precisa saber se vestir. Sua mãe, Evelina, apenas 18 anos mais velha, também se veste impecavelmente e sempre apenas de branco. Branco o ano todo: dos chapéus às botas que ela trocava três vezes ao dia nos verões poeirentos. Roupas eram uma paixão que seus pais lhe permitiam, em parte graças à aptidão que a própria Emmy demonstrava. Aptidão é uma descrição imprecisa. Mais um impulso, uma vocação, um jeito que ela tem de mudar uma peça do que está vestindo para ficar diferente das outras moças.

Na juventude de Emmy havia ainda muitas fantasias. Encontrei um álbum de uma festa de fim de semana em que as garotas foram fotografadas vestidas dos personagens dos Velhos Mestres. Emmy é Isabella d’Este de Ticiano, vestindo veludo e pele, enquanto outras primas são belas criadas de Chardin e Pieter de Hooch. Tomo nota do domínio social de Emmy. Outra fotografia mostra o belo e jovem Hofmannsthal e uma Emmy adolescente vestidos de venezianos renascentistas em um baile de máscaras. Houve também uma festa em que todos se fantasiaram de personagens de uma pintura de Hans Makart, perfeita oportunidade para chapéus de abas largas com penachos.

Antes e depois do casamento a outra vida de Emmy é na Tchecoslováquia, na casa de campo dos Schey em Kövecses, a duas horas de trem de Viena. Kövecses era uma casa muito grande e muito simples do século XVIII (“uma grande caixa quadrada como desenho de criança”, nas palavras da minha avó) em uma paisagem de campos planos, com faixas de salgueiros, bosques de bétulas e riachos. Um rio grande, o Váh, passava por ali, demarcando um dos limites da propriedade. Era uma paisagem onde se podia ver uma tempestade passando ao longe e nem sequer ouvi-la. Havia um lago para nadar com velhas cabines mouriscas para se trocar, muitos estábulos e muitos cachorros. A mãe

de Emmy, Evelina, criava setters gordon — a primeira cadela viera dentro de uma caixa de madeira no *Orient Express*, e o grande trem havia parado na minúscula estação da propriedade. E havia ainda os pointers alemães de seu pai para as caçadas — lebres e perdizes. Sua mãe gostava de caçar e, quando a hora do parto se aproximava, costumava sair para caçar perdizes com a parteira e o guarda-caça.

Em Köveces, Emmy cavalga. Ela persegue cervos e atira e caminha com os cães. Esforço-me para juntar as duas partes de sua vida, e fico um pouco perplexo. Meu quadro da vida judaica na Viena *fin-de-siècle* é perfeitamente lustrado, consistindo basicamente de Freud e vinhetas de conversas entusiasmadas e intelectuais nos cafés. Estou mesmo apaixonado por meu tema de “Viena como cadinho do século XX”, assim como muitos curadores e acadêmicos. Agora estou na parte vienense da história, ouvindo Mahler e lendo meus Schnitzler e Loos, e tenho me sentido, eu também, bastante judeu.

Minha imagem do período certamente não abarca o bastante para incluir caçadas judaicas ao cervo ou discussões judaicas sobre os cães mais apropriados segundo o tipo de caça. Estou no mar, quando meu pai me telefona para dizer que encontrou mais uma coisa para o meu arquivo, cada vez maior, de fotos. Noto que ele também ficou contente com sua própria vadiagem nesse projeto. Ele vem ao meu estúdio almoçar e tira um livrinho branco de uma sacola de supermercado. Não sei ao certo do que se trata, ele diz, mas é melhor ficar no seu “arquivo”.

O livro é encadernado em uma camurça branca muito macia, manchada de sol e gasta na lombada. A capa traz as datas 1878 e 1903. Está fechado por uma fita amarela de seda, que desatamos.

Dentro há 12 belas imagens a bico de pena de membros da família em cartões avulsos, todos em molduras de prata, cada moldura cuidadosamente elaborada com padrões secessionistas, cada uma com uma quadra em alemão, latim ou inglês, parte de um poema ou trecho de uma canção. Concluímos que devia ser um presente de Emmy e de seu irmão Pips pelas bodas de prata do barão Paul com Evelina. A camurça branca, para a mãe que sempre fazia questão do branco: chapéus, vestidos, pérolas e botas de camurça branca.

Um dos cartões pela boda de prata mostra Pips de uniforme tocando Schubert ao piano: ele recebera a educação que faltara a Emmy, com os tutores certos. Ele possui um vasto círculo de amizades nas artes e no teatro, é um homem cosmopolita em diversas capitais e se veste impecavelmente, como a irmã. Uma memória de infância de meu tio-avô Iggie era ter espiado no guarda-roupa de Pips em um hotel em Biarritz onde toda a família passava um verão. A porta do armário estava aberta, e pendurados em cabides havia oito ternos idênticos. Todos eram brancos: uma epifania, uma visão celestial.



Pips tocando piano. Imagem do álbum secessionista de Joseph Olbrich, 1903

Pips aparece como personagem de um romance de muito sucesso na época, do escritor judeu alemão Jakob Wassermann, uma espécie de Richard Hannay, de Buchan,

em *Os trinta e nove degraus*, da Europa central. Nosso herói estético é amigo de arquidques e consegue vencer os anarquistas. Ele é um erudito dos incunábulo e artes da Renascença, recupera joias raras e é amado por todos. O livro é impregnado de paixões arrebatadoras.

Outro desenho em bico de pena nesse álbum mostra Emmy dançando em um baile, inclinada para trás enquanto um rapaz esguio a conduz pelo salão. Um primo, presumo, uma vez que o parceiro esguio como um salgueiro não é Viktor. Um dos desenhos mostra Paul Schey quase escondido pelo *Die Neue Freie Presse*, uma coruja profundamente reservada atrás dele na cadeira. Evelina patinando. Um par de pernas em um calção de banho sumindo às braçadas no lago em Kövecses. Cada figura contém também uma pequena imagem de um frasco de *eau-de-vie*, vinho ou *schnapps* e alguns compassos de música.

Os cartões são obra de Josef Olbrich. Ele era o artista no cerne do radical movimento de Secessão de Viena e havia desenhado seu Pavilhão com uma coruja em relevo e um domo dourado de folhas de louro, um lugar tranquilo, um elegante refúgio com paredes que ele descreveu como “brancas e reluzentes, sacras e castas”. Como estamos em Viena, onde tudo é sujeito a intensa análise, aí também há sarcasmo. É a cova do Mahdi, diz o palhaço, o Crematório. O domo filigranado é um “repolho”. Analiso devidamente o álbum de Olbrich, mas se trata de um enigma em acróstico sem solução, totalmente indecifrável. Por que *eau-de-vie*, por que o trecho de música? É bastante vienense, uma visão urbana da vida que levavam no campo em Kövecses. Uma janela para o mundo de Emmy, todo um mundo caloroso de brincadeiras em família.

Como você não sabia que tinha isso?, pergunto a meu pai. O que mais você tem naquela mala embaixo da sua cama?

16. “LIBERTY HALL”

Estou seguro de que haverá menos matéria para elucubrações sobre a vida de casada de Emmy von Ephrussi em Viena. Trata-se de uma vida urbana com um tipo de família bastante diferente e com seu próprio ritmo inabalável, a dez minutos a pé da casa de sua infância no outro Palais.

O novo ritmo começou logo após a volta da lua de mel, quando Emmy descobriu que estava grávida. Elisabeth, minha avó, nasceu nove meses depois do casamento. A mãe de Viktor, Emilie — em meu retrato, suave e implacável, com suas pérolas —, morreu em Vichy logo em seguida, aos 64 anos. Ela foi enterrada em Vichy, em vez de voltar ao grandioso mausoléu de Ignace, e me pergunto se ela teria planejado essa separação definitiva.

Depois de Elisabeth, vem Gisela, nascida três anos mais tarde, e Ignace — o pequeno Iggie — é o terceiro. São todas crianças devidamente vienenses de pais devidamente judeus. Elisabeth recebe o nome da falecida e adorada imperatriz; Gisela, em homenagem à arquiduquesa Gisela, filha do imperador. Iggie é o filho e isso já é o bastante. Ignace Leon recebe o nome de seu falecido avô e de seu rico e sem filhos tio duelista de Paris, e o de seu falecido tio-avô Leon. Os parisienses só tiveram filhas. Graças a Deus veio enfim esse filho homem para os Ephrussi. E que o Palais é grande o bastante para abrigar quartos e salas de estudo a uma distância tal dos adultos que nem se ouviriam as crianças.

O Palais tinha seu ritmo diário, ora acelerado, ora mais ameno para os criados. Havia sempre um sobe e desce de coisas sendo carregadas pelos corredores. Intermináveis transportes de água quente para os banheiros, carvão para o escritório, desjejuns na sala de estar matinal, jornais matutinos para o escritório, pratos cobertos, lavanderia, telegramas, correio três vezes ao dia, recados, velas para o jantar, o jornal da tarde entregue a Viktor no quarto de vestir.

Também existe uma rotina para Anna, a criada pessoal de Emmy. Começa quando ela traz o bule de prata com água quente às sete e meia e a bandeja de chá inglês ao quarto de Emmy. Só termina tarde da noite, quando ela escova os cabelos de Emmy e lhe serve um copo d'água e um prato de biscoitos de carvão atizado.

No pátio do Palais há um fiacre à disposição o dia inteiro com um cocheiro de libré. Há duas éguas pretas para a carruagem, Rinalda e Arabella. Uma segunda carruagem passa para levar as crianças ao Prater ou ao Schönbrunn. Os cocheiros esperam. O porteiro Alois fica junto às portas imensas que dão para a Ringstrasse esperando para abrir o portão.

Viena é sinônimo de jantares. Há infinitas discussões sobre a distribuição dos convidados. Toda tarde o mordomo e um lacaio assistente medem a mesa com uma fita. Há discussões sobre os riscos de importar patos de Paris, se eles chegam em engradados um dia antes pelo *Orient Express*. Há floristas, um jantar com uma fileira de pequenais

laranjeiras em vasos com laranjas ocas recheadas de *parfait*. As crianças têm permissão de olhar por um furo na parede quando os convidados chegam.

Há tardes inteiras em casa recebendo visitas, com uma mesa de chá em que um samovar de prata fumeja sobre uma grande bandeja de prata: bule, creme e o açucareiro à mão, e bandejas de sanduíches e tortas geladas da Demel, o palácio da confeitaria no Kohlmarkt, perto do Hofburg. As damas deixam as peles no vestíbulo; os oficiais, seus quepes e espadas; e os cavalheiros levam suas cartolas e suas luvas e as deixam no chão ao lado da cadeira.

Há um padrão a ser seguido também ao longo do ano.

Janeiro é hora de fugir da invernal Viena. Nice ou Monte Carlo com Viktor. As crianças ficam em casa. Visitam o tio Maurice e a tia Beatrice Ephrussi na nova Villa Île-de-France em Cap Ferrat, toda cor-de-rosa — hoje Villa Ephrussi-Rothschild. Admiram as coleções de pintura francesa, a mobília estilo Império francesa, a porcelana francesa. Admiram as benfeitorias nos jardins, onde trechos da encosta estão sendo removidos e um canal está sendo cavado à maneira do Alhambra. Todos os vinte jardineiros estão de branco.

Abril é Paris com Viktor. As crianças ficam em casa. Eles ficam *chez* Fanny no Hôtel Ephrussi na place d'Iéna, e há muitas compras para Emmy fazer e dias no escritório da Ephrussi et Cie. para Viktor. Paris não é mais a mesma.

Charles Ephrussi, amado proprietário da *Gazette*, *Chevalier da Légion d'honneur*, patrocinador dos artistas, amigo dos poetas, colecionador de netsuquês, primo favorito de Viktor, morreu no dia 30 de setembro de 1905, aos 55 anos de idade.

A notícia nos jornais pede àqueles que não receberam convite que não compareçam ao funeral. Levando o caixão, seus irmãos, Theodore Reinach, o marquês de Cheveniers — todos aos prantos. Muitos obituários foram publicados, falando de sua “*délicatesse naturelle*”, sua retidão e propriedade. A *Gazette* publicou um memorial emoldurado de preto:

Com estupor e profunda tristeza todos que o conheceram ficaram sabendo — no final de setembro passado — da súbita doença e então da morte desse homem amável e bom, da mais alta inteligência, que sempre foi Charles Ephrussi. Na sociedade parisiense, especialmente no mundo das artes e das letras, ele fez inúmeras amizades com pessoas que naturalmente sucumbiam a seu encanto e à correção de seus modos, à elevação de seu espírito e à delicadeza de seu coração. Quem batia à sua porta era testemunha de sua graciosidade boa e encantadora, recebendo jovens artistas, assim como os mais velhos; ele foi amigo — podemos afirmar sem nenhuma exceção — de todos os que se aproximaram dele.

Proust escreve suas condolências ao autor do obituário. Ao ler o obituário na *Gazette*, “quem não conheceu M. Ephrussi passa a amá-lo, e quem o conheceu fica cheio

de recordações”. Charles deixa para Emmy um cordão de ouro em seu testamento. Deixara um colar de pérolas para Louise, e sua propriedade à sobrinha Fanny Reinach, casada com o helenista.

E, de modo chocante, o irmão de Charles, Ignace Ephrussi, *mondain*, duelista, *amateur de la femme*, também morrerá do coração ao sessenta anos. Ele é lembrado como perfeito cavaleiro, visto em seu tordilho de manhã bem cedo no Bois de Boulogne montado *à la russe*. Generoso e meticuloso, ele deixou trinta mil francos para cada uma das três crianças Ephrussi, Elisabeth, Gisela e Iggie, e ainda deixou alguma coisa para as irmãs mais novas de Emmy, Gerty e Eva. Os irmãos foram enterrados juntos em Montmartre, no túmulo familiar, ao lado dos pais mortos havia muito e da amada irmã.

Ibuco depois de visitar Paris — muito mais vazia sem a animação de Charles e Ignace —, chega o verão. Começa em julho com os Gutmann, financistas e filantropos judeus, os amigos mais íntimos de Viktor e Emmy. Eles têm cinco filhos, de modo que Elisabeth, Gisela e Iggie são convidadas a passar várias semanas na casa de campo dos amigos, Schloss Jaidhof, a cinquenta milhas de Viena. Viktor fica sozinho em Viena.

Agosto é Suíça, no Chalet Ephrussi com os primos parisienses Jules e Fanny. Com as crianças e Viktor. Não fazem quase nada. Tentam manter as crianças quietas. Ouvem sobre Paris. Tomam o barco no lago Lucerna, na casa de barcos onde fica hasteada a bandeira imperial russa, com um dos lacaios assumindo os remos. Vão ao Concours Hippique em Lucerna com Jules no automóvel para verem os saltos, com direito a sorvetes no Hugeni na volta.

Setembro e outubro, eles passam em Kövceses com as crianças e os pais, Pips e muitos primos. Viktor vem passar alguns dias de cada vez. Nadam, passeiam, cavalgam, caçam.

Em Kövceses há uma excêntrica coleção de pessoas reunidas para educar as irmãs de Emmy, Gerty e Eva, 12 e 15 anos mais novas que ela. Entre essas, está uma criada francesa para ensinar-lhes o sotaque parisiense correto, um velho mestre-escola para ensinar leitura, redação e aritmética, uma governanta de Trieste para o alemão e o italiano, e por fim um fracassado concertista de piano (senhor Minotti) para ensinar música e xadrez. A mãe de Emmy passa ditados em inglês e lê Shakespeare com elas. Há ainda um idoso sapateiro que confecciona as botas de camurça branca de que Evelina tanto faz questão. Adoentado, ele vem a convalescer na propriedade, oferecem-lhe um quarto agradável e ensolarado e ele fica ali pelo resto da vida, fornecendo-lhe sapato e cuidando dos cães.

O viajante Patrick Leigh Fermor hospedou-se em Kövceses em sua caminhada através da Europa na década de 1930 e descreveu a propriedade como ainda semelhante à atmosfera de um presbitério inglês, com pilhas de livros em todas as línguas possíveis e mesas abarrotadas dos mais estranhos objetos de chifre e de prata. Era o “Liberty Hall”, dizia Pips, recebendo-o com seu inglês perfeito na biblioteca. Kövceses irradiava uma ideia de autossuficiência que surge quando há muitas crianças em uma casa grande. Na pasta de papel azul de meu pai há um manuscrito amarelado de uma peça chamada *Der*

Grossherzog [O arquiduque], encenada no verão anterior à Primeira Guerra Mundial por todos os primos na sala de estar. Bebês com menos de dois anos e cachorros foram terminantemente proibidos.

O senhor Minotti toca piano toda noite após o jantar. As crianças brincam de “Kim”. Objetos — a caixa de cartas, o pincenê, uma concha e uma vez, assustadoramente, o revólver de Pips — são colocados em uma bandeja e ficam descobertos por trinta segundos. O pano é repostado e então você anota o que se lembra de ter visto. Elisabeth, irritantemente, ganhava todas as vezes.

Pips convida seus amigos cosmopolitas para ficar.

Dezembro é Viena e o Natal. Embora sejam judeus, a data é comemorada com muitos presentes.

E a vida de Emmy parece haver sido fixada não exatamente em pedra, mas em âmbar. Parece preservada a série de histórias de época, tanto as genéricas quanto as preciosas, que eu prometera a mim mesmo que evitaria quando comecei minha jornada há um ano. Os netsuquês parecem muito distantes enquanto sigo rondando o Palais.

Prolongo minha estada em Viena na Pension Baronesse. Generosamente eles consertam meus óculos, mas o mundo ainda parece ligeiramente torto. Não consigo me livrar da minha ansiedade. Meu tio em Londres vem pesquisando informações para mim e localizou 12 páginas de memórias da minha avó Elisabeth sobre sua infância no Palais, e eu as trouxe comigo para ler *in situ*. É uma manhã ensolarada de um frio de tirar o fôlego e levo as páginas comigo para o Café Central, com a luz filtrando-se pelas janelas góticas. Há um boneco do escritor Peter Altenberg segurando o cardápio, e tudo é muito limpo e cuidadosamente apresentado. Esse foi o segundo café favorito de Viktor, creio, antes que tudo começasse a dar errado.

O café, essa rua, a própria Viena é um parque temático: um cenário cinematográfico do *fin-de-siècle*, cintilantemente secessionista. Fiacres fazem a volta com cocheiros de sobretudo. Garçons com bigodes de época. Strauss está em toda parte, mesmo nas lojas de chocolate. Fico esperando Mahler entrar a qualquer momento, ou Klimt começar uma discussão. Fico pensando em um filme pavoroso que vi anos atrás quando estava na universidade. Passava-se em Paris, e Picasso aparecia a todo momento, e Gertrude Stein e James Joyce falavam sobre o Modernismo bebendo Pernod. Esse é o problema que estou enfrentando aqui, percebo, assediado por clichês, um atrás do outro. Minha Viena reduziu-se à Viena dos outros.

Andei lendo os 17 romances de Joseph Roth, o romancista judeu austríaco, alguns deles passados em Viena durante os últimos anos do império Habsburgo. É no irrepreensível Efrussi Bank — Roth grafá à maneira russa — que Trotta deposita sua fortuna em *A marcha de Radetzky*. O próprio Ignace Ephrussi é retratado como um rico joalheiro em *A teia da aranha*: “magro e alto, e sempre de preto, com um paletó de gola alta que só deixava ver um laço de seda preta com uma pérola espetada do tamanho de uma avelã”. A esposa, a bela *Frau* Ephrussi, “uma dama: judia: mas uma dama”. Era uma vida tranquila, diz Theodor, o jovem e amargo protagonista gentio, empregado

como tutor pela família, “os Efrussi, os mais tranquilos de todos (...) Quadros em molduras douradas no corredor e laçaios de libré em ouro sobre verde faziam medidas ao mostrar o caminho à visita”.

O real continua escapando pelos meus dedos. As vidas da minha família em Viena estavam refratadas em livros, assim como Charles na Paris de Proust. O desprezo pelos Ephrussi continua aparecendo em romances.

Tropeço. Percebo que não entendo o que significa fazer parte de uma família judia assimilada, aculturada. Simplesmente não entendo. Sei o que eles deixavam de fazer: nunca iam à sinagoga, mas seus nascimentos e casamentos estão registrados lá pelo rabinato. Sei que pagavam à Israelitische Kultusgemeinde, davam dinheiro a obras de caridade judaicas. Fui visitar o mausoléu de Joachim e Ignace no setor judaico do cemitério e fiquei preocupado com o portão de ferro quebrado, se eu não deveria pagar pelo conserto. O sionismo não tinha muita influência sobre eles. Lembro-me dos comentários rudes de Herzl quando escreveu a eles pedindo doações e foi logo dispensado. Os Ephrussi, aqueles especuladores. Pergunto-me se terá sido de puro constrangimento diante do ardor judaico da empreitada e por não quererem chamar atenção. Ou se terá sido sintoma da segurança que sentiam ali na terra de seu novo lar da Zionstrasse, ou da rue de Monceau. Eles simplesmente não viam por que os outros precisavam de outra Sião.

Mas a assimilação seria garantia de que jamais deparariam com o preconceito nu e cru? Seria garantia de que eles saberiam reconhecer os limites do seu mundo social e se manteriam dentro dele? Há um Jockey Club em Viena, como em Paris, e Viktor era membro, mas os judeus não podiam ocupar cargos públicos. Isso fazia alguma diferença para ele? Mulheres gentias casadas jamais visitavam lares judaicos, nem para deixar o cartão, nem para uma visita em uma daquelas tardes intermináveis. Viena significava que apenas solteiros gentios — conde Mensdorff, conde Lubienski, o jovem príncipe Montenuovo — deixavam cartões e então eram convidados. Depois de casados nunca mais voltavam, não importava quão delicioso tivesse sido o jantar, nem quão bonita fosse a dona da casa. Isso tinha alguma importância? Eram fios de uma teia de grosserias.

Passo a última manhã dessa visita aos arquivos da comunidade judaica de Viena junto à sinagoga próxima à Judengasse. Há policiais por perto. Nas últimas eleições a extrema direita teve um terço dos votos, e ninguém sabe se a sinagoga é um alvo. Foram tantas as ameaças que tenho de passar por todo um complexo sistema de segurança. Finalmente lá dentro, observo o arquivista puxar os fólhos dos registros, volume após volume, e os depositar no atil. Cada nascimento, casamento e morte, cada conversão, toda a Viena judaica fielmente registrada.

Em 1899 Viena possuía seus próprios orfanatos, hospitais e jornais judaicos, suas próprias escolas, bibliotecas e revistas judaicas. Tinha 22 sinagogas. E, agora me dou conta, não sei nada sobre nenhuma delas: a família Ephrussi foi tão perfeitamente assimilada que desaparece em Viena.

17. A JOVEM DELICADA

As memórias de Elisabeth funcionam como um tônico: 12 páginas nada sentimentais que ela escreveu para os filhos na década de 1970. “A casa onde nasci ficava, e ainda fica, intacta por fora, na esquina da Ringstrasse...” Ela fornece detalhes da administração da casa, diz os nomes das éguas e me conduz pelos cômodos do Palais. Finalmente, penso comigo, vou descobrir onde Emmy escondeu os netsuquês.

Se Emmy virar à direita, saindo do quarto das crianças, e seguir pelo corredor, chega à lateral do pátio com as cozinhas e as copas, a despensa e a prataria — onde a luz fica sempre acesa —, e então até os aposentos do mordomo e o refeitório dos criados. No final desse corredor ficavam todos os quartos das empregadas, cujas janelas davam para o pátio, com uma luz amarelada filtrando-se através do teto envidraçado, mas sem permitir a entrada do ar fresco. O quarto de Anna, sua criada pessoal, fica ali embaixo em algum lugar.

Se Emmy virar à esquerda chega à sala de estar. Toda coberta de brocados de seda de um verde pálido. Os tapetes são de um amarelo muito claro. A mobília é Luís XV, cadeiras e *fauteuils* de madeira incrustada em bronze e almofadas listradas. Há algumas mesas, cada uma com seu conjunto de bibelôs, e uma mesa maior na qual ela desempenha a intrincada tarefa de preparar o chá. Há um piano jamais tocado e um gabinete renascentista italiano com portas dobráveis, pintado por dentro, e gavetinhas com que as crianças não deviam brincar, mas brincam. Quando Elisabeth aproximou a mão por entre as pequenas colunas salomônicas douradas, de cada lado de um arco, e apertou para cima, uma minúscula gaveta secreta soltou-se de dentro do móvel com uma expiração.

Há luz nesses cômodos, trêmulos reflexos e cintilações de prata e porcelana e o brilho da madeira de macieira lustrada, e sombras das tília. Na primavera, toda semana chegavam flores de Kövecses. É um lugar perfeito para a vitrine com os netsuquês do primo Charles, mas eles não estão ali.

Passando a sala de estar fica a biblioteca, o maior cômodo desse andar do Palais. Pintada de preto e vermelho, como os grandiosos aposentos de Ignace no andar de baixo, com um tapete turco vermelho e preto, imensas prateleiras de ébano forrando as paredes e enormes poltronas e sofás de couro em tons de tabaco. Um grande candelabro pendia sobre uma mesa de ébano, incrustado em marfim e ladeado por um par de globos. Eis o lugar de Viktor, milhares de livros seus cruzando as paredes, suas histórias latinas e gregas, sua literatura alemã, sua poesia e seus dicionários. Algumas estantes possuem ainda uma fina tela dourada por cima e ficavam trancadas com a chave que ele guardava na corrente do relógio. Nada da vitrine ainda.

E saindo da biblioteca fica a sala de jantar, com as paredes recobertas de gobelins de caçadas, comprados por Ignace em Paris, e janelas dando para o pátio, mas com as cortinas fechadas, de modo que o cômodo permaneça em perpétua escuridão. Essa deve

ser a mesa de jantar na qual o serviço de ouro é usado, todos os pratos e terrinas gravados com a espiga e o duplo E dos Ephrussi destacado no meio, o barco com as velas enfunadas atravessando o mar dourado.

O serviço de jantar de ouro devia ser ideia de Ignace. Seus móveis estavam por toda parte. Gabinetes da Renascença, arcas barrocas entalhadas, uma imensa secretária estilo Boulle que só podia mesmo ficar no salão de baile lá embaixo. Os quadros dele também estão por todo canto. Muitos Velhos Mestres, uma Sagrada Família, uma Virgem florentina. Há pinturas holandesas do século XVII de artistas muito bons: Wouvermans, Cuyp, um inspirado em Frans Hals. Havia também muitas e muitas *Junge Frau*, algumas de Hans Makart; todas parecidas, cada jovem dama com um vestido igualmente parecido em salas cercadas de “veludos, tapetes, gênios, pele de pantera, adereços, penas de pavão, arcas e alaudes” (Musil com humor ácido). Todas emolduradas, pesadamente, em ouro ou negro. Nada de vitrine parisiense cheia de netsuquês entre esses quadros, nessa exposição espetacular, teatral, nessa casa do tesouro.

Tudo ali, cada quadro ou gabinete grandiloquente, parece imóvel à luz que se filtra do pátio envidraçado. Musil compreendeu essa atmosfera. Em casas grandes e antigas há uma certa confusão de horrendos móveis novos negligentemente colocados junto a peças magníficas, antigas heranças. Nos cômodos do Palais que pertenciam aos novos-ricos pomposos, tudo é definido demais, sente-se “um quase imperceptível alargamento do espaço entre as peças de mobília ou uma posição dominante de uma pintura na parede, o terno e claro eco de um poderoso som que se apagou”.

Penso em Charles com todos os seus tesouros, e sei que era sua paixão por eles que os mantinha em movimento. Charles não conseguia resistir ao mundo das coisas: tocá-las; estudá-las; comprá-las; rearranjá-las. A vitrine de netsuquês que havia sido dada a Viktor e Emmy abriu espaço em seu salão para algo novo. Seus cômodos eram mantidos em fluxo constante.

O Palais Ephrussi é o exato oposto. Sob o teto envidraçado e cinzento, toda a casa é como uma vitrine da qual não se pode escapar.

Em ambas as extremidades da longa fileira de obras ficam os aposentos particulares de Viktor e Emmy. O quarto de vestir de Viktor possui armários e cômodas com gavetas e um grande espelho. Há um busto em gesso em tamanho natural de seu tutor, *Herr Wessel*, “à quem ele tanto amara. *Herr Wessel* havia sido um prussiano e grande admirador de Bismarck e de tudo o que era alemão”. A outra grande peça do quarto, jamais discutida, é uma pintura italiana muito grande — e muito inapropriada — de *Leda e o cisne*. Em suas páginas de memória, Elisabeth escreveu que “costumava ficar olhando para ela — era imensa — toda vez que entrava para ver meu pai vestir uma camisa engomada e um fraque para sair à noite, e nunca consegui entender quais poderiam ser as objeções contra ela”. Viktor já havia explicado que ali não havia espaço para quinquilharias.

O quarto de vestir de Emmy fica na outra ponta do corredor, um cômodo de canto com janelas dando para a *Votivkirche* do outro lado da *Ringstrasse* e para a

Schottengasse. Possuía uma bela escrivãinha Luís XVI presenteada ao casal por Jules e Fanny, de pernas delicadamente arqueadas com ornamentos em bronze *ormolu* que terminavam em garras douradas, e gavetas revestidas em couro macio nas quais Emmy guardava suas folhas de papel e cartas amarradas com fitas. E ela tem ainda um espelho de corpo inteiro dobrável em três partes, de modo que podia se ver perfeitamente ao se vestir. E uma penteadeira com um lavabo, com uma bacia de vidro debruada em prata e um jarro de vidro com tampa de prata combinando.

E aqui por fim encontramos o gabinete de laca preta — “da altura de um homem alto”, segundo Iggy —, com suas prateleiras revestidas em veludo verde. Emmy colocou a vitrine em seu quarto de vestir, com o fundo espelhado e todos os 264 netsuquês do primo Charles. Eis onde foi parar meu lobo malhado.

Isso faz muito mais sentido, e no entanto não faz sentido algum. Quem visita um quarto de vestir? Dificilmente se poderia chamar de uma área social, e é certo que não se trata de um salão. Se as tartarugas e o caqui de madeira e o pequeno marfim trincado da menina tomando banho estão aqui em suas prateleiras de veludo verde, isso significa que não precisam ser explicados às visitas de Emmy. Não precisam sequer ser mencionados por Viktor. Teria sido o constrangimento que trouxe a vitrine para cá?

Ou a decisão de deixar os netsuquês longe do olhar do público teria sido intencional, longe daquela pompa makartiana, colocando-os no único cômodo que era inteiramente de Emmy porque ela ficava intrigada com eles? Seria para poupá-los do toque mortício do *Ringstrassenstil*? Não havia muita coisa naquele desfile de mobília dourada e *ormolu* que alguém pudesse querer ter por perto. Os netsuquês são objetos íntimos para um ambiente de intimidade. Será que Emmy queria algo que simplesmente — e literalmente — nunca fosse tocado por seu sogro Ignace? Um pouquinho de glamour parisiense?

Esse é o quarto dela. Ela passa grande parte do tempo aí. Troca de roupa três vezes por dia — às vezes mais. Vestir um chapéu para ir às corridas, com uma infinidade de pequenos frisos aplicados um a um sob a larga aba, levava quarenta minutos. Vestir o longo vestido bordado de baile com um paletó hussardo, com intrincados alamares, levava uma eternidade. Havia roupas para festas, para compras, jantares, visitas, para cavalgar no Prater e para bailes. Cada hora nesse quarto de vestir era uma combinação de espartilhos, vestidos, luvas e chapéus com o dia, livrar-se de um e passar ao outro. Alguns vestidos precisam ser ajustados no próprio corpo — Anna, ajoelhada aos pés dela, com linhas, agulhas e dedal do bolso do avental. Emmy possui peles, zibelinas enfeitam-lhe as bainhas, uma raposa do Ártico enrolada no pescoço em uma fotografia, quase dois metros de estola de urso soltos por sobre o vestido em outra. Rdia passar uma hora com Anna provando diferentes luvas.



Emmy e o arquiduque, Viena, 1906

Emmy se veste para sair. É o inverno de 1906 em uma rua vienense e ela está conversando com um arquiduque. Estão sorrindo quando ela entrega a ele algumas pílulas. Ela está com um traje de risca de giz: uma saia em A com um bainha larga de viés e um paletó zuavo curto combinando. É uma *roupa de caminhar*. Vestir-se para aquele passeio pela Herrengasse levava uma hora e meia: *pantalettes*, *chemises* de fina cambraia ou crepe da China, *corset* para reduzir a cintura, meias, ligas, botas de botão, saia com ganchos para fechar, ou uma blusa ou uma *chemisette* — para não criar volume nos braços — de colarinho alto e jabô de renda, então o paletó de frente falsa, depois uma pequena bolsa — uma carteira de mão — presa a uma corrente, joias, chapéu de pele com um arco de tafetá listrado ecoando o padrão do traje, luvas brancas, flores. E nada de perfume: ela não usava.

A vitrine no quarto de vestir é testemunha de um ritual que se dá duas vezes por ano, na primavera e no outono: o ritual de escolha do guarda-roupa da estação seguinte. As damas não iam à costureira avaliar os novos modelos; os modelos eram trazidos em casa. A costureira-chefe ia a Paris e escolhia vestidos que vinham cuidadosamente embalados em várias caixas imensas, com um cavalheiro de cabelos brancos e terno preto, *Herr Schuster*. As caixas eram empilhadas na entrada, onde ele ficava sentado; Anna levava-as lá para dentro uma a uma. Quando Emmy estava vestida, *Herr Schuster* era chamado para

fazer seu pronunciamento. “Evidentemente ele sempre aprovava, mas se ele achasse que a mamãe estava inclinada a favorecer um deles a ponto de prová-lo de novo, ele se iluminava em êxtase, dizendo que o vestido absolutamente ‘estava gritando pela baronesa.’” As crianças aguardavam esse momento e então saíam em disparada pelo corredor até a sala dos brinquedos em assustados ataques de histeria.

Há uma fotografia de Emmy feita no salão pouco depois do casamento com Viktor. Ela já devia estar grávida de Elisabeth, mas não aparentava. Está fantasiada de Maria Antonieta, com uma jaqueta curta de veludo sobre uma saia branca comprida, algo entre o severo e o relaxado. Seus cachos estão conforme o que era *à la mode* na primavera de 1900: “os penteados estão menos rígidos do que antes; as franjas estão proibidas. Primeiramente, o cabelo é preso formando grandes ondas, depois penteados de volta e torcido em uma espécie de mola relativamente alta (...) alguns cachos podem escapar por sobre a testa, deixando-se um ou outro cacho natural”, escreve um jornalista. Emmy está com um chapéu preto com plumas. Uma das mãos se apoia em um gaveteiro francês com tampo de mármore e a outra segura uma bengala. Ela devia ter acabado de descer do quarto de vestir e estar saindo para um outro baile. Ela me encara com segurança, ciente de como está linda.

Emmy tem seus admiradores — muitos admiradores, segundo meu tio-avô Iggie —, e vestir-se para os outros é um prazer tão grande quando despir-se. Desde o início de seu casamento, ela também tinha amantes.

Isso não é algo estranho em Viena. Mas é um pouco diferente de Paris. Esta é uma cidade de *chambres séparées* nos restaurantes, onde você pode comer e seduzir como na peça *Reigen*, ou *La Ronde*, de Schnitzler: “Uma sala particular em um restaurante ‘*zum Riedhof*’. Uma elegância discreta e confortável. O gás aceso. Na mesa, os restos de comida — pastas, fruta, queijo etc. Vinho branco húngaro. O MARIDO está fumando um havana, inclinado em um canto do sofá. A DELICADA JOVEM está sentada em uma poltrona ao lado dele, comendo creme batido com colher com evidente deleite...” Na Viena da virada do século existe um culto da *süsse Mädel*, “mocinhas singelas que viviam de flertar com rapazes de boas famílias”. O flerte era incessante. *Der Rosenkavalier*, de Strauss, com texto de Hofmannsthal — no qual as trocas de figurino, de amantes e de chapéus se dão em clima de diversão e suspense —, estrearia em 1911 e se tornaria extremamente popular. Schnitzler enfrentaria problemas, como ele mesmo confessa em seu diário de conluios sexuais, para atender às demandas de suas duas amantes.



O sexo era inevitável em Viena. Prostitutas lotavam os passeios. Divulgavam seus serviços na contracapa de *Die Neue Freie Presse*. Há de tudo para todos os gostos. Karl Kraus cita um desses anúncios em seu periódico *Die Fackel* [A Tocha]: “Precisa-se de Acompanhante para Viagem, jovem, agradável, cristã, independente. Respostas para ‘69 Invertdo’ Bsta Restante Habsburgergasse.” O sexo era discutido por Freud. Segundo o cultuado livro de Otto Weininger, *Sexo e caráter*, de 1903, as mulheres eram, por natureza, amorais e precisavam de orientação. O sexo era dourado nas obras de Klimt, *Judite, Dánae, O beijo*, e perigoso nos corpos caídos de Schiele.

Ser uma mulher moderna em Viena, estar *dans le vent*, subentendia que sua vida doméstica tinha uma certa abertura. Algumas das tias e primas de Emmy tinham casamentos de conveniência: a tia Anny, por exemplo. Todo mundo sabia que o conde Hans Wilczek era o pai natural dos primos dela, os gêmeos Herbert e Witold von Schey von Koromla. O conde Wilczek é lindo e extremamente glamoroso: um explorador, financiador de expedições ao Ártico. Amigo íntimo do falecido príncipe herdeiro Rudolf, tendo ilhas batizadas com seu nome.

Atrasei meu retorno a Londres — finalmente estou na pista do testamento de Ignace e quero saber como ele dividiu sua fortuna. A Sociedade Adler, a sociedade genealógica de Viena, só abre para membros e seus convidados às quartas-feiras depois das seis da tarde. O escritório da sociedade fica em um grande salão do segundo andar de uma casa vizinha ao apartamento de Freud. Entro por uma porta baixa em um corredor comprido, onde há retratos dos prefeitos de Viena. Estantes com caixas de arquivo das mortes e obituários à esquerda, aristocratas, guias genealógicos *Debrett* e *Almanach de Gotha* à direita. Todo o resto e todas as outras pessoas, em frente. Por fim, encontro pessoas trabalhando em seus projetos, levando arquivos, copiando livros contábeis. Não sei ao certo como costumam ser as sociedades genealógicas, mas nessa ouço estrondosas gargalhadas completamente inesperadas e eruditos pedindo ajuda aos berros, para decifrar uma caligrafia difícil.

Pergunto delicadamente sobre as amigas de minha bisavó Emmy von Ephrussi, *née* Schey von Koromla, *circa* 1900. Há um bocado de gozação acadêmica. As amigas de Emmy de cem anos atrás não são nenhum segredo, todos seus ex-amantes são conhecidos: alguém menciona um oficial da cavalaria; outro, um libertino húngaro, um príncipe. Não era a Ephrussi que deixava roupas idênticas em duas casas diferentes, para que pudesse começar o dia com o marido ou com o amante? Os rumores continuam bastante vivos: os vienenses parecem não ter nenhum segredo. Isso faz com que eu me sinta dolorosamente inglês.

Penso em Viktor, filho de um homem sexualmente insaciável, irmão de outro, e vejo-o abrindo um pacote marrom de livros de seu contato em Berlim com uma faca de papel de prata na mesa de sua biblioteca. Vejo-o tirando do bolso do colete os fósforos finíssimos que leva consigo para acender seus charutos. Posso ver as marés dos fluxos de

energia da casa, como a água que invade piscinas e reflui para fora outra vez. O que não consigo ver é Viktor no quarto de vestir de Emmy olhando para a vitrine, abrindo-a e tirando um netsuquê. Não creio que fosse o tipo de homem que se sentasse para conversar enquanto Emmy se trocava, com Anna toda atarefada em torno dela. A bem da verdade, não saberia dizer se havia mesmo qualquer assunto entre eles afinal. Cícero? Chapéus?

Vêjo-o passando a mão no rosto enquanto se arruma para ir toda manhã ao escritório. Viktor sai pela Ringstrasse, à direita, primeira à direita na Schottengasse, primeira à esquerda, e chega. Começou a levar consigo seu valete Franz. Este fica na mesa do escritório da entrada, para que Viktor possa ler sossegado lá dentro. Graças a Deus existiam funcionários capazes de contabilizar todas aquelas tabelas bancárias corretamente, enquanto Viktor escrevia notas sobre história em sua elegante letra inclinada. Ele é um judeu de meia-idade, apaixonado por sua jovem e bela esposa.

Não circulam boatos sobre Viktor na Adler.

Penso em Emmy aos 18 anos, recém-instalada com sua vitrine de marfins naquela grandiosa casa envidraçada da esquina da Ringstrasse; lembro-me da descrição que Walter Benjamin fez de uma mulher dentro de um aposento do século XIX. “O ambiente a envolve tão profundamente no interior da morada”, escreveu, “que chega a lembrar o estojo de uma bússola em que o instrumento, com todos seus acessórios, jaz profundamente incrustado em dobras de veludo em geral roxo”.

18. ERA UMA VEZ

As crianças no Palais Ephrussi tinham empregadas e babás. As empregadas eram vienenses e bondosas, e as babás eram inglesas. Como as babás são inglesas, o desjejum é inglês e há sempre mingau de aveia e torradas. Há sempre pudim depois de um vigoroso almoço, e então o chá da tarde, com pão, manteiga, geleia e bolinhos, e depois a ceia, com leite e frutas cozidas “para mantê-las na linha”.

Nos dias especiais as crianças são convocadas a tomar parte das visitas a Emmy. Elisabeth e Gisela em vestidos de musselina engomados com faixas, enquanto o pobre Iggie, mais para rechonchudo, era obrigado a usar o traje de Pequeno Lorde Faunderoy de veludo preto e colarinho de renda irlandesa. Gisela tem grandes olhos azuis. Ela é a queridinha das visitas, e a cigainha de Renoir para Charles quando estão no Chalet Ephrussi, tão linda que Emmy (bruscamente) manda fazer seu retrato em giz vermelho, e o barão Albert Rothschild, fotógrafo amador, pede que a leve a seu estúdio para ser fotografada. As crianças são diariamente levadas de carruagem para caminhar com as babás inglesas no Prater, onde o ar é mais puro que na Ringstrasse. Um laçao as acompanha, caminhando atrás delas em seu sobretudo marrom-claro e a cartola com o emblema Ephrussi.

As crianças viam a mãe em duas ocasiões: ao se vestirem para o jantar e nas manhãs de domingo. Às dez e meia da manhã, todo domingo, a babá inglesa e a governanta saíam para a missa na igreja anglicana e mamãe visitava as crianças. Em suas breves memórias, Elisabeth descreveu: “aquelas duas horas celestiais das manhãs de domingo (...) Ela tivera pressa na toailete aquela manhã e estava vestida de maneira simples com uma saia preta, que evidentemente ia até o chão, e uma camisa verde com colete e colarinho branco alto e punhos brancos, o cabelo muito bem-apanhado no alto da cabeça. Era adorável e tinha um cheiro divino...”



Gisela e Elisabeth, 1906

Juntas, elas tiravam os pesados livros de figuras nas belas encadernações amarronzadas: *Sonhos de uma noite de verão*, *Bela adormecida*, e o melhor de todos, *A*

bela e a fera, com as imagens de horror ilustradas por Edmund Dulac. Cada Natal vinha com um novo *Livro das fadas* de Andrew Lang, encomendado em Londres pela avó inglesa das crianças: Cinza, Roxo, Carmim, Marrom, Laranja, Verde-oliva e Rosa. Um livro podia durar até um ano. Cada criança escolhia uma história favorita: “O lobo branco”, “A rainha da ilha das flores”, “O menino que aprendeu a sentir medo”, “O que aconteceu colhendo flores”, “A raposa manca”, “O músico de rua”.

Lida em voz alta, cada história dos *Livros das fadas* demora menos de meia hora. Todas começam com “Era uma vez”. Algumas têm uma casa nos limites de uma floresta, como os bosques de bétulas e pinheiros em Kövecses. Algumas incluem o lobo branco, como aquele morto pelo guarda-caça perto da casa, mostrado às crianças e aos primos certa manhã de outono, bem cedo, no estábulo. Ou a cabeça de lobo de bronze na porta do Palais Schey, cujo focinho é esfregado toda vez que passam por ele.

Há estranhos encontros nesses contos, encontros com o encantador de passarinhos com um bando de tentilhões pousado em seu chapéu e em seus braços — como aquele rodeado de crianças na Ringstrasse e em frente ao portão do Volksgarten. Ou com andarilhos. Como o *Schnorrer* com a cesta de botões, lápis e cartões pendurados em seu casaco preto, que fica junto ao portão da Franzensring e com quem o pai disse que precisam ser educadas.

Em muitos dos contos havia uma princesa se vestindo, com sua tiara, arrumando-se para um baile, como mamãe. Muitos tinham um palácio mágico com um salão, como lá embaixo onde eles acendem as velas no Natal. Todas as histórias terminavam com “FIM” e um beijo da mamãe, e, depois disso, histórias só na outra semana. Emmy era uma maravilhosa contadora de histórias, dizia Iggy.

O outro momento em que as crianças viam a mãe regularmente era quando ela estava se vestindo para sair e podiam ficar juntos no quarto.

Emmy tirava a roupa do dia a dia, com a qual estivera recebendo ou visitando amigos, e punha roupas para jantar em casa ou para a ópera, alguma festa ou, o melhor de tudo, um baile. Os vestidos eram dispostos, um por um, sobre a espreguiçadeira e haveria uma longa discussão com a especialista Anna sobre qual deles usar. Os olhos de meu tio-avô Iggy costumavam se iluminar ao descrever a animação da mãe. Se Viktor tinha Ovídio e Tácito — e sua *Leda* — de um lado do corredor, então na outra ponta Emmy podia ficar descrevendo os vestidos que sua mãe tinha usado a cada estação, como os comprimentos foram mudando, como o peso e o caimento de um vestido interferiam no modo como você se movia, as diferenças entre uma echarpe de musselina, de gaze ou de tule sobre os ombros à noite. Ela conhece a moda parisiense e o que está *à la mode* em Viena, e como se valer de ambas. É muito boa com chapéus: um chapéu de veludo com uma fita imensa para encontrar o imperador; um chapéu de colheita em pele com pena de avestruz, usado com um vestido longo e justo com aplicações em pele negra; o melhor chapéu na fileira de damas judias no evento de caridade em um pequeno salão de baile algures na cidade. Algo bastante grande, de fato, com uma hortênsia na aba. De Kövecses, Emmy manda à mãe uma fotografia em que está de chapéu Makart: “Tascha

matou um cervo hoje. Melhorou do resfriado? Gostou do meu novo retrato?”

A hora de se vestir é quando Anna escova o cabelo e amarra os *corsets* da patroa, prende incontáveis ganchos e cascas, prova diversas luvas e xales e chapéus, enquanto Emmy escolhe as joias e se põe de pé em frente aos três grandes espelhos.

E é quando as crianças podem brincar com os netsuquês. A chave gira no gabinete de laca preta e a porta se abre.

As crianças no quarto de vestir escolhem a miniatura favorita e brincam com ela sobre o tapete amarelo-claro. Gisela adorava a dançarina japonesa, cobrindo com seu leque o brocado do vestido, no meio de um passo. Iggie amava o lobo, um emaranhado tenso e escuro de patas, marcas apagadas nos flancos, olhos reluzentes e rosnando. E adorava o feixe de lenha atado por uma corda, e o mendigo que caiu no sono sobre a tigela de moedas de modo que só se vê o topo calvo de sua cabeça. Há ainda um peixe seco, todo escamas e olhos murchos, com um ratinho que parece ser seu dono, de olhos negros incrustados. E havia também o velho louco de costas ossudas e olhos arregalados, mordendo um peixe e com um polvo na outra mão. Elisabeth, ao contrário, adorava as máscaras com sua lembrança abstrata de rostos.

Bodiam-se arrumar as miniaturas esculpidas, marfim ou madeira, reunir todos os 14 ratos numa longa fileira, os três tigres, os mendigos, as crianças, as máscaras, as conchas, as frutas.

Bodiam-se agrupá-las por cor, todo o espectro da nêspera marrom-escuro até o resplandecente cervo de marfim. Ou por tamanho. O menor de todos é o ratinho de olhos negros incrustados mascando a própria cauda, pouco maior que o selo magenta que celebra os sessenta anos de reinado do imperador.

Ou se podiam misturar todos, para que sua irmã não conseguisse encontrar a menina de quimono bordado. Ou cercar a cadela e os filhotes com todos os tigres, e ela precisaria escapar — e conseguia. Ou você encontrava a mulher tomando banho na tina de madeira, e o mais intrigante ainda, que parecia uma concha de marisco, e quando você abria descobria o homem e a mulher sem roupa. Ou podia assustar seu irmão com o menino encurralado no sino pela cobra, com o cabelo preto comprido enrodilhado.

E havia histórias com essas miniaturas: você pedia para a sua mãe e ela escolhia uma e começava uma história sobre ela para você. Ela pegava o netsuquê da criança e a máscara. Ela é boa contadora de histórias.

São tantos que não se consegue nunca contá-los exatamente, nunca se sabe se todos já foram vistos. E eis o porquê desses brinquedos em seu gabinete de espelho, expandindo-se sempre mais. São um mundo completo, um espaço completo para se brincar, até que chega a hora de guardá-los novamente, até que a mamãe esteja vestida e já escolhendo o leque e o xale, e então lhe dê um beijo de boa-noite e agora vamos guardar tudo.

Eles voltam à vitrine, o samurai com metade da espada desembainhada como o guarda na entrada, e a pequena chave gira na fechadura do gabinete. Anna ajeita a estola de pele no pescoço de Emmy e o caimento das mangas. A babá vem buscá-los para dormir.

E enquanto os netsuquês são brinquedos nesse quarto em Viena, são levados muito a sério em outro lugar. São colecionados em toda a Europa. As primeiras coleções reunidas pelos colecionadores pioneiros vêm sendo leiloadas a valores consideráveis no

Hôtel Drouot. O negociante Siegfried Bing, agora poderoso em Paris com suas galerias, Maison de l'Art Nouveau, vende netsuquês às melhores mãos possíveis. Ele é um especialista, autor dos prefácios aos catálogos das coleções do falecido Phillipe Burty (140 netsuquês), do falecido Edmond de Goncourt (140 netsuquês), do falecido M. Garie (200 netsuquês).

A primeira história alemã dos netsuquês, com ilustrações e orientações para o cuidado das peças e mesmo para o modo de expô-las, é publicada em Leipzig em 1905. A melhor política é nunca exibi-los, na verdade, e guardá-los trancados, só os retirando eventualmente. Mas, diz o autor, queixoso, devemos ter amigos que compartilhem nosso interesse, amigos com quem possamos dedicar algumas horas à arte. Isso não era possível na Europa. De modo que se você quisesse ver seus netsuquês, então precisaria de uma caixa de vidro na qual pudesse colocar duas fileiras de netsuquês, e um espelho e veludo verde deviam ser acomodados no fundo do gabinete. Sem saber, a vitrine no quarto de vestir dando para a Ringstrasse obedece a várias regras de *Herr* Albert Brockhaus em seu livro imenso e magistral. “É aconselhável”, ele escreve,

mantê-los protegidos da exposição à poeira colocando-os em caixas de vidro vedadas. O pó penetra pelas reentrâncias, torna os relevos grosseiros, empana o brilho e tira da escultura um bocado de encanto. Quando os netsuquês são colocados entre outras curiosidades, quinquilharias e outros objetos sobre o aparador, corre-se o risco de que se quebrem, pelo descuido de uma empregada, ou mesmo que sejam levados para um destino desconhecido nas dobras do vestido de uma mulher que faz uma visita cordial. Um de meus netsuquês certa noite viajou clandestinamente com uma dama que o levou para a rua até que finalmente ela o encontrou e o devolveu.

Os netsuquês não poderiam se sentir mais seguros do que aqui. Empregadas distraídas não duravam muito no Palais de Emmy: ela dá uma bronca na moça que derrama o creme na bandeja. Um arlequim quebrado no salão significa demissão. Em seu quarto de vestir outra criada espana a mobília, mas apenas Anna tem permissão para abrir a vitrine para as crianças, antes de tirar as roupas que a patroa usará à noite.

Os netsuquês já não fazem parte da vida dos salões, não fazem mais parte de um jogo de astúcia aguçada. Ninguém comentará sobre a qualidade das esculturas ou sobre o palor da pátina. Perderam qualquer conexão com o Japão, perderam seu japonismo, estão além da crítica. Tornaram-se brinquedos de fato, genuínos bibelôs: não são tão pequenos nas mãos de uma criança. Aqui, nesse quarto de vestir, eles fazem parte da intimidade da vida de Emmy. Eis o lugar onde ela se despe com ajuda de Anna, e se veste para o próximo compromisso com Viktor, com uma amiga, com um amante. É uma espécie única de limiar.

Quanto mais Emmy convive com os netsuquês e vê suas crianças brincando com eles, mais ela se dá conta de que são um presente muito íntimo para se deixar exposto.

Sua amiga mais íntima, Marianne Gutmann, também tem alguns netsuquês — 11, para ser exato —, mas só na casa de campo. Já deram boas risadas olhando para eles todos reunidos. Mas como poderiam explicar aquele número imenso de esculturas estrangeiras, impressionantes e pouco convencionais, às senhoras israelitas do *Israëlische Kultusgemeinde* — todas com um pequeno laço de luto —, comitê formado para ajudar moças dos *shetels* da Galícia a conseguirem empregos decentes? Seria impossível.

Abril chegou outra vez e estou de volta ao Palais. Olho pela janela do quarto de vestir de Emmy em meio aos galhos nus das tílias, além da *Votivkirche*, pela *Währinger Strasse*, e é a quinta, vindo da casa do doutor Freud, na *Berggasse*, número 19, onde ele toma notas sobre a falecida tia-avó de Emmy, Anna von Lieben, como o caso de Cecílie M., uma mulher “com uma psicose de negação histórica”, graves dores na face e lapsos de memória, enviada a ele “porque ninguém mais sabia o que fazer com ela”. Durante cinco anos ela se tratou com ele, falando tanto que ele precisou convencê-la a começar a escrever: ela foi a *Lehrmeisterin*, a professora de Freud no estudo da histeria.

Atrás dele estão todas aquelas vitrines de antiguidades, enquanto ele escreve. Mogno, jacarandá e vitrines em estilo Biedermeier com prateleiras de madeira e de vidro, com espelhos etruscos, escaravinhos egípcios, retratos de múmias e máscaras mortuárias romanas, impregnados de fumaça de charuto. Percebo a esta altura que estou começando a ficar obcecado de forma irremediável por aquilo que rapidamente está se tornando o meu assunto mais especial: as vitrines do *fin-de-siècle*. Na escrivinha de Freud há um netsuquê com a forma de um *shishi*, um leão.

Minhas habilidades para administrar o tempo estão bastante distorcidas. Passo uma semana lendo Adolf Loos falando de estilo japonês como “o abandono da simetria”, de como ele achata objetos e pessoas: “são flores, mas são flores prensadas”. Fico sabendo que é dele o projeto da exposição da Secessão de 1900, que incluía uma imensa coleção de artefatos japoneses. O Japão, penso comigo, é inevitável em Viena.

Então decido que preciso estudar mais detalhadamente o polêmico Karl Kraus. Compro um exemplar da *Die Fackel* em uma livraria de livros antigos para ver a tonalidade peculiar da capa. Era vermelha, como qualquer revista feroz e satírica que se chamasse *A Tocha* deveria estampar. Mas receio que o vermelho tenha esmaecido em noventa anos.

Continuo torcendo para que os netsuquês sejam a chave que abra toda uma vida intelectual vienense. Receio estar me tornando um Casaubon, que vá passar a vida redigindo listas e tomando notas. Sei que a inteligentsia vienense gostava de objetos intrigantes, e que olhar intensamente para uma coisa é um prazer peculiar. No momento em que a vitrine é aberta toda noite pelas crianças enquanto Emmy se troca, Loos está pensando no projeto de um depósito de sal, Kraus está obcecado com um anúncio no jornal, uma frase de um editorial de *Die Neue Zeitung*, Freud com um lapso verbal. Mas não há como evitar o fato de que Emmy não era leitora de Adolf Loos, que ela conseguira não simpatizar com Klimt (“um urso com modos de urso”) e Mahler (“uma

fraude”), e que ela nunca comprara nada da Wiener Werkstätte (“tosco”). Ela “nunca nos levou a nenhuma exposição”, diz minha avó em suas memórias.

Sei que, em 1910, miudezas, fragmentos estão muito em voga, e Emmy é bastante vienesa. O que ela acha dos netsuquês? Não foi ela quem os colecionou, nem irá agregar mais nenhum aos que já tem. Há outras coisas, evidentemente, a serem tiradas e deslocadas do lugar no mundo de Emmy. Os bibelôs da sala de estar, as xícaras e os pires de Meissen, um tanto de prataria e malaquita russa nos aparadores. Isso é coisa de amadores para os Ephrussi, um ruído de fundo para combinar com os anjinhos pairando como perdizes gorduchas no alto, não como a tia Beatrice Ephrussi-Rotschild que encomendava relógios de Fabergé para sua vila em Cap Ferrat.

Emmy, no entanto, adora histórias, e os netsuquês são pequenas e ligeiras histórias de marfim. Ela está com trinta anos: faz apenas vinte anos que ela era uma menina brincando do outro lado da Ringstrasse, e sua mãe também tinha lá seus contos de fadas. Hoje em dia ela lê a parte de baixo de *Die Neue Freie Presse*, o *feuilleton* diário.

Acima da linha traçada ficam as notícias, notícias de Budapeste, o último pronunciamento do prefeito, o doutor Karl Lueger, o *Herrgott von Wien*, o senhor deus de Viena. Abaixo da dobra fica o folhetim. Todo dia há um ensaio bem-urdido e sonoro. Podia ser sobre a ópera ou opereta, ou sobre um edifício particular que estava sendo demolido. Podiam ser memórias de velhos tipos populares da velha Viena. *Frau Sopherl*, a vendedora de frutas do Nachmarkt, *Herr Adabei*, o boateiro, figurantes de uma cidade potemkiniana. Todos os dias havia ali, leve e narcisista, uma frase rebuscada atrás da outra, tão adjetivamente doce quanto os doces da Demel's. Herzl, que começou escrevendo folhetins, fala do folhetinista “apaixonado pela própria espiritualidade, perdendo assim qualquer critério para julgar a si mesmo e aos outros”, e é o que se vê acontecer. São tão perfeitos, um bordão de humor, uma propaganda, uma cena de Viena, “uma questão de injetar experiência — como se fosse por via intravenosa — com o veneno da sensação (...) o folhetinista faz o relato disso. Torna a cidade estranha a seus habitantes”, nas palavras de Walter Benjamin. Em Viena, o folhetinista resgata a cidade de volta a si mesma na forma de uma perfeita ficção sensacionalista.

Penso nos netsuquês como parte dessa Viena. Muitos dos netsuquês são perfeitos folhetins japoneses em si mesmos. Representam o tipo de personagens descritos em lamentos líricos pelos visitantes do Japão. Lafcadio Hearn, o jornalista greco-americano, escreve sobre eles em *Cenas de um Japão desconhecido*, *Cenas dos campos de Buda e Shadowings*, cada cena ou curto ensaio uma evocação poética: “O grito do primeiro feirante começa — ‘Daikoyai! kabuya-kabu!’ —, os vendedores de *daikon* e outros estranhos vegetais. ‘Moya-moya!’ — o queixoso pregão das mulheres que vendem finos gravetos de acender o carvão.”

Na vitrine do quarto de vestir de Emmy está o toneleiro emoldurado pelo arco de seu barril pela metade; os lutadores de rua num abraço suado e desequilibrado de madeira escura de castanheira; o velho monge embriagado no quimono em desalinho; a criada limpando o chão; o caçador de ratos com o cesto aberto. Ao serem retirados e

pegos na mão, os netsuquês são Tipos da Velha Edo, como os Tipos da Velha Cidade no palco de Viena de todos os dias abaixo da linha da dobra de *Die Neue Freie Presse*.

Repousando em suas prateleiras de veludo no quarto de vestir de Emmy, esses folhetins diários fazem o que Viena gosta de fazer, contar histórias de si mesma.

E por mais temperamental que essa bela mulher seja em seu absurdo Palais cor-de-rosa, ela pode olhar pela janela da Schottengasse e começar a contar a seus filhos uma história sobre o velho cocheiro do fiacre, e da vendedora de flores e o estudante. Os netsuquês agora fazem parte de uma infância, parte do mundo dos objetos das crianças. Há coisas que elas podem tocar às vezes e coisas que podem tocar todos os dias. Há coisas que são suas, para sempre, e coisas que são suas mas serão passadas a uma irmã ou irmão.

As crianças não tinham permissão para entrar na sala da prataria onde os lacaios poliam a prata, e não tinham permissão de entrar na sala de jantar quando houvesse alguém jantando. Não deviam tocar no copo com suporte de prata do pai, onde ele bebia seu chá preto *à la russe* — fora do avô. Muitas coisas no Palais haviam sido do avô, mas esse copo era especial. Os livros do pai no Palais ficavam na mesa da biblioteca quando chegavam de Frankfurt, Londres e Paris em seus embrulhos pardos amarrados com barbante. Elas não podem tocar na faca de papel de prata, afiada, que também ficava ali. Mais tarde ganharão os selos dos pacotes para o álbum.

Há coisas nesse mundo que as crianças ouvem, mas cujos sons vibram abaixo da sensibilidade de um adulto. Elas ouvem o relógio verde e dourado do salão (com sereias), com seu tique-taque lento a cada segundo, rigidamente imóveis durante as visitas das tias-avós. Ouvem o som dos cavalos das carruagens no pátio, o que finalmente quer dizer que vão ao parque. Há o som da chuva no teto de vidro, o que significa que não irão mais.

Existem cheiros que as crianças sentem que fazem parte de sua paisagem: o cheiro do charuto do pai na biblioteca, da mãe, ou o cheiro de *schnitzel* em pratos cobertos passando diante do quarto das crianças ao ser levado para o almoço dos adultos. O cheiro por trás das tapeçarias que pinicam da sala de jantar quando elas se escondem rente à parede. E o cheiro de chocolate quente depois de patinar. Emmy às vezes fazia chocolate para os filhos. O chocolate vinha em uma vasilha de porcelana, e então eles podiam partir em pedaços do tamanho de uma moeda e aquelas lascas escuras eram derretidas em uma pequena panela de prata que Emmy segurava sob uma chama púrpura. Então, quando estava soltando do fundo da panela, despejava-se leite quente por cima e depois mexia-se com açúcar.

Existem coisas que elas viam com total clareza — a clareza de um objeto visto através de lentes. Há ainda coisas vistas como um borrão: os corredores percorridos, corredores intermináveis, um lampejo dourado de uma sucessão de quadros, de mesas de mármore. Há 18 portas se você der a volta pelo corredor do pátio.

Os netsuquês se mudaram de um mundo de Gustave Moreau em Paris para o mundo de um livro infantil de Dulac em Viena. Eles constroem seus próprios ecos,

fazem parte daquelas manhãs de domingo em que a mãe contava histórias, parte dos contos das *Mil e uma noites*, das viagens de Sinbad, o Marujo, e do *Rubáiyát de Omar Khayyám*. Eles estão trancados dentro da vitrine, atrás da porta do quarto de vestir, localizado no final do corredor e ao final da longa escada que sai do pátio, que, por sua vez, fica atrás da pesada porta de carvalho com o respectivo porteiro a postos, no castelo de fadas de um Palais em uma rua que faz parte das *Mil e uma noites*.

20. VIVA VIENA! VIVA BERLIM!

O século tem 14 anos, assim como Elisabeth, uma menina séria que já pode sentar com os adultos no jantar. São “homens distintos, altos funcionários públicos, professores e militares de altas patentes”, e ela ouve que conversam de política, mas recebera ordem de não falar a não ser que se dirigissem a ela. Ela vai andando ao lado do pai até o banco todas as manhãs. Ela está formando sua própria biblioteca em seu quarto: cada livro novo ganha um caprichado EE a lápis e um número.

Gisela é uma linda menina de dez anos que adora roupas. Iggie é um menino de nove ligeiramente acima do peso e ciente disso; ele não é muito bom em matemática, mas gosta mesmo é de desenhar.

Chega o verão, e as crianças viajam a Kövecses com Emmy. Ela encomendara um novo traje, preto com blusa de pregas, para montar Contra, seu baio favorito.

No domingo, 28 de junho de 1914, o arquiduque Franz Ferdinand, herdeiro do império Habsburgo, é assassinado em Sarajevo por um jovem nacionalista sérvio. Na quinta-feira, *Die Neue Freie Presse* publica que “as consequências políticas desse ato estão sendo extremamente exageradas”.

No sábado seguinte, Elisabeth escreve um cartão para Viena:

4 de julho de 1914

Amado papai,

Muito obrigada por ter conseguido os professores do próximo semestre. Hoje fez uma manhã quente e então fomos todos nadar no lago, mas já está mais frio e talvez chova. Fui a Pistzan com Gerty, Eva e Witold mas não gostei muito. Toni teve nove filhotes, um morreu e tivemos que dar mamadeira aos outros. Gisela gostou das roupas novas. Mil beijos.

Sua Elisabeth

No domingo, 5 de julho, o Kaiser promete apoio alemão à Áustria contra a Sérvia, e Gisela e Iggie mandam um cartão do rio em Kövecses: “Querido papai, meu vestido ficou ótimo. Nadamos o dia todo e está muito quente. Todos bem. Amor, beijos da Gisela e do Iggie.”

Na segunda, 6 de julho, esfria em Kövecses e não há natação. “Hoje pintei uma flor. Amor e montes de beijos da Gisela.”

No sábado, 18 de julho, deixam Kövecses, a mãe volta com as crianças para Viena. Na segunda, 20 de julho, o embaixador britânico, Sir Maurice de Bunsen, relata a Whitehall que o embaixador russo em Viena deixou a cidade com uma licença de 15 dias. Naquele mesmo dia os Ephrussi partem para a Suíça: para passar “o mês longo”.

A bandeira imperial russa ainda está hasteada no telhado da casa do barco. Viktor,

preocupado que seu filho cresça e precise fazer o serviço militar na Rússia, pedira ao czar que mudasse sua cidadania. Neste ano Viktor se torna súdito de sua majestade Franz Josef, o imperador austríaco de 84 anos, rei da Hungria e da Boêmia, rei da Lombardia e Vêneto, da Dalmácia, da Croácia, da Eslavônia, Galícia, Lodoméria e Ilíria, grão-duque da Toscana, rei de Jerusalém e duque de Auschwitz.



Banho de lago em Kővecses

No dia 28 de julho, a Áustria declara guerra à Sérvia. No dia 29 de julho, o imperador declara: “Deposito minha fé nos meus povos, que sempre se reuniram em torno do meu trono, na unidade e na lealdade, através de cada tormenta, que sempre estiveram dispostos aos maiores sacrifícios pela honra, majestade e poder do solo pátrio.” A 1.º de agosto, a Alemanha declara guerra à Rússia. No dia 3, a Alemanha declara guerra à França, e no dia seguinte invade a neutra Bélgica. E todo um baralho de cartas desaba: alianças são evocadas e o Reino Unido declara guerra à Alemanha. No dia 6 de agosto, a Áustria declara guerra à Rússia.

Cartas de mobilização são enviadas de Viena em todas as línguas do império. Trens são requisitados. Todos os jovens lacaios franceses de Jules e Fanny Ephrussi, cuidadosos com porcelana e bons remadores no lago, são chamados. Os Ephrussi estão retidos no país errado.

Emmy vai a Zurique ajudar o cônsul-geral austríaco Theophil von Jäger — um de seus amantes — a transportar suas coisas de volta a Viena. Há muitos telegramas. Babás, criadas e baús precisam ser despachados. Os trens estão muito lotados e há bagagem de mais, e os horários dos trens — da implacável ferrovia k&k, precisa como um ritual da corte espanhola, regular como a Guarda Municipal de Viena marchando em frente à janela do quarto das crianças às dez e meia toda manhã — de repente não significam mais nada.

Há uma crueldade nisso tudo. Os primos franceses, austríacos e alemães, cidadãos russos, tias inglesas, toda essa maldita consanguinidade, toda territorialidade, toda aquela falta de amor nômade pelo país, precisa tomar um partido. De quantos lados uma família

pode ficar? Tio Pips é convocado, lindo de uniforme com gola de astracã, para lutar contra seus primos franceses e ingleses.

Em Viena, há um ardoroso apoio a esta guerra, que varre do país sua apatia e seu estupor. O embaixador britânico comenta que “todo o povo e a imprensa clamam impacientemente pelo imediato e condigno castigo da odiosa raça sérvia”. Escritores reforçam esse entusiasmo. Thomas Mann escreve um ensaio “Gedanken im Kriege” [Pensamentos em tempo de guerra]; o poeta Rilke celebra a ressurreição dos Deuses da Guerra em suas *Cinco canções*, de agosto de 1914; Hofmannsthal publica um poema patriótico em *Die Neue Freie Presse*.

Schnitzler discorda. Ele escreve simplesmente no dia 5 de agosto: “Guerra mundial. Ruína mundial. Karl Kraus deseja ao imperador ‘um bom fim do mundo’.”

Viena estava *en fête*: rapazes em duplas ou trios iam com flores nos chapéus ao posto de alistamento; bandas marciais tocavam nos parques. A comunidade judaica de Viena estava exultante. O boletim mensal da União Austríaca-Israelita, de julho e agosto, declarava: “Nessa hora de perigo nos consideramos integralmente cidadãos do Estado (...) Queremos agradecer ao Kaiser com o sangue de nossos filhos e com nossas posses para nos libertar; queremos provar ao Estado que somos verdadeiros cidadãos, bons como quaisquer outros (...) Depois dessa guerra, com todos os seus horrores, não poderá mais haver agitação antisemita (...) seremos capazes de reivindicar a plena igualdade.” A Alemanha libertaria os judeus.

Viktor achava que não. Seria uma catástrofe suicida. Ele mandara cobrir com lençóis toda a mobília do Palais, concedera licença remunerada aos criados, enviara a família para a casa de Gustave Springer, um amigo, perto de Schönbrunn, e depois para a casa dos primos nas montanhas perto de Bad Ischl, e ele mesmo se mudara para o Hotel Sacher para pensar na guerra com seus livros de história. Havia um banco para ser administrado, algo difícil quando se estava em guerra com a França (Ephrussi et Cie., rue de l’Arcade, Paris 8), a Inglaterra (Ephrussi and Co., King Street, Londres) e a Rússia (Efrussi, Petrógrado).

“O império sentiu”, diz o conde no romance autobiográfico de Joseph Roth, *A marcha de Radetzky*.

Assim que o imperador der boa-noite, vamos quebrar tudo em centenas de pedaços. Os Bálcãs serão mais poderosos do que nós. Todos os povos estabelecerão seus próprios estadozinhos sujos, e até mesmo os judeus proclamarão um rei na Palestina. Viena fede a suor de democratas, não suporto mais passar na Ringstrasse (...) No Burgtheater está passando um lixo judeu, e nobilitam um fabricante de latrina húngaro por semana. Estou dizendo, cavalheiros, se não começarmos a atirar, vai acabar tudo. Nesta nossa vida, eu estou lhes dizendo.

Foram muitas as proclamações naquele outono em Viena. Agora a guerra estava

praticamente encaminhada, o imperador falou às crianças do império. Os jornais reproduziram ‘*Der Brief Sr. Majestät uneres allergründigsten Kaisers Franz Josef I an die Kinder im Weltkrieg*’, uma carta de Sua Majestade, nosso bem-amado Franz Josef I, às crianças no tempo da Guerra Mundial: “Vocês, crianças, são as joias de todos os meus povos, a bênção de seus futuros mil vezes conferida.”

Após seis semanas, Viktor se dá conta de que a guerra não chegará ao fim e volta do Hotel Sacher. Emmy e as crianças são enfim trazidas de volta de Bad Ischl. Os lençóis são retirados dos móveis. Há muita agitação na rua defronte à janela das crianças. Muito barulho da manifestação dos estudantes — Musil fala da “feitura da cantoria nos cafés” em seu diário —, da marcha dos soldados, com suas bandinhas, que Emmy pensa em mudar as crianças de quarto, levando-as para uma parte mais tranquila da casa. Mas isso não acontece. A casa é malplanejada para uma família — estamos todos aqui expostos, dentro de uma caixa de vidro, é como se morássemos na rua de uma vez, se for esperar o seu pai fazer alguma coisa a respeito, pode esquecer.

A cantoria dos estudantes muda a cada semana. Começam com “*Serbien muss sterben*” [A Sérvia deve morrer!]. Então é a vez dos russos: “Um round, um russo!” Depois os franceses. E vai se colorindo a cada semana. Emmy está preocupada com a guerra, é claro, mas também com o efeito de toda essa gritaria sobre as crianças. Agora elas comem na mesinha da sala de música, que dá para a Schottengasse e é um pouco mais silenciosa.

Iggie frequenta o Schottengymnasium. Trata-se de uma *escola muito boa* dos beneditinos ali do lado, uma das duas *melhores escolas* de Viena, segundo ele me disse. A placa no muro com uma lista de famosos poetas ex-alunos indica isso. Embora os professores sejam padres, muitos dos alunos são judeus. A escola se dedica especialmente aos clássicos, mas há também matemática, álgebra, cálculo, história e geografia. Também se estudam línguas. Aprendê-las era irrelevante para aquelas três crianças, que alternam inglês e francês com a mãe e alemão com o pai. Sabem apenas rudimentos de russo e nada de ídiche. As crianças eram orientadas a falar apenas em alemão quando saíam de casa. Todo o comércio de aparência estrangeira tivera seus nomes emplastados por homens em escadas.

As meninas não estudam no Schottengymnasium. Gisela tem aulas em casa com sua governanta na sala de estudos, ao lado do quarto de vestir de Emmy. Elisabeth negociou com Viktor e agora tem um tutor particular. Emmy fora contra. Ela se irrita tanto com essa falta de cabimento e a complexidade de tal arranjo para sua filha que Iggie a escuta gritar e depois quebrar alguma coisa, provavelmente porcelana, no salão. Elisabeth seguirá à risca o mesmo currículo dos meninos de sua idade no Schottengymnasium, e recebe permissão para frequentar o laboratório da escola à tarde, onde tinha uma aula particular com um dos professores. Ela sabe que, se deseja ir à universidade, precisará passar no exame final dessa escola. Elisabeth sabe desde os dez anos que precisa sair daquela sala, sua sala de estudos com o tapete amarelado, e atravessar até a sala da Franzensring, o anfiteatro das aulas da universidade. São menos de duzentos metros —

mas, para uma menina, podiam ser também quase dois quilômetros. São mais de nove mil candidatos, e apenas 120 moças. Não se vê o anfiteatro da sala de Elisabeth. Bem que tentei. Mas dá para ver a janela, e imaginar a arquibancada e um professor apoiado à estante na frente. Ele está falando com você. Sua mão acompanha notas de um sonho.

Iggie frequenta o Schottengymnasium com relutância. Chega-se à escola correndo em três minutos, embora eu não tenha cronometrado o tempo, levando-se uma bolsa. Existe uma fotografia da turma de 1914, a terceira turma: trinta meninos de terno de flanela cinza com gravata, ou ternos de marinheiro, sentados em suas carteiras. Duas janelas estão abertas para o pátio do edifício de cinco andares. Há um idiota fazendo careta. O professor é implacável ao fundo em sua batina monástica. No verso da fotografia estão todas as assinaturas — todos os Georg, Fritz, Otto, Max, Oskar e Ernst. Iggie assinou com uma bela caligrafia em itálico: Ignace v. Ephrussi.

Na parede dos fundos está o quadro-negro preenchido de provas de geometria. Hoje eles aprenderam a calcular a área da superfície do cone. Iggie volta todos os dias com a tarefa de casa. Ele odeia fazer lição. É ruim em álgebra e cálculo e odeia matemática. Setenta anos depois, ele ainda seria capaz de me dizer os nomes de todos os padres e o que tentavam lhe ensinar sem proveito.

E ele voltava para casa com novas rimas:

Heil Wien! Heil Berlin!

In 14 Tagen

In Petersburg drinn!

[Salve, Viena! Salve, Berlim!

Em catorze dias,

Petersburgo, estaremos aí!]

Há outros versos mais rudes do que esses. Mas esses não pegam bem com Viktor, que ama São Petersburgo e nasceu na Rússia, embora agora seja, é claro, austríaco e ame Viena.

Para Iggie, a guerra significava brincar de soldado. Será a prima Piz — Marie-Louise von Motesiczky — quem se provará excelente soldado. Há uma escada de serviço no canto do Palais, escondida atrás de uma porta falsa. É uma larga escada em caracol de 136 degraus que sobe até o telhado, se você puxa a porta na sua direção, então de repente você está acima das cariátides e das folhas de acantos e dali você pode ver tudo, toda Viena. Virando-se lentamente em sentido horário a partir da universidade, ali está a Votivkirche, então a Santo Estêvão, e, panoramicamente, através das torres e dos domos da Ópera e do Burgtheater e a Rathaus, de volta à universidade. E você pode desafiar o outro a ousar chegar até a beira do parapeito e olhar para baixo através do vidro e ver o pátio lá embaixo, ou você pode acertar a cabeça dos minúsculos burgueses apressados e

suas senhoras na Franzensring ou na Schottengasse. Para tanto, você usa caroços de cerejas, um rolo de papel duro e uma bela cusparada. Há um café logo abaixo com um largo toldo de lona, que parece um alvo bastante atraente. Os garçons de avental preto olham para cima e gritam, e você tem que se esconder.

E você pode escalar os telhados do Palais dos Lieben, logo vizinho, onde moram outros primos e primas.

Ou vocês são espíões e podem descer pela escada até os porões — com barris em relevo nas paredes — onde há um túnel que atravessa Viena até o Schönbrunn. Ou mesmo até chegar ao Parlamento. Ou pelos outros túneis secretos sobre os quais você já ouviu falar, uma rede a que se tinha acesso pelos quiosques de propaganda na Ringstrasse. É ali onde se diz que moram os *Kanalstrotter* — uma gente furtiva, sombria, que vive das moedas que caem dos bolsos pelas grades do calçamento.

A casa e a família precisam passar por sacrifícios durante a guerra. Em 1915, o tio Pips está servindo como adido imperial oficial junto ao alto-comando alemão em Berlim, onde ele foi peça fundamental para arranjar para arrancar para Rilke um cargo longe do front. Papai está com 54 anos e é dispensado. Os criados do Palais desaparecem, com exceção do mordomo Josef, que é velho demais para ser convocado. Um pequeno grupo de empregadas é mantido, além de uma cozinheira e de Anna, que já estava com a família havia 15 anos e parecia capaz de prever as necessidades de cada um e ser dotada da capacidade de acalmar seus ânimos. Ela entendia de tudo. Não havia segredos com ela, quando você voltava para casa depois do almoço e precisava trocar o vestido da manhã.

A casa está mais silenciosa nos últimos dias. Viktor costumava convidar amigos dos empregados que ora apareciam aos domingos, ora no almoço ao meio-dia, que consistia em cozidos e carnes assadas. Isso já não acontece: o refeitório da criadagem está vazio. Não há cavaliços ou cocheiros, nem cavalos de carruagem, de modo que se alguém queria ir ao Prater era preciso tomar um dos fiacres em meio à terra da Schottengasse ou mesmo ir de bonde. Não havia mais “grupos festivos”. Isso na verdade significava que existiam muito menos festas, e que as festas haviam mudado. Não se aparecia mais em roupa de baile, mas ainda era possível sair para jantar ou ir à Ópera. Em suas memórias, Elisabeth diz que “mamãe só recebia para o chá, e para jogar bridge”. Demel’s ainda vende seus doces, mas não se podia ostentar muitos deles aos olhos das visitas.

Emmy ainda se trocava para o jantar todas as noites, pois era importante não deixar cair o padrão. *Herr* Schuster não consegue mais fazer sua visita anual a Paris para comprar vestidos para sua baronesa, mas Anna a conhece tão bem que consegue administrar seu guarda-roupa e reformar vestidos estudando com afinco as últimas publicações. Há uma fotografia de Emmy nessa primavera. Ela está com um vestido preto longo e uma espécie de chapéu sem abas de pele de urso — um colbaque — com uma grande pena de garça branca e um cordão de pérolas até a cintura, e, se não houvesse data no verso, seria difícil acreditar que era Viena durante a guerra. Retornar-me se esse não será um vestido da última estação, e como eu poderia confirmar isso.

Como sempre, Gisela e Iggie se achegam para conversar com Emmy em seu quarto

de vestir toda noite. Eles têm permissão de abrir a vitrine sozinhos. Se já não brincam mais com os netsuquês no tapete, pois não são mais uma menina de dez ou um menino de oito, e isso é algo bem infantil, eles ainda procuram lá dentro do vidro até encontrar o feixe de lenha e os filhotes, principalmente se o dia foi ruim ou se tiveram de ouvir uma bronca do padre Georg.

Há muita, muita gente nas ruas. Há judeus — cem mil refugiados só da Galícia — que foram expulsos nos terríveis pogroms do exército russo. Alguns deles estão alojados em barracões onde há apenas provisões básicas, mas que são inadequados para famílias. Muitos se mudam para Leopoldstadt, o segundo distrito da cidade, e vivem em condições pavorosas. Muitos mendigam. Eles não são ambulantes com uma caixa de postais e fitas. Eles não têm nada para vender. O Israelitische Kultusgemeinde, IKG, organiza esforços de auxílio.

Os judeus incorporados à cidade se preocupam com esses recém-chegados: consideram seus modos vulgares; seus modos de falar e vestir e seus costumes não combinam com o *Bildung* dos vienenses. Há uma aflição quanto à possibilidade de eles impedirem a assimilação. “É terrivelmente duro ser um judeu do Leste; nenhum fardo é mais pesado do que o dos judeus do Leste recém-chegados a Viena”, escreveu Joseph Roth sobre essas pessoas. “Ninguém fará nada por eles. Seus primos e correligionários, com os pés seguramente enfiados sob escrivatinhas do primeiro distrito, já viraram ‘nativos’. Não querem ser associados a judeus do Leste, muito menos ser confundidos com eles.” Talvez, penso comigo, seja a aflição do imigrante diante de outro que acaba de chegar. Eles ainda estão em trânsito.

As ruas ficam diferentes. A Ringstrasse foi feita para passear. Feita para encontros casuais, xícaras de café em frente ao Café Landtmann, cumprimentar amigos, ansiosos encontros amorosos no Corso. É um tranquilo rio de pessoas em movimento.

Mas Viena agora parece ter duas marchas. Uma é a do passo dos soldados, das crianças correndo em volta deles, e a outra é o ponto morto. Notam-se pessoas formando filas do lado de fora das lojas atrás de comida, cigarros, notícias. Todos comentam o novo fenômeno de *anstellen*, fazer fila. A polícia observa quando as filas se formam pelas diversas mercadorias. No outono de 1914, é a fila da farinha e do pão. No início de 1915, a do leite e das batatas. No outono de 1915, falta óleo. Em março de 1916, café. No mês seguinte, açúcar. No outro, ovos. Em julho de 1916, é a fila do sabão. Depois, para tudo. A cidade esclerosa.

A circulação de mercadorias na cidade também está mudando. Há rumores sobre estoques, ricos com salas cheias de altas pilhas de caixas e mais caixas de alimentos. Há lucros sendo auferidos, segundo os boatos, pelos “frequentadores dos cafés”. As únicas pessoas que estão lucrando são as que trabalham com comida, esses “frequentadores” ou produtores rurais. Para conseguir comida, cada vez é preciso abrir mão de mais coisas. Objetos deixam as casas e se tornam moeda de troca. Dizem que há camponeses com fraques da burguesia vienense, e suas esposas com vestidos de seda. Casas do campo cheias de pianos, porcelanas, bibelôs e tapetes turcos. Professores de piano, segundo os

rumores, estão se mudando de Viena para seguir seus novos alunos no interior.

Os parques estão mudados. Há neles menos zeladores e garis. O sujeito que molhava as trilhas de cascalho bem cedo pela manhã, no parque junto ao Ring, já não está mais lá. As trilhas sempre foram poeirentas, mas agora estão mais.

Elisabeth tem quase 16 anos. Agora tem permissão de mandar encadernar seus livros em meio marroquim com capas marmorizadas quando Viktor faz encomendas para a biblioteca. É um ritual de passagem, um modo de marcar que as leituras são relevantes. É, ao mesmo tempo, um modo de separar os livros dela dos livros do pai — esses são da sua biblioteca, esses são da minha — e de aproximá-los. Quando vinha de Berlim em visita, tio Pips a encarregava de copiar cartas de seu amigo diretor de teatro Max Reinhardt.

Giisela está com 11 anos e começa a tomar aulas de desenho na sala pela manhã. Ela é muito boa. Iggie tem nove anos e ainda não pode participar. Ele conhece os uniformes dos regimentos imperiais (“calça azul-clara da infantaria; e fez vermelho sangue na cabeça dos bósnios azuis-claros”) e esboça as cores de suas túnicas em seus caderninhos de couro amarrados com seda púrpura. No quarto de vestir, com o gabinete de netsuquês escondido, Emmy chama Iggie de seu conselheiro para roupas.

Ele começa a desenhar vestidos. Furtivamente.

Iggie escreve um conto em um caderno in-oitavo de papel manilha com um barco na capa. Estamos em fevereiro de 1916.

Jack, o pescador. Um conto de I.L.E.

Dedicatória: à querida Mamãe, este pequeno volume é dedicado com amor.

Prefácio: Este conto está longe de ser perfeito, tenho certeza, mas uma coisa ficou bem-feita, eu acho: descrevi os personagens do livro com clareza.

Capítulo I. Jack e sua vida. Nem sempre Jack foi pescador em sua breve vida, pelo menos não até seu pai morrer...

Em março, o IKG escreve uma carta aberta aos judeus de Viena: “Colegas cidadãos judeus! Na concretização de seu dever evidente, nossos pais, irmãos e filhos dedicaram seu sangue e suas vidas como bravos soldados de nosso glorioso exército. Com a mesma consciência do dever, aqueles que permaneceram em casa também sacrificaram de bom grado suas propriedades no altar da pátria amada. Assim novamente o chamado do Estado haverá de despertar o eco patriótico em todos nós!” Os judeus vienenses contribuem com mais quinhentas mil coroas para os empréstimos de guerra.

Os boatos são endêmicos. Kraus: “O que você tem a dizer sobre os boatos? / Estou preocupado. / Os boatos em Viena dizem que há boatos circulando pela Áustria.

Chegam até a passar de boca em boca, mas ninguém lhe dirá nada a respeito.”

Em abril, em Viena, um grupo de soldados de licença, sobreviventes da batalha de Uscieczko, aparece no palco de um teatro e reencena os acontecimentos da batalha. Kraus, rabugento diante da redução de eventos reais a um espetáculo, dispara um ataque sobre a crescente teatralidade da guerra. O problema é que “*die Sphären fließen ineinander*” — as esferas se tornaram borradas, deslocam-se misturadas. As fronteiras ficam difusas em Viena durante a guerra.

Isso significa que há muita coisa para as crianças verem. A sacada é um esplêndido e privilegiado observatório.

No dia 11 de maio, Elisabeth vai à Ópera ouvir *Die Meistersinger*, de Wagner, com a prima. “*Heilige Deutsche Kunst*” — “arte sacra alemã” —, ela escreve em seu caderninho verde no qual registra os concertos e peças teatrais a que assiste. Patrioticamente ela grifa *Deutsche*.

Em julho as crianças vão com Viktor à Exposição Vienense da Guerra no Prater. O evento foi organizado com foco nos esforços domésticos da

Titel des dramatischen oder musikalischen Werkes	Autor oder Komponist	Wo aufgeführt	Wann gegeben oder gehört	Bemerkungen	
Duval Bernhard	H. Schimmann u. H. Vetter	Max-Klinger-Säle	21/I	1916	Mama, Papa
Nathan der Weise	Lessing	Kölththeater	24/I	1916	Herr, Frau, Madeleine und Georg von Kul
König Richard der Dritte	Shakespeare	Burg	1/II	1916	Daisy, Arthur, René, Leo
Der Verschwander	Raimund	Burg	16/II	1916	Joungard u. Professor Taiguer, Gisela, Adolf
Maria Stuart	Schiller	Burg	18/II	1916	Mama, Adolf, Madeleine u. Georg v. Kul
Vortrag Kallner	Gothe-Schiller-Lektie	Mitt. Kom. u. Kul	20/II	1916	Mama (grawitzig diese Lektie!)
Doktor Klaus	Adolf L. Krowitz	Burg	13/IV	1916	Mama, Papa
Vortrag Klaus und im Kriege veränderter	Ernst Machmann	Kölththeater	28/IV	1916	Dr. Taiguer, (im Dabeben liegt man, wenn man Defizit ist)
Vortrag Kallner	Gothe-Schiller-Lessing	Gr. Mus. Saal	2/I	1916	Gisela
Die Meistersinger	Wagner	Oper	11/V	1916	Herr, Frau, Madeleine u. Georg v. Kul (Adolf steht dabei)
König Lear (Kallner)	Shakespeare	Burg	8/VI	1916	Mama, Papa, Gertrud, Stummer, (es tut weh, das Sommer zu erleben)
Copelia	Leon Delibes				

Caderno de ópera e teatro de Elisabeth, 1916

guerra: levantará o moral e o dinheiro. O melhor de tudo é uma apresentação dos dobermanns do exército fazendo seus truques. Há muitos pavilhões de exposição onde as crianças podem ver peças de artilharia inimiga capturadas. Há um panorama muito realista de um campo de batalha, para que possam imaginar os meninos lutando na fronteira com a Itália. Há concertos feitos pelos soldados mutilados, tubistas com pernas mecânicas. Na saída, há uma sala de fumantes onde se pode doar tabaco aos soldados.

Ocorre ali a primeira apresentação de uma trincheira de verdade. Segundo o anúncio, como Kraus nota acidamente, a apresentação mostra “como é a vida nas trincheiras com impressionante realismo”.

No dia 8 de agosto, hospedada em Kövecses, Elisabeth ganha um livro verde-escuro de poemas escritos por sua avó materna, Evelina, publicado em Viena em 1907. Vem dedicado a ela: “Estas minhas velhas canções foram desbotando para mim. Se elas encontrarem eco em você, farão eco em mim outra vez.”

Viktor continua trabalhando um pouco no banco, tarefa ingrata em tempo de guerra, com a maioria dos homens jovens e competentes na front. Ele é generoso e patriota em seu apoio financeiro. Compra muitos títulos de guerra do governo. Depois compra mais. Embora seja aconselhado por Gutmann e outros amigos no Clube Vienense a mandar seu dinheiro para a Suíça, como eles vêm fazendo, ele jamais o fará. Não seria patriótico. Durante o jantar ele passa a mão no rosto, da testa ao queixo, e diz que em toda crise há oportunidade para quem está atento.

Quando Viktor chega em casa, passa mais tempo em seu escritório. “Uma biblioteca”, diz ele, citando Victor Hugo, “é um ato de fé”. Chegam menos livros encomendados: nada de São Petersburgo, Paris, Londres, Florença. Ele fica frustrado

com a qualidade de um volume enviado por um novo livreiro em Berlim. Quem sabe o que ele anda lendo enquanto fuma seu charuto? Às vezes uma bandeja com a ceia é preparada e levada até ele. As coisas não andam muito bem entre ele e Emmy, e as crianças passam a ouvir mais frequentemente a voz exaltada da mãe.

Antes da guerra, em todos os verões havia uma verdadeira operação com escadas, baldes e esfregões para limpar o vidro sobre o pátio. Como não havia mais empregados homens, o teto de vidro não era limpo havia dois anos. A luz filtrada ali era mais cinzenta do que nunca.

As fronteiras se tornam difusas. Quando criança, o patriotismo é ao mesmo tempo inequívoco e confuso. Nas ruas e na escola ouve-se falar da “inveja britânica, da sede de vingança dos franceses e da tendência predatória dos russos”. A cada mês que passa há menos lugares aonde se pode ir, pois toda a rede de conexões da família está suspensa. Ainda há cartas, mas não se podem ver os primos ingleses e franceses, não se pode mais viajar como antes.

No verão, a família não pode ir ao Chalet Ephrussi em Lucerna, então vão a Kőveces passar as férias inteiras. Isso significa que pelo menos poderão comer direito. Assado de lebre, tortas de carne de caça e bolos de ameixa, para serem consumidos *mit Schlag*, com creme batido. Em setembro, forma-se um grupo para caçar, quando os primos que estão de licença das balas do front vêm em busca de perdizes.

No dia 26 de outubro, o primeiro-ministro Karl von Stürgkh é assassinado em um restaurante no Hotel Meissl & Schadn na Kärntner Strasse. Dois pontos chamam a atenção de todos. Primeiro, que o assassino é o socialista radical Fritz Adler, filho do líder social-democrata Viktor Adler. Segundo, que ele havia comido sopa de cogumelos, carne cozida com purê de nabo e pudim no almoço. Vinho com soda para beber. Há ainda um outro aspecto interessante que deixa as crianças muito alvoroçadas: tinha sido naquele *mesmo* restaurante que haviam comido *Ischler Torte*, bolo de chocolate com recheio de amêndoas e cerejas, na companhia dos pais naquele mesmo verão.

No dia 21 de novembro de 1916, morria Franz Josef I.

Todos os jornais estamparam bordas pretas de luto: Morreu nosso imperador, Kaiser Franz Josef, o Imperador — está morto! Diversos periódicos saíram com gravuras de seu característico olhar desconfiado. Em *Die Neue Freie Presse* não houve folhetim. O *Wiener Zeitung* trouxe a reação gráfica mais satisfatória, o aviso fúnebre sobre uma página toda em branco. Todos os semanários fazem o mesmo, exceto *Die Bombe*, que estampa uma garota surpreendida na cama por um cavalheiro.

Franz Josef tinha 86 anos e ocupava o trono desde 1848. Em um dia invernal um imenso cortejo atravessa Viena. As ruas estão cercadas de ambos os lados por soldados. O caixão segue em um ataúde puxado por oito cavalos com penachos negros. De cada lado marcham arquiduques envelhecidos cobertos de medalhas e representantes de todas as guardas imperiais. Atrás dele vão a pé o jovem e novo imperador Karl e sua esposa Zita, com um véu que chega até o chão, e entre eles o filho de quatro anos, Otto, vestido de branco com uma faixa preta na cintura. O velório ocorre na catedral com a presença

dos reis da Bulgária, Bavária, Saxônia e Württemberg, cinquenta arquidukes e duquesas e quarenta outros príncipes e princesas. Então o cortejo retoma o caminho na direção da igreja dos capuchinhos no Neue Markt, perto do palácio Hofburg. O destino é o *Kaisergruf*, o mausoléu imperial. Encena-se o teatro da entrada na igreja — os guardas batem três vezes e por duas vezes são recusados — e então Franz Josef é enterrado entre a esposa Elisabeth e seu filho mais velho morto havia muito, o suicida Rudolf.

As crianças são levadas ao Hotel Meissl & Schadn, na esquina da Kärntner Strasse, onde comem aquele delicioso bolo, para assistir ao cortejo da janela do primeiro andar. Está extremamente frio.

Viktor se lembra do espetáculo makartiano daqueles chapéus largos todos com plumas, 37 anos antes; seu pai recebendo título de nobreza, 46 anos atrás. Há uma geração, Franz Josef inaugurou a Ringstrasse, a Votivkirche, o Parlamento, a Ópera, a Prefeitura, o Burgtheater.

As crianças pensam em todas as outras procissões em presença do imperador, quantas e quantas vezes não o viram passar de carruagem em Viena e em Bad Ischl. Lembram-se dele cavalgando com a senhora Schratt, sua companheira, quando ela acenou para eles, um discreto acenozinho com a mão direita enluvada. Lembram-se da brincadeira da família depois da visita da sisuda tia-avó Anna von Hertenreid, a bruxa. Quando já estavam a salvo, longe dela e de suas perguntas, o primeiro a repetir a velha frase do imperador: “*Es war sehr schön, es hat mich sehr gefreut*” — “Foi muito bom, eu me diverti muito” — ganhava.

No início de dezembro, acontece uma conversa séria no quarto de vestir. Elisabeth recebe permissão para escolher o estilo do próprio vestido pela primeira vez na vida. Já ganhara muitos vestidos feitos especialmente para ela, mas é a primeira vez que ela mesma pode tomar tais decisões. Eis um momento ansiado há muito tempo por Emmy, Gisela e Iggie, todos apaixonados por roupas, e por Anna, que cuida de todos eles. No quarto de vestir, sobre a penteadeira, há um catálogo de tecidos e Elisabeth tem a ideia de um vestido com estampa de teia de aranha sobre o corpete.

Iggie fica absolutamente pasmo. Setenta anos mais tarde, em Tóquio, ele relembriaria o silêncio que se fez quando ela descreveu o que queria: “Ela simplesmente não tinha o menor bom gosto.”

No dia 17 de janeiro de 1917, sanciona-se novo edital, que obriga a publicação em todos os jornais de uma lista dos nomes de todos os especuladores condenados por auferir lucros com a guerra, e que a lista seja afixada em todos os distritos. Há fortes pressões para a recuperação da Bolsa. Há muitos nomes para essa figura do especulador, mas cada vez mais ambíguas: *acumulador, usurário, Ostjude, galego, judeu*.

Em março o imperador Karl institui novo feriado escolar no dia 21 de novembro para celebrar o falecimento de Franz Josef e sua própria ascensão ao trono.

Em abril, Emmy comparece a uma recepção no Schönbrunn oferecida por um

comitê de mulheres que organizam algo relacionado a viúvas de soldados que pereceram na defesa do império. Não fica claro para mim o que de fato acontece. Mas existe uma esplêndida fotografia dessa reunião de umas cem mulheres em sua melhor forma no salão de bailes públicos, um grande espectro de chapéus sob rococós de gesso e espelhos.

Em maio ocorre uma exposição de 180 mil soldados de brinquedo em Viena. Tudo na cidade no verão é *heldenhaf*, heroico. Todo ano há espaços em branco nos jornais onde os censores arrancaram alguma informação ou algum comentário.

O corredor entre o quarto de vestir de Emmy, onde estão os netsuquês, e o quarto de vestir de Viktor parece cada vez mais comprido. Algumas vezes Emmy não está à mesa à uma hora e seu prato é retirado por uma empregada enquanto todos fingem não notar. Outras vezes o prato é retirado novamente às oito.

A comida se torna um problema cada vez mais grave. As filas para pão, leite e batatas já eram rotina há dois anos, mas agora há novas filas para repolhos, ameixas e cerveja. As donas de casa são estimuladas a usar a imaginação. Kraus retrata uma eficiente esposa teutônica: “Hoje estamos bem servidos (...) teremos todo tipo de coisas. Um caldo Hindenburg de cubos Excelsior com uma saborosa imitação de lebre com falsa coude-bruxelas e panquecas de batata feitas de parafina.”

As moedas também mudam. Antes da guerra, as coroas eram de ouro ou de prata. Depois de três anos de guerra elas são de cobre. Nesse verão serão de ferro.

O imperador Karl recebe ardoroso apoio da imprensa judaica. Os judeus, diz o *Bloch's Wochenschrift*, são “não só os mais leais defensores do império, como os únicos incondicionalmente austríacos”.

No verão de 1917, Elisabeth hospeda-se em Alt-Ausee na casa de campo da baronesa Oppenheimer com sua melhor amiga, Fanny. Fanny Loewenstein passara a infância morando por toda parte na Europa e fala o mesmo conjunto de línguas que Elisabeth. Ambas têm 17 anos e gostam muito de poesia: estão sempre escrevendo versos. Para grande entusiasmo das duas, tanto o poeta Hugo von Hofmannsthal como o compositor Richard Strauss também estão ali hospedados, além dos dois filhos do poeta. Os demais convidados incluem o historiador Joseph Redlich, que, como Elisabeth escreverá sessenta anos mais tarde, “nos impressionou muito desfavoravelmente com suas previsões da iminente derrota austríaca e alemã quando Fanny e eu ainda acreditávamos nos comunicados oficiais de um resultado vitorioso”.

Em outubro, o *Reichspost* declara haver uma conspiração internacional contra a Áustria-Hungria e que Lênin e Kerensky, assim como lorde Northcliffe, são todos judeus. O presidente Woodrow Wilson também estaria agindo “sob influência” dos judeus.

A 21 de novembro, portanto, aniversário de morte do velho imperador, todos os estudantes têm o dia livre.

Na primavera de 1918 as coisas estão de fato muito difíceis. Emmy, “o centro

esfuziante de um círculo social muito distinto”, segundo Kraus em *Die Fackel*, está mais esfuziante do que nunca. Tem agora um novo amante, um jovem conde de um dos regimentos de cavalaria. Esse jovem conde é filho de amigos da família, convidado regular em Kövecses, onde monta os próprios cavalos. Ele é também extremamente bonito e muito mais próximo da idade de Emmy do que Viktor.

Na primavera, é publicado um livro para os estudantes do império, *Unser Kaiserpaar*. A obra descreve o novo imperador, a esposa e o filho no funeral de Franz Josef. “O ilustre casal de pais fez seu primogênito se apresentar de mão dada com a mãe. Dessa imagem nasceu um vínculo mágico de compreensão entre o casal imperial e o povo: o terno gesto da mãe cativou o império.”

No dia 18 de abril, Elisabeth e Emmy vão assistir a *Hamlet* no Burgtheater, com o incrivelmente belo Alexander Moissi no papel principal. “*Der grösste Eindruck meines Lebens*” — “Nunca nada me impressionou tanto na vida” — comenta Elisabeth em seu caderno verde. Emmy está com 38 anos e grávida de dois meses.

É na primavera que chegam as boas notícias para a família. As duas irmãs mais novas de Emmy irão se casar. Gerty, de 27 anos, se casará com Tibor, um aristocrata húngaro com os sobrenomes Thuróczy de Alsó-Körösteg et Turócz-Szent-Mihály. Eva, de 25, se casará com Jenő, de nome menos fantástico, barão Weiss von Weiss und Horstenstein.

Em junho, irrompe uma onda de greves. A ração de farinha é agora de apenas 35 gramas por dia, o bastante para encher uma xícara. Inúmeros caminhões de padeiros eram emboscados e saqueados pelas multidões de mulheres e crianças. Em julho, o leite desaparece. Precisa ser reservado apenas para as mães de bebês e para os doentes crônicos, mas mesmo esses têm dificuldade de conseguir algum. Muitos vienenses sobrevivem cavando a terra atrás das próprias batatas nos campos fora da cidade. O governo discute o porte de sacos de lona. Os moradores da cidade poderiam circular com aqueles sacos imensos? Quem estivesse com um saco desses seria revistado nas estações de trem?

Havia ratos no pátio interno. Esses não são ratos de marfim com olhos de âmbar.

Ocorrem também cada vez mais manifestações contra os judeus. No dia 16 de junho, há uma Assembleia dos Ibvos Germânicos em Viena para jurar fidelidade ao Kaiser e reafirmar o objetivo da unidade pangermânica. Um orador apresenta uma solução para todos os problemas: um pogrom para curar as feridas do Estado.

A 18 de junho, o Chefe de Polícia pede permissão a Viktor para deslocar alguns homens para o pátio interno do Palais, onde ficava estacionado o automóvel, sem uso por falta de gasolina. Ter a polícia ao lado seria útil em caso de confusão, mas os policiais não ficariam à vista. Viktor concorda.

As deserções se multiplicam. A maior parte do exército Habsburgo se rende em vez de lutar: 2.200.000 soldados são feitos prisioneiros. Isso representa 17 vezes o número de soldados britânicos que se tornam prisioneiros de guerra.

Em 28 de junho, Elisabeth recebe seu último boletim anual do Schottengymnasium.

Sete “*sehr gut*”, em religião, alemão, latim, grego, geografia, história, filosofia e física. Um “*gut*” em matemática. No dia 2 de julho, ela recebe o certificado de matrícula, com o carimbo da effigie do velho imperador. O “*ele*” impresso está riscado e um “*ela*” foi inscrito em tinta azul.

Está quente. Emmy está grávida de cinco meses, com o verão pela frente. O bebê será amado e querido, é claro — mas há todo o incômodo.

Em agosto, estão em Kövecses. Há apenas dois senhores para a manutenção do jardim, e as rosas da longa varanda estão malcuidadas. No dia 22 de setembro, Gisela, Elisabeth e a tia Gerty vão assistir *Fidelio* na Ópera. No dia 25 vão assistir *Hildebrand* no Burgtheater e Elisabeth repara que o arquiduque está presente. O Brasil declara guerra à Áustria.* No dia 18 de outubro, os tchecos tomam Praga, repudiam o jugo dos Habsburgo e declaram independência. No dia 29 de outubro, a Áustria propõe à Itália um armistício. No dia 2 de novembro, às dez da noite, surge a notícia de uma rebelião de prisioneiros italianos em um campo próximo a Viena e que os fugitivos vão invadir a cidade. Às dez e quinze a notícia é mais explícita — são entre dez mil e 13 mil fugitivos, a que se juntaram mais prisioneiros russos. Chegam mensageiros aos cafés da Ringstrasse com ordens para que os oficiais se apresentassem no quartel-general da polícia. Muitos se apresentam. Dois oficiais gritam para as pessoas na saída da Ópera: voltem para casa e tranquem as portas. Às onze da noite o chefe de polícia se reúne com os militares para tratar da defesa de Viena. À meia-noite o ministro do Interior anuncia que os relatos foram extremamente exagerados. De madrugada admite-se que se tratava de mais um boato.

No dia 3 de novembro, o Império Austro-Húngaro se dissolve. No dia seguinte, a Áustria assina o armistício com os Aliados. Elisabeth vai ao Burgtheater assistir *Antígona* com o primo Fritz von Lieben. No dia 9 de novembro, o Kaiser Guilherme abdica. No dia 12 de novembro, o imperador Karl foge para a Suíça, e a Áustria se torna uma república. O dia inteiro as multidões passam pelo Palácio, muitas com bandeiras e estandartes vermelhos, convergindo para o Parlamento.

A 19 de novembro, Emmy dá à luz um menino.

Ele é loiro de olhos azuis e recebe o nome de Rudolf Josef. É difícil pensar em um nome mais elegante para dar a um menino assim que o império Habsburgo cai ao seu redor.

É muito, muito difícil. A gripe grassa, e não há mais leite. Emmy adocece: faz 12 anos que Iggie nasceu, 18 anos desde a primeira filha. Ficar grávida durante a guerra não é tranquilizador. Viktor está com 58 anos e surpreso com a paternidade outra vez. Entre todas as complexidades e a surpresa com o nascimento desse garotinho — e tais complexidades são muitas —, Elisabeth fica mortificada ao descobrir que a maioria das pessoas acha que o bebê é dela. Ela tem 18 anos afinal, e sua mãe e sua avó tiveram filhos cedo. Correm boatos. Os Ephrussi estariam mantendo as aparências.

Em suas breves memórias do período, ela escreve sobre essa agitação toda: “Lembre-me muito pouco dos detalhes, apenas da nossa grande aflição e um grande medo.”

Mas, “nesse ínterim”, ela acrescenta na última e triunfante linha, “ingressei na universidade”. Ela havia escapado. Havia conseguido atravessar para o outro lado da Ringstrasse.

* O Brasil foi o único país latino-americano a tomar parte na Primeira Guerra Mundial. (*N. do T.*)

21. LITERALMENTE A ZERO

Fez um inverno especialmente frio em Viena em 1918 e o forno branco de porcelana no canto do salão era o único fogo que se podia manter aceso dia e noite. Todos os outros cômodos — a sala de jantar, a biblioteca, os quartos de dormir e o closet em que ficavam os netsuquês — estavam glaciais. Os lampiones de gás deixavam um cheiro insalubre. Aquele inverno viu os vienenses cortando árvores nos bosques para fazer lenha. Rudolf mal havia completado duas semanas de vida quando *Die Neue Freie Presse* dizia que “se veem apenas difusas cintilações detrás das janelas. A cidade jaz às escuras”. Algo praticamente impensável, faltava café, “só mesmo uma mistura inominável de paladares (...) extrato de carne e alcaçuz. Chá, sem leite e limão, é claro, ainda parece um pouco melhor depois que se acostuma ao gosto de lata”. Viktor se recusava a beber aquilo.

Quando tento imaginar a vida da família nas semanas seguintes à derrota, vejo jornais esvoaçantes pelas ruas. Viena sempre havia sido impecável. Agora havia cartazes e placas, panfletos e passeatas. Antes da guerra, Iggie se lembrava de um dia haver jogado o papel do sorvete no caminho de cascalho do Prater e ter levado uma bronca da babá e de uma série de homens uniformizados. Agora ele vai chutando coisas no caminho da escola, através dos detritos da cidade em convulsão, ruidosa, assustadora. Os quiosques de anúncios, cilindros de três metros com uma pequena torre no topo, haviam se tornado lugares onde os vienenses mais exaltados se dirigiam em cartas aos cristãos de Viena, aos seus concidadãos, aos irmãos e irmãs na luta. E todos esses discursos seriam derrubados e substituídos. Viena estava ansiosa e barulhenta.

Emmy, com o novo bebê, lutou nessas primeiras semanas e tanto ela quanto Rudolf foram ficando cada vez mais fracos. O economista inglês William Beveridge, em visita a Viena seis semanas após a derrota austríaca, escreveu que “um esforço heroico vem sendo empreendido por mães com bebês para mantê-los vivos no primeiro ano, mas isso agora só ocorre às custas da saúde das próprias mães, e muitas vezes em vão”. Cogitou-se que Emmy e Rudolf saíssem da cidade e depois ficassem em Köveces, levando também Gisela e Iggie, mas não havia gasolina para o automóvel e os trens estavam em pleno caos. Então ficaram mesmo no Palais, ocupando os cômodos um pouco mais silenciosos que davam para a Ringstrasse.

No início da guerra a casa ficara muito devassada, uma residência particular cercada de espaços públicos. Agora, a paz parecia ainda mais assustadora do que a guerra: não estava claro quem estava lutando contra quem, e não estava claro se haveria ou não uma revolução. Soldados desmobilizados e prisioneiros de guerra voltavam a Viena com notícias em primeira mão das revoluções na Rússia e dos protestos dos trabalhadores em Berlim. À noite havia muitos tiros a esmo. A nova bandeira da Áustria era vermelha, branca e vermelha, e alguns elementos mais rebeldes e mais jovens descobriram que, com um rasgo e alguns pontos, era possível fazer logo uma boa bandeira toda vermelha.

De cada canto do velho império servidores públicos civis sem país chegavam a Viena

e descobriam que os ministérios imperiais a quem endereçavam seus cuidadosos relatórios haviam fechado as portas. Havia muitos *Zitterer* nas ruas — homens trêmulos e com os nervos abalados por trauma de explosões —, assim como mutilados com medalhas no peito. Capitães e majores eram vistos vendendo brinquedos de madeira pelas ruas. Enquanto isso, grandes pilhas de roupa branca com o monograma imperial de algum modo apareciam nas feiras e nos mercados; e, dizia-se, destacamentos de segurança haviam conseguido entrar nas adegas do palácio e bebiam cada vez mais lentamente dos vinhos dos Habsburgo.

Viena, com pouco menos de dois milhões de habitantes, passara de capital de um império com 52 milhões de súditos à de um pequeno país de seis milhões de cidadãos: era simplesmente impossível acomodar tal cataclismo. O que se questionava era se a Áustria era *lebensfähig*, viável, como Estado independente. A viabilidade não era apenas uma questão financeira, mas também psicológica. A Áustria não parecia saber lidar com sua redução. A “Paz Cartaginesa” — dura e punitiva — formalizada no Tratado de Saint-Germain-en-Laye, de 1919, significaria o desmembramento do império. Sacramentaria a independência da Hungria, Tchecoslováquia, Polônia e Iugoslávia e dos Estados esloveno, croata e sérvio. A Ístria se fora. Trieste se fora. Diversas ilhas da Dalmácia se lhe haviam sido cortadas e a Áustria-Hungria se tornou Áustria, um país de 800 quilômetros de extensão. Houvera reparações punitivas. O exército foi reconstituído com trinta mil voluntários. Viena, segundo a piada amarga, era uma *Wasserkopf*, a cabeça hidrocefálica de um corpo mirrado.

Muitas coisas mudaram, inclusive nomes e endereços. No espírito da época, todos os títulos imperiais tiveram de ser abolidos — não haveria mais *Von*, nem *Ritter*, *Baron*, *Graf*, *Fürst*, *Herzog*. Todos os membros do correio e empregados da ferrovia outrora puderam agregar *k&ck* (imperial e real) a seus títulos, mas isso agora acabara. Claro, sendo a Áustria um país profundamente afeiçoado aos títulos, outros títulos passaram a proliferar. Você podia não ter um tostão, mas esperava ser tratado por *Dozent*, *Professor*, *Hofrat*, *Schulrat*, *Diplomkaufmann*, *Direktor*. Ou ainda *Frau Dozent*, *Frau Professor*.

As ruas também mudaram. A família Von Ephrussi já não morava no número 24 do Franzensring, Wien 1, segundo a nomenclatura do imperador Habsburgo. Os Ephrussi agora moravam no número 24 do Der Ring des Zwölften Novembers, Wien 1, em homenagem ao dia da libertação do jugo dos imperadores Habsburgo. Emmy reclamou que essa coisa de renomear tudo era algo um tanto francês, que iriam acabar na rue de la République.

Qualquer coisa poderia acontecer. O valor da coroa estava tão reduzido que se especulava que o novo governo talvez pudesse vender as coleções imperiais de arte em troca de comida para os vienenses que morriam de fome. O Schönbrunn “está prestes a ser vendido a um consórcio estrangeiro e transformado em um palácio do jogo”. O Jardim Botânico seria “demolido para a construção de prédios de apartamentos”.

Com o colapso da economia, “pessoas falando alto vinham de todas as partes do mundo para comprar os bancos, fábricas, joias, tapetes, obras de arte ou mesmo

propriedades, e os judeus não foram os últimos a chegar. Tubarões internacionais, golpistas e falsificadores brotavam em Viena e uma praga de piolhos veio com eles”. Esse é o cenário do filme mudo de 1925 *Die Freudlose Gasse* [A rua das lágrimas]. Faróis de um automóvel percorrem a fila noturna diante do açougue. “Depois de esperar a noite inteira, muitos vão embora de mãos vazias.” Um “Especulador Internacional” de nariz adunco trama destruir o valor das ações de uma mineradora, enquanto um servidor público viúvo (poderia haver estereótipo mais digno de pena de um vienense?) junta a pensão para comprá-las e perde tudo. A filha, interpretada por Greta Garbo, de olhos fundos, quase desmaiando de fome, é obrigada a trabalhar no cabaré. A salvação vem de um oficial da Cruz Vermelha, um cavalheiro, que traz comida enlatada.

O antissemitismo ganhou ainda mais terreno em Viena durante aqueles anos. Ibdia-se ouvir o eco das manifestações, é claro, com seus desvarios contra a “peste dos judeus do Leste”, mas Iggie se lembrava de que costumavam rir disso, assim como riam das massas de jovens orgulhosos de suas fardas e dos austríacos fantasiados de casal camponês de suspensório e trança. Havia muitos desses desfiles.

O que era especialmente aterrorizante era a *Krawalle*, brigas de uma ferocidade selvagem, que aconteciam na escadaria da universidade, entre as recém-ressuscitadas fraternidades estudantis pangermânicas, as *Burschenschaften*, e estudantes judeus e socialistas. Iggie se lembrava do pai lívido de raiva quando ele e Gisela foram pegos assistindo a uma dessas lutas sangrentas da janela do salão. “Não deixe que eles vejam que vocês estão assistindo a isso”, ele berrou — isso vindo de um homem que nunca berrava.

Sob o lema “Mantendo os Alpes Austríacos Limpos de Judeus”, o Clube Alpino Alemão-Austríaco expulsou todos os membros judeus. Era um clube que oferecia acesso a centenas de cabanas na montanha onde se podia passar a noite e fazer café sobre um fogão.

Como muitos de seus pares, Iggie e Gisela costumavam ir às montanhas no início do verão. Eles tomavam um trem até Gmunden e então partiam com uma mochila cada um, um bastão de caminhada e um saco de dormir, chocolate, um pouco de café e açúcar em sacos de papel pardo: era só pedir um pouco de leite e pães duros e uma fatia de queijo amarelo aos sitiantes. Era revigorante estar livre da cidade. E uma vez, disse-me Iggie, caminhando com uma amiga de Gisela, fomos pegos por um neveiro no alto dos Alpes. Já estava frio, mas havia uma cabana cheia de estudantes ao redor do fogão conversando animadamente. Eles pediram para mostrarmos nossos cartões e disseram para sairmos dali, disseram que os judeus poluíam o ar da montanha.

Nós ficamos bem, disse Iggie, encontramos um celeiro mais abaixo no vale escuro, mas nossa amiga, Franzl, tinha um cartão e ficou na cabana. Nunca mais comentamos esse assunto.

Não comentar sobre antissemitismo era possível; impossível era nunca ouvir falar dele. Não havia consenso político quanto ao que os políticos podiam dizer em Viena. Isso foi comprovado pela publicação, em 1922, de *A cidade sem judeus: um romance*

sobre depois de amanhã, do escritor e provocador Hugo Bettauer. Nesse tenso romance ele conta a história de Viena abatida pela pobreza do pós-guerra e da ascensão de um demagogo — cópia exata do doutor Karl Lueger, renomeado doutor Karl Schwertfeger — que aglutina o povo de um modo muito simples: “Vejam como está a nossa pequena Áustria hoje. Nas mãos de quem está a imprensa, e portanto a opinião pública? Nas mãos dos judeus! Quem só fez acumular bilhões e mais bilhões desde o fatídico ano de 1914? Os judeus! Quem controla a tremenda circulação do nosso dinheiro, quem ocupa a mesa do diretor dos grandes bancos, quem dirige praticamente todas as indústrias? Os judeus! Quem são os donos do nosso teatro? Os judeus!...” O chanceler tem uma solução, uma solução deveras simples: a Áustria expulsará os judeus. Todos eles, inclusive filhos de casamentos mistos, serão deportados organizadamente em trens. Os judeus que tentarem continuar secretamente em Viena o farão à custa de tormentos mortais. “À uma da tarde os apitos avisavam que o último carregamento de judeus já havia deixado Viena, e às seis horas (...) todos os sinos das igrejas badalaram anunciando que não havia mais judeus na Áustria.”

E o romance, com suas arrepiantes descrições das dolorosas separações de famílias, cenas desesperadoras em estações de trem enquanto vagões fechados levam os judeus embora, é contraposto à decadência de Viena em provinciana periferia desmazelada, depois que os judeus que a animavam desaparecem. Não há mais teatro, jornal, boatos, moda ou dinheiro até que por fim Viena convida os judeus a voltarem.

Bettauer foi assassinado por um jovem nazista em 1925. O assassino foi defendido no processo pelo líder do Partido Nacional-Socialista Austríaco, dando ao partido algum prestígio junto à frágil política vienense. Naquele verão, oitenta jovens nazistas atacaram um restaurante lotado aos berros de “*Juden Hinaus!*”.

Parte do pavor desses anos era efeito da inflação. Dizia-se que se você passasse perto do edifício do Banco Austro-Húngaro na Bankgasse nas primeiras horas da manhã dava para ouvir o barulho das máquinas imprimindo mais dinheiro. As notas vinham ainda úmidas de tinta. Talvez, dizem alguns banqueiros, devêssemos mudar totalmente nossa moeda e começar tudo de novo. Os centavos são descartados.

“Todo um inverno de denominações da moeda e zeros nevava do céu. Centenas de milhares, milhões, mas cada floco, cada milhar derreteria na mão”, escreveu o romancista vienense Stefan Zweig sobre o ano de 1919 em seu romance *A embriaguez da metamorfose*. “O dinheiro se dissolvia enquanto você dormia, saía voando enquanto você amarrava o sapato (caindo aos pedaços, com o salto de madeira) para ir à feira uma segunda vez; você não para quieto, mas está sempre atrasado. A vida vira matemática, somar, multiplicar, uma louca espiral de cifras e números, um vórtice que rouba suas últimas posses e leva para o vácuo negro e insaciável...”

Viktor olhava para seu próprio vácuo: no cofre do escritório da Schotten gasse havia pilhas de pastas de arquivos de certificados de compra e títulos e ações. Não tinham mais qualquer valor. Como cidadão de um país derrotado, todos os seus bens em Londres e Paris, as contas que ele viera construindo ao longo de quarenta anos, o prédio de

escritórios na primeira cidade, sua porcentagem da Ephrussi et Cie. na segunda haviam sido confiscados de acordo com os termos da regulamentação punitiva estabelecida pelos Aliados depois da guerra. Na conflagração bolchevique, a fortuna russa — o ouro guardado em São Petersburgo, as participações dos campos de petróleo em Baku, das ferrovias e dos bancos, além das propriedades que Viktor ainda tinha em Odessa — haviam sumido. Isso não era apenas uma espetacular perda de dinheiro, era a perda de várias fortunas.

E, do ponto de vista pessoal, em plena guerra, em 1915, Jules Ephrussi, irmão mais velho de Charles e dono do Chalet, havia morrido. Devido às hostilidades, sua vasta fortuna, havia muito prometida a Viktor, fora deixada aos primos franceses. Portanto, nada de móveis estilo Império. Ou o Monet dos salgueiros sobre a margem do rio. “Bbre mamãe”, escreveu Elisabeth, “todas aquelas longas noites suíças em vão”.

Em 1914, antes da guerra, Viktor tinha uma fortuna de 25 milhões de coroas, diversos imóveis espalhados por Viena, o Palais Ephrussi, a coleção de arte com “cem pinturas antigas” e uma renda anual de várias centenas de milhares de coroas. Seria o equivalente a 400 milhões de dólares hoje em dia. Agora até os dois andares do Palais alugados por 50 mil coroas não representavam nada. E a sua decisão de deixar o dinheiro na Áustria se revelou catastrófica. Aquele recém-cunhado patriota austríaco havia investido pesadamente em títulos de guerra no final de 1917. Esses também não valiam mais nada.

Viktor confessaria a gravidade de tudo isso em reuniões de urgência nos dias 6 e 8 de março de 1921 a seu velho amigo, o financista Rudolf Gutmann. “Na bolsa, os Ephrussi têm a melhor reputação de Viena”, escreveu Gutmann a outro banqueiro alemão, um certo Herr Siepel, no dia 4 de abril. O banco Ephrussi ainda era fundamentalmente viável e sua penetração através dos Bálcãs o transformava em um valioso parceiro de negócios. Os Gutmann tomaram parte do banco, investindo 25 milhões de coroas, e o Berlin Bank (predecessor do Deutsche Bank) entrou com mais 75 milhões de coroas. Viktor possuía agora apenas metade do banco da família.

Depositadas nos arquivos do Deutsche Bank estão as pastas e fichas desses documentos, o minucioso sobe e desce das porcentagens, relatórios de reuniões com Viktor, acordos. Mas através dos tons de papel pardo ainda se pode discernir a suave oscilação da voz de Viktor, seu cansaço, naquelas trôpegas consoantes. Os negócios haviam resultado em “*buchstäblich gleich Null*”. Literalmente chegou a zero.

Esse sentimento de perda, de ter falhado em conservar uma herança, afetou Viktor profundamente. Ele era o herdeiro: era seu legado e ele o havia perdido. As portas de seu mundo agora se fechavam — sua vida em Odessa, São Petersburgo, Paris e Londres havia acabado e só lhe restava Viena, o hidrocefálico Palais da Ringstrasse.

Emmy, as crianças e o pequeno Rudolf não ficaram exatamente sem nada. Nada precisou ser vendido em troca de comida ou combustível. Mas tudo o que possuíam cabia ali dentro daquela casa imensa. Os netsuquês ainda estavam no gabinete de laca dentro do quarto de vestir, e ainda eram espanados por Anna quando ela vinha fazer o

arranjo das flores da penteadeira de Emmy. As paredes ainda ostentavam as tapeçarias Gobelin, os velhos mestres flamengos. A mobília francesa ainda era polida, os relógios ainda recebiam corda, os pavios das velas ainda eram aparados. A porcelana de Sèvres ainda era guardada no armário das porcelanas ao lado da sala da prataria, serviços e mais serviços nas prateleiras revestidas de linho. O serviço de jantar de ouro com o duplo E e o orgulhoso barco de velas enfunadas ainda estava no cofre. Ainda havia um automóvel estacionado no pátio. Mas a vida dos objetos dentro do Palais era menos móvel agora. O mundo havia sofrido uma *Umsturz*, uma reviravolta, e aquilo levara a um peso nas coisas que constituíam suas vidas. Coisas que agora deviam ser conservadas, às vezes até mesmo queridas, quando antes eram apenas um cenário. O desmedido e incontável passara enfim a ser muito bem contado.

Foi uma imensa derrocada; antes, tudo era melhor e mais vivo. Talvez tenha sido aí que surgiram os primeiros sinais de nostalgia. Começo a pensar que conservar coisas e perdê-las não são opostos exatos. Você fica com a caixa de rapé de prata, lembrança de quando tirou o segundo lugar em um duelo, uma vida atrás. Fica com o bracelete dado por um amante. Viktor e Emmy ficaram com tudo — todas essas posses, todas essas gavetas cheias de coisas, essas paredes repletas de quadros —, mas perderam a ilusão de um futuro de múltiplas possibilidades. Essa foi a redução que sofreram.

Viena está impregnada de nostalgia. Chegou a rachar a pesada porta de carvalho da casa deles.

22. FORÇA É MUDARES DE VIDA

O primeiro período de Elisabeth na faculdade foi caótico. A situação financeira da Universidade de Viena se tornara tão crítica que foi preciso apelar à Áustria em geral, e a Viena em particular, para ajudar a instituição. “Se não for concedido auxílio urgente, a Universidade inevitavelmente decairá ao nível de uma pequena *Hochschule*. Os professores recebem salário de fome (...) a biblioteca está impossibilitada de funcionar.” A renda anual de um professor, comentou um acadêmico visitante, era inadequada para comprar um terno e roupas de baixo para ele, a esposa e filho. Em janeiro de 1919, as aulas foram canceladas, pois não havia combustível para aquecer as salas. Em reação a isso, surgiu o clima acadêmico incendiário das possibilidades. Era, perversamente, uma época fantástica para os estudos: havia escolas austríacas — ou vienenses — de economia, física teórica e filosofia, direito, psicanálise (com Freud e Adler), história e história da arte. Cada uma delas significava bolsas extraordinárias acompanhadas de intensa rivalidade.

Elisabeth havia escolhido estudar filosofia, direito e economia. Era, em certo sentido, uma opção bastante judaica: as três disciplinas tinham forte presença judaica. Um terço da faculdade de direito era formado por judeus. Ser *Advokat*, em Viena, significava ser intelectual. E era isso que ela era, uma simples, ardorosa e concentrada intelectual de 18 anos com uma blusa de *crêpe de Chine* e uma gravata preta. Era um modo de tornar absoluta a diferença entre ela e as intermitências emocionais da mãe. Enquanto isso, lentamente a vida doméstica ressurgia no Palais, o quarto das crianças, o novo bebê barulhento, a bagunça.

Elisabeth resolvera estudar com um temido economista, Ludwig von Mises, um sujeito conhecido na universidade como *der Liberale*, o senhor Liberal. Mises era um jovem economista que construiria sua reputação enfatizando a implausibilidade do Estado socialista. Ibdia haver comunistas nas ruas de Viena, mas Mises iria atrás dos argumentos econômicos para provar que estavam errados. Ele deu início, então, a um pequeno grupo de seminários, “*privatissimum*”, no qual ele selecionava os discípulos por meio de um artigo. No dia 26 de novembro de 1918, uma semana depois do nascimento de Rudolf, Elisabeth fez seu primeiro seminário sobre “a teoria dos lucros de Carver”. Os alunos de Mises lembram-se do intenso rigor desses seminários, gênese de uma famosa escola econômica do livre mercado. Tenho comigo os artigos que ela escreveu como estudante sobre “*Inflation und Geldknappkeit*” (15 páginas de caligrafia miúda e inclinada), sobre “*Kapital*” (32) e sobre “John Henry Newman” (38 páginas).

Mas a paixão de Elisabeth era a poesia. Ela enviava seus poemas à avó e à amiga Fanny Lowenstein-Scharffeneck, que agora trabalhava em uma notável galeria de arte contemporânea vendendo quadros de Egon Schiele.

Elisabeth e Fanny estavam apaixonadas pela poesia lírica de Rainer Maria Rilke. Estavam obcecadas: sabiam de cor os dois volumes de seus *Neue Gedichte* [Novos

poemas] e aguardavam impacientemente a publicação do próximo poema: o silêncio do poeta era insuportável. Rilke havia sido amanuense de Rodin em Paris, e depois da guerra as moças haviam viajado com exemplares do livro dele sobre o escultor para prestar-lhe uma homenagem no Musée Rodin. Elisabeth deixara registrado seu entusiasmo nas margens rabiscadas a lápis.

Rilke era o grande poeta radical da época. Ele combinava a expressão direta com uma intensa sensualidade em seus *Dinggedichte*, “poemas-coisas”. “A coisa é definitiva, a coisa-arte deve sê-lo ainda mais, desprovida de qualquer acidente, privada de toda obscuridade...”, escreveu. Seus poemas são cheios de epifanias, momentos em que as coisas ganham vida — o primeiro movimento de uma dançarina é a chama sulfurosa de um fósforo. Ou de momentos em que ocorre uma mudança do clima no verão, uma alteração de humor quando você vê alguém como se fosse a primeira vez.

Seus poemas estão cheios de perigos, “toda arte é resultado de alguém ter passado um perigo, ter passado por uma experiência inteira até o fim, a partir de onde não se pode ir adiante”. Ser um artista é isso, diz ele, espantosamente. Você está em situação instável nos limites da vida, como um cisne, antes de “seu pousar medroso / na água, que o recebe suavemente”.

“Força é mudares de vida”, escreveu Rilke em seu poema sobre o “Torso arcaico de Apolo”. Existiria exortação mais excitante?

Só depois da morte de Elisabeth, aos 92 anos, me dei conta do quanto Rilke havia sido importante para ela. Eu sabia que havia algumas cartas, mas eram apenas rumores, um rufar abafado do esplendor. Quando parei diante da estátua de Apolo com sua lira no pátio do Palais Ephrussi numa tarde de inverno e tentei com dificuldade recordar o poema de Rilke, “um desfigurado mármore, e nem já resplandecera mais como pele de fera”, entendi que precisava localizar as cartas.

Elisabeth fora apresentada a Rilke por seu tio. Pips ajudara Rilke quando este se encontrava desamparado na Alemanha com o início da guerra. Então ele escreveu para convidar Rilke a vir até Kövceses: “Esta casa está sempre aberta para você. Você nos deixaria muito feliz se aparecesse *sans cerimonie*.” E Pips pediu permissão para que sua sobrinha favorita enviasse alguns poemas. Elisabeth escreveu — ofegante — a Rilke no verão de 1921, enviando “Michelangelo”, uma obra teatral em versos, e pedia que ele a deixasse dedicar-lhe a obra. Houve um longo intervalo até a primavera — pois ele estava terminando suas *Elegias de Duíno* —, mas então ele escreveu uma resposta de cinco páginas e eles começaram a trocar cartas, a estudante vienense de vinte anos e o poeta de cinquenta na Suíça.

A correspondência começou com uma recusa. Ele resistiu à dedicatória. O melhor seria que o poema fosse publicado, então o livro “representaria um elo duradouro comigo (...) Será um prazer aceitar ser um mentor em sua ‘Erstling’, mas apenas se você não mencionar meu nome”. Mas, segue a carta, ele estaria interessado em ler o que ela estava escrevendo. Eles se corresponderam durante cinco anos. Doze longas cartas de Rilke, sessenta páginas pontuadas de cópias manuscritas de seus poemas mais recentes e

traduções, e muitos volumes de seus versos com afetuosas dedicatórias de próprio punho.

Se você procurar em uma biblioteca as obras reunidas de Rilke — um metro e tanto de volumes — verá que a maioria delas é de cartas, e grande parte para “nobres damas frustradas”, para usar a penetrante expressão de John Berryman. Elisabeth era uma jovem baronesa poética, e portanto não era incomum que fizesse parte de suas relações epistolares. Mas Rilke era um grande autor de cartas, e essas cartas são particularmente magníficas, estimulantes, líricas, divertidas e envolventes, um testamento para o que ele chamava de “uma amizade epistolar”. Nunca foram traduzidas e apenas recentemente foram transcritas por um especialista em Rilke trabalhando na Inglaterra. Afastei meus potes para o lado e cobri as mesas com fotocópias dessas cartas. Passei duas felizes semanas procurando possíveis traduções para essas frases sinuosas e ritmadas com o auxílio de um doutorando em alemão.



Doutora Elisabeth Ephrussi, poeta e advogada, 1922

Ao traduzir a obra de seu amigo, o poeta francês Paul Valéry, Rilke escreve sobre seu “grande silêncio”, os anos em que Valéry não escreveu poesia. Rilke envia a tradução que acabara de terminar. Ele escreve sobre Paris e como a morte recente de Proust o afetara,

fizera-o pensar naqueles anos na cidade, trabalhando como secretário de Rodin, e como sentia vontade de voltar para lá e estudar novamente. Elisabeth já lera Proust? Pois devia.

E ele se mostra muito cuidadoso e específico sobre a situação de Elisabeth em Viena. Fica intrigado com o contraste entre a vida acadêmica na universidade, onde ela estuda direito, e a poesia:

Seja como for, cara amiga, não me afligem as suas habilidades artísticas, às quais atribuo grande importância (...) Mesmo que não consiga prever qual caminho você decidirá tomar com o direito, acho positivo o grande contraste entre suas duas ocupações; quanto mais diversificada for a vida intelectual, melhores as chances de que sua inspiração fique protegida, a inspiração que não se pode prever, aquilo que é motivado a partir de dentro.

Rilke lê os novos poemas da amiga, “Uma noite de janeiro”, “Noite romana” e “Édipo rei”: “Todos os três bons, embora eu tenda a colocar Édipo acima dos outros.” Nesse poema ela escreve sobre o rei deixando a cidade rumo ao exílio, as mãos cobrindo o rosto, sob uma capa, e que “os outros voltaram ao palácio, e as luzes foram sendo apagadas uma a uma”. Ela havia passado tempo suficiente com o pai e sua *Eneida* para que o exílio lhe provocasse uma emoção poderosa.

Se Elisabeth encontra tempo depois dos estudos, *pode* ler literatura, mas o conselho de Rilke é “observar o azul dos jacintos. E a primavera!”. Ele lhe dá conselhos específicos sobre os poemas e sobre tradução; afinal, “não é o jardineiro que elogia e agrada o que mais ajuda, mas aquele que usa a tesoura de poda e a pá; a repreensão!”. Ele compartilha suas emoções depois de terminar uma grande obra. Sente-se uma perigosa leveza, escreve Rilke, como se você pudesse sair fluando.

Nessas cartas ele se torna lírico:

Creio que em Viena, quando o vento forte não estiver cortante, seja possível perceber a primavera. As cidades muitas vezes sentem as coisas antes, uma palidez da luz, uma suavidade inesperada nas sombras, um brilho nas janelas — uma ligeira sensação de constrangimento por ser uma cidade (...) na minha experiência, apenas Paris (de modo ingênuo) e Moscou absorvem toda a natureza da primavera em si como se fossem uma paisagem...

E então ele se despede: “Adeus, por ora: apreciei profundamente o afeto e a amizade de sua carta. Que você continue bem! Seu amigo verdadeiro RM Rilke.”

Imagine o que deve ter sido para ela receber essa carta. Imagine ver a caligrafia ligeiramente inclinada para a direita e com alguns floreios no envelope vindo da Suíça quando as correspondências chegaram na sala onde faziam o desjejum no Palais, o pai de um lado abrindo os catálogos bege das livrarias de Berlim, a mãe do outro, com o folhetim, o irmão e a irmã discutindo calmamente. Imagine abrir o envelope e descobrir

que Rilke enviou um de seus “Sonetos a Orfeu” e uma transcrição de um poema de Valéry. “Parece um conto de fadas. Não acredito que isso tudo seja para mim”, ela escreve em resposta naquela noite, em sua escrivania colocada junto à janela que dá para a Ringstrasse.

Eles planejam se conhecer pessoalmente. “Que não seja uma hora breve, mas um verdadeiro período de tempo”, ele escreve, mas eles não conseguiriam se encontrar em Viena, e depois Elisabeth entenderia errado o horário do encontro em Paris e precisaria partir antes que ele chegasse. Descubro os telegramas trocados. Rilke no Hôtel Lorius em Montreux, 11h15 para *mademoiselle* Elisabeth Ephrussi, 3 rue Rabelais Paris (*Réponse luyée*), e a resposta dela quarenta minutos depois e a dele na manhã seguinte.

Então ele adoeceu e não podia mais viajar, e há aqui um hiato enquanto Rilke está no sanatório onde tentam tratá-lo; depois uma última carta 15 dias antes de sua morte. E, mais tarde, um pacote da viúva de Rilke na Suíça, devolvendo-lhe as cartas que Elisabeth enviara a ele, reunia a correspondência toda em um único envelope, cuidadosamente sobrescrito e guardado numa gaveta e depois em outra durante toda a longa vida de Elisabeth.

Como presente “para minha querida sobrinha Elisabeth”, o tio Pips mandara um escriba em Berlim gravar e fazer uma iluminura de “Michelangelo” em velino, como um missal medieval, e encadernar em tecido verde. Era uma delicada lembrança de um dos primeiros livros de Rilke, *O livro das horas*, no qual cada estrofe tinha uma capitular carmesim. Esse é um dos livros que meu pai se lembrava de ter, e procurara e trouxera ao meu estúdio. Está agora sobre a minha escrivania. Abro-o e encontro uma epígrafe de Rilke e depois o poema dela. É bastante bom, creio, esse poema sobre um escultor fazendo coisas. Devidamente rilkiano.

Quando ela estava com oitenta anos e eu tinha lá meus 14, comecei a enviar-lhe meus poemas de estudante e a receber em resposta críticas atentas e sugestões do que eu devia ler. Eu lia poesia sem parar. Sentia um apaixonado e silencioso desejo pela garota da livraria aonde eu ia nas tardes de sábado gastar meus trocados comprando pequenos volumes de poesia da editora Faber. Meus bolsos estavam sempre cheios de poesia.

As críticas de Elisabeth eram incisivas. Ela odiava sentimentalismos, “imprecisões emocionais”. Achava que não fazia sentido usar estruturas poéticas formais sem necessidade. Minha série de sonetos sobre a menina de cabelos castanhos da livraria, portanto, não a impressionou. Mas seu maior desprezo era pela indefinição, pelo obscurecimento do real no alvoroço da emoção.

Quando ela morreu, herdei diversos de seus livros de poemas. Seu sistema pessoal de classificação significava que *Das Stundenbuch*, *O livro das horas*, de Rilke, é o número 26, o livro sobre Rodin, número 28, Stefan George é o EE 36 e os livros de poemas de sua avó correspondem aos números 63 e 64. Pedi que meu pai fosse à biblioteca de uma universidade que ficou com alguns livros dela para conferir quando ela os havia lido, e me dou conta de que preciso parar quando me pego tarde da noite folheando exemplares de poesia francesa de Elisabeth, os 12 volumes de Proust, as primeiras edições de Rilke,

em busca de comentários nas margens, pedaços de uma lírica esquecida, uma carta perdida entre as páginas. Lembro-me do Herzog de Saul Bellow à procura de cédulas de dinheiro que deixara dentro de livros como marcadores.

Quando encontro alguma coisa, lamento meu achado. Encontrei uma transcrição feita por ela de um poema de Rilke no verso de uma página de diário com a data *Sonntag Juli 6*, em preto e vermelho como um missal. Há uma genciana translúcida marcando uma página das *Ephemeriden*, de Rilke; o endereço de um certo *Herr Pannwitz* em Viena enfiado nos *Charmes*, de Valéry; uma fotografia da sala de estar de Kövecses dentro de *Du côté de chez Swann*. E sinto-me um livreiro avaliando as manchas de sol na capa de um livro, copiando anotações, calculando seu eventual interesse. A invasão da privacidade da leitura me soa estranha e inadequada, além de quase um clichê. Estou transformando encontros reais em flores secas.

Lembro que Elisabeth não tinha muito interesse pelo mundo dos objetos, netsuquês ou porcelana, assim como ela não gostava da confusão e do incômodo do que vestir pela manhã. Em seu último apartamento tinha uma grande parede de livros, e apenas uma estreita estante branca onde combinava uma pequena escultura chinesa em terracota de um cão e três potes com tampa. Ela apoiava meu trabalho de ceramista — e me dera um belo cheque quando eu estava construindo meu primeiro forno —, mas ficava ligeiramente espantada com minha ideia de ganhar a vida construindo coisas. Mas o que ela realmente amava era a poesia, o mundo das coisas, duro, definido e vivo, transformado em lirismo. Ela teria odiado meu fetiche por seus livros.

Em Viena, no Palais Ephrussi, há três cômodos em sequência. De um lado, o quarto de Elisabeth, uma espécie de biblioteca, onde ela senta e escreve poemas, ensaios e cartas para a avó poeta Evelina, para Fanny e para Rilke. Do outro, fica a biblioteca de Viktor. No centro, fica o quarto de vestir de Emmy, com seu grande espelho, a penteadeira com o arranjo de flores de Kövecses e a vitrine de netsuquês. Cada vez mais raramente aberta.

Aqueles são anos difíceis para Emmy. Ela adentrou a casa dos quarenta, com crianças que precisam de atenção, mas que se afastam dela. Todas a preocupam, cada uma a sua maneira, e já não vêm sentar, conversar e contar como passaram o dia enquanto ela se veste. Agora há também o garotinho para complicar as coisas. Ela leva as crianças à Ópera, pois ali é um território neutro: *Tannhäuser* com Iggie no dia 28 de maio de 1922, *Tosca* com Gisela no dia 21 de setembro de 1923, e toda a família para *Die Fledermaus*, o Morcego, em dezembro.

Nesses anos difíceis já não há tantos pretextos para vestir-se com elegância em Viena. Anna continua bastante atarefada — a criada de uma dama sempre tem muito o que fazer —, mas o quarto de vestir já não é o centro da vida da casa. Está sossegado.

Penso naquele quarto e me lembro de Rilke escrevendo sobre “uma vibrante quietude como aquela em uma vitrine”.

As três crianças mais velhas deixam a cidade.

Elisabeth, poeta, é a primeira a partir. Ela se forma em direito em 1924, uma das primeiras mulheres graduadas pela Universidade de Viena. E então ganha uma bolsa Rockefeller para viajar à América — e vai. É uma mulher formidável, minha avó, inteligente e concentrada, e escreve sobre arquitetura e o idealismo americano para uma publicação alemã, como o ardor e o fervor dos arranha-céus combinam com a filosofia contemporânea. Quando retorna, muda-se para Paris para estudar ciência política. Ela se apaixonara por um holandês que conhecera em Viena, recentemente divorciado de uma prima dela, com um filhinho desse casamento anterior.

A bela Gisela é a próxima. Casa-se bem, com um adorável banqueiro espanhol de uma família judia rica chamado Alfredo Bauer. Os noivos se casam na sinagoga em Viena, o que provoca alguma celeuma entre os seculares Ephrussi, que ficam sem saber exatamente como agir, onde sentar ou que lugar ocupar de pé. Há uma festa para o jovem casal e o andar principal do Palais é aberto para uma recepção à altura, no salão de baile dourado, sob a decoração triunfante do teto de Ignace. Gisela está elegante sem precisar se empenhar, com um longo cardigã e um cinto de prata, baixo, sobre uma saia estampada, um vestido preto e branco, com um cordão de contas escuras por cima. Elas estão com um sorriso aberto e Alfredo é lindo e barbudo. O casal se muda para Madri em 1925.

Então Elisabeth manda ao jovem holandês, Hendrik de Waal, um recado dizendo que ficara sabendo que ele passaria por Paris na semana e perguntando se podiam se encontrar. O telefone dela era Gobelius 12-85, caso ele pudesse avisar. Henk era alto, ligeiramente calvo, usava ternos muito elegantes — cinza com levíssimas riscas escuras — e monóculo, e fumava cigarros russos. Ele crescera em Amsterdã, no Prinsengracht, filho único de uma família de comerciantes que importavam café e cacau. Era viajado e tocava violino, além de encantador e muito divertido. E também escrevia poemas. Não sei ao certo se minha avó, que aos 27 anos usava o cabelo puxado para trás em um austero coque, e óculos redondos e pretos dignos de uma *Baronin Doktor* Ephrussi, já tinha sido cortejada antes por um homem assim. Ela tinha verdadeira adoração por ele.

Encontro a notícia do casamento nos arquivos da Sociedade Adler em Viena. Elegantemente impresso, avisa que Elisabeth von Ephrussi se casou com Hendrik de Waal. E então vêm os nomes de Viktor e Emmy a um canto e os De Waal no outro. Meus avós — um protestante holandês e uma judia — casaram-se na Igreja anglicana em Paris.

Elisabeth e Henk compraram um apartamento em Paris na rue Spontini, no XVI^e *arrondissement*, e o mobiliaram todo no novíssimo estilo art déco, com poltronas e tapetes Ruhlmann, atraentes luminárias de metal modernas e artigos de vidro muito delicados da Wiener Werkstätte. Eles penduram nas paredes grandes reproduções de

pinturas de Van Gogh e, por um breve período, abrigam na sala de estar uma paisagem de Schiele que compraram da galeria de Fanny em Viena. Tenho duas fotos desse apartamento, e pode-se sentir o grande prazer que o casal teve ao montá-lo, o prazer de comprar coisas novas, em vez de herdá-las. Nada dourado, nenhuma *Junge Frau*, nenhum baú holandês. E nem sinal de um retrato de família.

Enquanto as coisas estiveram bem, eles moraram nesse apartamento com o filho de Henk, Robert, e seus dois garotinhos, nascidos logo após o casamento: meu pai, Victor — conhecido, como o avô, pelo patronímico russo, Tascha —, e meu tio Constant Hendrik. Todos os dias, eles iam brincar no Bois de Boulogne. Enquanto as coisas estiveram bem, havia uma governanta, uma cozinheira e uma empregada, e até mesmo um motorista, e Elisabeth escrevia poemas e artigos para *Le Figaro* e aprimorava seu holandês.

Às vezes, quando chovia, ela levava os meninos à galeria do Jeu de Paume, no final do jardim das Tulherias. Ali, naquelas salas compridas e iluminadas, eles viam os Manet, Degas e Monet da *coll. C. Ephrussi*, deixada para o museu em memória do tio Charles por Fanny e seu marido Theodore Reinach, o erudito inteligente que entrara para a família ao se casar com ela. Há os primos de Paris, mas a geração de Charles já se fora, deixando benefícios ao país que adotaram. Os Reinach deixaram a Villa Kerylos, uma fabulosa recriação de um templo grego, para a França, e a tia-avó Beatrice Ephrussi-Rothschild legara em testamento a rósea villa de Cap Ferrat para a Académie Française. Os Camondo doaram suas coleções, e os Cahen d'Anver doaram até mesmo o *château* nos arredores de Paris. Havia setenta anos que essas primeiras famílias judias construíram suas casas na dourada rue de Monceau e estavam agora devolvendo algo àquele generoso país.

Em termos de confissão religiosa, foi um casamento interessante. Henk fora criado em uma família austera — soturnos em seus ternos e vestidos pretos —, mas se convertera à fé menonita. Elisabeth, que se sentia completamente segura de seu judaísmo, lia os místicos cristãos e falava em conversão. Para o catolicismo, não era aconselhável converter-se para casar, ou para se assimilar aos vizinhos — não creio que nenhuma garota judia criada em Viena diante da Votivkirche escolheria fazer o mesmo —, mas sim para a Igreja da Inglaterra. Eles vão à igreja anglicana em Paris.

Quando as coisas começaram a dar errado com a Anglo-Batavian Trading Company, Henk perdeu muito dinheiro, seu e dos outros. Perdeu, *inter alia*, uma fortuna que pertencia a Piz, o primo extravagante e amigo de infância, que se tornara um pintor expressionista promissor e levava uma vida boêmia em Frankfurt. A perda de tamanha quantidade de dinheiro foi um pesadelo, precisaram dispensar a empregada e o motorista, colocar a mobília em um depósito em Paris e começaram discussões de complexidade labiríntica.

Henk era inapto com dinheiro de um modo diferente do sogro Viktor. Henk tinha facilidade com números. Meu pai conta que ele era capaz de somar três colunas, subtrair uma delas inteira e dar o resultado (correto) abrindo um sorriso. Mas ele simplesmente

se achava capaz de fazer o mesmo truque com dinheiro. Acreditava que tudo acabaria bem, que os mercados voltariam a se manifestar, os navios aportariam e as fortunas voltariam ao que eram antes com um clique, como o de sua cigareira de chagrém. Ele estava simplesmente iludido quanto a suas capacidades.

E sei que Viktor nunca achou que tivesse qualquer controle sobre colunas de números. Imagino, tardiamente, como teria sido para Elisabeth perceber que havia se casado com um homem quase tão ineficiente com dinheiro quanto seu pai.

Iggie se formou no Schottengymnasium e foi o terceiro que partiu. Tenho a fotografia de sua formatura e a princípio não consigo localizá-lo, até que de repente o reconheço no rapaz um tanto corpulento na última fila com um paletó de quatro botões. Ele parece um corretor da Bolsa. Gravata-borboleta e lenço, um rapaz treinando postar-se de modo apropriado, a fim de parecer convincente. Você para com uma mão no bolso? Ou duas mãos é melhor? Ou então, melhor ainda, uma mão dentro do colete, pose de *clubman*.

Para comemorar o fim da escola, ele partiu em uma excursão de automóvel com seus amigos de infância, os Gutmann, de Viena a Paris, pelo longo caminho do norte da Itália e da Riviera, num Hispano-Suiza, um gigantesco carro de luxo. Em algum gelado e luminoso desfiladeiro da montanha, algures, três jovens posam junto ao carro com a capota aberta, enfiados em suas jaquetas de piloto e óculos por cima dos capacetes. A bagagem está empilhada na frente deles. Um motorista aparece ao fundo. A frente do carro não aparece, à esquerda da fotografia, e a traseira desaparece à direita. Parece equilibrado sobre um esteio, em meio à neblina, entre duas íngremes vertentes.

Deve ter sido difícil ter uma irmã mais velha como Elisabeth se você tivesse ambições acadêmicas: Iggie não tinha pendor para os livros. As finanças da família já não eram tão sólidas naquele tempo — Emmy, elegante aos 45 anos, voltou a comprar roupas —, mas Iggie precisava se concentrar e não simplesmente passar todas as tardes nos cinemas assistindo a um filme atrás do outro. Viktor e Emmy são bastante claros quanto ao futuro do filho. Iggie deveria trabalhar no banco, virar à direita e de novo à esquerda toda manhã com o pai, sentar-se à mesa sob o brasão com o barco avançando contra as ondas, *Quod Honestum*, atravessando gerações de Joachim a Ignace e Leon, e então a Viktor e Jules, e agora a Iggie. Iggie era, afinal, o único varão em toda a família Ephrussi, pois Rudolf ainda era um belo menino de sete anos.

O fato de Iggie não ser especialmente bom com números foi relevado. Acertaram que ele iria estudar finanças na universidade em Colônia. Tal plano tinha a vantagem de permitir que Pips — então em seu segundo casamento, dessa vez com uma glamorosa atriz de cinema — mantivesse seus olhos de tio sobre ele. Iggie ganhou de presente um minúsculo automóvel, como sinal de estímulo a sua independência na vida, e o carrinho lhe caiu bem. Ele sobreviveria àquela provação — três anos inteiros de estudos na Alemanha — e começaria a trabalhar em um banco de Frankfurt, que “me deu oportunidade de conhecer todas as fases do negócio bancário”, como ele diria sucintamente em uma carta anos mais tarde.

Ele não falaria sobre aqueles anos, senão para dizer que ser um banqueiro judeu na Alemanha da Depressão não era *prudente*. Foram os anos da ascensão nazista, quando os votos para Hitler cresceram em progressão geométrica, em que os paramilitares da AS dobraram o número de membros, chegando a quatrocentos mil, e em que as conflagrações nas ruas passaram a fazer parte da vida das cidades. Hitler foi indicado chanceler no dia 30 de janeiro de 1933 e um mês depois, após o incêndio do Reichstag, milhares de pessoas tiveram uma “detenção preventiva”. O maior desses novos campos de detenção ficava na fronteira da Bavária, em Dachau.

Em julho de 1933, Iggie era aguardado em Viena para começar seu trabalho no banco.

Não era *sensato* permanecer na Alemanha, mas não era o momento propício para voltar à Áustria. Viena estava turbulenta. O chanceler austríaco Engelbert Dollfuss havia suspenso a Constituição diante das pressões nazistas. Houvera violentos confrontos entre a polícia e manifestantes, e em alguns dias Viktor nem fora ao banco, mas ficara aguardando impacientemente o dia inteiro a chegada dos jornais da tarde em sua biblioteca.

Iggie não apareceu. Ele fugiu. A lista de motivos para a fuga começava com o banco — o sorriso forçado que o porteiro sempre lhe dava —, mas se misturava a Viena como um todo. E então se imbricava profundamente na família: papai, a velha cozinheira Clara e sua esperada torta de vitela com salada de batata, Anna ajustando sua camisa, seu quarto com a cama Biedermeier esperando por ele no conhecido longo corredor, depois do quarto de vestir, a colcha virada sempre às seis.

Iggie fugiu para Paris. Começou a trabalhar em uma “*maison de moda de terceira*”, aprendendo a desenhar vestidos de coquetel. Passava as noites aprendendo cortes em um ateliê, começando a sentir o deslizar da tesoura atravessando um campo ondulante de seda verde. Quatro horas de sono no chão do apartamento de um amigo, então café e a volta aos desenhos. Quinze minutos de almoço, café e mais uma vez de volta ao trabalho.

Ele ficou pobre: aprende os macetes para manter a roupa sempre limpa e apresentável, como fazer bainhas e punhos. Recebe uma pequena mesada que continua vindo de Viena, sem comentários, dos pais. E embora deva ser mortificante para Viktor explicar aos amigos que Iggie não assumirá a firma — e talvez ele resmungue quando perguntado o que Iggie está na verdade fazendo em Paris —, imagino se ele nutria alguma simpatia pelo filho. Viktor devia entender a diferença entre fugir e não fugir, assim como Emmy sabia o que significava ficar.

Iggie está com 28 anos. Assim como Emmy, as roupas eram uma vocação. Todas aquelas noites no quarto de vestir com os netsuquês, com Anna e com a mãe, alisando um vestido, comparando detalhes de rendas em punhos e golas. Todas as brincadeiras de fantasiar-se com Gisela, o baú de vestidos velhos no armário do fim do corredor. Os velhos exemplares de *Wiener Mode*, espalhados pelo parquê do salão. Iggie sabia as diferenças dos cortes das calças dos regimentos imperiais e como usar o *crêpe de Chine* a seu favor. E agora, por fim, ele descobriu que não era tão bom quanto esperava que

fosse, mas já é um começo.

E então, depois de nove árduos meses, ele fuge novamente — para Nova York, atrás de rapazes e de moda. Eis uma trindade tão maravilhosa que mesmo já idoso ele não disfarçava o sorriso ao descrever a viagem a Nova York como uma espécie de travessia batismal de uma vida para outra, uma viagem de certo modo rumo a si mesmo.

Fico sabendo um pouco sobre isso a partir de suas fadadas tentativas de fazer com que eu me vestisse melhor quando me hospedou pela primeira vez em Tóquio. Foi durante aquele junho quente e úmido, no apartamento de Iggie, que ardorosa e efusivamente entendi, sujo de viagem, não que as roupas eram importantes, mas *de que maneira* elas importavam. Iggie e Jiro, seu amigo do apartamento contíguo, levaram-me à Mitsukoshi, a grandiosa loja de departamentos no centro de Ginza, para comprar roupas apropriadas, alguns paletós de linho para o verão e algumas camisas de colarinho. Minhas calças jeans e camisas sem colarinho foram levadas pela empregada, a senhora Nakano, e devolvidas engomadas, dobradas com alfinetes nos punhos e todos os botões costurados no lugar. Algumas peças não puderam ser ressuscitadas.

Em outra visita a Tóquio, muito mais tarde, Jiro me daria um pequeno cartão que havia encontrado: “Barão I. Leo Ephrussi vem anunciar sua associação com Dorothy Couteur Inc., ex-Molyneux, Paris”. O endereço era 695 Fifth Avenue e o telefone, Eldorado 5-0050. Parecia de acordo. A moda era um Eldorado para Iggie: trocara o Ignace pelo Leo, mas mantivera o Barão.

Para a Dorothy Couteur Inc. — um nome diretamente tirado de Nabokov, com sua versão zombeteira e arrastada de *couture* — Iggie desenhou “O Casaco Desabusado”, mostrado “negligentemente posto sobre um vestido de seda pura bege transpassado, um casaco também bege com estampas de andorinhas marrons em crepe de seda”. Era muito marrom, de fato. Iggie desenhava basicamente “vestidos sofisticados para a americana elegante”, embora eu tenha encontrado referência a “acessórios elegantes mostrados pela primeira vez na Califórnia. Cintos, bolsas, joias em cerâmica e estojos de maquiagem”, o que indicava suas agruras financeiras ou sua astúcia. No *Women's Wear Daily* de 11 de março de 1937, há “um fino modelo de conjunto para noite feito de uma interessante aliança de tecidos, o vestido refletindo uma influência grega no jérsei de seda em madrepérola, o casaco no chiffon vermelho mais vivo, com pregas decorativas. O lenço pode ser usado como um cinto sobre o casaco, como uma sugestão de um redingote.”

I. LEO EPHRUSSI

takes pleasure to invite you to see his exclusive
Paris and New York Lines
of Smart Accessories
shown for the first time in California

Studio Huldchinsky
8704 Sunset Blvd.
West Hollywood
CR. 1-4066

Belts, Bags, Ceramic Jewelry
Compacts, Handknit Suits and Blouses

O convite de Iggie, 1936

“Uma interessante aliança de tecidos” é uma frase fabulosa. Olho para a ilustração por muito tempo à procura da “sugestão de redingote”.

Apenas quando encontrei seu projeto de moda cruzeiro inspirada nas bandeiras de sinalização da marinha americana foi que me dei conta de quanto Iggie devia estar se divertindo. Ali estavam garotas de bermuda sendo trazidas a bordo por magníficos marinheiros bronzeados, enquanto a legenda informa que as meninas vestem sinais de “preciso falar com você pessoalmente”, “nenhum perigo”, “pegando fogo” e “não posso mais esperar”.

Nova York estava cheia de russos, austríacos e alemães recém-empobrecidos, fugidos da Europa, e Iggie era um entre tantos. Sua pequena mesada de Viena finalmente chegou a zero e eram parcos os rendimentos que apurava com seus desenhos, mas ele era um homem feliz. Encontrou seu primeiro grande amor: Robin Curtis, um antiquário pouco mais jovem, esguio e bonito. Em uma foto deles no apartamento que dividiam com a irmã de Robin no Upper East Side, com os dois de terno risca de giz, Iggie está empoleirado no braço de uma poltrona. Há fotos conjuntas das duas famílias sobre a lareira atrás deles. Em outras fotos, eles estão deitados ao sol em uma praia, de sungas, no México, em Los Angeles: um casal.

Iggie realmente se livrou de tudo.

Elisabeth não permitiria uma volta a Viena. Mas quando as finanças chegaram a um ponto insuportável — clientes que abandonaram Henk, promessas jamais cumpridas etc. — ela levou os meninos para uma casa no campo em Oberbozen, uma bela aldeia no Tirol italiano. O vilarejo tinha sua própria banda cacofônica de tambores para os dias de

feita e prados cobertos de gencianas. Era lindo, e o ar era maravilhoso para a pele das crianças, mas acima de tudo era tudo muito, muito barato, nada semelhante aos gastos do estilo de vida parisiense. As crianças frequentaram brevemente a escola local, até que ela resolveu ensinar-lhes em casa. Henk ficara entre Paris e Londres tentando recuperar as perdas de sua Trading Company. “Quando ele veio nos ver”, lembrava-se meu pai, “disseram que devíamos ficar bem quietos porque ele estava muito, muito cansado”.

Algumas vezes, Elisabeth levou as crianças a Viena para visitar os avós e o tio Rudolf, agora adolescente. O motorista levou Viktor e os netos para passear em seu carro preto comprido.

Emmy não estava lá muito bem de saúde — um problema cardíaco — e começara a tomar pílulas. Ela parece muito envelhecida nas poucas fotos nesses anos, e ligeiramente surpreendida pela maturidade, mas ainda vestida de forma elegante com uma capa preta e gola branca, um chapéu inclinado sobre os cachos grisalhos, de mão dada com meu pai e a outra mão no ombro do meu tio. Anna deve estar cuidando bem dela. E ela ainda se apaixonava.

Dizia que não estava pronta para ser avó, mas enviou a meu pai uma série de cartões coloridos de contos de Hans Christian Andersen, “O criador de porcos”, “A princesa e a ervilha”. Dezenas de cartões, cada um com um pequeno texto, um por semana, sem falhar nenhuma, todos assinados “com mil beijos da Sua Avó”. Emmy ainda não resiste a contar histórias.

Rudolf, crescendo em casa de um ano para o outro, sem as irmãs e o irmão, está alto e bonito, e aparece em uma foto com calças de montaria e um sobretudo do exército, enquadrado por um umbral do salão do Palais. Ele toca saxofone. O eco devia soar gloriosamente pelos cômodos cada vez mais vazios.

Elisabeth e os meninos passam 15 dias em Viena, no Palais, em julho de 1934, semanas em que ocorria uma tentativa de golpe conduzida pela SS austríaca, na qual o chanceler Dollfuss foi assassinado dentro de seu gabinete, estopim de uma rebelião nazista. O golpe foi reprimido mediante muitas baixas, e o novo chanceler, Kurt Schuschnigg, foi empossado diante de um genuíno temor de guerra civil. Meu pai se lembra de entrar no quarto das crianças do Palais e correr até a janela para ver o caminhão dos bombeiros tocando seus sinos ao longo da Ringstrasse. Tentei forçá-lo a se lembrar mais (manifestações nazistas? polícia armada? crise?), mas ele não se deixou suggestionar. O caminhão dos bombeiros é o alfa e o ômega de sua Viena de 1934.

Viktor quase não finge mais ser banqueiro. Talvez em consequência disso, ou da competência de seu encarregado, Herr Steinhauser, o banco está indo bem. Ele ainda o frequenta todos os dias, e lá estuda catálogos, imensos e em letra miúda, de Leipzig e Heidelberg. Ele passou a colecionar incunábulo, os primeiros livros impressos, e sua paixão particular — mais intensa desde a queda do império — é a história de Roma. Os livros ficam na biblioteca, de frente para a Schottengasse, em uma estante alta com porta telada, e a chave, presa na corrente de seu relógio de bolso. As primeiras histórias latinas impressas parecem um tema especialmente difícil — e um passatempo caro — para

coleccionar, mas ele está interessado em impérios.

Viktor e Emmy vão de férias juntos a Kövecses, mas desde a morte dos pais dela o lugar ficou estranhamente menor, com apenas dois cavalos nos estábulos, uns poucos guarda-caças e já sem grandes caçadas nos finais de semana. Emmy caminha até a beira do rio, passa pelos salgueiros onde se sente a brisa e volta a tempo do jantar, como costumava fazer com as crianças, mas com seu problema no coração ela agora é bastante lenta. O lago está abandonado. As margens estão repletas de juncos sussurrantes.

As crianças Ephrussi se dispersam. Elisabeth ainda está nos Alpes, mas mudou-se para Ascona, na Suíça, e vem a Viena com os meninos sempre que possível. Anna faz uma grande festa com eles. Iggie agora desenha roupas de veraneio em Hollywood. E Gisela e sua família precisaram deixar Madri e se mudar para o México por causa da Guerra Civil Espanhola.

Em 1938, Emmy está com 58 anos e continua linda, seu colar de pérolas dá voltas em seu pescoço e desce até a cintura. Viena é um lugar caótico para se viver, mas a vida em Paris está estranhamente estagnada. Há oito empregados para manter essa perfeita estase. Nada acontece de fato, embora a mesa seja posta na sala de jantar à uma, e novamente às oito da noite, mas dessa vez é Rudolf quem não aparece para o jantar. Ele não está, ela diz, ele nunca está em casa.

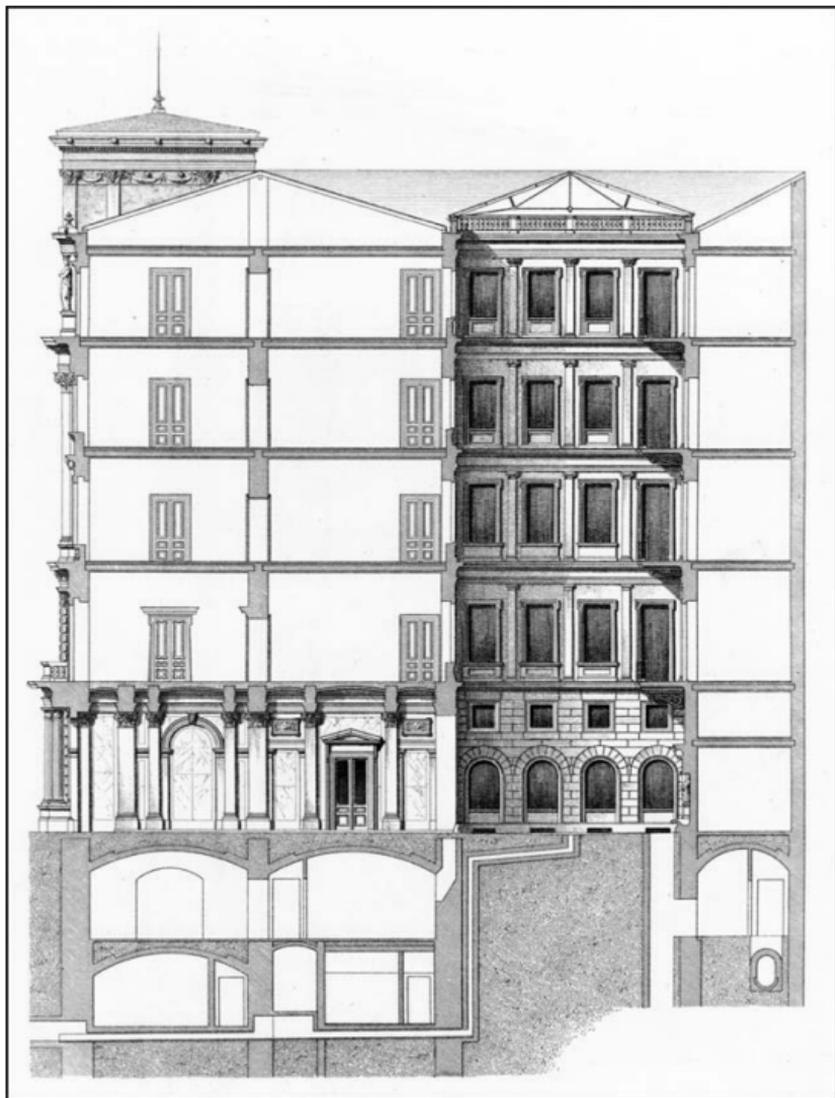
Viktor está com 78 anos e ficou idêntico a *seu* pai — e igual ao retrato de seu primo Charles impresso no obituário. Penso em Swann na velhice, quando todos os seus traços se reforçaram: o nariz Ephrussi resplandece. Olho a imagem de Viktor com sua barba bem-aparada e me dou conta de que ele se parece com meu pai hoje em dia, e me pergunto quanto tempo levará para que eu também comece a ficar parecido com eles.

Viktor está tão aflito que lê diversos jornais todos os dias. Ele tem motivos para tanta aflição. Foram anos de pressões declaradas e financiamentos sub-reptícios por parte da Alemanha destinados aos nacional-socialistas austríacos. Hitler agora exigia que o chanceler austríaco, Schuschnigg, libertasse membros do partido nazista presos e os deixasse tomar parte do governo. Schuschnigg cede. A pressão aumenta até que ele não tolera mais. Resolve fazer um plebiscito para que a Áustria se torne independente do Reich nazista no dia 13 de março.

Quando Viktor vai almoçar no Clube Vienense, na Kärntner Ring, na quinta-feira, 10 de março, com seus amigos judeus (saindo de casa, virando à esquerda, cerca de quinhentos metros à esquerda), a tarde some em debates enfumaçados sobre o que está acontecendo. A história não está ajudando Viktor.

Parte III

MIENA, KÖVECSES, TUNBRIDGE WELLS, MIENA, 1938-1947



24. “UM LUGAR IDEAL PARA AS MASSAS MARCHAREM”

No dia 10 de março de 1938, a expectativa com o plebiscito era alta. Na noite anterior, em Innsbruck, o chanceler austríaco fizera um discurso acalorado invocando um velho herói tirolês: “Homens — a hora é chegada!” Fazia um lindo dia de inverno, brilhante e claro. Havia panfletos espalhados por toda parte, distribuídos das boleias de caminhões, e cartazes ilustrados com a dramática afirmação “*Ja!*”. “Com Schuschnigg, por uma Áustria livre!” Havia as cruces do Front da Pátria pintadas em branco sobre os muros dos edifícios e no calçamento. Havia multidões nas ruas e colunas de grupos jovens entoando “Viva Schuschnigg! Viva a Liberdade!” e “Vermelho-Branco-Vermelho até a Morte!”. O rádio tocava incessantemente a transmissão do discurso de Schuschnigg. A Israelitische Kultusgemeinde arrecadara a imensa quantia de quinhentos mil xelins — \$80 mil — para ajudar na campanha: o plebiscito era um baluarte dos judeus de Viena.

Na madrugada da sexta-feira, dia 11, o chefe da polícia de Viena acordou Schuschnigg dizendo que havia movimentação de tropas na fronteira alemã. Os trens estavam parados. Era mais uma manhã brilhante e ensolarada. Era o último dia da Áustria, dia do ultimato de Berlim, tentativas desesperadas de Viena para ver se Londres, Paris ou Roma a apoiariam contra as exigências dos alemães de que o chanceler renunciasse em favor de um ministro pró-Hitler, Artur von Seyss-Inquart.

No dia 11 de março, o IKG acrescentou mais trezentos mil xelins à campanha de Schuschnigg. Havia rumores de que colunas de tropas alemãs tinham atravessado a fronteira, rumores de que o plebiscito podia ser adiado.

O rádio — um enorme rádio inglês — marrom e volumoso, com um seletor em que apareciam os nomes das capitais, ficava na biblioteca, e Viktor e Emmy passam a tarde ali, ouvindo. Até mesmo Rudolf se junta a eles. Às quatro e meia da tarde, Anna traz o chá de Viktor em um pires com uma fatia de limão e açúcar, e para Emmy seu chá inglês e a caixinha azul de porcelana de Meissen com seus remédios para o coração. Há café para Rudolf, que está com 19 anos e é teimoso. Anna coloca a bandeja na mesa da biblioteca junto ao atril. Às sete, a Rádio Viena anuncia que o plebiscito foi adiado e então, minutos depois, que todo o gabinete renunciou, com exceção do simpatizante nazista, Seyss-Inquart, que assumia o Ministério do Interior.

Às dez para as oito, Schuschnigg discursa pelo rádio: “Austríacos e austríacas! O dia de hoje nos colocou face a face com uma situação séria e decisiva (...) O governo do Reich alemão apresentou um ultimato ao presidente exigindo que ele indicasse um candidato escolhido pelo governo do Reich para o posto do chanceler (...) ou (...) tropas alemãs começarão a atravessar nossa fronteira neste exato momento (...). Nós, pois mesmo agora nesta hora solene não é nossa intenção derramar sangue alemão, ordenamos a nosso exército, caso uma invasão se inicie, que recue sem muita resistência para aguardar as decisões das próximas horas. Assim, neste momento, despeço-me do povo austríaco com uma palavra alemã e um desejo profundo: Deus proteja a Áustria.”

Gott schütze Österreich. E então entra a música de “Gott erhalte”, que era, na ocasião, o hino nacional.

Foi como se um interruptor fosse acionado. Há um fluxo de ruídos nas ruas, ecos de vozes na Schottengasse. Berram: “*Ein Volk, ein Reich, ein Führer*” e “*Heil Hitler, Sieg Heil*”. E gritam: “*Juden verrecken!*” Pereça Judá! Morte aos judeus!

É uma invasão de camisas marrons. Há buzinas de táxis e homens armados nas ruas, e por algum motivo a polícia veste braçadeiras com a suástica. Caminhões avançam pela Ringstrasse, passam pelo Palais, pela Universidade, em direção à prefeitura. E os caminhões levam suásticas, e os bondes têm suásticas, e há rapazes e meninos pendurados, berrando e acenando.

É alguém apaga a luz da biblioteca, como se ficar no escuro os tornasse invisíveis, mas o barulho penetra na casa, na sala, em seus pulmões. Alguém está sendo espancado na rua logo abaixo da janela deles. O que eles vão fazer? Ibr quanto tempo se pode fingir que isso não está acontecendo?

Alguns amigos fazem a mala e saem para as ruas, acotovelando-se através do turbilhão, da voragem das massas de cidadãos extáticos de Viena que partem para o Westbahnhof. O trem noturno para Praga parte às onze e quinze, mas às nove já está completamente lotado. Homens uniformizados percorrem o trem expulsando pessoas.

Às 23h15, as bandeiras nazistas estão no parapeito dos ministérios do governo. À meia-noite e meia, o presidente Miklas capitula e aprova o novo gabinete. À uma hora e oito minutos da madrugada, um certo major Klausner anuncia da sacada “com profunda emoção, nessa hora festiva, que a Áustria está livre, a Áustria é nacional-socialista”.

Há filas de pessoas a pé ou em automóveis na fronteira tcheca. O rádio agora toca a “Badenweiler” e a “Hofenfriedberger”, marchas militares alemãs. Elas são entremeadas por lemas nazistas. Quebram-se as primeiras vitrines de lojas de judeus.

E é nessa primeira noite que os sons das ruas viram gritarias no pátio dos Ephrussi, retumbando pelas paredes até o teto. Ouvem-se passos pesados subindo as escadas, os 33 degraus baixos até o apartamento do segundo andar.

Esmurram a porta, alguém toca o sino e de repente há oito ou dez, um bando com uma espécie de uniforme — alguns com braçadeiras de suásticas, alguns deles familiares. Alguns são ainda meninos. É uma da manhã e ninguém dorme, estão todos vestidos. Viktor, Emmy e Rudolf são empurrados para a biblioteca.

Nessa primeira noite, vasculham o apartamento. Berram do outro lado do pátio, quando dois deles encontram o salão com seus conjuntos franceses de mobília e porcelanas. Ouvem-se risadas quando o armário de Emmy é rapinado. Alguém martela uma canção nas teclas do piano. Alguns homens estão no escritório arrancando gavetas, revirando escrivatinhas, derrubando os fôlios da estante do canto. Eles entram na biblioteca e tiram os globos das bases. Toda essa desordem convulsiva, confusa, essa varredura mal chega a ser um saque; é mais um aquecimento dos músculos, um estalar dos dedos, um relaxamento. As pessoas nos corredores estão conferindo, procurando,

explorando, descobrindo o que eles têm ali.

Levam os candelabros de prata dos faunos ligeiramente embriagados da sala de jantar, pequenos animais de malaquita dos aparadores, cigarreiras de prata, algum dinheiro preso por um clipe da escrivainha do escritório de Viktor. Um pequeno relógio russo, esmaltado em rosa e dourado, que dava as horas no salão. E o relógio grande da biblioteca com o domo dourado sustentado por colunas.

Durante anos haviam passado a pé por aquela casa, visto de relance rostos nas janelas, visto o pátio quando o porteiro mantinha o portão aberto para entrar o fiacre. Agora, por fim, estão lá dentro. É assim que os judeus vivem, assim que eles usam o nosso dinheiro — todas as salas e os quartos repletos de coisas, opulência. São apenas alguns suvenires, um pouco de redistribuição. É um começo.

A última porta é a do closet de Emmy no canto, o quarto com a vitrine contendo os netsuquês, e eles derrubam tudo o que está na penteadeira: o pequeno espelho e as caixas de porcelana e de prata, as flores enviadas dos prados de Kövecses que Anna dispõe no vaso, e eles arrastam a penteadeira para o corredor.

Empurram Emmy, Viktor e Rudolf contra a parede, e três deles erguem a penteadeira até o corrimão da balaustrada e, com um som de madeira quebrando, marchetaria e douração espatifam-se nas pedras do pátio lá embaixo.

A penteadeira — presente de casamento de Fanny e Jules, de Paris — leva um longo tempo até cair. O som ricocheteia no teto de vidro. As gavetas quebradas espalham cartas pelo pátio.

Vocês acham que mandam em nós, seus estrangeiros *de merda*. Vocês serão os próximos, seus merdas, seus judeus *de merda*.

Assim foi a tal arianização, a *bárbara* e extraoficial arianização. Não era preciso permissão oficial para isso.

O som das coisas se quebrando foi a recompensa por uma longa espera. Essa noite foi cheia dessas recompensas. Já não era sem tempo. Essa noite é aquela história que o avô conta para o neto, a história de como uma noite os judeus finalmente pagariam por tudo o que haviam feito, por tudo o que roubaram dos pobres; de como as ruas seriam limpas, como a luz brilharia em todos os lugares obscuros. Porque afinal se tratava de sujeira, da poluição que os judeus haviam trazido à cidade imperial lá de seus barracos fétidos, do modo como eles tomaram o que era nosso.

Por toda Viena portas são arrombadas, crianças escondem-se atrás dos pais, debaixo das camas, nos armários — qualquer lugar longe do barulho de pais e irmãos sendo presos, espancados e levados embora em caminhões, enquanto mulheres e irmãs sofrem abusos. E por toda Viena as pessoas vão se servindo daquilo que deveria ser delas, que era delas por direito.

Não se tratava de não conseguir dormir. Não se conseguia ir para a cama. Quando aqueles homens iam embora, quando aqueles homens e meninos iam finalmente embora, diziam que voltariam, e você sabia que era verdade. Emmy estava usando suas pérolas e

eles arrancaram. Tiraram seus brincos. Alguém parou e cuspiu com vontade no seu pé. E eles desciam as escadas com estrondo, berrando até chegar ao pátio. Um deles correu e chutou os pedaços, e passaram pela porta e saíram na Ringstrasse, com um grande relógio sob o braço encapotado.

A qualquer momento começaria a nevar.

Naquela madrugada cinza, domingo, 13 de março, quando deveria ocorrer o plebiscito por uma Áustria livre, alemã, independente, social, cristã e unida, havia vizinhos de quatro rastejando pelas ruas de Viena — crianças e idosos, o homem do quiosque de jornais da Ringstrasse, o ortodoxo, o liberal, o devoto e o radical, o velho que conhecia o Goethe deles e acreditava em *Bildung*, a professora de violino e a mãe dela — cercados pela SS, pela Gestapo e pelos NSDAP (membros do partido nazista), por policiais e pelas pessoas que foram suas vizinhas durante anos. Escarnecidos, cuspidos, atacados e feridos aos berros. Arrancando os cartazes de campanha de Schuschnigg, deixando Viena limpa outra vez, deixando Viena pronta. Graças ao nosso Führer. Ele havia criado um trabalho para os judeus.

Em uma fotografia, um rapaz com uma jaqueta reluzente vigia uma mulher de meia-idade ajoelhada sobre água e sabão. E ele ergueu a barra da calça para garantir que não se molhe. A questão era entre o sujo e o limpo.

A casa fora invadida. E, naquela manhã, com minha bisavó e meu bisavó calados na biblioteca, Anna recolhe as fotografias dos primos do chão, varrendo os cacos de porcelana e marchetaria, consertando os quadros, tentando limpar os tapetes, tentando fechar a porta arrombada.

Durante todo o dia esquadrões da Luftwaffe voam baixo sobre Viena. Viktor e Emmy não sabem o que fazer. Não sabem aonde ir, quando naquela manhã de domingo as primeiras tropas alemãs cruzam a fronteira e são recebidas com flores e multidões. A história é que Hitler está voltando para casa para visitar o túmulo da mãe.

Durante todo aquele dia são feitas prisões — são presos todos que um dia tivessem apoiado qualquer partido político, jornalistas importantes, financistas, servidores civis, judeus. Schuschnigg está na solitária. Naquela noite, há uma procissão com tochas pela cidade conduzida pelos NSDAP. A cantoria nos bares é “Deutschland, Deutschland über Alles”. Hitler leva seis horas para fazer a viagem de Linz a Viena. O atraso se deve às multidões.

Na segunda-feira, 14 de março, Hitler chega: “... antes que as sombras da noite caíssem sobre Viena, quando o vento amainou e as tantas bandeiras pararam de tremular, em festiva rigidez, o grande momento se tornou realidade e o Führer do povo alemão unido entrou na capital da Ostmark”.

O cardeal de Viena mandou tocar todos os sinos da Áustria, e os sinos da *Votivkirche* em frente ao *Palais Ephrussi* começam a dobrar à tarde, e o barulho da *Wehrmacht* rangendo sobre a Ringstrasse fez a casa tremer. Há bandeiras: bandeiras com suásticas e também antigas bandeiras austríacas que tiveram suásticas pintadas por cima.

As crianças sobem nas tlias. Já existem mapas nas vitrines das livrarias que mostram a nova Europa: uma maciça Alemanha que vai da Alsácia-Lorena aos Sudetos, do Báltico ao Tirol. Metade do mapa da Europa é Alemanha.

Na terça-feira, 15 de março, a multidão desde cedo e já passa do Palais Ephrussi, ao longo da Ringstrasse, toda estendida na mesma direção, à Heldenplatz, a Praça dos Heróis, a imensa praça junto ao Hofburg; duzentas mil pessoas se comprimem sobre a praça e as ruas. Sobem nas estátuas, nos galhos das árvores, nos gradis. Há gente nos parapeitos recortados contra o céu. Às onze horas, Hitler aparece na sacada. Mal se pode ouvi-lo. Quando começa sua peroração, o barulho o impede de continuar por vários minutos. Pode-se ouvir até a Schottengasse. Então: “Neste momento posso relatar ao povo alemão a maior realização da minha vida, como Führer e chanceler da nação alemã e do Reich, posso anunciar diante da história o ingresso desta minha terra natal ao Reich alemão.” “As cenas de paixão diante da chegada de Hitler desafiam qualquer descrição”, publicava o *Neue Basler Zeitung*.

A Ringstrasse foi feita para isso, multidões, palco de desfiles emocionantes, uniformes. Quando era estudante, em 1908, Hitler havia planejado dois imensos arcos para completar a Heldenplatz, um clímax arquitetônico: “Um lugar ideal para as marchas das massas.” Muito tempo atrás, ele vira o cortejo imperial dos Habsburgo. E agora, mais uma vez, a Ringstrasse se tornava “um encantamento saído das *Mil e uma noites*”, mas uma daquelas histórias em que alguém é transfigurado diante dos seus olhos em algo terrível, metamorfoseando-se descontroladamente quando você diz as palavras erradas.

À uma e meia da tarde Hitler volta a passar em revista a impressionante exibição de soldados marchando e caminhões, enquanto quatrocentos aviões sobrevoavam. Anunciam que haverá plebiscito — outro, dessa vez legítimo. “Você reconhece Adolf Hitler como nosso Führer e a anexação da Áustria ao Reich alemão efetivada no dia 13 de março de 1938?” No papel rosa-claro da cédula há um grande círculo para o *Ja* e um minúsculo para o *Nein*. Para estimular os vienenses a pensarem bem no voto, os bondes são cobertos de panos vermelhos, a catedral de Santo Estevão está engrinaldada de vermelho, e o Leopoldstadt, o velho quarteirão judeu, está amortalhado de bandeiras nazistas. Nesse plebiscito *mais apropriado*, agora sim, os judeus não podiam votar.

Há terror. Pessoas pegas nas ruas e levadas em caminhões. Milhares de ativistas, judeus, baderneiros são levados a Dachau. Nesses primeiros dias, há recados dos amigos que estão indo embora, telefonemas desesperados sobre pessoas que foram presas. Os primos de Emmy, Franz e Mitzi Wooster, partiram. Seus amigos mais íntimos, os Gutmann, se foram no dia 13. Os Rothschild se foram. Bernhardt Altmann, colega de negócios de Viktor, amigo de incontáveis jantares, também já foi: não é fácil sair pela porta e deixar tudo para trás.

Às vezes era possível tirar as pessoas das delegacias de polícia com dinheiro. Viktor ajuda dois primos que precisam atravessar a fronteira para a Tchecoslováquia, mas ele e Emmy parecem incapazes de tomar uma decisão. Os amigos aconselham a partir. Viktor

congela. Não consegue abandonar a casa, a casa de seu pai e de seu avô. Não consegue abandonar o banco. Não consegue deixar para trás a biblioteca.



Viena, 14 de março de 1938: vista da Ringstrasse, do Parlamento e a Ópera, em direção ao Palais Ephrussi

Outros abandonaram seus lares. Quem haveria de querer se associar aos judeus? Restaram apenas três empregados. A cozinheira e Anna, que garante que haja sempre café para o barão e a baronesa, e o porteiro, *Herr Kirchner*, que tem o quartinho perto do portão e nenhum parente conhecido.

A cidade se metamorfoseia a cada hora conforme aparecem mais militares alemães, homens fardados a cada esquina. A moeda agora é o *Reichsmark*. Pintam *Jude* nas lojas dos judeus, e marcam os consumidores que entram e saem. A imensa loja de departamentos Schiffmann, de propriedade de quatro irmãos judeus, é sistematicamente esvaziada pela SA enquanto a multidão assiste.

As pessoas estão sumindo. Cada vez é mais difícil saber onde estão. Na quarta-feira, 16 de março, um velho amigo de Pips, o escritor Egon Friedell, pula pela janela de seu apartamento quando vê as tropas de choque chegarem e interrogarem o porteiro. Ocorrem 160 suicídios de judeus entre março e abril. Os judeus são despedidos dos teatros e orquestras. Todos os servidores do Estado e do município são demitidos; 183 professores judeus perdem o emprego. Todos os advogados e promotores judeus

perdem seus cargos.

Nesses dias, a selvageria da liberação, a falta de cerimônia com relação à propriedade dos judeus, os espancamentos aleatórios nas ruas, tudo se transforma em algo mais grave. Fica claro que havia um bocado de planejamento e que ordens estavam sendo cumpridas. Na sexta-feira, 18 de março, dois dias após sua chegada a Viena, o jovem tenente da SS Adolf Eichmann se encarrega pessoalmente de uma batida no IKG da Seitenstettgasse, durante a qual documentos que relacionam a comunidade judaica com o plebiscito de Schuschnigg são confiscados. A isso se segue o confisco da biblioteca do IKG e do próprio arquivo. Eichmann está interessado em obter o melhor material disponível sobre assuntos judeus e hebraicos para o planejado Instituto de Pesquisa sobre a Questão Judaica.

Fica claro que há planos para os judeus de Viena. No dia 31 de março, as organizações judaicas não são mais reconhecidas pela lei. O capelão da pequena igreja anglicana está batizando judeus. Se você se convertesse, podia ter mais opções de fuga. Há filas do lado de fora do presbitério. Ele resume os fundamentos da fé cristã em dez minutos para ajudar os mais desesperados.

No dia 9 de abril, Hitler volta a Viena. Seu carro percorre a cidade e entra na Ringstrasse. Ao meio-dia, Goebbels aparece na sacada do Rathaus, a câmara municipal que agora fica na Adolf Hitler Platz, para ler o resultado do plebiscito. “Proclamo o dia do grande Reich alemão: 99,75% votaram ‘sim’ para legitimar o *Anschluss*.”

No dia 23 de abril, anunciam um boicote às lojas de judeus. Naquele mesmo dia a Gestapo chega ao Palais Ephrussi.

25. “UMA OPORTUNIDADE QUE JAMAIS SE REPETIRÁ”

Como posso escrever sobre esse período? Leio memórias, os diários de Musil, olho para fotografias das multidões desse dia, do dia seguinte, do outro dia depois desse. Leio os jornais vienenses. Na terça-feira, a confeitaria Hermansky está assando pão ariano. Na quarta-feira, os advogados judeus são expulsos. Na quinta-feira, não arianos são excluídos do time de futebol Schwarz-Rot. Goebbels distribui rádios gratuitamente na sexta-feira. Vendem-se lâminas de barbear arianas.

Tenho o passaporte de Viktor com seus carimbos e um magro punhado de cartas trocadas entre membros da família, e espalho tudo sobre minha escrivaninha comprida. Leio-as inúmeras vezes, tentando dizer a mim mesmo como devia ser, o que Viktor e Emmy teriam sentido parados em sua casa na Ringstrasse. Tenho pastas com anotações dos arquivos. Mas me dou conta de que não posso fazer isso em Londres, dentro de uma biblioteca. Então volto a Viena, volto ao Palais.

Saio na sacada do segundo andar. Trouxe comigo um netsuquê, o marrom-claro das castanheiras com a pequena lagarta em marfim, e me dou conta de que estou preocupado com ele dentro do meu bolso, sacudindo para lá e para cá. Agarro-me à balaustrada e olho para o piso de mármore; penso na penteadeira de Emmy despencando lá embaixo. Penso nos netsuquês imperturbáveis na vitrine.

Escuto um grupo de executivos vindo pelo corredor da Ringstrasse para uma reunião nos escritórios, um grupo falante e sorridente, e ouço entrar com eles um difuso eco das ruas. São essas vozes que me fazem lembrar de Iggie. Ele dissera que o velho porteiro, Herr Kirchner, que costumava abrir os portões do Palais Ephrussi com uma mesura e um floreio para divertir as crianças, havia convenientemente sumido e deixado os portões da Ringstrasse abertos no dia em que os nazistas vieram.

Seis membros da Gestapo, impecavelmente fardados, avançam a passos decididos.

A princípio parecem bastante educados. Eles têm ordens de fazer uma busca no apartamento pois há motivos para crer que os judeus Ephrussi haviam apoiado a campanha de Schuschnigg.

Busca. Uma busca significava o seguinte: cada uma das gavetas é arrancada dos móveis, o conteúdo de todos os armários é posto abaixo, cada mínimo ornamento é analisado. Você sabe quantas coisas existem nessa casa, quantas são as gavetas, quantos cômodos? A Gestapo é metódica. Eles não têm pressa. Não há *selvageria*. As gavetas das mesinhas do salão são vasculhadas, os papéis se espalham. O escritório é todo revirado. Os catálogos arquivados dos incunábulo são bisbilhotados em busca de provas, cartas são esmiuçadas. Todas as gavetas do gabinete italiano são revistadas. Livros são tirados das estantes da biblioteca, examinados e largados no chão. Eles averiguam até o fundo dos armários de roupa branca. Quadros são tirados das paredes e até os chassis das telas são vistoriados. As tapeçarias na sala de jantar onde as crianças costumavam se esconder são arrancadas da parede.

Depois de darem busca nos 24 cômodos do apartamento da família, nas cozinhas e no refeitório dos criados, a Gestapo pede as chaves do cofre, da sala da prataria e do depósito de porcelana onde os pratos de diversos serviços de mesa estão empilhados. Eles querem a chave do depósito do canto, onde todas as caixas de chapéus, arcas e caixas com brinquedos, os livros infantis, os velhos contos de fada de Andrew Lang estão guardados. Querem a chave do gabinete do quarto de vestir de Viktor, onde ele guarda as cartas de Emmy, do pai, de seu velho tutor *Herr Wessel*, o bom prussiano, o homem que lhe ensinara os valores germânicos, que o fizera ler Schiller. Depois levam as chaves de Viktor do escritório no banco.

E todas aquelas coisas, um mundo de coisas — uma geografia familiar que vai de Odessa às férias em São Petersburgo, na Suíça, no sul da França, que abarca Paris, Köveesse, Londres, tudo — é repassado e registrado. Cada objeto, cada incidente, tudo é suspeito. Trata-se de um escrutínio pelo qual passam todas as famílias judias de Viena.

Ao final dessas longas horas há uma consulta sumária e o judeu Viktor Ephrussi é acusado de haver contribuído com cinco mil xelins para a campanha de Schuschnigg, o que o tornava inimigo do Estado. Ele e Rudolf são presos. São levados embora.

Emmy pode ficar com dois cômodos nos fundos da casa. Entro nesses ambientes. São pequenos, com o pé-direito alto e muito escuros, e uma janela opaca sobre a porta deixa entrar um pouco de luz do pátio interno. Ela não pode usar a escada principal, não pode entrar em seus antigos cômodos. Não tem mais empregados. Ela tem — nesse exato momento — apenas suas roupas.

Não sei aonde levaram Viktor e Rudolf. Não encontro registro. Nunca perguntei a Elisabeth ou a Iggie.

É possível que tenham sido levados ao Hotel Metropole, que havia se convertido no quartel-general da Gestapo. Há muitas outras celas para conter tantos judeus. São espancados, é claro; mas também são proibidos de fazer a barba e de se lavar, para que pareçam mais degenerados. Isso porque era importante combater a velha afronta de os judeus não parecerem judeus. Esse processo de privação da respeitabilidade, tirando-lhe sua corrente do relógio, seus sapatos ou o seu cinto, para que você tropece e tenha que segurar as calças com uma mão, é um modo de devolver todos ao *shtetl*, despindo-os de volta ao seu caráter essencial — errante, barbado, curvado sob o peso das próprias posses. Espera-se que você fique parecido com um cartum de *Die Stürmer*, o tabloide de Streicher que agora é vendido nas ruas de Viena. Tiram-lhe até os óculos de leitura.

Durante três dias, pai e filho ficam presos em algum lugar de Viena. A Gestapo precisa de uma assinatura, há um formulário que você assina, ou você e seu filho serão mandados para Dachau. Viktor assina abrindo mão do Palais e de tudo o que há dentro dele, além de todas as demais propriedades em Viena, resultado do acúmulo diligente da família, cem anos de bens. E então permitem que retornem ao Palais Ephrussi, atravessem a pé os portões abertos, cruzem o pátio até a escada de serviço no canto e subam até o segundo andar, onde ficam os dois cômodos que agora são seu novo lar.

E no dia 27 de abril sai a declaração oficial de que a propriedade do 14 Dr. Karl

Lueger Ring, Viena 1, anteriormente o Palais Ephrussi, foi completamente arianizada. Uma das primeiras a receber tal honraria.

Do lado de fora daqueles cômodos que lhes foram concedidos, do outro lado do pátio, o quarto de vestir e a biblioteca parecem absurdamente próximos. Eis o momento, penso, em que começa o exílio, o momento em que o lar está logo ali, mas ao mesmo tempo muito, muito distante.

A casa já não era mais deles. Estava cheia de gente, algumas pessoas fardadas, algumas de terno. Pessoas contando os cômodos, fazendo listas de objetos e quadros, levando coisas embora. Anna está lá dentro em algum lugar. Mandaram-na ajudar a colocar tudo nas caixas e nos engradados, disseram que ela devia ter vergonha de trabalhar para os judeus.

E não se tratava apenas de arte, nem somente bibelôs e todas as coisas douradas das mesas e dos aparadores, mas também das roupas deles, os casacos de inverno de Emmy, um caixote de porcelana, um abajur, um apanhado de guarda-chuvas e bengalas. Tudo aquilo que levava décadas para vir a fazer parte da casa, distribuindo-se em gavetas, armários, vitrines e baús, presentes de casamento e de aniversário e suvenires, tudo agora estava sendo levado embora. Era a estranha dispersão de uma coleção, de uma casa e de uma família. É o momento da ruptura em que grandiosos objetos são levados e objetos de família, conhecidos, manuseados e amados, tornam-se meramente coisas.

Para estimar o valor dos objetos de arte, oficiais avaliadores são designados pelo Escritório de Transações de Propriedade, que metodicamente facilitará o processo de dilapidação do acervo de quadros, livros, mobiliário e objetos das casas dos judeus. Especialistas de museus avaliam o que há de valor. Nessas primeiras semanas do *Anschluss*, os museus e galerias zunem ao som do trabalho concentrado, das cartas sendo escritas e copiadas, das listas e dos questionários de proveniência e atribuição, e cada quadro, cada peça de mobília, cada objeto é classificado. Para cada mínima coisa há níveis concorrentes de interesse.

Ao ler esses documentos, penso em Charles em Paris. *Amateur de l'art*, apaixonado e diligente em suas buscas e suas listagens, sua vida de estudos, seus passeios com o fim de recompor as peças do conhecimento sobre seus amados pintores, suas lacas, sua coleção de netsuquês.

Nunca antes historiadores da arte foram tão úteis, suas opiniões levadas tão a sério quanto em Viena na primavera de 1938. E como o *Anschluss* significa que todos os judeus perderão seus empregos nas instituições oficiais, há estimulantes oportunidades para os candidatos apropriados. Dois dias depois da anexação, Fritz Dworschak, anteriormente especialista em medalhas, é empossado diretor do Kunsthistorisches Museum. A distribuição de todas essas obras de arte desapropriadas, ele anuncia, "é uma oportunidade única de expansão que jamais se repetirá (...) em grande número de áreas".

Ele tem razão. A maioria das obras de arte será vendida ou leiloada para arrecadar dinheiro para o Reich. Alguns itens serão trocados com negociantes por outros objetos;

outros serão doados ao Führer para seu novo museu que estava sendo planejado para sua cidade natal, Linz; outros para os Museus Nacionais. Berlim monitora de perto a situação. “O Führer planeja decidir pessoalmente o uso das propriedades sequestradas. Ele considera destinar as obras de arte prioritariamente para as coleções das pequenas cidades austríacas.” Alguns quadros, alguns livros, alguns móveis são marcados para as coleções dos líderes nazistas.

No Palais Ephrussi, esse processo de avaliação está ocorrendo agora. Tudo o que havia dentro daquele grande tesouro familiar é examinado contra a luz. É assim que fazem os colecionadores. À luz cinzenta do pátio envidraçado, todos os objetos dessa família judia são levados em conta.

A Gestapo escreve acidamente sobre o gosto por trás de cada coleção, mas observa que trinta quadros dos Ephrussi são “obras de museu”. Três obras de Velhos Mestres são doadas diretamente para a “galeria de pinturas” do Kunsthistorisches Museum, seis à Galeria Austríaca, um Velho Mestre é vendido a um negociante, duas terracotas e três pinturas são trocadas com um colecionador, dez são vendidas a outro negociante da Michaelerplatz por dez mil xelins. E assim por diante.

Inúmeras “peças de alta qualidade artística inadequadas aos propósitos oficiais” vão para o Kunsthistorisches Museum [Museu de História da Arte] e para o Naturhistorisches Museum [Museu de História Natural]. Todos os demais objetos “inadequados” são levados ao “Almoxarifado de Bens Móveis”, um imenso depósito ao qual outras organizações podiam recorrer para escolher o que quisessem.

Os melhores dentre os melhores quadros de Viena são fotografados e as reproduções são coladas em álbuns encadernados em couro, e então esses álbuns são enviados a Berlim para serem vistos por Hider.

E numa carta de (iniciais ilegíveis) Referência: RK 19694 B, de Berlim, do dia 13 de outubro de 1938, há uma nota dizendo que “o Oficial SS do Reich do Führer Chefe das Alemãs [sic] encaminha com carta de 10 de agosto de 1938, recebida aqui a 26 de setembro de 1938, sete inventários de propriedades e objetos de arte confiscados e desapropriados respectivamente na Áustria, além de dez álbuns de fotografias e o catálogo disponível no escritório, os inventários e o certificado seguem anexos”. E além do “Palácio incluindo terreno e bosque do judeu Rudolf Gutmann” e de “sete propriedades da família da Casa dos Habsburgo e Lothringen, assim como quatro mansões e um palácio de Otto V. Habsburgo”, há também objetos de arte desapropriados em Viena, incluindo-se propriedades de: “Viktor v. Ephrussi, números 57, 71, 81-87, 116-118 e 120-122 (...) Confisco efetuado em favor de diversos escritórios: Áustria, Reichs Führer SS, NSDAP, Forças Armadas, Lebensborn e outros.”

Enquanto Hider aprecia os álbuns e escolhe o que quer, e enquanto tais assuntos são discutidos e a diferença entre confisco e desapropriação é ruminada, a biblioteca de Viktor é levada embora: seus livros de história, poesia grega e latina, seu Ovídio e seu Virgílio, Tácito, coleções de romances ingleses, alemães e franceses, a monumental edição de Dante ilustrada por Doré que tanto assustava as crianças, os dicionários e atlas,

os livros de Charles enviados de Paris, os incunábulos. Livros comprados em Odessa e Viena, enviados por livreiros de Londres e Zurique, toda uma vida de leituras, são tirados das estantes da biblioteca, separados e embalados em caixas de madeira, e então as caixas são pregadas e levadas pela escada até o pátio e embarcadas na boleia de um caminhão. Alguém — iniciais ilegíveis — rabisca uma assinatura em um documento, e o caminhão dá a partida e se vai, através das portas de carvalho, pela Ringstrasse, desaparecendo.

Existe uma organização especial que identifica as bibliotecas particulares dos judeus. Quando folheio o libreto dos membros do Clube Vienense de 1935 — presidente Viktor v. Ephrussi — descubro que 11 de seus amigos tiveram as bibliotecas tomadas.

Algumas dessas caixas são levadas à Biblioteca Nacional. Ali os livros são retirados por bibliotecários e eruditos, então se dispersam. Assim como no caso dos historiadores da arte, aqueles são dias cheios para bibliotecários e eruditos. Alguns desses livros ficarão em Viena, alguns acabarão em Berlim. Outros são destinados à “*Führerbibliothek*” planejada para Linz, outros ainda farão parte da biblioteca particular de Hitler. E alguns são destinados ao Centro Alfred Rosenberg. Rosenberg, ideólogo pioneiro do nazismo, é um dos nomes fortes no Reich. “A essência da revolução contemporânea do mundo está no despertar do tipo racial”, escreveu ele com grandiloquência em seus livros, “para a Alemanha, a Questão Judaica só estará resolvida quando o último judeu deixar o Grandioso Território Alemão”. Esses livros, impregnados de retórica, são vendidos às centenas de milhares, com uma popularidade que só fica atrás de *Mein Kampf*. Uma das tarefas do escritório dele é o confisco de materiais de pesquisa de “propriedade desapropriada de judeus” na França, Bélgica e Holanda.

Por toda Viena, é o que vinha ocorrendo. Às vezes os judeus eram obrigados a vender coisas por quase nada para arrecadar algum dinheiro para o imposto do *Reichsflucht*, para terem permissão de partir. Algumas coisas são simplesmente tomadas. Às vezes com violência, às vezes sem, mas sempre acompanhadas da penumbra da linguagem oficial, um pedaço de papel a ser assinado, uma confissão de culpa, de envolvimento em atividades contrárias à legalidade do Reich. São muitos documentos: a lista da coleção dos Gutmann se alonga por páginas e mais páginas. A Gestapo se apropria dos onze netuquês de Marianne, do menino brincando, do cachorro, do macaco e da tartaruga, aqueles que ela mostrara a Emmy uma vida atrás.

Até quando duraria essa separação das pessoas e dos lugares onde viveram? O Dorotheum, a casa de leilões de Viena, executa um lote atrás do outro. Todos os dias há leilões de bens sequestrados. Todos os dias essas coisas encontram pessoas dispostas a comprá-las por um baixo preço, colecionadores dispostos a agregá-las a suas coleções. A venda da coleção Altmann leva cinco dias. Começa na sexta-feira 17 de junho de 1938 às três da tarde, com um relógio do avô inglês com um carrilhão de Westminster. O relógio é vendido por meros trinta *Reichsmarks*. Cada dia é cuidadosamente enumerado até alcançar impressionantes 250 entradas.

Então é assim que as coisas eram feitas. Está claro que no *Ostmark*, a porção oriental do Reich, os objetos agora serão manipulados com cuidado. Cada castiçal de prata será pesado. Cada garfo ou colher, contabilizado. Cada vitrine, aberta. As marcas na base de cada peça de porcelana são anotadas. Um erudito ponto de interrogação é apostado à descrição de um desenho atribuído a um Velho Mestre; as dimensões de um quadro serão recalculadas e corretamente tomadas. E enquanto tudo isso ocorre, seus donos anteriores têm as costelas quebradas e os dentes esmurrados.

Os judeus têm menos importância do que as coisas que um dia possuíram. Trata-se de um experimento de como cuidar adequadamente dos objetos, como manipulá-los e lhes dar um adequado lar alemão. Trata-se de um experimento de como administrar uma sociedade sem judeus. Viena era mais uma vez “uma estação experimental do fim do mundo”.

Três dias depois que Viktor e Rudolf saem da prisão, a Gestapo transforma o apartamento da família no *Amt für Wildbach und Lawinenverbauung*, o Escritório de Controle de Enchentes e Avalanches. Os quartos viram escritórios. O andar principal do Palais, do apartamento de Ignace, de ouro e mármore e tetos pintados, é entregue ao *Amt Rosenberg*, o Escritório de Alfred Rosenberg, plenipotenciário do Führer para a Supervisão de toda Educação Intelectual e Ideológica e Doutrinação do Partido Nacional-Socialista.

Imagino Rosenberg, esguio e bem-vestido, debruçado sobre a imensa escrivaninha Boule do salão de Ignace, dando para a Ringstrasse, papéis espalhados à sua frente. O escritório dele é responsável por coordenar a direção intelectual do Reich, e há muita coisa a ser feita. Arqueólogos, literatos e eruditos, todos precisam de seu *imprimatur*. Estamos em abril e as tília já exibem as primeiras folhas. Do lado de fora das três janelas diante dele, no toldo verde, há bandeiras com a suástica tremulando sobre a Universidade e no novo mastro erguido diante da Votivkirche.

Rosenberg instala-se em seu novo escritório vienense com o hino de orgulho judaico de Ignace por Sião cuidadosamente calibrado — a aposta de sua vida na assimilação — acima de sua cabeça: o grandioso retrato dourado de Ester coroada como rainha de Israel. Acima dele, à esquerda, a pintura da destruição dos inimigos de Sião. Mas não haverá mais judeus na Zionstrasse.

No dia 25 de abril, há uma cerimônia de reabertura da Universidade. Estudantes em trajes típicos da Bavária tomam os degraus da escadaria principal quando chega o *Gauleiter* Joseph Bürckel. Um sistema de cotas foi introduzido. Apenas 2% dos alunos e professores poderão ser judeus: de agora em diante, alunos judeus só poderão ingressar na universidade mediante permissão; 153 dos 197 professores da faculdade de medicina são demitidos.

No dia 26 de abril, Hermann Göring começa sua campanha de “transferência de riquezas”. Todo judeu com patrimônio de mais de cinco mil *Reichsmarks* é obrigado a comunicar o fato, do contrário será preso.

Na manhã seguinte, a Gestapo chega ao banco Ephrussi. Os oficiais passam três dias

verificando os registros. Sob a nova regulamentação — que tem agora 36 horas de existência —, a empresa deve ser oferecida prioritariamente a acionistas arianos. O banco também deve ser oferecido com desconto. Isso significa que será perguntado a *Herr Steinhausser*, colega de Viktor há 28 anos, se ele quer comprar o banco de seus colegas judeus.

Passaram-se apenas seis meses desde o planejado plebiscito.

Sim, diz ele, em uma entrevista depois da guerra, sobre seu papel no banco — evidentemente ele comprou. “Eles precisavam de dinheiro para o ‘*Reichsfluchtsteuer*’, a taxa de fuga do Reich (...), eles me ofereceram suas ações com urgência, pois era o modo mais fácil de levantar o dinheiro. O preço, para os Ephrussi, e o preço para sair de Viena, foi ‘perfeitamente adequado’ (...) foram 508 mil *Reichsmarks*... mais quarenta mil da taxa de arianização, é claro.”

Assim, a 12 de agosto de 1938, o Ephrussi and Co. foi tirado do registro comercial. Nos livros, aparece, curiosamente, APAGADO. Três meses mais tarde, o nome é alterado para Bankhaus CA Steinhausser. Sob o novo nome, o banco é reavaliado, e sob a nova direção de um gentio passa a valer seis vezes o que valera ao dono judeu.

Já não existe um Palais Ephrussi e já não há mais o banco Ephrussi em Viena. A família Ephrussi foi apagada da cidade.

É nessa visita que vou ao arquivo judaico em Viena, aquele que havia sido tomado por Eichmann, para verificar os detalhes de um casamento. Procuo em um livro de contabilidade o nome de Viktor e encontro um carimbo vermelho oficial sobre seu prenome. Diz “Israel”. Um edital decretara que todos os judeus deviam usar novos nomes. Alguém percorreu cada nome das listas de judeus de Viena e carimbou sobre eles: “Israel” para os homens, “Sara” para as mulheres.

Estou equivocado. A família não foi apagada, mas escreveram por cima de seu nome. E, finalmente, isso é que me faz chorar.

26. “BOM PARA UMA ÚNICA VIAGEM”

O que Viktor, Emmy e Rudolf precisam para deixar o *Ostmark* do Reich alemão? Podem ficar nas filas do lado de fora das muitas embaixadas e consulados se quiserem — a resposta será a mesma. As cotas já foram todas preenchidas. Já existem muitos judeus refugiados, emigrados, necessitados, na Inglaterra, para manter a lista preenchida pelos próximos anos. Essas filas são perigosas, pois são patrulhadas pela SS, pela polícia local, por aqueles que podem ainda alimentar rancores. Há um clima de terror interminável, medo de que aqueles caminhões da polícia possam pegá-los e levá-los para Dachau.

Eles precisam de dinheiro o bastante para pagar todos os impostos inventados, pagar as diversas permissões punitivas para emigrar. Precisam ter uma declaração de bens de tudo o que possuem no dia 27 de abril de 1938. Tal declaração era obtida do Escritório de Declarações de Propriedades Judaicas. Devem declarar todos os bens domésticos e internacionais, qualquer imóvel, patrimônios relativos a seus negócios, economias, rendas, pensões, objetos de valor e de arte. Então devem ir ao Ministério das Finanças para provar que não há nenhum imposto sobre herança ou sobre imóveis, e depois comprovar sua renda, movimentação comercial e pensão.

E assim Viktor, aos 78 anos de idade, inicia sua excursão pela Viena histórica, visitando escritório atrás de escritório, mandado de um lugar para outro, impossibilitado de entrar em outro, de pé nas filas para entrar em escritórios onde precisará entrar em outras filas novamente. Todas as mesas diante das quais ele comparece, as perguntas berradas, os carimbos descansando nas almofadas vermelhas que permitirão que ele parta ou fique, e os impostos, editais e protocolos que ele precisa entender. Passaram-se apenas seis semanas desde o *Anschluss*, e com todas essas novas leis e novos homens atrás das escriváneas, ansiosos por chamar atenção, por se provarem a si mesmos no *Ostmark*, é o caos.

Eichmann estabelece o Escritório Central da Emigração Judaica no palácio Rothschild arianizado, na Prinz-Eugen-Strasse, para processar os judeus mais rapidamente. Ele está aprendendo a administrar uma organização com eficiência. Seus superiores estão incrivelmente impressionados. Esse novo escritório mostrará que é possível entrar com sua riqueza e cidadania e partir algumas horas depois apenas com uma permissão de ir embora.

As pessoas estão se tornando a sombra de seus documentos. Aguardam a validação de seus papéis, aguardam cartas de apoio estrangeiro, promessas de uma colocação. Redem favores aos que já estão fora do país, dinheiro, provas de parentesco, iniciativas químéricas, qualquer coisa escrita em qualquer papel timbrado oficial.

No dia 1^o de maio, Rudolf, com 19 anos, obtém permissão de emigrar para os Estados Unidos: um amigo lhe garantiu um emprego na fábrica de algodão Bertig, em Paragould, Arkansas. Viktor e Emmy ficam sozinhos na velha casa. Todos os criados foram embora, exceto Anna. Essas três pessoas já não se encaminham rumo à estase

completa: já congelaram. Viktor desce os degraus que não está acostumado a pisar até o pátio, passa pela estátua de Apolo, evita o olhar dos novos oficiais e de seus velhos inquilinos, sai pelo portão, passa pela sentinela da SA* e ganha a Ringstrasse. Mas aonde ele vai?

Não pode ir ao seu café, seu escritório, seu clube, não pode visitar seus primos. Ele não tem mais café, nem escritório, nem primos. Não pode se sentar nem no banco da praça: os bancos diante da *Votivkirche* têm agora um aviso de *Juden verboten* [proibido aos judeus]. Não pode entrar no *Sacher*, não pode entrar no café *Griensteidl*, não pode entrar no *Central*, ou ir ao *Prater*, ou à sua livraria, nem à barbearia, nem sequer andar pelo parque. Ele não pode tomar o bonde: judeus e quem parecesse judeu eram atirados para fora. Ele não pode ir ao cinema. E não pode frequentar a Ópera. Mesmo se pudesse, não ouviria música escrita por judeus, tocada ou cantada por judeus. Nada de Mahler ou Mendelssohn. A Ópera foi arianizada. Há homens da SA postados ao final da linha do bonde em *Neuwaldegg* para impedir os judeus de vagarem pelo bosque de Viena.

Aonde ele vai? Como eles poderão escapar?

Enquanto todo mundo tenta ir embora, Elisabeth retorna. Ela tem passaporte holandês, uma possível proteção contra sua prisão por ser uma intelectual judia e indesejável, mas é algo incrivelmente arriscado de se fazer. E ela é incansável: arranja permissões para os pais, finge ser membro da Gestapo para conseguir uma entrevista com um determinado oficial, dá um jeito de pagar as taxas de *Reichsflucht*, negocia com vários departamentos. Ela se recusa a ficar intimidada pela linguagem dos novos legisladores: é advogada e está decidida a agir de acordo. Vocês querem algo oficial, pois então sejam oficiais.

O passaporte de Viktor mostra que lentamente ele se encaminhava para a partida. No dia 13 de maio, o carimbo *Pussinhaber ist Auswanderer*, “o portador deste passaporte é um emigrante”, está assinado pelo Dr. Raffeggerst. Cinco dias depois, a 18 de maio, o carimbo *Einmalige Ausreise nach CSR*, “bom para uma única viagem”. Naquela noite há relatos de movimentação de tropas alemãs na fronteira e uma mobilização parcial do exército da Tchecoslováquia. No dia 20 de maio, as leis de Nuremberg entram em vigor na Áustria. Essas leis, existentes havia três anos na Alemanha, fazem a classificação do judaísmo. Se três de seus avós são judeus, então você é judeu. Você não podia se casar com um gentio, fazer sexo com gentios ou portar uma bandeira do Reich. Você não tinha permissão de possuir um empregado gentio com menos de 45 anos.

Anna é uma empregada gentia de meia-idade que havia trabalhado para patrões judeus desde os 14 anos, para Emmy e Viktor e as quatro crianças. Ela deveria permanecer em Viena. Precisaria encontrar novos patrões.

No dia 20 de maio, a *Grenzpolizeikommissariat Wien*, o controle da fronteira em Viena, concede a Viktor e Emmy a autorização final.

Na manhã do dia 21, Elisabeth e seus pais saem pela porta de carvalho e viram à esquerda na Ringstrasse. Precisam ir a pé até a estação. Cada um leva uma mala. *Die*

Neue Freie Presse relata que o clima está ameno, 14 graus Celsius. É um caminho que eles já fizeram milhares de vezes ao longo da Ringstrasse. Elisabeth deixa-os na estação. Precisa voltar para os filhos na Suíça.

Quando Viktor e Emmy chegam à fronteira, é quase impossível entrar na Tchecoslováquia, pois há receio de uma iminente invasão alemã. Eles são detidos. “Detidos” significa que são tirados do trem e mantidos por horas dentro de uma sala, enquanto se fazem telefonemas e se consultam documentos, até que lhes roubam 150 francos suíços e uma das malas. Então deixam que eles atravessem. Mais tarde, naquele mesmo dia, Emmy e Viktor chegam em Köveceses.

Köveceses fica perto de diversas fronteiras. Isso sempre foi um dos atrativos do lugar, um bom ponto de encontro para amigos e parentes de toda a Europa, uma cabana de caça, uma zona livre para escritores e músicos.

No verão de 1938, Köveceses ainda lembrava muito o que sempre fora, um misto de grandiosidade e informalidade. Podiam-se ver as tempestades de verão se formando na planície, os salgueiros agitados pelo vento na beira do rio. As rosas estavam mais castigadas em uma foto daquele mês, e Emmy se apoia em Viktor. É a única imagem que tenho dos dois se tocando.

A casa está muito mais vazia. As quatro crianças se dispersaram: Elisabeth está na Suíça; Gisela, no México; Iggie e Rudolf estão na América. E esperava-se o correio todos os dias, esperava-se um jornal, esperava-se.

As fronteiras estão todas vigiadas, a Tchecoslováquia está à beira do colapso e Köveceses fica perto demais do perigo. Naquele verão ocorre a crise nos Sudetos, a região da fronteira ocidental do país: Hitler exige que a população alemã possa se separar e submeter-se ao Reich. Há cada vez mais distúrbios, ameaças de guerra. Em Londres, Chamberlain tenta ser conciliador, tático, e convencer Hitler de que suas aspirações podem ser alcançadas.

Durante nove dias de julho, há uma conferência internacional em Evian sobre a crise dos refugiados: 32 países, incluindo os Estados Unidos, reúnem-se mas não conseguem aprovar uma resolução que condene a Alemanha. A polícia suíça, no intuito de conter a entrada de refugiados da Áustria, pedira ao governo alemão que utilizasse algum tipo de símbolo para identificar os judeus nos postos da fronteira. Isso foi feito. Os passaportes de judeus agora não valiam mais, deviam ser enviados às delegacias de polícia e devolvidos com um carimbo: a letra J.



Viktor e Emmy em Kővecses, 18 de agosto de 1938

Nas primeiras horas da manhã do dia 30 de setembro, Chamberlain, Mussolini e o primeiro-ministro francês Édouard Daladier assinam o Tratado de Munique com Hitler: a guerra havia sido evitada. As porções levemente sombreadas do mapa da Tchecoslováquia deveriam ser entregues até 1º de outubro de 1938 e as áreas mais escuras teriam plebiscitos. O governo de Praga não se faz mais presente enquanto o país é desmembrado. Naquele dia, a guarda tcheca da fronteira deixa seus postos e os refugiados austríacos e alemães recebem ordem de partir. Ocorrem as primeiras perseguições aos judeus. Caos. Hitler avança sobre os Sudetos e é ovacionado dois dias depois. No dia 6, forma-se um governo eslovaco pró-Hitler. A nova fronteira fica a apenas 35 quilômetros da casa. No dia 10, a Alemanha completa a anexação.

Passaram-se apenas quatro meses desde que eles saíram pela Ringstrasse em Viena a caminho da estação para fugir. E agora há soldados alemães em cada fronteira.

Emmy morre no dia 12 de outubro.

Elisabeth e Iggie não usam a palavra “suicídio” comigo, mas ambos dizem que ela não podia mais continuar, que ela não queria dar mais nem um passo. Ela morre à noite. Emmy tomou uma superdose de pílulas para o coração, aquelas que ela guardava na caixa de porcelana azul de ovo de pintassilgo.

Na pasta de documentos está seu certificado de óbito, dobrado em quatro. Um selo marrom de cinco coroas da República da Tchecoslováquia com um leão rampante está colado e carimbado, embora hoje, dia em que é arquivado, a Tchecoslováquia não exista mais. A 12 de outubro de 1938, diz em eslovaco, Emmy Ephrussy von Schey, esposa de Viktor Ephrussi, filha de Paul Schey e Evelina Landauer, morreu aos 59 anos. A causa da morte foi uma parada cardíaca. Está assinado “Frederik Skipsa, *matrikar*”. E há um bilhete escrito à mão embaixo à esquerda. A falecida era cidadã do Reich e esses registros estão de acordo com as leis do Reich.

Penso em seu suicídio. Acho que ela não queria ser cidadã do Reich, nem viver no Reich. Pergunto-me se não teria sido demais para Emmy — aquela mulher bonita, divertida e irritadiça — o fato de que o único lugar onde ela havia sido completamente livre houvesse se transformado em mais uma armadilha.

Elisabeth ficou sabendo da notícia por telegrama dois dias depois. Iggie e Rudolf, três dias depois, na América. Emmy foi enterrada no cemitério da igreja do vilarejo, junto a Kővecses. E assim meu bisavô Viktor ficou só.

Disponho as cartas azuis de 1938 alinhadas sobre a mesa comprida do meu estúdio. São cerca de 18 cartas, um caminho estreito através do verão. A maioria é entre Elisabeth, seu tio Pips e os primos de Paris, tentativas de descobrir onde estão todos, como obter permissão de partir, sugestões de como levantar dinheiro com segurança. Como poderiam tirar Viktor da Eslováquia? Todos os bens dele foram desapropriados e ele estava desamparado no interior, com um passaporte austríaco que devia valer até 1940,

mas que agora tinha validade discutível, uma vez que a Áustria já não existia como país independente. Como Viktor havia sido expulso, não podia solicitar um passaporte alemão em nenhum consulado. Ele passara a tentar obter cidadania tcheca, mas então também esse país desapareceu. Tudo o que ele tem é um documento que diz que ele é cidadão de Viena e outro documento sobre sua renúncia à cidadania russa e a aquisição da cidadania austríaca em 1914. Mas isso foi na era Habsburgo.

No dia 7 de novembro, um jovem judeu entrou na embaixada alemã em Paris e atirou no diplomata alemão Ernst von Rath. No dia seguinte, punições coletivas contra os judeus foram anunciadas: crianças judias não podiam mais frequentar escolas arianas e os jornais judeus estavam banidos. Na noite do dia 9, Von Rath morreu em Paris. Hitler decidiu que as manifestações espontâneas não deveriam ser contidas, que a polícia devia se retirar.

A noite dos cristais, *Kristallnacht*, é uma noite de terror: 680 judeus cometem suicídio em Viena; 27 são assassinados. Sinagogas são incendiadas por toda Áustria e a Alemanha, lojas são saqueadas, judeus são espancados e levados para prisões e campos.

As cartas, breves, por via aérea, são cada vez mais desesperadas. Pips escreve da Suíça: “Minha correspondência se tornou uma espécie de câmara de compensação para amigos e parentes que não podem mais se corresponder (...) Estou terrivelmente preocupado com eles, pois fiquei sabendo de fonte confiável que cedo ou tarde todos os homens judeus serão enviados para a chamada ‘preservação’ na Polônia.” Ele implora aos amigos para que intercedam em favor da admissão de Viktor na Inglaterra. E Elisabeth escreve às autoridades britânicas:

Como resultado das radicais transformações políticas na Tchecoslováquia, e especialmente na Eslováquia, onde se situa a atual residência dele, a situação dele já não pode ser considerada segura. Medidas arbitrárias contra os judeus, tanto moradores quanto imigrantes, já foram tomadas, e a total subserviência do país à dominação alemã é justificativa suficiente para medidas “legais” a serem tomadas contra os judeus muito em breve.

No dia 1^o de março de 1939, Viktor recebe seu visto — “Bom para uma única viagem” — do controle de passaportes britânico em Praga. No mesmo dia, Elisabeth e os meninos saem da Suíça. Tomam o trem para Calais e a balsa até Dover. No dia 4 de março, Viktor chega ao aeroporto de Croydon, no sul de Londres. Elisabeth está lá para recebê-lo e leva o pai até o Hotel St. Ermin, em Madeira Park, Tunbridge Wells, onde Henk reservara quartos para todos.

Viktor tem apenas uma mala. Está com o mesmo terno que Elisabeth o viu usando quando foram à estação de trem em Viena. Ela repara que na corrente de seu relógio de bolso ele ainda leva a chave da estante de sua biblioteca no Palais, a estante em que ficavam os primeiros livros impressos de história.

Ele é um emigrado. Sua terra de *Dichter e Denker*, poetas e pensadores, transformou-se na terra dos *Richter e Henker*, juízes e carrascos.

* *Sturmabteilungen*, as Divisões de Assalto ou Tropas de Choque, espécie de milícia nazista que quase fugiu ao controle dos líderes e necessitou ser transformada numa nova instituição — a SS (*Schutzstaffel*). (N. do E.)

27. AS LÁGRIMAS DAS COISAS

Viktor morava em Tunbridge Wells com meus avós, meu pai e meus tios em uma casa alugada no subúrbio chamada St. David's. Uma trilha de tijolos zigzagueava do portão de madeira entre sebes de alfenas até a varanda. Era uma casa imponente com torresões. Havia roseiras e horta. Era uma residência comum numa cidade comum do distrito de Kent, 48 quilômetros ao sul de Londres, um lugar seguro e tranquilo.

Nas manhãs de domingo iam à igreja do Rei Carlos, o Mártir. Os meninos — de oito, dez e 14 anos — frequentavam escolas onde não se zombava de seu sotaque estrangeiro, sob a orientação rígida do diretor. Colecionavam estilhaços de bala e botões de soldado e faziam elaborados castelos e navios de papelão. Iam caminhar no bosque de faias nos fins de semana.

Elisabeth, que jamais cozinhou na vida, aprendeu a preparar as refeições. A antiga cozinheira, que então vivia na Inglaterra, enviava cartas com várias páginas de receitas de *Salzburger Nockerln* e *schnitzel*, e instruções minuciosas: “A senhora baronesa lentamente inclina a frigideira”.

Elisabeth se tornara professora de latim para equilibrar as contas da casa, e fez traduções para comprar as bicicletas dos meninos, 8 libras cada uma. Voltou a tentar poesia, mas descobriu-se incapaz. Em 1940, ela escreveu um ensaio sobre Sócrates e o nazismo — três páginas de fúria — e enviou a seu amigo filósofo Eric Voegelin, na América. Ela manteve a correspondência com a família dispersa. Gisela, Alfredo e os meninos estavam no México. Rudolf ainda estava numa pequena cidade do Arkansas: ele enviou a Elisabeth um recorte de *The Paragould Soliphone* sobre “Rudolf Ephrussi, barão Ephrussi como fora no antigo país, um alto e bonito rapaz, experimentando uma música nova em seu saxofone”. Pips e Olga estavam na Suíça. Tia Gerty havia fugido da Tchecoslováquia e agora morava em Londres, mas ainda não havia nenhuma notícia da tia Eva e do tio Jenö, vistos pela última vez em Kövceses.

Henk, meu avô, ia sempre a Londres no trem das 8h18 e se dedicava a tentar descobrir onde a frota mercante holandesa estava, e onde deveria estar.

E Viktor ficava sentado em uma poltrona perto da cozinha, o único lugar quente da casa. Todos os dias ele acompanhava as notícias da guerra pelo *Times* e, às quintas-feiras, lia a *Kentish Gazette*. Lia Ovídio, especialmente *Tristia*, os poemas do exílio. Quando lia, cobria o rosto com a mão para as crianças não verem o efeito do poeta sobre ele. Lia praticamente durante todo o dia, com exceção de uma breve caminhada de ida e volta até Blatchingdon Road, e depois um cochilo. De vez em quando ele ia até o centro para passar no sebo Hall's, cujo vendedor, o senhor Pratley, gostava especialmente dele, que percorria as prateleiras de Galsworthy, Sinclair Lewis e H.G. Wells.

Às vezes os meninos voltavam da escola e ele lhes contava histórias de Eneias e sua volta a Cartago. Ali chegando, nos muros, havia cenas de Troia. É só então, confrontado pela imagem do que perdeu, que Eneias finalmente chora. *Sunt lacrimae rerum*, diz

Eneias. São lágrimas das coisas, ele lê, à mesa da cozinha, enquanto os meninos tentam terminar a lição de álgebra, “Descreva um dia na vida de um lápis”, e a redação “A dissolução dos mosteiros: triunfo ou tragédia?”.

Viktor sentia falta dos fósforos que se vendiam em Viena, que cabiam no bolso de seu colete. Sentia falta de seus charutos finos. Bebia seu chá preto em um copo, à maneira russa. Usava açúcar. Uma vez ele pôs açúcar na ração da semana da família e misturou, deixando todos boquiabertos.

Em fevereiro de 1944, para alegria de todos, Iggie apareceu em Tunbridge Wells, com seu uniforme americano, oficial da Inteligência, no Quartel do Sétimo Batalhão. Uma infância alternando entre inglês, francês e alemão transformara Iggie em um homem valioso. Os dois irmãos haviam adotado a cidadania americana para se alistarem no exército; Rudolf na Virgínia, em julho de 1941, e Iggie na Califórnia, em janeiro de 1942, um mês após Pearl Harbour.



Iggie durante a campanha da Normandia, 1944

A notícia seguinte que têm de Iggie é uma fotografia na primeira página do *Times* de 27 de junho de 1944, três semanas após o desembarque aliado na França. Mostra a rendição de um almirante e um general alemães em Cherbourg. Em sobretudos encharcados, são ladeados por um capitão I.L. Ephrussi então ligeiramente calvo e um efusivo major-general J. Lawton Collins. Há mapas da Normandia espetados nas paredes, uma escrivaninha arrumada. E todos se inclinam levemente para acompanhar a tradução que Iggie faz dos termos que o general Collins lê em voz alta.

Viktor morreu no dia 12 de março de 1945, um mês antes da libertação de Viena pelos russos e dois meses antes da rendição incondicional do alto-comando alemão. Tinha 84 anos. "Nascido em Odessa, morto em Tunbridge Wells", dizia seu certificado

de óbito. Viveu, acrescento ao reler, em Viena, o centro da Europa. Sua sepultura no cemitério de Charing está longe da de sua mãe, em Vichy. E longe da de seu pai e de seu avô, no mausoléu de colunas dóricas em Viena, construído com toda aquela autoconfiança para abrigar o clã dinástico dos Ephrussi para sempre em sua então nova pátria imperial austro-húngara. Ainda mais distante de Kövecses.

Buco depois do fim da guerra, Elisabeth recebeu uma longa carta do tio Tibor, datilografada em alemão. A carta havia sido enviada por intermédio de Pips, na Suíça, em outubro. Vinha num papel quase transparente e continha notícias terríveis.

Não é meu desejo repetir isso, mas preciso escrever sobre Jenö e Eva mais uma vez. É terrível pensar na aflição que sofreram na morte. Jenö já estava com o certificado na mão quando eles foram deportados de Komarom para o Reich, porque ele já tinha sido autorizado a ir para casa. Ele não queria se separar de Eva, pois achava que ainda os deixariam ficar juntos, mas foram imediatamente separados na fronteira alemã e as melhores roupas que estavam vestindo também lhes foram arrancadas do corpo. Os dois morreram em janeiro.

Eva, judia, fora levada ao campo de concentração de Theresienstadt, onde morreu de tifo; e Jenö, gentio, fora mandado a um campo de trabalhos forçados. Morreu de exaustão.

Tibor, em seguida, dava notícias dos vizinhos em Kövecses, listando nomes de amigos da família e de primos dos quais eu nunca tinha ouvido falar: Samu, *Herr* Siebert, toda a família de Erwin Strasser, a viúva de János Thuróczy, “um segundo filho que nunca mais viram”, deportado durante a guerra ou desaparecido nos campos. Escrevia sobre a devastação à sua volta, as aldeias incendiadas, a fome, a inflação. Não havia mais um único cervo para caçar. A propriedade perto de Kövecses, Tavnok, “está vazia, foi incendiada. Todos foram embora, menos a velha senhora em Tapolcány. Tudo o que tenho é o que estou vestindo”.

Tibor estivera em Viena, visitando o Palais Ephrussi: “Em Viena, poucas coisas se salvaram (...) O retrato de Anna Herz (Makart) ainda está lá, um retrato de Emmy (Angeli) e o quadro da mãe de Tascha (acho que também de Angeli), algumas peças de mobília, vasos etc. Quase todos os livros de seu pai e os meus desapareceram, encontramos apenas poucos deles, alguns com dedicatória de Wassermann.” Uns poucos retratos de família, uns poucos livros dedicados e alguns móveis. Não há sequer menção a quem ocupava o local.

Em dezembro de 1945, Elisabeth decide que precisa voltar a Viena para descobrir quem e o quê ainda restam. E para resgatar o retrato de sua mãe e levá-lo para casa.

Elisabeth escreveu um romance sobre essa viagem. Inédito. E impublicável, creio, depois de avaliar as 261 páginas datilografadas com intermináveis correções. A cruza da emoção torna a leitura incômoda. Ali ela aparece como um professor judeu ficcional,

Kuno Adler, que retorna a Viena vindo da América pela primeira vez desde que fugiu do *Anschluss*.

É um livro sobre encontros. Ela escreve sobre a reação visceral de seu personagem a um oficial no trem quando chegam à fronteira, ao pedir seu passaporte:

Aquela voz, a entonação atingia algures um nervo da garganta de Kuno Adler; não, abaixo da garganta, onde o ar e o alimento se mesclam nas profundezas do corpo; um nervo inconsciente, ingovernável, provavelmente no plexo solar. A qualidade daquela voz, daquele sotaque, suave e no entanto áspero, lisonjeiro e ligeiramente vulgar, sensível ao ouvido como um certo tipo de pedra o é ao toque — uma pedra-sabão, rugosa e esponjosa, e ligeiramente untuosa na superfície —, uma voz austríaca. “Controle de passaporte austríaco.”

O professor exilado chega à estação bombardeada e perambula, tentando se situar naquela sordidez, diante da predação dos pobres moradores e das ruínas dos monumentos. A Ópera, a Bolsa, a Academia de Belas-Artes — tudo destruído. A catedral de Santo Estevão é uma cratera.

Do lado de fora do Palais Ephrussi o professor estaca:

Finalmente, lá estava, na Ringstrasse: a massa impressionante do Museu de História Natural à direita; a rampa do edifício do Parlamento à esquerda; adiante o pináculo da Prefeitura; e bem na frente dele a amurada do Volksgarten e da Burgplatz. Lá estava ele, e lá estava tudo; embora os caminhos outrora margeados por árvores estivessem nus, nenhuma árvore, só uns troncos secos ainda ali. O resto todo estava lá. E de repente o deslocamento do tempo que o embriagara de ilusões e desilusões entrou em foco, e ele era real, tudo era real, fato sem controvérsia. Ele estava ali. Apenas as árvores não estavam mais lá, e esse sinal relativamente trivial de destruição, para o qual ele não estava preparado, deixou-o incomensuravelmente triste. Às pressas, atravessou a rua, cruzou os portões do parque, sentou-se a um banco de uma alameda deserta e chorou.

Elisabeth passara a infância a observar através do dossel das tílias em frente de casa. Em maio seu quarto era inundado pelo perfume das flores.

No dia 8 de dezembro de 1945, seis anos e meio depois, Elisabeth entra em sua antiga casa. Os portões enormes estão fora dos gonzos. Ali agora é o escritório das autoridades americanas das forças de ocupação: Quartel-General Americano / Subseção do Conselho Legal de Controle de Propriedade. Motocicletas e jipes estão estacionados no pátio. Quase todos os vidros do forro estão quebrados: caíra uma bomba na casa ao lado, destruindo quase toda a fachada e derrubando as cariátides do Palais, atrás das quais as crianças costumavam se esconder. Há poças no chão. Apolo ainda está ali, em seu pedestal, parado com a lira.

Elisabeth sobe os 33 degraus, a escada da família, até o apartamento, bate à porta e é recebida por um encantador tenente da Virgínia.

O apartamento é agora um conjunto de escritórios, cada cômodo com mesas, armários e estenógrafas. Listas e memorandos afixados às paredes. Na biblioteca, um imenso mapa de Viena sobre a lareira, com as zonas russa, americana e aliada em cores distintas. Há um véu de fumaça de cigarro, o ruído de conversas e máquinas de escrever. O tenente mostra-lhe os escritórios com interesse e simpatia, além de um ar de ligeira descrença de que aquilo — tudo aquilo — houvesse um dia sido a casa de uma única família. Os americanos simplesmente montaram seu escritório por cima do escritório nazista.

Havia poucos quadros ainda nas paredes, a *Junge Frau* de pesadas molduras douradas, alguns estudos de paisagens austríacas enevoadas e os três retratos de Emmy, uma avó e uma tia-avó. A mobília mais pesada ainda está no lugar, a mesa de jantar e as cadeiras, uma secretária, guarda-roupas, camas e imensas poltronas. Alguns vasos. O que ficou parece aleatório. A escrivãzinha do pai ainda está na biblioteca. Há alguns tapetes ainda no chão. Mas ainda assim é uma casa vazia. Mais precisamente, uma casa *esvaziada*.

O depósito de caixas está vazio. Os aparadores estão vazios. O armário da prataria está vazio, assim como o cofre. Não há mais piano. Nem gabinete italiano. Ou mesinhas de mosaicos incrustados. Na biblioteca há estantes vazias. Os globos foram embora, os relógios, as poltronas francesas. O closet de sua mãe está empoeirado. Com um arquivo dentro.

Nem sinal de penteadeira ou espelho, mas há uma vitrine de laca preta, também vazia.

O gentil tenente quer ajudar e fica disposto a conversar quando descobre que Elisabeth estudou em Nova York. Fique à vontade, ele diz, olhe quanto quiser, procure o que precisar. Não sei se podemos ajudá-la. Está muito frio, ele lhe oferece um cigarro e menciona uma velha senhora que ainda mora ali — ele aponta —, que talvez saiba mais detalhes. Mandam um cabo procurar a velha.

Seu nome é Anna.

São duas mulheres, uma delas mais velha. A mais nova está agora na meia-idade, grisalha.

Elas se reencontram depois da guerra. Há oito anos não se veem.

Encontram-se em um dos velhos quartos, hoje escritório ruidoso cheio de arquivos. Ou no pátio úmido. Tudo o que vejo são duas mulheres, cada uma com uma história.

Vinte e sete de abril. Seis semanas depois do *Anschluss*, no dia em que as portas para a Ringstrasse foram abertas por Otto Kirchner e a Gestapo entrou. Foi o começo da arianização. Disseram que Anna não devia trabalhar para os judeus, que ela devia trabalhar por seu país. Ela se mostraria útil e ajudaria a separar os pertences dos antigos ocupantes, acondicionar tudo em caixas de madeira. Eles tinham muita coisa para fazer, e ela devia começar embalando a prataria.

Havia caixotes por toda parte, e a Gestapo fazia suas listas. Assim que ela embalava alguma coisa, aquilo era riscado. Depois da prataria, foi a vez da porcelana. À sua volta estavam todos ocupados desmontando o apartamento. No dia em que Viktor e Rudolf foram presos e levados embora, e Emmy foi impedida de entrar no apartamento e mandada para os cômodos do outro lado do pátio.

Eles estavam levando toda a prataria. “E as joias da sua mãe, a porcelana, os vestidos da sua mãe.” E os relógios a que Anna dava corda (toda semana, biblioteca, corredor, salão, quarto de vestir do barão), os livros da biblioteca, os adoráveis *palhaços* de porcelana do salão. Tudo. Ela tentou salvar alguma coisa para Emmy e as crianças.

“Eu não podia tirar nada valioso. Então passei a escamotear no bolso do meu avental, toda vez que passava por ali, três ou quatro bonequinhos do quarto de vestir da baronesa, aqueles brinquedinhos de que vocês gostavam quando eram pequenos — você lembra —, e levava para o meu quarto. Escondia depois no colchão da minha cama. Levei duas semanas até pegar todos daquela vitrine enorme. Você lembra: eram muitos!

“E eles não repararam. Estavam ocupados demais. Ocupados com todas aquelas coisas grandiosas — as pinturas do barão e o serviço de ouro no cofre, e os gabinetes da sala, e as estátuas e todas as joias da sua mãe. E todos os livros antigos do barão, que ele adorava tanto. Nem repararam nos bonequinhos.

“Então eu simplesmente tirei todos. E fui guardando no colchão e dormia em cima deles. Agora que você voltou, tenho uma coisa para lhe devolver.”

Em dezembro de 1945, Anna deu a Elisabeth 264 netsuquês japoneses.

Este é o terceiro lugar de descanso na história dos netsuquês.

De Charles e Louise em Paris, a vitrine na brilhante sala amarela com todos aqueles quadros de impressionistas, para Emmy e as crianças em Viena, as histórias entrelaçadas e a elegância, a infância e o faz de conta, até essas estranhas núpcias no quarto de Anna.

Os netsuquês já haviam se deslocado antes. Desde que chegaram do Japão foram avaliados: pegos, examinados, pesados nas mãos e devolvidos. É o que fazem os negociantes. É o que fazem os colecionadores, e é o que as crianças também fazem. Mas quando penso nos netsuquês no avental de Anna com o espanador e um rolo de barbante acho que esses netsuquês nunca foram tão bem cuidados. É abril de 1938, tempo das proclamações do *Anschluss*, dos historiadores da arte dedicados a seus inventários, colando fotos nas pastas da Gestapo para enviar a Berlim, e diligentes bibliotecários repassando listas de livros. Estão conservando a arte para o país deles. E Rosenberg precisa de judaicas para provar suas teorias sobre a animalidade dos judeus em seu instituto. Todos trabalham duro, mas ninguém ali chega perto da dedicação e da diligência de Anna. Com ela dormindo sobre eles, os netsuquês são tratados por Anna com mais respeito do que qualquer pessoa já demonstrou por eles. Ela sobreviveu à fome e aos saques, aos incêndios e à invasão russa.

Os netsuquês são pequenos e duros. Duros de lascar, duros de quebrar: cada um deles foi feito especialmente para vagar pelo mundo. “Um netsuquê deve ser concebido de modo a não ser um incômodo para o usuário”, diz um guia. Eles são contidos em si mesmos: um cervo com as pernas enfiadas por debaixo do corpo; o toneleiro agachado no barril pela metade; os ratos rolando a avelã. Ou o meu favorito, um monge dormindo sobre sua cuia de esmolas; as costas formando uma única linha. Eles podem machucar: a ponta de marfim de uma vagem de feijão é afiada como uma faca. Penso neles dentro de um colchão, um estranho colchão onde a madeira e o marfim do Japão encontram crinas austríacas.

O tato não é apenas dos dedos, mas de todo o corpo também.

Cada um desses netsuquês para Anna é uma resistência ao sangramento da memória. Cada um que ela levava embora era uma resistência contra o noticiário, uma história recontada, um futuro a que se agarrar. Ali o gosto vienense pela *Gemütlichkeit* — as lágrimas fáceis dos contos sentimentais, o invólucro de massa e creme para tudo, a perda melancólica da felicidade, as figuras adocicadas de criadinhas e seus namorados — encontra um lugar de dureza incorruptível. Penso em *Herr Brockhaus* e suas imprecisões contra a negligência das criadas, e vejo como ele estava enganado.

Não há nenhum sentimentalismo, nenhuma nostalgia. Trata-se de algo muito mais duro, literalmente mais duro. É uma espécie de confiança.

Fazia muito tempo que eu conhecia essa história de Anna. Ouvira em Tóquio, na primeira vez em que vi os netsuquês iluminados em uma vitrine comprida que ficava entre as estantes de livros. Iggie me servira um gim-tônica, e fizera um uísque com soda para ele mesmo, e dissera — de passagem, suspirando — que eles tinham uma história escondida. O que significava, agora eu vejo, não que ele hesitasse em contar essa história, mas que a própria história tratava de coisas escondidas.

Eu conhecia a história. Mas só fui *sentir* a história em minha terceira visita a Viena, quando estava de pé no pátio do Palais com um funcionário do Casino Austria que me perguntou se eu queria conhecer o andar secreto.

Subimos a escadaria operística e ele empurrou um painel da esquerda, então saímos em todo um andar, cômodo após cômodo sem janelas para a rua: da Ringstrasse, o olho passa diretamente do nível da rua para o andar de Ignace. O andar acompanha todos os grandes salões superiores, mas cada um deles é comprimido. Há apenas pequenas janelas quadradas dando para o pátio, insignificantes o bastante para se disfarçarem de detalhes da parede. O único acesso para entrar ou sair desse andar se dá ou pela porta disfarçada de painel de mármore, que chega à escadaria principal, ou pela escada de serviço no canto do pátio. Era o andar dos aposentos de empregados.

O lugar onde Anna dormia era agora o refeitório da empresa. Em meio à agitação do horário de almoço em Viena, sinto que alguma coisa não está certa — aquela sensação de quando você vira uma página e percebe que leu sem entender. Você precisa voltar e ler de novo, e as palavras parecem ainda mais indistintas e soam estranhamente na sua cabeça.

E, disse o responsável pela casa, preparando terreno para contar seu projeto, você reparou como a luz entra na casa? Como você acha que a escada fica iluminada? Então subimos pela escada de serviço em caracol e abrimos uma pequena porta que mostrou toda uma paisagem de telhados, pontes de ferro e escadas. Fomos até o parapeito das cariátides, olhamos para baixo e vimos o seguinte: sim, havia entradas de luz escondidas também. Ele abre a planta e me mostra como a casa se comunicava com as casas vizinhas, e como as passagens subterrâneas dos porões significavam que era possível trazer forragem e palha para os cavalos sem passar pelos portões da frente.

Toda aquela casa sólida, incrustada e envernizada, em gessos e pinturas, mármore e ouro, era leve como um teatro de brinquedo, uma série de espaços ocultos por trás de uma fachada. *Potemkinische*. A parede de mármore era *scagliola*, argamassa e gesso.

Era uma casa de brinquedos de criança escondidos, brincadeiras de esconder atrás dos parapeitos do alto do Palais, esconde-esconde pelos túneis e porões, gavetas secretas nos gabinetes com cartas dos amantes de Emmy. Mas era também uma casa de pessoas que nunca eram vistas e de vidas desconhecidas. Comida chegando de cozinhas ocultas, roupa branca sumindo em esconsas lavanderias. Pessoas dormindo em quartos sem ar enfiados entre andares.

Lugar para esconder de onde você vinha. Lugar de esconder coisas dentro.

Comecei minha jornada com minhas pastas de cartas de família, um esboço de um mapa. Mais de um ano se passou e continuo encontrando coisas escondidas. Não apenas esquecidas: as listas e os diários da Gestapo, periódicos, romances, poemas e recortes da imprensa. Testamentos e escrituras de carga. Entrevistas com banqueiros. Comentários entreouvados numa sala dos fundos em Paris, mostruários de tecidos para vestir as primas de Viena no fim do século. Quadros e mobília. Encontro listas de quem veio a uma festa cem anos atrás.

Sei demais sobre minha família dourada, mas não encontro mais nada sobre Anna.

Não escreveram sobre ela, não a refletiram em histórias. Não havia dinheiro para ela no testamento de Emmy: não houve testamento. Não há sinal dela na contabilidade dos

negociantes ou nos ateliês de costura.

Sinto-me compelido a seguir procurando. Nas bibliotecas, tropeço em coisas que me levam adiante, à deriva. Procuo conferir um fato — a data no tapete amarelo do salão de Charles, algo sobre o pintor dos tetos do Palais Ephrussi — quando vejo uma nota de rodapé e depois uma nota em apêndice. Acabo descobrindo que a casa de Louise na rue Bassano, defronte à casa de Jules e Fanny, na mesma rua da última residência de Charles, toda em pedras douradas e cachos, fora usada pelos nazistas como um dos campos de prisioneiros dentro de Paris. Ali funcionara um dos anexos do campo de concentração de Drancy, onde os judeus tinham que separar, limpar e consertar móveis e objetos roubados pela organização de Rosenberg para os funcionários do Reich.

Então, terrivelmente, uma nota entre colchetes diz que a menina de vestido azul no retrato de Renoir das filhas de Louise Cahen d'Anvers — encomenda ansiosa e infinitamente arranjada por Charles para levantar dinheiro para Renoir — havia sido deportada e morrera em Auschwitz. E então descubro que Leon, filho de Fanny e Theodore Reinach, sua esposa, Beatrice Camondo, e seus dois filhos foram deportados. Morreram em Auschwitz em 1944.

Todas aquelas antigas calúnias, diatribes venenosas contra as famílias judias daquela ladeira dourada, tiveram tardio e espantoso florescimento em Paris.

Ali, naquela casa, não estou à vontade. A sobrevivência dos netsuquês no bolso de Anna é uma afronta. Não suporto esse desliz para o simbolismo. Por que eles conseguiram atravessar a guerra escondidos quando tanta gente se escondeu e não conseguiu? Não consigo mais acomodar pessoas e lugares. Essas histórias me fazem sair dos trilhos.

E há coisas pelas quais venho procurando desde que ouvi essa história, há quase trinta anos, quando me encontrei com Iggie pela primeira vez no Japão. Há um espaço em torno de Anna, como em torno de uma figura de afresco. Ela era gentia. Trabalhou para Emmy desde o casamento. “Ela sempre esteve lá”, Iggie diria.

Foi ela quem deu os netsuquês a Elisabeth em 1945, e Elisabeth pôs o caqui e o veadado de marfim, e os ratos e o caçador de ratos, e as máscaras que ela adorava quando tinha seis anos, e todo o resto desse mundo, numa pequena pasta de couro para levá-los de volta à Inglaterra. Eles podiam ter enchido uma imensa vitrine em um salão de Paris ou num quarto de vestir em Viena, mas cabiam todos em um espaço exíguo.

Não sei nem o nome completo de Anna, ou o que aconteceu com ela depois. Nunca pensei em perguntar, quando podia ter perguntado. Ela era, simplesmente, Anna.

29. “TUDO BASTANTE ÀS CLARAS, PÚBLICA E LEGALMENTE”

Elisabeth levou a pasta com a barafunda de netsuquês para casa. O lar era a Inglaterra agora: não havia dúvida de que ela levaria a família para viver em Viena. Iggie, desmobilizado do exército americano e procurando trabalho, pensava o mesmo. Voltar a Viena era algo que muito poucos judeus teriam feito. Havia 185 mil judeus na Áustria por ocasião do *Anschluss*. Desses todos apenas 4.500 voltaram; 65.459 judeus foram assassinados.

Ninguém foi responsabilizado. A nova república democrática austríaca estabelecida depois da guerra anistiou 90% dos membros do partido nazista em 1948, e da SS e da Gestapo em 1957.

A volta dos emigrados foi vista como um assédio pelos que haviam ficado. O romance de minha avó sobre sua volta a Viena me ajudou a entender como ela se sentiu. Há um momento de confronto especialmente revelador no romance de Elisabeth. Perguntam ao professor judeu por que ele voltou, o que ele esperava da Áustria: “Você foi embora cedo. Quer dizer, você se demitiu antes de ser despedido — e foi embora do país.” Eis a poderosa pergunta-chave: O que você pretende voltando assim? Voltou para tirar algo de nós? Voltou para nos acusar? Para nos mostrar como foi? E, como um tremor subjacente às perguntas: Será que a sua guerra foi pior do que a nossa?

A restituição foi difícil para os que sobreviveram. Elisabeth ficcionaliza isso em um dos momentos mais estranhos do romance, quando um colecionador, Kanakis, repara “em dois quadros escuros, de molduras pesadas, na parede em frente à poltrona em que ele estava, e um sorriso vagou cerrou suas pálpebras”.

“Você realmente reconhece esses quadros?”, exclama o então proprietário. “Eles de fato pertenceram a um cavalheiro que seguramente terá sido conhecido de sua família, o barão E. É provável que você os tenha visto na casa dele. O barão E. infelizmente morreu fora do país, na Inglaterra, creio. Os herdeiros, depois de recuperarem o que conseguiram localizar de seus bens, venderam tudo em leilão, pois já não serviam todas aquelas quinquilharias antiquadas em suas casas modernas, suponho. Comprei-os em casas de leilão, como a maioria das coisas que você vê nesta sala. Tudo bastante às claras, pública e legalmente, o senhor sabe. Não há muita procura por objetos desse período.”

“Não precisa se desculpar, *Herr Doktor*”, responde Kanakis. “Só posso parabenizá-lo pelas pechinchas.”

“Tudo bastante às claras, pública e legalmente” seriam palavras que Elisabeth ouviria lhe repetirem muitas vezes. Descobriu que, na lista de prioridades de uma sociedade fragmentada, a restituição de bens àqueles de quem foram sequestrados era uma das últimas. Muitos daqueles que desapropriaram judeus eram agora respeitáveis cidadãos da nova república austríaca. Era também um governo que rejeitava as reparações, pois, segundo eles, a Áustria havia sido um país ocupado entre 1938 e 1945: a Áustria fora a “primeira vítima”, e não protagonista da guerra.

Como “primeira vítima”, a Áustria precisava resistir aos que pretendiam prejudicá-la. O doutor Karl Renner, advogado e presidente da Áustria no pós-guerra, foi bastante claro a esse respeito. Ele escreveu em abril de 1945:

Restituição de propriedades roubadas dos judeus... [deve ser] não às vítimas individuais, mas a um fundo de restituição coletivo. A criação desse fundo e as seguintes providências previstas são necessárias para evitar um imenso e súbito retorno de exilados (...) Circunstância a que se deve por diversos motivos prestar muita atenção... basicamente o país como um todo não deve pagar pelos prejuízos ocasionados aos judeus.

Quando, no dia 15 de maio de 1946, a República da Áustria aprovou uma lei que declarava todas as transações feitas mediante a discriminação ideológica nazista consideradas anuladas e sem efeito, parecia que um caminho tinha se aberto. Mas a lei era estranhamente inaplicável. Se o seu bem foi vendido sob a política obrigatória da arianização, então você tinha opção de comprá-lo de volta. Se uma obra de arte lhe era devolvida e era considerada significativa para o patrimônio cultural austríaco, era impedida de deixar o país. Mas se você doasse obras para um museu, então havia a possibilidade de obras de arte menos relevantes lhe serem oferecidas.

Para decidir quais obras seriam ou não devolvidas, as agências do governo se valiam dos documentos disponíveis que apresentassem mais autoridade. E tais documentos eram o material organizado pela Gestapo, notável pela minúcia.

Um arquivo, da apropriação da coleção de livros de Viktor, observava que a biblioteca fora doada à Gestapo, mas “não há registro descrevendo seu conteúdo. Embora só devesse ter um pequeno número de obras, dado que o documento da desapropriação menciona o conteúdo de duas caixas grandes e duas pequenas, além de uma estante rotatória”.

Assim, no dia 31 de março de 1948, 191 livros são devolvidos pela Biblioteca Nacional da Áustria aos herdeiros de Viktor Ephrussi; 191 livros são duas prateleiras cheias, alguns metros dentre as centenas que cobriam o escritório.

E foi assim. Onde guardaram os registros de *Herr* Ephrussi? Ele ainda é considerado culpado, mesmo depois de morto. A vida de livros de Viktor se perdeu por conta de um documento cujas iniciais são ilegíveis.

Outro arquivo registra a apropriação da coleção de arte. Contém a correspondência trocada entre os diretores de dois museus. Dele consta um inventário feito pela Gestapo, e eles devem esclarecer o que houve com os quadros do “banqueiro Ephrussi, Wien I., Luegering 14. O inventário não revela uma coleção de arte particularmente valiosa, mas a decoração das paredes do apartamento de um homem rico. A partir do estilo parece claro que o conjunto foi reunido segundo o gosto da década de 1870”.

Não há nenhum recibo, mas “as únicas pinturas que não foram vendidas eram as absolutamente invendáveis”. O que está implícito é que não havia muito o que fazer.

lendo essas cartas, sinto-me idiotamente furioso. Não que tenha alguma importância o fato de esses historiadores da arte não gostarem do estilo “do banqueiro Ephrussi” e da decoração de suas paredes, embora a frase se aproxime muito do “judeu Ephrussi” da Gestapo. Mas o modo como esses arquivos foram usados para encerrar o passado: não há nenhum recibo, é impossível decifrar a assinatura. E haviam se passado apenas nove anos, creio, e essas transações haviam sido feitas pelos colegas deles. Viena é uma cidade pequena. Quantos telefonemas bastariam para apurar o ocorrido?

A infância de meu pai foi marcada por Elisabeth escrevendo cartas e mais cartas contra a maré de frustração das esperanças de restituir a fortuna da família. Ela escrevia, em parte, furiosa com o modo como medidas pseudolegalistas eram tomadas para dissuadir os reivindicantes. Afinal, ela era advogada. Mas, principalmente, porque os quatro filhos estavam em verdadeiras dificuldades financeiras e ela era a única filha na Europa.

Sempre que recuperava um quadro, ele era vendido e o dinheiro, dividido. As tapeçarias Gobelin foram recuperadas em 1949 e vendidas para custear os estudos das crianças. Cinco anos depois da guerra, o Palais Ephrussi foi devolvido a Elisabeth. Não era um bom momento para vender um Palais afetado pela guerra em uma cidade ainda sob controle de quatro exércitos, e o imóvel alcançou meros 30 mil dólares. Depois disso Elisabeth desistiu.

Perguntaram a *Herr* Steinhäusser, antigo sócio de Viktor que se tornara presidente da Associação dos Bancos Austríacos, em 1952, se sabia alguma coisa sobre a história do Banco Ephrussi, que ele havia arianizado. Achava-se que no ano seguinte, 1953, seria o centenário da fundação do banco em Viena. “Não sei nada sobre isso”, ele escreveu em resposta. “Não haverá comemorações.”

Os legatários Ephrussi receberam 50 mil xelins em um acordo de renúncia a qualquer reivindicação futura. Seria o equivalente a cerca de 5 mil dólares.

Acho toda essa história de restituição exaustiva. Consigo imaginar como a pessoa podia passar a vida tentando localizar alguma coisa, perdendo toda a energia com esses regulamentos e cartas de detalhes da lei. Você sabe que sobre a lareira de alguém o relógio do salão deve estar dando as horas, com as sereias líquidas entrelaçadas à base. Você abre um catálogo de arte e vê dois navios numa tempestade, e de repente está junto à porta olhando para a escada com a babá enrolando um cachecol no seu pescoço para a caminhada na Ringstrasse. Em questão de um minuto, recompõe-se toda uma vida, cenário destruído da diáspora de uma família

Uma família que não conseguiu se reconstruir mais. Elisabeth ainda era uma espécie de centro em Tunbridge Wells, escrevendo e mandando notícias, fotografias dos sobrinhos e sobrinhas. Depois da guerra, Henk arranhou um bom emprego em Londres, trabalhando para a agência de assistência das Nações Unidas, e eles voltaram a viver confortavelmente. Gisela estava no México. Passava maus bocados e trabalhava de faxineira para sustentar a família. Rudolf foi desmobilizado e morava na Virgínia. E a moda havia “desistido” de Iggy — como ele dizia. Ele não conseguia mais trabalhar com

vestidos: a linha de Viena a Paris e Nova York se partira com suas experiências de batalha em 1944 na França.

Ele agora trabalhava para Bunge, um exportador de grãos internacional, um retorno inesperado às raízes do patriarca em Odessa. Sua primeira tarefa foi passar um ano em Léopoldville, no Congo Belga, odioso tanto pelo calor como pela brutalidade.

Em outubro de 1947, Iggie visitou a Inglaterra no intervalo entre dois serviços. Haviam lhe oferecido dois postos: voltar ao Congo ou ir para o Japão, nenhum dos dois muito atraentes. Ele foi até Tunbridge Wells para ver Elisabeth e Henk e os sobrinhos, e visitar pela primeira vez a sepultura do pai. Só então pensaria na decisão sobre o seu futuro.

Foi depois do jantar. Os meninos haviam feito a lição de casa e já estavam na cama. Elisabeth abriu a pasta de couro e mostrou a Iggie os netsuquês.

Uma barafunda de ratos. A raposa de olhos incrustados. O macaco em torno da abóbora. O lobo úgrado. Eles tiraram alguns e colocaram na mesa da cozinha da casa do subúrbio.

Não falamos nada, Iggie me contou. A última vez que olhamos para eles tinha sido no quarto de vestir de minha mãe, trinta anos antes, sentados no tapete amarelo.

Vou para o Japão, ele disse. Vou levá-los de volta.

Parte IV

TÓQUIO, 1947-2001



No dia 1.º de dezembro de 1947, Iggy recebeu a Permissão Militar número 4.351 para entrar no Japão, G1 GHQ FEC, Tóquio. Seis dias depois chegou à cidade ocupada.

Vindo do aeroporto Haneda, o táxi desviou dos piores buracos na estrada, das crianças, dos ciclistas e das mulheres de calças largas a caminho do centro. Tóquio era uma paisagem estranha. A primeira coisa que se via eram os floreios caligráficos dos cabos elétricos e telefônicos ligados, em toda e qualquer direção, aos rufos enferrujados dos barracos. Então, na luz do inverno, o monte Fuji erguendo-se a sudoeste.

Os americanos bombardearam Tóquio durante três anos, mas os ataques de 10 de março de 1945 foram cataclísmicos. Muralhas de chamas dos bombardeios incendiários, “semeando fogo do céu”: cem mil pessoas foram mortas e cerca de 25 quilômetros quadrados da cidade foram destruídos.

Apenas uns poucos edifícios escaparam da demolição ou de serem incinerados. Entre os sobreviventes, incluía-se o Palácio Imperial, atrás de suas cinzentas baterias de rocha e seus largos fossos, uns poucos construídos de pedra ou concreto, o estranho *kura*, depósito onde as famílias de comerciantes guardam seus tesouros, e o Imperial Hotel. Este fora projetado por Frank Lloyd Wright em 1923, uma fantástica construção de templos de concreto em volta de uma série de piscinas, numa versão ligeiramente asteca de japonismo. Este também sobrevivera ao terremoto de 1923, e estava arranhado, mas praticamente intacto. Assim também o edifício do Parlamento japonês, a Assembleia Legislativa, alguns ministérios, a Embaixada Americana e prédios de escritórios em Marunouchi, o bairro dos negócios, em frente ao palácio.

Todos haviam sido requisitados pelas autoridades da Ocupação. O jornalista Charles John Morris, mais tarde John Morris, escreveu sobre essa área estranha em seu diário de viagens de 1947, *The Phoenix Cup*: “Marunouchi é uma pequena ilha americana cercada de um mar de cinzas japonesas, destroços e latas enferrujadas. Percorrendo os quarteirões, músicas diferentes da estação de rádio das Forças Armadas espancam os tímpanos, e soldados ruminantes de folga se encostam como lhes for mais conveniente em qualquer muro (...) ali bem poderia ser Denver...”

Foi ali, no mais grandioso desses edifícios, o Dai-Ichi (Número Um), que o general MacArthur fez seu quartel-general. O Supremo Comando das Forças Aliadas (SCAP). O daimiô ianque.

Iggy chegou dois anos depois que o imperador transmitiu o discurso da derrota em seu falsete agudo, usando uma dicção e uma forma de locução desconhecidas de todos fora da corte, avisando que “serão grandes a dureza e o sofrimento pelos quais nosso país passará...”. Nos meses seguintes, Tóquio se acostumaria ao exército de ocupação. Os americanos haviam declarado que governariam com sensibilidade.

Na fotografia do general e do imperador na Embaixada Americana em Tóquio, a

relação fica clara. MacArthur está de uniforme cáqui, uma camisa sem colarinho e botas. Com as mãos na cintura, um “grande soldado americano sem galardões”, conforme a matéria da *Life*. O imperador está a seu lado. Esguio, imaculado, em seu terno preto, colarinho dobrado e gravata listrada, protocolar. Sensibilidade e modos, é o que diz a foto, agora estão sendo negociados. A imprensa japonesa se recusa a publicar a foto. No dia seguinte à fotografia, a imperatriz manda à senhora MacArthur um buquê de flores do jardim do palácio. E alguns dias depois uma caixa de laca com o brasão imperial. Mensagens cautelosas, aflitas, começam com presentes.

O táxi de Iggie deixa-o no Teito Hotel, defronte ao palácio. Não era difícil conseguir os papéis para entrar no Japão, ou a permissão para ficar; o difícil era depois conseguir hospedagem na chegada, pois o Teito era um dos dois únicos hotéis ainda de pé. A comunidade de civis expatriados era minúscula. Além dos corpos diplomáticos e da imprensa, havia apenas um punhado de executivos como Iggie e uns poucos acadêmicos. Ele chegara quando os processos dos criminosos de guerra, entre eles Hideki Tojo e Ryukichi Tanaka, chefes da polícia secreta, estavam começando no Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente. Tojo, segundo a imprensa ocidental, tinha a “misteriosa presunção de um samurai”.

Havia constantes editais do Supremo Comando Aliado sobre cada mínimo detalhe da vida civil ao modo como o Japão seria governado, e isso refletia muitas dessas sensibilidades americanas. MacArthur decidira que haveria separação entre religião (xintoísta) — profundamente implicada na ascensão do nacionalismo dos últimos 15 anos — e governo. Ele também queria quebrar o poderio dos grandes conglomerados industriais e comerciais:

O imperador é o chefe de Estado (...) seus deveres e poderes serão exercidos de acordo com a nova Constituição e com a vontade geral do povo conforme o previsto neste documento (...) A guerra como direito soberano nacional está abolida (...) O sistema feudal japonês chega ao fim (...) Nenhuma patente de nobreza doravante representa em si mesma qualquer poder nacional ou civil de governo.

MacArthur decidira também que as mulheres deveriam votar pela primeira vez na história do Japão e que os turnos de vinte horas nas fábricas seriam reduzidos a oito. A democracia chegava ao Japão, era o que anunciava o SCAP. A imprensa, tanto local quanto estrangeira, era censurada.

O exército americano em Tóquio tinha seus próprios jornais e revistas, assim como sua própria rádio bombardeando dos postos de sentinelas. Tinha também seus bordéis (a RAA, Associação de Recreações e Diversões) e seus estabelecimentos autorizados de escolha (o Oásis de Ginza, onde as moças se vestiam com “imitações baratas de longos casuais”, nas palavras de um comentarista americano). Havia vagões especiais para os membros do Exército de Ocupação. Um teatro fora solicitado e se tornara o “Ernie

Pyle”, onde os soldados podiam assistir a filmes e revistas, ir a uma biblioteca ou algum dos “vários salões maiores”. E havia ainda lojas exclusivas para os ocupantes, as OSS (Loja de Abastecimento Internacional) e as PX, apenas de comida, cigarros, utensílios para casa e destilados americanos e europeus. Só aceitavam dólares americanos ou MFC: certificados de pagamento militar, um bônus do exército.

Como se tratava de um país ocupado, tudo eram siglas — indecifráveis tanto para os derrotados como para os recém-chegados.

Naquela estranha cidade derrotada, os nomes das ruas haviam sido arrancados, de modo que agora havia uma avenida A e uma rua 10. Além dos jipes militares e do Cadillac preto 1941 do general MacArthur, com um sargento ao volante e uma escolta de jipes brancos da polícia pelas ruas a caminho do escritório dele, havia peruas japonesas e caminhões movidos a carvão ou lenha, cuspidos fumaça, e táxis triciclos, os *bata-bata*, atolando nos imensos buracos da pista. Ainda havia gente esperando notícias ou informações na estação de Ueno sobre o paradeiro de parentes, soldados voltando ao país.

A pobreza desses anos foi extrema. A destruição de 60% da cidade significou uma superlotação em barracos reconstruídos com os materiais disponíveis. O exército americano monopolizou a maior parte dos materiais de construção nos primeiros 18 meses. Mas isso também significava que os trabalhadores precisavam ficar horas até conseguir uma passagem para aqueles trens de subúrbio. Roupas novas eram muito difíceis de se comprar, e foi comum durante anos após a guerra ver homens da reserva ainda fardados, sem brasões, e mulheres de *mompei*, as calças largas que usavam na roça.

Faltava combustível. Todo mundo passava frio. Os banhos cobravam preços de mercado negro pela primeira hora antes que a temperatura da água começasse a baixar. Os escritórios quase não tinham aquecimento, mas os funcionários “não tinham nenhuma pressa de ir embora, pois não havia muito mais que fazer. A maioria dos escritórios tinha algum tipo de aquecimento no inverno, e os empregados conseguiam se manter aquecidos contanto que continuassem ali”. Durante um inverno ruim, os maquinistas diziam que não sopravam o apito da locomotiva para economizar carvão.

Sobretudo, simplesmente não havia comida suficiente. Isso significava sair de casa antes de o dia nascer em trens lotados para ir atrás de arroz no interior. Havia rumores de que agricultores vinham acumulando pilhas de trinta centímetros de dinheiro. Ou significava ir ao mercado paralelo a céu aberto que se formaram nas estações de Tóquio. Havia uma alameda Americana na feira junto à estação de Ueno vendendo suprimentos desapropriados das próprias forças de ocupação. Cobertores do exército americano eram muito procurados. “Como as árvores soltam suas folhas, os japoneses tiraram seus quimonos, um a um, e venderam em troca de comida. Criaram até um nome irônico para sua vida difícil: *takenoko*, como o broto de bambu que se descasca, camada após camada.” Diante dessa dureza, a frase do momento era *Shikata ga nai*. “Não há nada a fazer a respeito”, seguida de um tático: “então não reclame”.

Muitos desses produtos americanos — as latas de carne, os biscoitos Ritz e os Lucky

Strike — eram vendidos no mercado negro pelas *panpan*, uma “esquálida tribo de harpias (...) meninas que iam com soldados em troca de comida (...) Durante o dia, elas vagavam em vestidos baratos e provocantes das PX, falando e conversando alto, quase invariavelmente mascarando chicletes, ou enfurecendo cidadãos famintos nos trens e ônibus ao exibirem suas guloseimas de origem suspeita”.

Muito se discutiu sobre o papel dessas garotas e o que elas significaram para o Japão. Temia-se que as *panpan* fossem vistas pelo exército americano como um sacrifício para preservar a decência da maioria das japonesas. Isso aliado ao horror diante do batom que elas usavam, suas roupas e o modo como beijavam em público. O beijo se tornou um símbolo da liberação das convenções que veio com a Ocupação.

Havia também os bares gays — o que Yukio Mishima chamava de *gei pati* em seu romance *Kinjiki* [Cores proibidas], transformado em série no início dos anos 1950. *Gei* era escrito em letras latinas, indicando que já era de uso corrente. O Hibiya Park era um popular ponto de encontro. Meu único guia é o suspeito Mishima: “Ele entrou na penumbra, à luz viscosa do toalete, e viu o que se chamava de escritório de programa entre os entendidos. (Há quatro ou cinco pontos importantes em Tóquio.) Era um escritório onde o procedimento tácito se baseava em piscadas em vez de documentos, mínimos gestos em vez de papéis, comunicações em código em vez de telefone.”

Havia uma necessidade de demonstrar empreendedorismo. Essa nova geração ficaria conhecida coloquialmente como *Apure*, de “*après-guerre*”. Um *apure* é um “universitário que frequenta salões de dança, passa nos exames pagando alguém e é capaz de atividades ilícitas para ganhar dinheiro”. A chave estava no modo heterodoxo de sobrevivência, assim como nas aspirações de alcançar um padrão de vida americano. Conseguiram subverter as normas sobre como trabalhar. “Depois da guerra, atrasar-se virou a norma”, escreveu um comentarista japonês sobre esses *apure*. Roldiam se atrasar, trapacear nos exames e ainda eram conhecidos como michês ganhando a vida, capazes de tirar dinheiro do nada. Ganhar a vida significava conseguir usar camisas havaianas floridas, cintos de náilon ou mesmo calçados de sola de borracha, o que chamavam de “três regalias sagradas”, numa irônica referência aos três símbolos sagrados associados ao imperador. Nos anos seguintes à derrota, houve uma enxurrada de novas revistas para rapazes, com artigos sobre “Como economizar um milhão de ienes” ou “Como ficar milionário começando do zero”.

Em Tóquio, no verão de 1948, o grande sucesso era a canção “Tokyo Boggie-Woogie”. Estava em todos os alto-falantes nas ruas e nos anúncios das casas noturnas. “Tokyo Boggie-Woogie / Ritmo uki-uki / Kokoro zuki-zuki / Waku-waku.” Era só o começo, dizia a imprensa, da *kasutori*, cultura barata: que há de nos desbançar. Vulgar e insolente, hedonista, sem limites.

As lojas extravasam pelas ruas. Há veteranos de quimonos brancos mendigando nas ruas, pernas e braços mecânicos soltos diante deles, uma placa com a lista das campanhas em que lutaram. Crianças perambulam por toda parte. Órfãos de guerra com histórias de pais mortos de tifo na Manchúria, mendigos, ladrões, selvagens. Pregões de crianças

pequenas vendendo *chocoretto* ou cigarros, frases da primeira lição do Manual de Conversação Japonês-Inglês:

Obrigado!

Muitíssimo obrigado!

Como vai?

Ou como eles aprendem, foneticamente: *San kyu! San kyu ofuri! Hau dei dou?*

Os sons dos *pachinko*, a cascata cacofônica de milhares de bolinhas de metal ricocheteando nas máquinas. Você comprava 25 pelo equivalente a um xelim e, com habilidade, conseguia ficar várias horas sob aquelas luzes alimentando o brinquedo. Os prêmios — cigarros, giletes, sabão e lata de carne — podiam ser vendidos de volta ao proprietário por outro punhado de bolas, por algumas outras horas de esquecimento.

Uma vida nas ruas, nas calçadas defronte a um bar de assalariados bêbados com seus paletós pretos e gravatas estreitas sobre blusas de lã. Urinando nas ruas, cuspiendo. Comentários sobre a sua altura, a cor do cabelo. A ladainha cotidiana das crianças vindo atrás dizendo *gai-jin, gai-jin*, estrangeiro, estrangeiro. E então a outra vida das ruas de Tóquio: as massagistas cegas, os fabricantes de tatame, vendedores de conservas, velhas paráliticas, monges. Ali os vendedores de espetos de carne de porco e pimentas, o chá ocre, gordurosos doces de castanha, peixe salgado e aperitivos de alga marinha, o cheiro de peixe grelhado em braseiros de carvão. A vida nas ruas significa ser abordado por engraxates, floristas, artistas itinerantes, malandros de bar, além dos cheiros e ruídos.

Se você fosse estrangeiro, não podia confraternizar com eles. Não podia entrar na casa de um japonês, ou ir a um restaurante japonês. Mas nas ruas você fazia parte daquele mundo barulhento de gente se acotovelando.

Iggie tinha uma pequena pasta de executivo cheia de monges de marfim, artesãos e mendigos, mas não sabia nada do país.

Iggie me contou que, antes de chegar, tinha lido um único livro sobre o Japão, *O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa*, comprado no caminho, em Honolulu. O livro foi escrito pela etnógrafa Ruth Benedict a convite do Escritório Americano de Informação de Guerra, organizado através de pesquisa em recortes da imprensa, literatura traduzida e entrevistas com prisioneiros. Sua clareza talvez se deva ao fato de que Benedict não teve nenhuma experiência direta no Japão. Existe uma agradável polaridade singela no livro, entre a autorresponsabilidade e a espada do samurai e o crisântemo, que é levado a adquirir sua forma estética por meio de arames ocultos. A famosa tese de que o Japão possui uma cultura da vergonha e não uma cultura da culpa foi muito influente nos escritórios americanos do centro de Tóquio que planejavam como seria a educação, as leis e a vida política japonesas. O livro de Benedict foi traduzido para o japonês em 1948 e tornou-se extremamente popular. Claro que sim. O que poderia ser mais intrigante do que saber como os americanos viam o Japão? E como uma mulher via o Japão, no caso.

O exemplar de Iggie está na minha frente enquanto escrevo. Suas anotações minuciosas a lápis — basicamente pontos de exclamação — se interrompem a setenta páginas do fim e os últimos capítulos sobre autodisciplina e infância. Talvez o avião tivesse pousado.

O primeiro escritório de Iggie ficava no bairro comercial de Marunouchi, com suas ruas sem graça e largas. No verão ficava insuportavelmente quente, mas ele se lembrava do frio daquele primeiro inverno de 1947. Havia um pequeno *hibachi*, o forno a carvão, em cada escritório, mas que apenas dava uma impressão de calor. Eles permitem a possibilidade de fazê-lo, mas não aquecem propriamente. Seria preciso colocar um desses embaixo do casaco para fazer diferença.

É noite lá fora. Os escritórios estão iluminados além da saída de incêndio. Cabeças abaixadas sobre as máquinas de escrever, as mangas das camisas brancas dobradas duas vezes, esses jovens japoneses estão ocupados com o milagre japonês. Cigarros e ábacos espalhados entre papéis. Eles têm poltronas giratórias. Iggie está meio escondido, de pé com um maço de papéis, num escritório de vidro opaco e telefone (raridade).

O escritório sabe que o dia acabou quando Iggie desaparece pelo corredor pouco antes das cinco. Para fazer a barba é preciso água quente, então ele esquentava uma chaleira no *hibachi* do escritório. E ele precisa se barbear antes de sair.

Iggie odiou morar no hotel da parte Denver de Tóquio e em questão de semanas ele se mudou para sua primeira casa. Ficava em Senzoku, junto ao lago Senzoku, na parte sudeste da cidade. Era mais do que um laguinho, ele me contou — e, aflito para deixar isso bem claro, um grande lago de Thoreau, não uma mera lagoa inglesa. Mudou-se no inverno, e lhe haviam contado das cerejeiras do jardim e ao redor da água, mas ele ainda não estava preparado para o efeito da chegada da primavera. O drama se desenrolou

diante dele, a ponto de haver tamanha abundância de flores que ele disse que parecia uma ofuscante nuvem branca através da retina. Você perdia a noção de fundo e figura ou de distância, e flutuava.

Depois de muitos anos vivendo apenas com o conteúdo de uma ou duas malas, esta foi a primeira casa de Iggie. Estava com 42 anos e havia morado em Viena, Frankfurt, Paris, Nova York e Hollywood, e em alojamentos militares por toda a França e a Alemanha — e em Léopoldville —, mas nunca fora capaz de fechar uma porta da própria casa até essa primeira liberada e arrebatadora primavera no Japão.

A casa fora construída nos anos 1920, com uma sala de jantar octogonal e uma varanda dando para o lago, perfeita para coquetéis. Você saía da sala e chegava a uma pedra enorme e plana, e depois descia para os jardins com pinheiros e azaleias aparados, um terraço de pedras dispostas de modo cuidadosamente aleatório, e um jardim de musgo. Era um tipo de casa que o jovem diplomata japonês Ichiro Kawasaki descreveu: “Antes da guerra, um professor universitário ou um coronel do exército podia construir uma casa dessas e morar nela. Hoje essas casas são consideradas caras demais para manter, e os donos acabam vendendo ou alugam para estrangeiros.”



Uma festa de verão em Senzoku, Tóquio, 1951

Estou olhando um punhado de pequenas fotos Kodachrome de cantos arredondados dessa primeira casa de Iggie em Tóquio. “O zoneamento é um assunto de que pouco se ocuparam os urbanistas japoneses. É muito comum você ver trabalhadores morando em uma favela de barracos de madeira vizinhos a um palácio de um milionário.” Era o caso ali, embora a obra nos barracos esteja transformando os da esquerda e os da direita em barracos de concreto em vez de madeira e papel. O bairro estava recomeçando: templos e santuários, a feira, o homem que consertava bicicleta e o comércio do fim da rua — mais uma trilha do que uma rua — onde vendiam gordos rabanetes *daikon*, repolhos, e olhe lá.

Tudo começa na escada da entrada da casa de Iggie, ele de mãos nos bolsos, uma presilha reluzente sobre a gravata de seda verde. Ele agora é um homem corpulento, que gosta de andar com um lenço no bolso do paletó. Essa é outra coisa que os rapazes no escritório passaram a imitar, o conjunto combinando lenço no bolso e gravata. Hoje ele está com sapatos de amarrar. Parece um tanto senhorial. Ele podia estar em plena Cotswolds não fossem os pinheiros aparados que o ladeiam e as telhas verdes. Entramos por um longo corredor e viramos à esquerda, onde o cozinheiro, senhor Haneda, está todo de branco, de olhos fechados pelo flash, inclinado sobre o novo fogão, chapéu de chef colocado divertidamente para trás. Um frasco de ketchup Heinz é o único alimento à vista, vermelho Kodachrome contra o esmalte ofuscantemente limpo.

De volta ao corredor, passamos por uma porta aberta, sob uma máscara de Nô, e entramos na sala de estar. O teto é de ripas de madeira. Todas as luzes estão acesas. Os objetos são expostos em discretos móveis coreanos e chineses, escuros, de linhas simples, junto a confortáveis sofás baixos, uma ou outra mesa e luminária, cinzeiros e cigarreiras. Um buda de madeira de Kyoto sobre uma caixa coreana, uma mão erguida em bênção.

O bar de bambu abriga uma impressionante quantidade de bebidas, nenhuma das quais consigo identificar. É uma casa feita para festas. Festas com criancinhas engatinhando, e mulheres de quimonos, e presentes. Festas com homens de ternos escuros sentados em torno de pequenas mesas redondas, embalados de uísque. Festas de ano-novo com ramos cortados dos pinheiros pendurados no teto, e festas sob as cerejeiras, e uma única vez — no espírito da poesia — uma festa à luz dos pirilampus.

Aqui, sim, havia muita confraternização: amigos japoneses, americanos e europeus, sushi e cerveja servidos pela senhora Kaneko, a empregada de uniforme. Aqui, mais uma vez, reinava a liberdade.

É novamente também uma casa com pompa. Nada das quinquilharias da infância no Palais: um interior teatral de biombos verdes e pergaminhos, pinturas e vasos chineses, criado para ser o novo lar dos netsuquês.

Bis bem no centro dessa casa, no centro da vida de Iggie, estão os netsuquês. Iggie projetou uma vitrine para eles. Um papel de parede por trás, com um padrão azul-claro de crisântemos. Não só os 264 netsuquês estão de volta ao Japão, como estão outra vez sendo expostos em um salão. Foram colocados por Iggie em três longas prateleiras de vidro. Há luzes ocultas de modo que na penumbra a vitrine brilha em todas as gradações de creme, osso e marfim. À noite podem iluminar todo o ambiente.

Aqui os netsuquês voltam a ser japoneses.

Perdem o exotismo. São versões surpreendentemente acuradas dos alimentos que se comem aqui: moluscos, polvos, pêssegos, caquis, brotos de bambu. O feixe de lenha junto à porta da cozinha está amarrado como esse netsuquê entalhado por Soko. As lentas e enfáticas tartarugas que sobem uma na outra na margem junto ao lago do templo são seu netsuquê de Tomokazu. Você talvez não encontre tantos monges, andarielhos ou pescadores, muito menos tigres, no caminho para o escritório em Marunouchi, mas o sujeito na barraca de macarrão da estação de trem tem a mesma carranca permanente do caçador de ratos frustrado.

Os netsuquês partilham do imaginário dos pergaminhos japoneses e dos biombos dourados do outro lado da sala. Têm com o que dialogar nesse cômodo, diferentemente dos Moreau e Renoir de Charles, ou os frascos de prata e cristal dos perfumes na penteadeira de Emmy. Sempre foram objetos próprios para serem pegos, manuseados. Não só são familiares em termos materiais (palitos de marfim e madeira são talheres de todo dia), mas também seus formatos estão profundamente entranhados. Toda uma variedade de netsuquês, o *manju*, recebe o nome dos bolinhos doces de tofu comidos diariamente com chá ou apresentados como *o-miyagi*, pequenos presentes que se

oferecem aonde quer que se vá no Japão. Os *manju* são densos e surpreendentemente pesados, mas se amassam um pouco quando você pega. Quando você pega um netsuquê *manju*, o polegar espera a mesma sensação.

Muitos dos amigos japoneses de Iggy nunca sequer tinham visto, muito menos segurado na mão, um netsuquê. Jiro só se lembrava de seu avô, um empresário, vestindo um quimono cinza-escuro próprio para casamentos ou funerais. Cinco motivos heráldicos no colarinho, nas mangas e nos punhos, meias brancas de dedos separados e geta, os tamancos de madeira, a larga cinta *obi* com seu nó firme na cintura, e um netsuquê — algum animal? Um rato, talvez? — preso ao cordão. Mas os netsuquês estavam desaparecidos da vida cotidiana havia cerca de oitenta anos, no início do período Meiji, quando os quimonos para homens foram desestimulados. Nas festas de Iggy, com copos de uísque e pratos de edamame, vagem de soja fervida, pelas mesas, as vitrines foram abertas. Pessoas voltaram a pegar os netsuquês, a admirá-los, foram passados de mão em mão e apreciados. E os amigos explicavam o que era cada um. Como estamos em 1951, Ano da Lebre no zodíaco, você pega o netsuquê de marfim mais claro da coleção e explica que ele brilha pois é uma lebre lunar correndo contra as ondas, iluminada pelo luar.

A última vez que os netsuquês haviam sido assim socialmente manuseados fora em Paris, por Edmond de Goncourt, por Degas e Renoir no salão de Charles Ephrussi, com seu bom gosto contemporâneo, entre conversas sobre diversidades eróticas e a nova arte.

Agora que estão de volta ao Japão, os netsuquês são uma memória de conversas com avós sobre caligrafia, poesia, o *shamisen*. Para os convidados japoneses de Iggy, aquilo fazia parte de um mundo perdido, tornado ainda mais duro pela depressão depois da guerra. Vejam, reprovam os netsuquês, a fartura de tempo que se tinha antes.

Aqui também eles fazem parte de uma nova versão de japonismo. Versões da casa de Iggy saem reproduzidas em revistas de design internacional dos anos 1950, com sua ênfase na acomodação do estilo japonês à casa contemporânea. A referência ao Japão podia estar em um Buda, um biombo, um pote rústico da nova tendência do artesanato popular. A *Architectural Digest* está cheia de casas nos Estados Unidos com esses objetos e uma folha dourada no vestibulo, uma parede de espelhos, seda revestindo as paredes, grandes janelas de vidro laminado e pinturas abstratas.

Nessa casa de Tóquio de um americano adotivo há um *tokonoma*, o importante nicho das casas tradicionais, um espaço separado da casa por um pilar rústico de madeira. Folhas de capim são dispostas num cesto junto a um pergaminho pintado e uma tigela japonesa. Quadros japoneses contemporâneos de pessoas estioladas e cavalos de Fukui, um de seus jovens pintores favoritos, pendurados nas paredes. A canônica coleção de livros de arte japonesa de Iggy, Proust ao lado de James Thurber e pilhas e pilhas de romances policiais americanos cobriam as estantes.

Mas ali em meio à arte japonesa havia também algumas pinturas do Palais Ephrussi de Viena, colecionadas por seu avô nos anos de ouro da ascensão da família durante a

década de 1870. Um quadro de um menino árabe feito por um pintor que Ignace sustentara em suas viagens pelo Oriente Médio. Duas paisagens austríacas. Uma pequena pintura holandesa de vacas contentes que outrora ficara em algum remoto corredor. Em sua sala de jantar, acima de um bufê, há um quadro melancólico de um soldado com um mosquete na penumbra de um arvoredo, que costumava ficar no closet do pai no final do corredor, ao lado de *Leda e o cisne* e do busto de *Herr Wessel*.

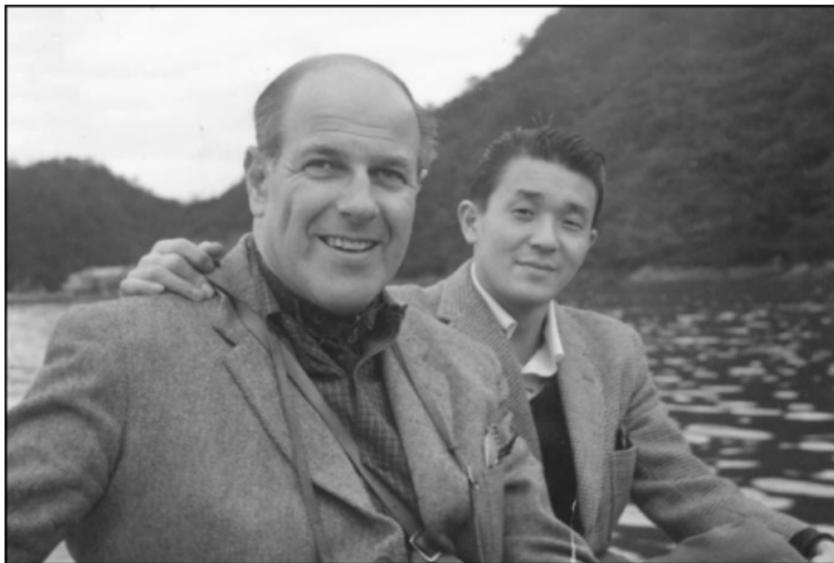
Ali está o que Elisabeth conseguiu amealhar com a restituição obtida em Viena, ao lado dos pergaminhos japoneses de Iggie. Isso também é uma certa confraternização: o *Ringstrassenstil* no Japão.

Essas fotos são vívidas: irradiam felicidade. Iggie tinha talento para se entrosar, aonde quer que fosse — há fotos dele com soldados amigos durante a guerra, brincando com um mascote adotado dentro de um bunker em ruínas. No Japão, ele é expansivo com os amigos japoneses e ocidentais nesse cenário eclético.

Sua felicidade ainda aumentou quando ele se mudou para outra bela casa com jardim e localização mais conveniente em Azabu. Ele odiava o conceito daquele bairro — uma colônia *gaijin* cheia de diplomatas —, mas a casa era imponente, com uma série de cômodos interligados e um jardim em declive saindo dos quartos, tomado de camélias brancas.

Era grande o bastante para construir um apartamento separado para seu jovem amigo Jiro Sugiyama. Eles haviam se conhecido em julho de 1952. “Encontrei por acaso um velho colega de escola saindo de um prédio em Marunouchi, que me apresentou o chefe, Leo Ephrussi (...) Duas semanas depois, recebi um telefonema do Leo — sempre o chamei de Leo — me convidando para jantar com ele. Comemos lagosta terrível no jardim da cobertura do Tokyo Kaikan (...) e através dele eu consegui um emprego em uma antiga companhia Mitsui, a Sumitomo.” Eles ficaram juntos por 41 anos.

Jiro tinha 26 anos, era magro e bonito, fluente em inglês e adorava Fats Waller e Brahms. Quando eles se conheceram, ele havia acabado de voltar de três anos estudando como bolsista de uma universidade americana. Seu passaporte da Administração das Forças de Ocupação tinha carimbado o número 19. Jiro se lembrava da aflição que sentira sobre o tratamento que receberia na América, e como dizia o jornal: “Um jovem japonês chegando à América num terno cinza de flanela e camisa branca de botões.”



Iggie e Jiro em barco no Mar Interior do Japão, 1954

Jiro era o filho do meio de cinco irmãos numa família de comerciantes que faziam tamancos laqueados em Shizuoka, a cidade entre Tóquio e Nagoia: “Nossa família fazia os melhores, *geta* pintados com laca *urushi*. Meu avô Tokujiro fez nossa fortuna com *geta* (...) Tínhamos uma casa grande e tradicional com dez pessoas trabalhando na loja, e todos tinham seus aposentos para morar.” Eram uma família próspera e empreendedora, e em 1944 Jiro, com 18 anos de idade, foi mandado à escola preparatória para a Universidade Waseda, em Tóquio, e depois para a própria universidade. Jovem demais para a guerra, ele viu Tóquio se fechar ao seu redor.

Jiro, meu tio japonês, fazia parte da minha vida havia tanto tempo quanto Iggie. Sentávamos no escritório de seu apartamento em Tóquio e ele contava daqueles primeiros tempos dos dois juntos. Saíam da cidade nas noites de sexta-feira e “passávamos o fim de semana fora de Tóquio, em Hakone, Ise, Kyoto, Nikko, ou ficávamos em *ryokan** e *onsen*** e comíamos muito bem. Ele tinha um DeSoto amarelo, conversível, de capota preta. A primeira coisa que Leo sempre queria fazer depois que deixávamos as malas no *ryokan* era ir aos antiquários — vasos chineses, japoneses, móveis...”. E durante a semana eles se encontravam depois do trabalho. “Ele falava: ‘Me encontre no restaurante Shiseido para comermos arroz com carne ao curry ou um croquete de caranguejo.’ Ou nos encontrávamos no bar do Imperial. Foram tantas festas em casa! Ficávamos bebendo uísque até tarde da noite, depois que todos iam embora, ouvindo ópera no gramofone.”

A vida deles era em Kodachrome — chego a ver o carro amarelo e preto como uma vespa por uma estrada deserta dos alpes japoneses, um croquete enquadrado em branco.

Juntos exploraram o Japão, um fim de semana numa pousada especializada em trutas de rio; outro no litoral para o *matsuri* do outono — um desfile festivo de barcas vermelhas e douradas. Iam às exposições de arte nos museus de Ueno Park. E à primeira exposição itinerante dos impressionistas dos museus da Europa, onde as filas iam da entrada ao portão. Depois de verem os Pissarro, Tóquio pareceu Paris na chuva.

Mas a música falava mais ao coração da vida deles dois juntos. A Nona Sinfonia de Beethoven se tornara extremamente popular durante a guerra. A Nona — *Dai-ku*, como era conhecida informalmente — tornou-se parte integrante das festas de fim de ano, com grandes corais cantando a “Ode à alegria”. Sob a Ocupação, a Orquestra Sinfônica de Tóquio fora parcialmente patrocinada pelas autoridades com programas escolhidos com base em pedidos das tropas. E agora, no começo dos anos 1950, havia orquestras regionais espalhadas por todo o país. Crianças de mochila saindo da escola levavam seus estojos de violino. Orquestras estrangeiras começaram a vir, e Jiro e Iggie iam sempre aos concertos: Rossini, Wagner e Brahms. Assistiram ao *Rigoletto* juntos, e Iggie se lembrou de que tinha sido a primeira ópera que vira com a mãe no camarote deles em Viena, durante a Primeira Guerra Mundial, e que ela chorou ao cair o último pano.

E assim este é o quarto lugar de descanso dos netsuquês. Uma vitrine numa sala em Tóquio depois da guerra dando para um canteiro de camélias, onde os netsuquês são banhados tarde da noite por ondas do *Fausto* de Gounod a todo volume.

* Hospedaria típica japonesa. (*N. do T.*)

** Águas termais. (*N. do T.*)

32. ONDE VOCÊ OS CONSEGUIU?

A chegada dos americanos significou que o Japão, novamente, se tornou um país saqueado, um país cheio de objetos atraentes, vasos Satsuma, quimonos, lacas e espadas douradas, biombos com peônias, gaveteiros com puxadores de bronze. As coisas japonesas eram muito baratas, muito abundantes. A primeira matéria da *Newsweek* sobre o Japão ocupado, de 24 de setembro de 1945, trazia a manchete “Tanques na Caçada do Quimono, Saiba o que as Gueixas Não Faz” [sic]. Essa abusada e hermética manchete, juntando suvenires e garotas, resume a Ocupação. O *New York Times* mais tarde, naquele ano, diria “Marinheiros Vão às Compras”: se você fosse um soldado não haveria muito mais que comprar, depois de ter gastado todo o soldo em cigarros, cervejas e garotas.

Um bem-sucedido *après-guerre* abriu uma pequena cabine de câmbio no porto de Yokohama, convertendo dólares em ienes para os primeiros soldados americanos. Ele também comprava e revendia cigarros americanos. Mas, crucialmente, um terço do negócio era vender “bricabraques japoneses baratos, como imagens de Buda de bronze. Candelabros de latão, incensórios, que ele salvara de áreas bombardeadas. Sendo grandes novidades naqueles dias, essas curiosidades vendiam feito pão quente”.

Como você sabia o que comprar? Todo soldado “tinha que aturar uma hora de assuntos difíceis como arranjo floral japonês, a queima do incenso, casamento, vestimenta, cerimônia do chá e a pesca com o cormorão”, comentava acidamente John LaCerde em *O conquistador vem para o chá: o Japão sob MacArthur*, publicado em 1946. Para os mais sérios, havia os novos guias para a arte e o artesanato japoneses, impressos em papel cinza tão fino que parecia um lenço. A Agência Nacional de Turismo do Japão publicava seus guias “para dar ao turista e outros interessados no Japão um conhecimento básico dos vários períodos da cultura japonesa”. Incluíam, entre outros assuntos: *Arte floral japonesa*, *Hiroshige*, *Quimono (indumentária japonesa)*, *Cerimônia do chá no Japão*, *Bonsai (miniaturas de árvores em vasos)*. E, é claro, *Netsuquê: uma arte da miniatura japonesa*.

Do vendedor do bricabraque no porto de Yokohama ao homem com vários leques sobre um tecido branco diante do templo, o difícil era encontrar onde o Japão não estava à venda. Era tudo antigo, ou vendido como antigo. Você podia comprar um cinzeiro, um isqueiro ou uma toalha para o chá com imagens de gueixas, monte Fuji, glicínias. O Japão era uma série de fotos automáticas, cartões-postais coloridos como brocados, flores de cerejeira róseas como algodão-doce. Madame Butterfly e Pinkerton, clichê sobre clichê. Mas você também podia facilmente comprar “um exótico remanescente da Era dos Daimiôs”. Como a *Time* descreveu no artigo “Iene por Arte”, sobre os irmãos Hauge, que haviam formado uma extraordinária coleção de arte japonesa:

Dos incontáveis soldados que serviram no Japão, poucos deixaram de acumular

suvenires. Mas pouquíssimos americanos se deram conta do paraíso dos colecionadores que tinham ali a seu alcance (...) Os Hauge aproveitaram a espiral de inflação que levou o iene japonês de 15 para 360 por dólar. Ao mesmo tempo os Hauge estavam acumulando pilhas de ienes, famílias japonesas, atingidas pelos impostos do pós-guerra, viviam uma existência de “casca de cebola”, livrando-se de seus tesouros da arte, para não naufragarem, um por um.

Casca de cebola, broto de bambu. Eram imagens de vulnerabilidade, ternura e lágrimas. Eram também imagens de desnudação. Comparavam-se às histórias avidamente contadas e recontadas por Philippe Sichel e os Goncourt em Paris durante o primeiro surto febril do japonismo sobre como se podia comprar qualquer coisa, como era possível comprar qualquer um.

Iggie podia ser expatriado, mas ainda era um Ephrussi. Ele também começou a colecionar. Em suas viagens com Jiro, comprou cerâmicas chinesas — um par de cavalos da dinastia Tang, com as costas arqueadas, pratos verde-celadonita com um peixe nadando, porcelana branca e azul do século XV. Comprou biombos dourados com peônias carmesim, papiros de paisagens brumosas, antigas esculturas budistas. Era possível conseguir uma tigela da dinastia Ming em troca de um pacote de Lucky Strike, contou-me Iggy, culpado. Ele me mostrou. Tem um dobre agudo se você bater delicadamente. Tinha peônias pintadas em azul sobre o leitoso fundo vitrificado. Imagino quem teria precisado vendê-la.

Foi durante esses anos da Ocupação que os netsuquês se tornaram itens “coleccionáveis”. O guia da Agência Nacional de Turismo do Japão, publicado em 1951, registra “a preciosa ajuda oferecida pelo almirante da reserva Beton W. Dekker, ex-comandante de operações da frota americana em Yokosuka, Japão, e dedicado conhecedor dos netsuquês”. Esse guia, publicado havia trinta anos, explicava sua visão sobre os netsuquês do modo mais claro possível:

Os japoneses são naturalmente talentosos com os dedos. Sua destreza pode ser atribuída a uma inclinação para as miudezas, desenvolvida por viverem em um país insular, e não possuírem o chamado caráter europeu. O costume de fazerem suas refeições com palitos, que aprendem a manejar com perícia desde a mais tenra infância, pode também ser considerado uma das razões de serem assim tão habilidosos. Tal característica tão especial é responsável, ao mesmo tempo, por méritos e deméritos da arte japonesa. Às pessoas, falta uma aptidão para produzir qualquer coisa em larga escala ou algo de profundo e substancial. Mas demonstram sua natureza no acabamento dos trabalhos com delicada minúcia e execução precisa.

Isso que se diz sobre os objetos japoneses não se alterou em oitenta anos, desde que Charles os comprou em Paris. Os netsuquês ainda deviam ser apreciados por todos os

atributos positivos concedidos às crianças precoces, a capacidade de acabamento, a precisão.

Não era agradável ser comparado a uma criança. Foi ainda mais doloroso quando isso se expressou publicamente pelo general MacArthur. Destituído pelo presidente Truman por acusações de insubordinação na Guerra da Coreia, o general deixou Tóquio pelo aeroporto de Haneda no dia 16 de abril de 1951, “escortado por um séquito de policiais militares em motocicletas (...) No caminho, havia soldados americanos, policiais japoneses e o povo japonês em geral. As crianças foram liberadas da escola para se perfilem no cortejo; funcionários públicos nos correios, hospitais e escritórios administrativos também tiveram a oportunidade de assistir. A polícia de Tóquio calcula que cerca de 230 mil pessoas foram se despedir de MacArthur. Era uma multidão e tanto”, deu no *New York Times*, “que demonstrava poucos sinais externos de emoção...”. Na fala ao Senado, quando de sua volta, MacArthur comparou os japoneses a meninos de 12 anos diante de um adulto anglo-saxão de 45: “Você consegue inculcar conceitos básicos ali. Eles estão próximos o bastante da origem para serem flexíveis e aceitarem novos conceitos.”

Isso foi como uma humilhação pública global de um país livre depois de sete anos de Ocupação. Desde a guerra, o Japão havia se reconstruído substancialmente, em parte graças aos subsídios americanos, mas também por sua própria capacidade empreendedora. Sony, por exemplo, começou consertando rádios em uma loja de departamentos bombardeada de Nihonbashi em 1945. O país criava um produto novo atrás do outro — almofadas com aquecimento elétrico em 1946, o primeiro toca-fitas no ano seguinte — ao contratar jovens cientistas e comprar matéria-prima no mercado negro.

Se você caminhasse pela Ginza, o bulevar central das compras em Tóquio, no verão de 1951, veria uma série ininterrupta de lojas bem-abastecidas; o Japão estava dando seus primeiros passos no mundo moderno. Você passaria também por Takumi, uma loja estreita e comprida com tigelas escuras e cuias empilhadas em prateleiras entre rolos de tecido azul dos tradicionais tecelões populares. Em 1950, o governo japonês criou a categoria de Tesouro Nacional para pessoas vivas, geralmente um senhor de idade — cuja habilidade com a laca ou com tingimentos ou cerâmica era recompensada com uma pensão e com fama.

O gosto havia se deslocado para o gestual, o intuitivo, inefável. Qualquer coisa feita numa aldeia remota virava “tradicional” e era marcada como intrinsecamente japonesa. Foram os primeiros anos do turismo no Japão, com livretos publicados pelo Departamento de Ferrovias do Japão: *Sugestões para colecionadores de suvenires*. “Nenhum tipo de viagem é completo sem alguns suvenires para levar para casa.” Você precisava voltar para casa com o tipo certo de *o-miyagi*, ou presente. Podia ser um doce, um tipo de biscoito ou massa específico de um vilarejo, uma caixa de chá, peixe em conserva. Ou podia ser artesanato, uma folha de papel, uma tigela de chá de um forno da aldeia, um bordado. Mas devia ter sua especificidade regional pulsante por dentro do

embrulho de papel e barbante, em sua etiqueta caligráfica: existe um mapa do Japão, uma geografia dos presentes apropriados. Não trazer um *o-miyagi* é de certa forma uma afronta à própria ideia da viagem em si.



A vitrine dos netsuquês na casa de Iggie em Azabu, Tóquio, 1961

Os netsuquês agora pertenciam à era Meiji e à abertura do Japão. Nas hierarquias do conhecimento, os netsuquês agora eram ligeiramente depreciados por seu virtuosismo: tinham em si um ar rançoso de japonismo, uma vontade de vender o Japão para o Ocidente. Eles eram simplesmente bem-feitos demais.

Não importa quantas caligrafias sejam vistas — uma única pincelada explosiva de preto feita por um monge, uma concentração de décadas em quatro segundos de controle —, mostre algo pequeno e de marfim, “um grupo de Kiyohimi e um dragão rodeando o sino do templo dentro do qual se esconde o monge Anchin”, e qualquer um fica maravilhado. Não tanto pela ideia, ou pela composição, mas pela possibilidade de alguém se concentrar por tanto tempo sobre algo tão pequeno. Como Tanaka Minko fez para esculpir o monge dentro do sino através de um buraco tão minúsculo? Os netsuquês se tornaram muito populares entre os americanos.

Iggie escreveu sobre seus netsuquês em um artigo publicado em japonês no *Nihon Keizai Shimbun*, o equivalente de Tóquio ao *Wall Street Journal*. Ele descreve suas lembranças dos netsuquês quando criança em Viena e de como fugiram do Palácio, sob o nariz dos nazistas, no bolso de uma empregada. E escreveu sobre a volta dos netsuquês ao Japão. A boa sorte os trouxera de volta ao país depois de três gerações na Europa. Ele havia, disse-me, pedido ao senhor Yuzuro Okada, do Museu Nacional de Tóquio em Ueno, especialista em netsuquês, para vir avaliar a coleção. Ibbre senhor Okada, pensei comigo, indo todas as noites à casa de *gaijins* e precisando sorrir diante de mais uma coleção de bricabraques comprados por um ocidental. “Ele foi me visitar muito a

contragosto — não sei por quê — e olhou de relance para os quase trezentos netsuquês espalhados sobre uma mesa, como se ficasse enjoado só de olhar para eles (...). O senhor Okada pegou um dos meus netsuquês. Então começou a observar cuidadosamente um segundo com sua lente. Por fim, depois de examinar um terceiro por um longo tempo, subitamente ele parou e me perguntou onde eu os havia conseguido...”

Aqueles eram grandes exemplares de arte japonesa. Podiam estar no momento fora de moda — no museu do senhor Okada, em Ueno Park, no Museu Nacional de Tóquio, o visitante encontra apenas uma única vitrine de netsuquês entre todas as salas frias de pinturas —, mas ali havia verdadeiras esculturas ao alcance da mão.

Noventa anos depois de partirem de Yokohama, alguém pegava um netsuquê e sabia quem o havia feito.

33. O VERDADEIRO JAPÃO

No início dos anos 1960, Iggie já tinha “residência de longa duração” em Tóquio. Amigos europeus e americanos vinham para períodos de três anos e iam embora. Iggie assistiu ao final da ocupação. Ele ainda morava em Tóquio.

Arranjara um professor particular de japonês e agora falava lindamente a língua, com fluência e sutileza. Qualquer estrangeiro capaz de balbuciar alguns pedidos de desculpas em japonês é cumprimentado por sua extraordinária habilidade. *Jozu desu ne*: ora, mas que jeito para a língua! O meu japonês, drasticamente desajeitado, cheio de estranhos langores e súbitas acelerações, já me foi elogiado o bastante para eu saber como isso funciona. Mas eu já ouvira Iggie em meio a conversas sérias e sei que ele falava bem o idioma.

Ele adorava Tóquio. Adorava o modo como o horizonte se alterava, a enferrujada Torre de Tóquio, construída no final dos anos 1950 para imitar a Torre Eiffel; os novos conjuntos de apartamentos rígidos em contraste com os quiosques enfumaçados de *yakitori* e *robata*. Ele se identificava com essa capacidade de reinvenção da cidade. A oportunidade de se reinventar parecia uma dádiva enviada dos céus. Havia uma estranha correlação entre Viena em 1919 e Tóquio em 1947, dizia. Se você nunca esteve muito por baixo, não saberá como construir alguma coisa, não saberá dar a dimensão daquilo que construiu. Você sempre vai achar que tudo se deve a outra pessoa.

Como você aguenta esse lugar?, muitos expatriados perguntavam a Iggie. Você não se cansa das mesmas velharias?

Iggie me contou como era a vida de um expatriado em Tóquio, as oito horas entre você dar as ordens à empregada e à cozinheira, depois do desjejum, e o primeiro coquetel às cinco e meia da tarde. Se você fosse um executivo no Japão, você tinha um escritório e, portanto, uma vida social. Às vezes havia festas com gueixas tão demoradas, entediadas e caras que Iggie se maldizia por ter deixado Léopoldville. Todas as noites, escafoado, ele bebia com clientes. A primeira parada era o bar do Imperial, mogno escuro e veludo, uísque *sour*, piano. Drinques no Clube Americano, no Clube da Imprensa, na International House. Depois, talvez, outro bar. D.J. Enright, um poeta inglês visitante, listou seus favoritos: Bar Renoir, Bar Rimbaud, La Vie en Rose, Sous les Toits de Tokyo e o melhor de todos, La Peste.

Se você não trabalhasse, tinha essas oito horas para preencher. O que você poderia fazer? Ir a Kikokuniya, na Ginza, para ver se eles tinham algum romance ou revista ocidental, ou à livraria Maruzen, com seus estoques de antes da guerra de biografias de religiosos que estavam em suas prateleiras havia trinta anos? Ou a algum dos cafés nas coberturas das lojas de departamento?

Havia as visitas. Mas quantas vezes você leva visitantes para ver o grande Buda em Kamakura, ou aos mausoléus dos Shoguns Tokugawa em Nikko — laca vermelha e dourada no alto de uma colina de pinheiros japoneses? Do lado de fora dos templos em

Kyoto, ou no santuário em Nikko, ou na escadaria até o Buda em Kamakura, havia quiosques de vendedores de suvenires, mascates de orações, passadores de *o-miyagi*. Havia os vendedores de fotos feitas na hora sob sombrinhas vermelhas, perto da ponte de laca, junto ao Pavilhão Dourado, ao lado de uma menina de sorriso afetado, vestida com uma réplica de um traje típico, maquiagem branca e um pente espetado no coque.

Quantas vezes você aguenta assistir *kabuki*? Ou, pior ainda, três horas de teatro nô? Quantas vezes você vai a um *onsen*, às fontes termais, até que a perspectiva de relaxar com água quente até o pescoço lhe pareça um horror?

Você pode assistir aos poetas visitantes do British Council, ou ir a uma exposição de cerâmicas nas lojas de departamentos, ou pode aprender *ikebana* — a arte japonesa do arranjo floral. Ser mulher nesse ambiente expatriado é ser consciente da fragilidade de sua condição social. Você é estimulado a considerar o que Enright escreveu sobre um “culto ‘simplificado’ do artesanal” como a cerimônia do chá, neotradicional no Japão.

Bis era disso que se tratava: alcançar o Japão verdadeiro. “Quero tentar ver algo no interior que seja original e esteja ainda intacto”, escreveu um viajante desesperado depois de um mês em Tóquio, em 1955. Encontrar algo original e intacto significava sair de Tóquio: o Japão começava onde os sons da cidade se extinguíam. O ideal era ir a algum lugar onde nenhum ocidental jamais havia posto os pés. O que tornava extremamente competitiva essa busca de experiências autênticas. Era uma busca por superioridade cultural, essa tendência a se comparar com os outros. Você escreve haicai? Pinta com pincel? Faz cerâmica? Medita? Você prefere mesmo chá verde?

Encontrar o verdadeiro Japão dependia de sua agenda. Se você tivesse duas semanas, isso significaria Kyoto e um dia de viagem para ver a pesca com cormorão, talvez outro dia de viagem para uma aldeia de ceramistas, uma cerimônia do chá com suas longas esperas. Um mês significaria uma visita a Kyushu, no sul do país. Com um ano, você escreveria um livro. Dezenas escreviam. Japão — eis um país estranho! Um país em transição. Tradições que se vão. Tradições duradouras. Verdades essenciais. Temporadas lá. Seus olhos míopes. Seu amor pelos detalhes. Perícia. Sua autossuficiência. Sua infantilidade. Indecifavelmente japonês.

Elizabeth Gray Vining, a tutora americana do príncipe herdeiro durante quatro anos e autora de *Janelas para o príncipe herdeiro*, escreveria mais tarde sobre “os muitos livros sobre o Japão escritos por americanos cujo coração passou para o lado de seus antigos inimigos”. Diários de viagem também foram escritos por ingleses: William Empson, Sacheverell Sitwell, Bernard Leach, William Plomer. *É melhor sem sapato* — cartuns contando como é realmente viver no Japão —, *Os japoneses são assim*, *Uma introdução ao Japão*, *Essa terra arrasada*, *Um ceramista no Japão*, *Quatro cavalheiros do Japão*. Uma onda de livros parecidos com títulos como *Atrás do leque*, *Atrás do biombo*, *Atrás da máscara*, *A ponte do cinturão bordado*. Há também o livro de Honor Tracy, *Kakemono: notas sobre o Japão no pós-guerra*, onde ela desaprova “os rapazes com os cabelos muito emplastrados e as garotas muito maquiadas pelo salão com uma expressão imbecilizada nos rostos...”. Enright ironizava dizendo que tinha essa ambição

de pertencer ao restrito e seletivo grupo de pessoas que moraram no Japão e não escreveram um livro, na introdução ao seu próprio livro sobre o tema: *Orvalho deste mundo*.*

Escrever sobre o Japão significava que você precisaria demonstrar um desprezo visceral pelo batom (ocidental) no belo rosto da menina (oriental), pelo modo como a modernização desfigura um país. Ou você tentava fazer graça, como a edição especial da revista *Life* sobre o Japão de 11 de setembro de 1964, com uma gueixa jogando boliche na capa. O país recentemente americanizado tinha gosto de *pan*, a massa fina e branca feita pelos japoneses desde o final do século XIX, e de uma espécie de queijo processado de untuosidade incomparável, mais amarelo que um cravo. E você compara isso com o gosto picante das conservas japonesas, rabanetes e um tanto de *wasabi* no sushi. Ao fazê-lo, você refletirá a visão de viajantes como Lafcadio Hearn.

E nisso Iggy era diferente. Ele podia abrir uma caixa de laca preta de bentô, com seu arroz e ameixas em conserva e peixe perfeitamente dispostos sobre o vermelho, no almoço. Mas à noite seria um filé chateaubriand, com Jiro e seus amigos japoneses, em um restaurante perto da Ginza, onde os novos luminosos de néon anunciavam Toshiba, Sony, Honda. E depois assistir a um filme de Teshigahara, então voltar para casa e beber uísque, com o gabinete de netsuquês aberto e Stan Getz na vitrola. A vida de Iggy e Jiro se passava em outro tipo de Japão Verdadeiro.

Depois de vinte anos de hesitações e relativa dureza em Paris, Nova York, Hollywood e no exército, Iggy agora vivia em Tóquio havia mais tempo do que vivera em Viena: ele estava começando a criar raízes. Mostrara competência naquele mundo, estava se saindo bem naquela vida, ganhando o bastante para se sustentar e aos amigos. E ainda ajudava as irmãs, os sobrinhos e sobrinhas.

Em meados dos anos 1960, Rudolf estava casado e com cinco filhos. Gisela estava muito bem no México. E Elisabeth, em Tunbridge Wells, indo a pé à missa das nove e meia na igreja da paróquia aos domingos, com seu casaco discreto, parecia completamente inglesa. Henk está aposentado, lendo o *Financial Times*, esperançosamente. Os dois filhos estão bem. Meu pai foi ordenado pastor da Igreja Anglicana, casou-se com a filha de um vigário, uma historiadora, e se tornou capelão da universidade em Nottingham. Eles têm quatro filhos — contando comigo. Meu tio Constant Hendrik (Henry), um bem-sucedido advogado em Londres, é membro do Conselho Parlamentar, casou e tem dois filhos. O reverendo Victor de Waal e seu irmão Henry são profissionais ingleses, falam inglês em casa, europeus do continente apenas nos erros levemente arrastados.

Iggy se transformou em um executivo, tornou-se o tipo de homem, como me disse emocionado um dia, que seu pai aceitaria. Em parte por eu não entender de dinheiro, ele me lembra Viktor, o grande homem de negócios discretamente oculto atrás da escriturinha, com um livro de poemas entre livros-caixa, mal vendo a hora de se liberar no fim do dia. Na verdade, diferentemente do pai, que esteve à frente de uma série espetacular de fracassos, Iggy se mostrou eficiente com dinheiro. “Basta dizer”,

datilografá ele na cópia de uma carta Privada & Confidencial de 1964 ao gerente geral do Swiss Bank Corp, de Zurique — usada para marcar a página de seu exemplar de *Nosso homem em Havana* —, “que eu comeci do zero no Japão e consegui, ao longo dos anos, construir uma organização com um movimento anual de mais de cem milhões de ienes, empregando 45 pessoas, e eu sou o vice-presidente e gerente no Japão...”. Cem milhões era uma bela quantia.

Iggie se tornara afinal um banqueiro, cem anos depois de seu avô Ignace abrir o banco em Viena diante da Schottengasse. Ele se tornaria representante do banco suíço em Tóquio — o *ne plus ultra* dos bancos, explicou-me ele. Comprou um escritório maior — desta vez com uma secretária atrás da escrivainha na recepção, com um *ikebana* de ramo de pinheiro e íris. Das janelas do sexto andar, ele podia olhar para a nova paisagem maciça, a oeste, de guindastes e antenas de Tóquio; e a leste, os pinheiros do Palácio Imperial e o fluxo de táxis amarelos lá embaixo no Otemachi. Ele estava ficando mais velho, além de tudo. Em 1964, tinha 58 anos, com sua gravata firme sob um paletó cinza-escuro, uma mão no bolso, como na foto de formatura em Viena. O cabelo está rareando, mas Iggie sabia muito bem que era melhor não tentar disfarçar.

Jiro, belo aos 38 anos, tinha uma nova carreira: trabalhava para a CBS, negociando a venda de programas americanos para a televisão japonesa. “E”, disse Jiro, “eu fui responsável por trazer o concerto vienense de ano-novo para o Japão pela NHK. Ninguém queria! Uma reação absurda! Você sabe como os japoneses amam a música vienense, amam Strauss? Eles perguntam no táxi para Iggie: ‘De onde você é?’ Ele responde: ‘Viena, Áustria’, e logo começam a cantarolar o ‘Danúbio Azul’”.

Em 1970, o casal comprou uma propriedade na península de Ito, cento e poucos quilômetros ao sul de Tóquio, com espaço suficiente para um chalé. Na fotografia vê-se uma varanda para coquetéis noturnos. O terreno desce de repente e, enquadrado por bambus, tem-se um vislumbre do mar.

E compraram também um jazigo para suas sepulturas no terreno do templo onde ficava a tumba da família de um grande amigo deles. Iggie estava ali para ficar.

E então, em 1972, eles se mudam para Takanawa, para os apartamentos de um novo edifício bem-localizado. “Higashi-Ginza, Shimbashi, Daimon, Mita”, entoa a voz no metrô, e então “Sengakuji”, e você sai e sobe a ladeira até chegar àquela rua tranquila junto ao muro do palácio do príncipe Takamatsu. Tóquio também podia ser um lugar muito tranquilo. Uma vez fiquei esperando que eles voltassem, sentado na amurada verde da frente, e durante uma hora passaram apenas duas senhoras e um esperançoso táxi amarelo.

Os apartamentos não eram grandes, mas eram muito práticos: eles já estavam pensando no futuro. Com entradas separadas, mas contíguos, com uma porta entre os closets. Iggie fez uma parede de espelhos no saguão e cobriu a outra com quadrados de folha de ouro. Havia uma banquetá onde você podia se sentar para tirar os sapatos, e um Buda tutelar de alguma esquecida expedição a Kyoto. Alguns dos quadros de Viena migraram para o lado de Jiro, e algumas porcelanas japonesas de Jiro tinham vindo

parar nas estantes de Iggie. Uma foto de Emmy ao lado de uma foto da mãe de Jiro num pequeno santuário. Do closet de Jiro, com sua biblioteca de paletós, via-se o jardim do príncipe. Da janela da sala, com sua vitrine, via-se tudo até a baía de Tóquio.

Iggie e Jiro viajavam juntos nas férias. Veneza, Florença, Paris, Londres, Honolulu. E em 1973 foram a Viena. Era a primeira vez que Iggie voltava desde 1936.

Iggie leva Jiro para ver o exterior do Palais onde ele tinha nascido. Vão ao Burgtheater, ao Sacher, ao antigo café do pai. E quando eles voltam, Iggie toma duas decisões. Duas decisões associadas. A primeira é adotar Jiro como seu filho. Jiro se tornaria Jiro Ephrussi Sugiyama. A segunda é cancelar sua cidadania americana. Perguntei sobre esse retorno a Viena, quando ele voltou a ser cidadão austríaco, pensando no trajeto de Elizabeth vindo pela Ringstrasse da estação e encontrando as tílias cortadas em frente à casa de sua infância. “Eu não podia suportar o Nixon”, foi só o que ele disse, olhando para Jiro, mudando de assunto, levando a conversa para o mais longe possível.

Isso me fez pensar no que significa pertencer a algum lugar. Charles morreu russo em Paris. Viktor achava errado e foi um russo em Viena por cinquenta anos, depois austríaco, depois cidadão do Reich, e depois apátrida. Elizabeth manteve a cidadania holandesa na Inglaterra por cinquenta anos. E Iggie era austríaco, depois americano, e enfim um austríaco morando no Japão.

Você assimila, mas precisa ter um outro lugar para ir. Você está com o passaporte à mão. Você mantém algo em segredo.

* Verso do famoso poema de Issa (1763-1827). (*N. do T.*)

34. DO POLIMENTO

Deve ter sido nos anos 1970 que Iggie colou pequenos números nos netsuquês, fez uma lista do que era cada um e mandou avaliar. Eram surpreendentemente valiosos. O tigre era a grande estrela.

É aqui finalmente que os entalhadores de netsuquês recebem de volta seus nomes e começam a virar pessoas com famílias, artesãos em determinadas paisagens. As histórias começam a se formar em torno deles:

No início do século XIX viveu em Gifu um entalhador chamado Tomokazu, excelente nos netsuquês de animais. Um belo dia saiu de casa vestindo roupas leves como se fosse ao banho público e não se ouviu mais falar dele por três ou quatro dias. A família e os vizinhos estavam muito preocupados com o que teria acontecido, quando de repente ele voltou. Explicou o motivo de seu desaparecimento dizendo que pretendia entalhar um netsuquê de um cervo e caminhar pelas montanhas, onde observara de perto onde esses animais viviam, sem comer nada todo esse tempo. Dizem que conseguiu terminar o trabalho, com base no que observou nas montanhas (...) Não raro levava um mês ou até dois meses fazendo um único netsuquê...

Quando vou ao meu gabinete, encontro quatro pequenas tartarugas subindo nas costas umas das outras. Confiro o número da lista de Iggie e vejo que é de Tomokazu. É de madeira, cor de *caffè macchiato*. É muito pequeno, e foi entalhado de modo que quando você deixa que role na palma de sua mão, você sinta as tartaruguinhas escorregadias lutando atacadadas, rolando, rolando sem parar. Com o netsuquê na mão, sei que esse sujeito tinha olhado para tartarugas.

Iggie fez anotações sobre as avaliações dos especialistas e um ou outro negociante de arte que visitara a coleção. Pbr que alguém acharia que assinar uma obra pudesse simplificar alguma coisa? A assinatura é só o início de questões de complexidade bizantina. Os golpes foram feitos com autoridade ou são hesitantes? Quantas incisões ele usa em cada palavra? Tem uma borda ao redor? Caso tenha, qual é o formato do cartucho? E não existem outras interpretações para esses caracteres? E, a minha favorita, questão de profundidade quase escolástica: qual a relação entre um grande entalhador e uma assinatura ruim?

Não posso com isso, então olho a pátina. E então leio a respeito:

Para os ocidentais pode parecer que uma diferença de polimento é mera questão de uma fórmula e aplicação. Na verdade, o polimento é um processo muito importante na criação de um bom netsuquê. Compreende uma série de fervuras, secagens e escovações com vários ingredientes e materiais cujos nomes são mantidos em segredo. Um bom

polimento requer três ou quatro dias de laboriosa paciência e grande cuidado. O polimento espesso, farto, marrom do jovem Toyokazu, embora bom, não tem o mesmo primor ofuscante.

Então tiro meu tigre com os olhos cor de osso incrustados pelo jovem Toyokazu da escola de Tamba. Esse entalhador trabalhava com uma madeira boa, densa, e era conhecido pela mobilidade que conseguia dar a seus animais. O meu tem um rabo rajado que é um chicote nas costas. Levo-o comigo um ou dois dias, e uma vez, estupidamente, deixo o tigre em cima das minhas anotações na estante do quinto andar (Biografia K-S) da Biblioteca de Londres enquanto saio para um café. Mas o tigre ainda está lá quando volto, meu tigre não tão ofuscante com seus olhos refulgentes em seu rosto farto, marrom de raiva.

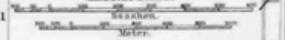
Ele é pura ameaça. Espantou os outros leitores.

Coda

TÓQUIO, ODESSA, LONDRES, 2001-2009

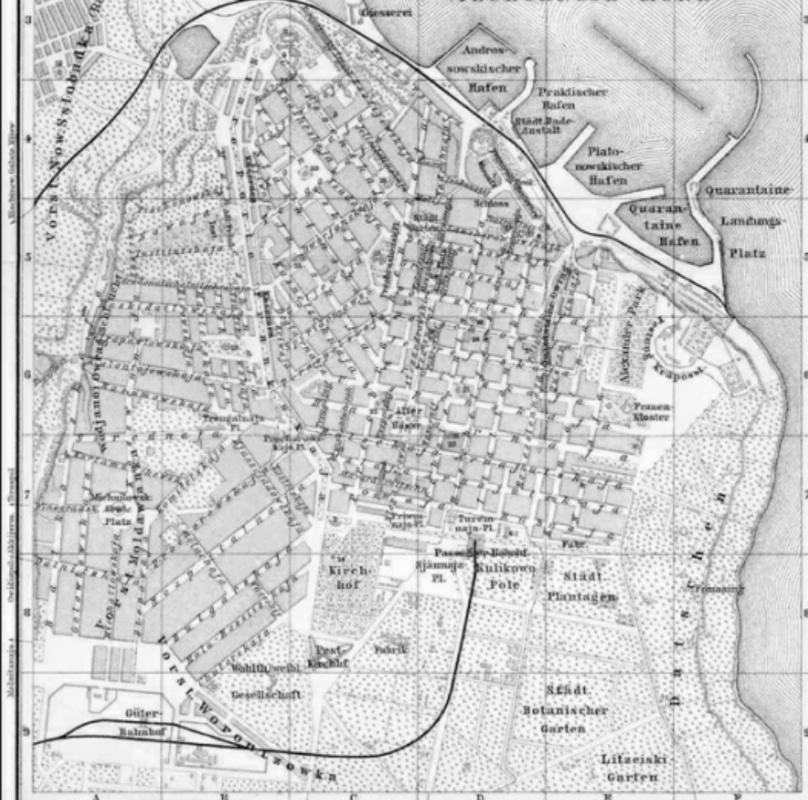
ODESSA

Maßstab 1:50,000



- | | | | |
|----------------------------|--------|-------------------------------|--------|
| 1. Armen-Klasse | C.7. | 14. Elisabethen-Kathedrale K. | C.8. |
| 2. Russisch-katholische K. | D.6. | 15. Elisabethen-K. | C.5. |
| 3. Russisch-Orthodoxe K. | D.5. | 16. Petrow-Kathedrale K. | D.6. |
| 4. Engl. Kirche | D.5. | 17. St. Peter K. | D.5. |
| 5. Exerzier-Platz | C.4. | 18. Petrow-Kathedrale K. | E.6. |
| 6. Gefängnis | D.7. | 19. Russisch-katholische K. | D.6. |
| 7. Gerichtshof | D.4. | 20. Serbsk-Kathedrale K. | C.4. |
| Hospitaller: | | | |
| 8. Militär-Hospital | C.3. | 21. Protopop-K. | D.6. |
| 9. Städtisches Hospital | C.3. | 22. Uspenski-Kathedrale K. | C.6. |
| 10. Hospiz-Gebäude | E.7. | 23. Michaelische Kloster | D.6.7. |
| Kirchen: | | | |
| 11. Armen-Kirche (Mikhael) | D.6.7. | 24. Glockenturm | D.5. |
| 12. Schwedische Kirche | A.3. | 25. Platz | C.5. |
| 13. Kathedrale | C.5. | 26. Post | D.6. |
| | | 27. Theater | D.5. |
| | | 28. Universität | C.4. |

SCHWARZES MEER (TSCHORNOJE MORE)



Estou de volta a Tóquio, saindo do metrô, passando pelas máquinas de bebidas isotônicas. Estamos em setembro e já fazia dois anos que eu não vinha. As máquinas são novas. Algumas coisas mudam lentamente em Tóquio. Ainda existem casas de madeira, caído aos pedaços, com seus varais presos com estacas no condomínio de luxo vizinho. A senhora X do restaurante de sushi está lavando a entrada.

Estou hospedado no Jiro, como sempre faço. Ele está com oitenta e poucos anos, sempre ocupado. Vai à Ópera, é claro, ao teatro. E passou alguns anos frequentando um curso de cerâmica e fazendo tigelas de chá e pequenos pratos para molho de soja. Jiro deixou o apartamento de Iggie intacto desde que ele morreu, 15 anos atrás. As canetas-tinteiro ainda estão no suporte e seu bloco de couro, no centro da escrivaninha. É onde estou.

Trouxe um gravador e perdemos algum tempo testando o aparelho até que eu desisto, assisto ao noticiário, bebo um trago e como algumas torradas com patê. Vim passar três dias para perguntar mais sobre a vida dele com Iggie e conferir se não me lembrava de nada errado na história dos netsuquês. Quero ter certeza de que tenho a história correta do primeiro encontro de Iggie e Jiro, o nome da rua onde tiveram a primeira casa juntos. É uma dessas conversas que precisavam acontecer, mas fico preocupado com a formalidade.

Sob efeito do fuso horário, acordo às três e meia da manhã. Faço café. Percorro com a mão as estantes de livros de Iggie, os velhos livros infantis de Viena, coleções completas de Len Deighton ao lado de Proust, tentando encontrar alguma coisa para ler. Vejo alguns exemplares velhos da *Architectural Digest*, que eu adoro por causa das glamorosas propagandas da Chrysler e Chivas Regal, e encontro, entre junho e julho de 1966, um envelope contendo documentos muito antigos, aparentemente oficiais, em russo. Fico andando em círculos. Não sei se aguento mais envelopes surpreendentes.

Observo os quadros resgatados do Palais, que costumavam ficar no escritório de Viktor no final do corredor, e o biombo dourado com suas íris, que Iggie comprara em Kyoto nos anos 1950. Vejo uma antiga tigela chinesa com profundas pétalas entalhadas. Os entalhes conservam o tom verde vitrificado. Acho que já a conheço há uns trinta anos e ainda me parece muito agradável ao toque.

Toda essa sala já faz parte da minha vida há tanto tempo que não consigo observá-la com distanciamento. Não conseguiria fazer um inventário, como fiz com os cômodos de Charles na rue de Monceau e na avenue d'Iéna, ou com o quarto de vestir de Emmy em Viena.

Adormeço quando amanhece.

Jiro faz bons desjejuns. Bebemos um café excelente e comemos papaias e minúsculos *pains au chocolat* de uma confeitaria da Ginza. E então respiramos fundo e ele começa a me contar pela primeira vez sobre o dia em que a guerra acabou, como a 15 de agosto de

1945 ele estava se recuperando de uma pleurisia e estava entediado. Viera a Tóquio ver um amigo e iria embora no trem da tarde para Izu. “Não era fácil conseguir passagem, e estávamos conversando no trem quando vimos mulheres com roupas muito coloridas. E nem acreditamos na hora. Não víamos cores fazia muitos anos. E ouvimos a notícia de que algumas horas antes fora feita a declaração de rendição.”

Conversamos sobre todas as jornadas que eu fizera em busca da história dos netsuquês, toda aquela vadiagem. Olhamos as fotos que fiz em Paris e Viena e mostro a ele um recorte do jornal da semana anterior. Um ovo Fabergé rosa e dourado com um galinho cravejado de diamantes dentro — encomendado pela tia-avó de Iggie, Beatrice Ephrussi-Rothschild — havia se tornado o objeto russo mais caro já leiloado. E como estamos no apartamento de Iggie, Jiro abre novamente a vitrine e enfia a mão lá dentro para pegar um netsuquê.

E então ele sugere que saíamos hoje à noite. Abriu um restaurante novo e ele ouviu falarem bem, e podíamos assistir a um filme.

36. UM ASTROLÁBIO, UMA PRANCHETA, UM GLOBO

Estamos em novembro e preciso ir a Odessa. Faz quase dois anos que comecei essa jornada e estive em toda parte menos na cidade onde começou a família Ephrussi. Quero ver o mar Negro e imagino os depósitos de grãos na beira do cais. E, se eu ficar na casa onde Charles e meu bisavô Viktor nasceram, talvez eu consiga entender. Não sei direito o quê. Por que eles foram embora? O que significa ir embora? Acho que estou à procura de um começo.

Encontro Thomas, meu irmão caçula, e o mais alto de nós, que chegou da Moldávia de táxi. Ele é especialista em conflitos do Cáucaso. Ficou cinco horas no táxi. Thomas, que vem pesquisando a história dos Ephrussi de Odessa há muitos anos e fala russo, mostra-se *blasé* a respeito de fronteiras. Ele havia sido detido, dá risada dizendo que é sempre um problema se você deve suborná-los ou não. Preocupo-me com os vistos: ele não. Não viajamos juntos há 25 anos, desde quando éramos estudantes e percorremos as ilhas gregas. Andrei, o taxista moldavo, vai embora.

Vamos aos solavancos pelos subúrbios com blocos de apartamentos desolados e fábricas abandonadas, impressionados com uma imensa caminhonete 4x4 com vidro escuro e velhos Fiat, até que encontramos as largas avenidas da velha Odessa. Ninguém me contou, digo com petulância a Thomas, que isso era tão bonito, que havia árvores (catalpas) ao longo da rua, que havia relances de pátios internos vistos através de portas entreabertas, escadas ocas de carvalho, que havia sacadas. Partes de Odessa vêm sendo restauradas, gessos consertados e estuques pintados, enquanto outros edifícios chafurdam numa sordidez piranesiana, com fios enovelados, telhados despencando, portões fora dos gonzos e capitéis a menos nas colunas.

Paramos diante do Hotel Londonskya, um *palazzo* da Belle Époque, de ouro e mármore, no Primorsky Boulevard. Está tocando Queen bem baixinho no saguão. O bulevar é um grande passeio, uma sequência de edifícios clássicos em tons de amarelo e azul-claro. Estende-se dos dois lados da Escadaria Potemkin, famosa pelo filme de Eisenstein *O encouraçado Potemkin*. São 192 degraus, com dez patamares, projetados de forma que quando se olha para baixo só se veem os patamares, e quando se olha para cima só se veem os degraus.

Suba lentamente esses degraus. Quando chegar ao topo, evite os vendedores de bonés da Marinha soviética, o marujo mendigo com um poema pendurado no pescoço e o homem vestido de Pedro, o Grande, que quer que você pague para fotografá-lo. Na frente fica a estátua do duque de Richelieu, o governador da região no início do século XIX trazido da França para planejar a cidade, com sua toga. Passe por ele e siga pelos arcos de edifícios dourados, dois parênteses perfeitos, e você encontrará Catarina, a Grande, cercada de seus favoritos. Durante cinquenta anos, aqui ficou uma estátua soviética, mas agora Catarina está sendo devolvida à antiga posição, cortesia de um oligarca local. Blocos de granito estão sendo colocados aos pés dela.

Vire à direita no alto da escadaria e o passeio segue por entre duas avenidas ladeadas de castanheiras e canteiros de flores até convergir no Palácio do Governo, local de famosas festas. É tudo muito austero e dórico.

Cada vista é harmonizada. Passe por entre os marcos do caminho: a estátua de Púshkin comemorando sua estada ali, um canhão capturado dos ingleses durante a Guerra da Crimeia. Era aqui que a *passeggiata* da noite acontecia, “o ir e vir no lusco-fusco, as conversas e até mesmo (...) uma certa dose de flertes liberais”. Mais adiante fica a Ópera, projetada em Viena, onde facções de judeus e gregos que patrocinavam temporadas de novos cantores italianos inscreveriam seus nomes — os Montchellisti, os Carraristi — e brigavam. Esta não é uma cidade construída em torno de uma catedral ou de uma fortaleza. Trata-se de uma cidade helênica, de comerciantes e poetas, e esta é sua ágora burguesa.

Em uma loja de quinquilharias dentro de uma galeria, compro algumas medalhas soviéticas para meus filhos e dois cartões-postais do século XIX. Um deles mostra o auge de um verão, talvez julho, do final do século.



Cartão-postal do bulevar em Odessa em 1880. O banco Ephrussi e a mansão da família são o segundo e o terceiro edifícios à esquerda

É meio-dia, pois as sombras das castanheiras estão curtas. O bulevar era “fresco mesmo ao meio-dia no calor do ápice do verão”, dizia um poeta de Odessa. Uma mulher de sombrinha passa pela estátua de Púshkin, enquanto uma babá empurra um enorme andador preto. Você consegue ver o domo do teleférico que leva as pessoas até o porto. Mais além, vê-se uma fileira de mastros dos navios na baía.

Vire à esquerda no alto da escadaria e olhe lá para baixo, para a Bolsa de Valores, uma mansão coríntia de onde conduzir seus negócios. Hoje funciona ali o Hôtel de Ville, a prefeitura, e uma faixa dá as boas-vindas a uma delegação belga. Estamos no início de novembro e o clima está tão ameno que passeamos em mangas de camisa. Passamos por algumas mansões, então pelo *hôtel*, e três edifícios depois chega-se ao banco Ephrussi, com a casa da família na porta vizinha. Foi aqui que Jules, Ignace e Charles nasceram. Foi aqui que Viktor nasceu. Damos a volta até os fundos.

Está tudo uma bagunça. O estuque está soltando grandes bolhas, as sacadas estão caindo aos pedaços, há restos de reboco entre os *putti*. Quando chego mais perto, reparo que aquilo foi tudo reformado, recoberto de gesso, e aquelas certamente não são as janelas originais. Mas bem no alto há uma única sacada com o E duplo da família ainda de pé.

Hesito. Thomas, que é bom nisso, destemido, atravessa os portões quebrados sob o arco e entra no pátio atrás da casa Ephrussi. Ali ficam os estábulos com o calçamento de pedra escura. É de cascalho, ele diz por sobre o ombro, lava da Sicília trazida nos cargueiros de grãos. Tiravam os grãos. Devolviam a lava. Uma dúzia de homens,

subitamente calados, bebendo chá, um Citroën 2cv erguido do chão sobre blocos. Um pastor alemão acorrentado começa a latir. O pátio está empoeirado. Há três caçambas cheias de madeira, gesso e brita. Ele descobre o mestre de obras, numa reluzente jaqueta de couro. Sim, vocês podem entrar — vocês deram sorte, acabou de ser reformada, tudo novo, ficou lindo, um sucesso, dentro do prazo, um trabalho de qualidade. Acabamos de instalar os laboratórios no porão, portas de incêndio e um sprinkler. Em seguida vamos começar os escritórios. Precisamos jogar fora tudo o que tinha na casa velha, estava um bagaço, sem chance. Vocês tinham que ver como estava há coisa de um mês!

Eu devia mesmo. Cheguei tarde demais. O que posso tocar aqui nesse monstrego depenado? Não tem mais forro no teto, apenas vigas de aço e fios de eletricidade. Não tem mais assoalho, apenas cimento batido. As paredes acabaram de ser rebocadas, as janelas reenvidraçadas. Ferragens para as divisórias. Tiraram todas as portas, exceto uma de carvalho, que irá amanhã para a caçamba. A única coisa que resta é o volume, a escala desses cômodos, o pé-direito de quase cinco metros.

Não há nada aqui.

Thomas e o homem de jaqueta vão na frente, conversando em russo. “Esta casa foi a sede da companhia de navios a vapor desde a revolução. Antes disso? Só Deus sabe! Hoje em dia? Vai ser a sede do Escritório de Inspeção de Higiene da Marinha. É por isso que estamos fazendo esses laboratórios.” Eles são rápidos. Não posso parar.

Estamos quase saindo no pátio poeirento quando volto atrás. Está errado. Volto até a escada e coloco a mão na balastrada de ferro fundido, cada coluna encimada por uma espiga de trigo enegrecida dos Ephrussi, o trigo das plantações da terra negra da Ucrânia que enriqueceu todos eles. E enquanto meu irmão me chama, paro junto a uma janela e olho para o bulevar ao longo das duas pistas da avenida margeada de castanheiras, os caminhos poeirentos e os bancos da orla do mar Negro.

Os meninos Ephrussi ainda estão aqui.

Alguns sinais são fugazes. Os Ephrussi estão vivos nos contos de Isaac Babel, o cronista judeu do centro da cidade, das gangues dos cortiços. Um Ephrussi suborna alguém para entrar no ginásio na frente de algum aluno mais capaz, mais pobre. Eles estão nos contos ídiches de Sholem Aleichem. Um homem pobre do *shtetl* vai a Odessa pedir ajuda ao banqueiro Ephrussi. E o banqueiro se recusa. Há um ditado ídiche que diz “*lebn vi Got in Odes*” — viver como um Deus em Odessa —, e os Ephrussi vivem como deuses em sua Zionstrasse. E algures naquela rua, entre as árvores, o deserdado Stefan, banido de Viena, mais pobre a cada mês, morando com sua nova esposa, amante de seu pai.

Outros sinais são mais concretos. Depois de um dos pogroms, os irmãos fundaram um orfanato Ephrussi. Há a Escola Ephrussi para crianças judias, fundada por Ignace em memória de seu pai, o patriarca, e patrocinada ao longo de trinta anos pelas doações de Charles, Jules e Viktor. Ainda estão lá, junto a um parque desolado com cães ferozes e bancos arruinados, dois edifícios baixos conjugados ao longo da linha do bonde. Em 1892, a escola acusa o recebimento de 1.200 rublos doados pelos irmãos Ephrussi. As

autoridades da escola compraram em São Petersburgo um astrolábio, uma prancheta topográfica, um globo, um cortador de vidro, um esqueleto e um modelo desmontável de olho humano. Numa livraria de Odessa, gastaram 533 rublos e 64 copeques e compraram 280 volumes de Beecher Stowe, Swift, Tolstói, Cowper, Thackeray e Scott. Com o restante, sobrou dinheiro para comprar casacos, blusas e calças para 25 meninos judeus pobres, para que pudessem ler *Ivanhoé* ou *Feira das vaidades* sem tremer de frio, protegidos do pó de Odessa.

O pó em Paris na rue de Monceau, o pó em Viena quando construíam a Ringstrasse: nada se compara à poeira de Odessa. “Este pó se impregna como uma mortalha universal de duas ou três polegadas de espessura”, escrevia o jornalista inglês Shirley Brooks em *Os russos do sul*, em 1854. “A mais leve brisa cobre a cidade de nuvens, o passo mais discreto faz voar densas pilhas de poeira. Quando digo que centenas de carruagens em alta velocidade (...) estão eternamente passando, e que a brisa do mar eternamente percorre essas ruas, dizer que Odessa vive numa nuvem não é uma figura de linguagem.” Era uma cidade em construção: “um clima de agitação e negócios nas ruas e nas lojas; pessoas caminhando com pressa; as casas e tudo mais tinham algo *novo* familiar, e, claro, uma sufocante e incômoda poeira...”, segundo Mark Twain. Para mim, subitamente, faz todo sentido que as crianças Ephrussi tenham crescido em meio ao pó.

Thomas e eu marcamos de encontrar Sasha, um pequeno e simpático acadêmico de seus setenta anos. Na esquina, ele encontra um velho amigo, professor de literatura comparada, de modo que seguimos todos juntos até a escola, Tom e Sasha conversando em russo, e o professor e eu em inglês, sobre o Instituto Shakespeariano Internacional. Ao chegarmos à escola, o professor foi embora e nos sentamos os três no café do parque para um café adoçado, encarados pelas três prostitutas no bar que de quando em quando nos mandam olhares. Conto a Sasha o motivo da nossa visita, que estou escrevendo um livro sobre... — hesito e interrompo a fala. Já não sei mais se o livro é sobre minha família, sobre a memória ou sobre mim mesmo, ou ainda se é um livro sobre pequenos objetos japoneses.

Ele me conta muito educadamente que Górkí colecionava netsuquês. Pedimos mais café. Eu trouxe um envelope de documentos que encontrei no apartamento de Iggie em Tóquio entre exemplares velhos da *Architectural Digest*. Sasha fica impressionado por eu ter trazido os originais, em vez de cópias, mas ao observá-lo noto que ele parece um pianista, lendo diferentes partituras.

Há registros do temido Ignace, o construtor do Palais, como cônsul da Suécia e da Noruega em Odessa, uma notificação imperial do czar permitindo que ele porte uma medalha da Bessarábia, papéis do rabinato. Esse é o papel antigo, diz Sasha, que eles mudaram em 1870; aquele é o selo, esse é a taxa. Aqui, a assinatura do governador, tão enfática — olha, quase atravessa o papel. Veja o endereço nesta aqui, esquina de X e Y! Isso é tipicamente de Odessa. Isso é uma cópia de um escrivão, péssima letra.

Quando Sasha manuseia os registros ressequidos e eles tremulam ganhando vida, olho pela primeira vez para o envelope. Está endereçado com a letra de Viktor, enviado de

Kóvecses para Elisabeth, em setembro de 1938. Esse maço de documentos significava algo para Viktor e Iggie. Era o arquivo da família. Guardo-o cuidadosamente de volta.

No caminho para o hotel, entramos em uma sinagoga. Dizem que os judeus de Odessa são tão assimilados que apagavam o cigarro na parede da sinagoga. Há um círculo no inferno só para eles. Hoje está cheia. Há uma aula dada por rapazes de Tel Aviv em andamento. Estão restaurando parte da construção, e um dos alunos vem nos cumprimentar em inglês. Olhamos lá dentro, sem querer incomodá-los, e ali, bem à esquerda na frente, está a poltrona amarela. É uma cadeira Seder, a cadeira do eleito, a cadeira especial posta à parte.

A poltrona amarela de Charles estava invisível, embora à vista. Era tão óbvia que desaparecia entre os Degas e os Moreau e o gabinete de netsuquês em seu salão parisiense. É um chiste, uma piada de judeu.

Diante do museu com sua estátua de Laocoonte, que Charles trouxe para Viktor, dou-me conta de como estou enganado. Achava que os meninos tinham saído de Odessa para estudar em Viena e Paris. Achei que Charles havia saído em uma grande turnê para ampliar seus horizontes, fugir da província e conhecer os clássicos. Mas essa cidade toda é um mundo clássico equilibrado sobre o porto. Aqui, a cem metros da casa deles, no bulevar, havia um museu com inúmeras salas repletas de antiguidades, os artefatos gregos escavados enquanto a cidade se urbanizava, dobrando de tamanho a cada década. Evidentemente Odessa tinha seus especialistas e colecionadores. Pbr ser uma cidade poeirenta, de estivadores e marujos, corretores, pescadores, mergulhadores, contrabandistas, aventureiros, vigaristas e de seu avô Joaquim, o audaz, em seu Palais, não significava que Odessa não estivesse também cheia de escritores e artistas.

Será que aqui é o começo, na beira do mar? Talvez aquele espírito empreendedor seja de Odessa; as vadiagens ora atrás de livros velhos, de Dürer, ora de aventuras apaixonadas, ora do próximo bom negócio com os grãos. Odessa é certamente um bom lugar de onde zarpar. Pde-se ir para o oriente ou para o ocidente. É irônica, ávida, poliglota.

É um bom lugar para trocar de nome. “Os nomes judeus são desagradáveis ao ouvido”: foi lá que a avó Balbina virou Belle, e o avô Chaim virou Joaquim, e depois Charles Joachim. Ali Eizak virou Ignace e Leib virou Leon. E Efrussi virou Ephrussi. É aqui que a lembrança de Berdichev, o *shtetl* do norte da Ucrânia na fronteira com a Polônia de onde veio Chaim, foi emparedada atrás do gesso amarelo-claro do primeiro Palais no bulevar.

Foi aqui que eles se tornaram os Ephrussi de Odessa.

Este é um bom lugar para colocar alguma coisa no bolso e começar uma jornada. Quero ver o céu de Berdichev, mas preciso voltar para casa. Da castanheira diante da casa procuro uma castanha para levar no bolso. Percorro todo o bulevar duas vezes, mas acho que estou dois meses atrasado também para isso. Sumiram. Espero que as crianças tenham colhido todas.

No avião de volta de Odessa senti a exaustão do ano inteiro. Corrijo-me. Não se trata de um ano apenas, e sim quase dois anos vendo anotações em margens de livros, cartas usadas para marcar livros, fotos de primos do século XIX, patentes disso e daquilo de Odessa, e envelopes do fundo da gaveta contendo tristes aerogramas. Dois anos traçando roteiros entre cidades, um mapa antigo na mão, perdidos.

Meus dedos estão grudentos de papéis velhos e poeira. Meu pai continua encontrando coisas. Como ele consegue ainda continuar encontrando coisas naquele apartamento minúsculo em seu quintal de pastor aposentado? Ele acaba de achar um diário em alemão ilegível da década de 1870 que eu preciso mandar traduzir. Passo uma semana dentro de um arquivo e tudo o que consigo é uma lista de jornais não lidos, uma anotação para procurar uma certa correspondência, uma interrogação sobre Berlim. Meu estúdio está cheio de romances e livros sobre japonismo, estou com saudade das crianças e não trabalho com porcelana há meses. Estou aflito para saber o que vou fazer quando finalmente sentar em meu torno com um pedaço de argila.

Alguns dias em Odessa e agora tenho mais dúvidas do que antes. Onde Górki comprava seus netsuquês? Como era a biblioteca em Odessa nos anos 1870? Berdichev foi destruída na guerra, mas talvez eu devesse visitar e ver como é o lugar. Conrad nasceu em Berdichev: talvez eu devesse ler Conrad. Ele escreveu sobre poeira?

Meu tigre netsuquê vem de Tamba, uma aldeia nas montanhas a oeste de Kyoto. Lembro-me de uma viagem interminável trinta anos atrás para visitar um velho ceramista no alto de uma pirâmide enlameada. Talvez eu devesse refazer o trajeto desse meu tigre. Deve existir uma história cultural do pó.

Meu caderno está cheio de listas de listas. *Amarelo / Dourado / Vermelho / Bbltrona amarela / Capa da Gazette amarela / Palais amarelo / caixa de laca dourada/ louro Ticiano dos cabelos de Louise / Renoir: La Bohémienne / Vista de Delft de Vermeer.*

No aeroporto de Praga, onde faço conexão e tenho de matar três horas, sento com meus cadernos e uma cerveja, e depois outra, e fico pensando em Berdichev. Lembro que Charles, exímio dançarino, era chamado de *Le Polonais*, o polonês, por seu irmão Ignace e pelo dândi Robert de Montesquieu, grande amigo de Proust. E o tal Pintor, das primeiras biografias de Proust, usou isso e fez Charles bárbaro e rude. Achei que ele tinha entendido mal. Talvez, penso com minha cerveja, ele estivesse deixando claro de onde vinha: da Polônia, não da Rússia. Reparo que com todo meu entusiasmo quanto às reações táteis a Odessa, não atentei para sua reputação de cidade dos pogroms, uma cidade que se deseja deixar para trás.

E fico com a sensação pegajosa da biografia, a sensação de entrar nas vidas de outras pessoas sem pedir licença. Deixe estar. Deixe acontecer. Pare de procurar e de pegar coisas, diz insistentemente uma voz. Vá para casa e deixe essas histórias para lá.

Mas é difícil abandoná-las. Lembro-me de minhas hesitações quando conversava com

Iggie já idoso; hesitações que acabavam em silêncios, silêncios que marcavam lugares de perdas. Lembro-me de Charles convalescente, da morte de Swann e de seu coração aberto como uma vitrine, de onde ele tirava lembrança atrás de lembrança. “Mesmo quando já não estamos mais ligados às coisas, o fato de termos sido ligados a elas é ainda alguma coisa; pois essa ligação sempre se deveu a motivos que as outras pessoas não entendiam...” Existem lugares da memória aonde você só quer ir sozinho. Nos anos 1960, minha avó Elisabeth, tão assídua em sua correspondência, ciosa defensora das cartas (“escreva de novo, escreva mais”), queimou centenas de cartas que recebera de sua avó poética, Evelina.

Não se trata de “quem se importa?”, mas de “não se aproxime; isso é particular”.

Já bastante idosa, ela nunca mais falou da mãe. Ela falava de política e de poesia francesa. Nunca mais mencionou Emmy até se surpreender com uma fotografia caída de seu livro de orações. Meu pai pegou a foto e ela, francamente, contou que era uma carta de um dos amantes de sua mãe e começou a falar de como eram difíceis esses casos de amor, como ela se sentia atingida por eles. E depois se calou novamente. Algo nessa queima de cartas de amor me faz parar: por que tudo deveria ser esclarecido e trazido à luz? Por que não deixar trinta anos de conversas compartilhadas virarem fumaça e sumirem no ar de Tunbridge Wells? Só porque lhe pertencem não significa que precisem ser passadas adiante. Perder as coisas às vezes propicia um espaço onde você pode viver. Não tenho saudade de Viena, Elisabeth dizia, com leveza na voz. Era uma cidade claustrofóbica. Muito escura.

Ela estava com mais de noventa anos quando deixou escapar que recebera instruções rabínicas quando criança: “Pedi permissão ao meu pai. Ele ficou surpreso.” Ela era franca, como eu já sabia.

Quando, dois anos mais tarde, ela morreu, meu pai, o pastor da igreja anglicana, nascido em Amsterdã e cuja infância se passara em diversas cidades da Europa, vestiu sua túnica preta, preto beneditino, preto rabínico, e recitou o kadish por sua mãe na igreja da paróquia perto do asilo.

O problema é que estou no século errado para queimar coisas. Não sou a geração indicada para deixar isso acontecer. Penso numa biblioteca cuidadosamente organizada em caixas. Penso em todos aqueles que já queimaram outras coisas, no apagamento sistemático das histórias, nas separações entre pessoas e seus bens, e depois entre pessoas e suas famílias e famílias de vizinhos. E depois entre seus países.

Penso em alguém conferindo uma lista para garantir que aquelas pessoas ainda estavam vivas e moravam em Viena, e depois carimbando “Sara” ou “Israel” em vermelho na certidão de nascimento. Penso, é claro, em todas as listas de famílias nos manifestos, deportadas.

Se outros foram capazes de cuidar de coisas tão importantes, então devo ser cuidadoso com esses objetos e suas histórias. Preciso fazer direito, voltar e conferir, passar novamente por lá.

“Você não acha que esses netsuquês deveriam ficar no Japão?”, disse-me uma carrancuda vizinha de Londres. E noto que estou trêmulo ao responder, porque isso é realmente importante.

Explico a ela que existem muitos netsuquês no mundo, depositados em prateleiras aveludadas em gabinetes de negociantes da Bond Street ou da Madison Avenue, do Keizergracht ou da Ginza. Então me vejo um tanto deslocado para a Rota da Seda, e então para as moedas de Alexandre Magno ainda circulantes no Hindu Kush do século XIX. Conto-lhe sobre as viagens com minha parceira Sue pela Etiópia, e a descoberta de um antigo jarro chinês coberto de pó numa feira livre, e tento imaginar como ele foi parar lá.

Não, respondo. Esses objetos sempre foram transportados, vendidos, trocados, roubados, recuperados e perdidos. As pessoas sempre se presentearam. O importante é como contar essas histórias.

Trata-se da contrapartida de uma questão que eu sempre me colocara: “Você não odeia ver seus objetos indo embora do estúdio?” Bem, não, não odeio. Eu ganho a vida deixando que coisas partam. Você só espera, se faz coisas como eu, que elas encontrem seu caminho no mundo e tenham alguma longevidade.

Não são apenas as coisas que levam histórias consigo. As histórias são também um tipo de coisa. Histórias e objetos têm algo em comum, uma pátina. Eu achava que isso estava claro para mim, dois anos atrás, antes de começar, mas já não tenho mais certeza de como isso funciona. Talvez a pátina seja um processo de polimento de modo a revelar o essencial, irreduzível, como um seixo de rio, como esse netsuquê de uma raposa não passa de uma lembrança de um focinho e uma cauda. Mas também parece algo que se adiciona, como um móvel de carvalho ao longo de anos e anos de polimento, como as folhas brilhantes da minha nêpera.

Você tira um objeto do bolso e o coloca na sua frente e começa. Você começa a contar uma história.

Quando os seguro na mão me vejo procurando difusos sinais de rachaduras ao longo do grão de alguns dos marfins. Não que simplesmente eu deseje que a fenda nesses dois lutadores — de membros que se chocam alheios a tudo num emaranhado de marfim — tenha vindo de uma queda no tapete dourado de Charles, num momento de grande excitação *fin-de-siècle* de alguém famoso (um poeta, um pintor, Proust). Ou que a poeira entranhada nas asas de uma cigarra sobre uma casca de noz venha do fato de haver ficado escondida sob um colchão vienense. Provavelmente não.

O último local de repouso da coleção é em Londres. O Victoria and Albert Museum está se livrando de algumas de suas velhas vitrines para abrir espaço a novos expositores. Compro uma delas.

Como meu trabalho em cerâmica é considerado minimalista — fileiras de vasos de porcelana verde-acinzentados, azul-acinzentados —, supõe-se que eu, minha esposa e nossos três filhos moremos em algum templo do minimalismo, quem sabe piso de

concreto, paredes de vidro e móveis dinamarqueses. Não é o caso. Moramos numa casa do período eduardiano numa agradável rua de Londres com árvores na frente e um vestíbulo que abrigava — esta manhã — um violoncelo e um oboé, algumas galochas, um forte de madeira onde os meninos não cabem mais e que está para ser doado a um bazar de caridade há três meses, uma pilha de casacos e sapatos, e Ella, nossa velha e amada cachorra — passando o vestíbulo a coisa fica desordenada. Mas ainda quero que as crianças tenham a oportunidade de conhecer os netsuquês assim como outras crianças fizeram há cem anos.

Então, com muito esforço, içamos a vitrine exonerada. Precisamos de quatro homens e muito suor. Ela tem mais de dois metros de altura, com uma base de mogno, e é feita de bronze. Possui três prateleiras de vidro. Só quando já a estavam chumbando na parede me lembrei de minhas coleções da infância. Eu colecionava ossos, pele de rato, conchas, uma mandíbula de tigre, escamas de uma serpente, cachimbos de barro e ostras, e centavos vitorianos de uma escavação arqueológica que meu irmão mais velho, John, e eu começamos certo verão em Lincoln, quarenta anos atrás, marcando o terreno com barbante e traçando uma grade antes de cavar. Meu pai era o chanceler da catedral e morávamos do lado leste dos vitrais góticos, na chancelaria, uma casa medieval com uma escada em caracol e uma capela no final de um longo corredor. Um arqui-diácono em clausura doara sua coleção de fósseis encontrados durante uma infância eduardiana em Norfolk, alguns ainda com anotações do dia e do local do achado. Quando eu tinha sete anos, a biblioteca da catedral estava se livrando dos gabinetes de mogno e vidro, e assim metade do meu quarto acabou tomada por uma vitrine — a minha primeira — na qual eu arranjava e rearranjava meus objetos, e girava a chave para abrir quando alguém pedia. Era minha *Wunderkammer*, meu mundo de coisas, minha história secreta do tato.

Esta última vitrine... Acho que será um bom lugar para os netsuquês. Fica ao lado do piano e está destrancada para que as crianças possam abrir a porta se quiserem.

Coloquei alguns netsuquês em destaque — o lobo, a nêspera, a lebre com olhos de âmbar, mais uma dúzia deles — e quando voltei a olhar eles haviam mudado de lugar. Um rato, dormindo encolhido, havia vindo para a frente. Abro a porta de vidro e o retiro. Solto o rato no bolso, coloco o cachorro na frente e saio para trabalhar. Preciso fazer meus potes.

Os netsuquês começam de novo.

AGRADECIMENTOS

Este livro teve uma longa gestação. Conteí esta história pela primeira vez em 2005 e agradeço a três pessoas, Michael Goldfarb, Joe Earle e Christopher Benfey, que me disseram para parar de falar e começar a escrever.

Em primeiro lugar, quero agradecer a meu irmão Thomas, por seu auxílio prático e por sua companhia. Meu tio Constant e minha tia Julia de Waal, que sempre me apoiaram bastante. Agradeço a todos que me ajudaram na pesquisa e nas traduções, em particular Georgina Wilson, Hannah James, Tom Otter, Susannah Otter, Chantal Riekel e Aurogeeta Das. À doutora Jo Catling, da Universidade de East Anglia, por seu trabalho inestimável com a correspondência Rilke/Ephrussi, e a Mark Hinton, da Christies, por sua grande ajuda na elucidação das assinaturas nos netuquês. Carys Davies, minha gerente do estúdio, protegeu-me do mundo, e foi uma incrível interlocutora no dia a dia.

Gostaria de agradecer a Gisele de Bogarde Scantlebury, à falecida Marie-Louise von Motesiczky, Francis Spufford, Jenny Turner, Madeleine Bessborough, Anthony Sinclair, Brian Dillon, James Harding, Lydia Syson, Mark Jones, A.S. Byatt, Charles Saumerez-Smith, Ruth Saunders, Amanda Renshaw, Tim Barringer, Jorunn Veiteberg, Rosie Thomas, Vikram Seth e Joram ten Brink. Sou especialmente grato a Martina Margetts, Philip Watson e Fiona MacCarthy, que sempre tiveram fé neste livro.

Obrigado à equipe da London Library, à National Art Library do Victoria and Albert Museum, à British Library, à Cambridge University Library, ao Courtauld Institute, ao Goethe Institut, ao Musée d'Orsay, à Bibliothèque Nationale, à Biblioteca Nacional de Tóquio, à Israelitische Kulturgemeinde, à Adler Society de Viena. Em Viena, gostaria de agradecer a Sophie Lillie por todo o seu trabalho pioneiro em restauração, a Anna Staudacher e a Wolf-Erich Eckstein, do Israelitische Kulturgemeinde, a Georg Gaugusch e a Christopher Wentworth-Stanley, pela ajuda nas genealogias, e obrigado a Martin Drschka, dos Casinos Austria, por me receber tão bem no Palais Ephrussi. Em Odessa, Mark Naidorf, Anna Misyuk e Alexander (Sasha) Rozenboim foram meus guias através de uma parte da história dos Efrussi.

Felicity Bryan tem sido a agente e entusiasta mais maravilhosa. Quero registrar minha gratidão a ela e à equipe da Felicity Bryan Agency, a Zoe Pagnamenta e a toda a equipe de Andrew Nurnberg. Gostaria de agradecer também a Juliet Brooke, Stephen Parker e Kate Bland, da Chatto. Jonathan Galassi, da Farrar, Straus and Giroux, foi meu extraordinário defensor desde o início.

Fiquei sem palavras diante do desvelo, da dedicação e da imaginação das minhas duas editoras. Clara Farmer, da Chatto, me escreveu perguntando se o livro existia. Ela e Courtney Hodell, da FSG, fizeram com que esta obra acontecesse e sou profundamente grato a ambas.

Acima de tudo, quero registrar meu amor e minha gratidão a minha falecida avó Elisabeth e a meu falecido tio-avô Iggie, a minha mãe, Esther de Waal, a meu pai, Victor de Waal, e a Jiro Sugiyama.

Eu jamais poderia ter escrito este livro sem a generosidade constante de minha esposa, Sue Chandler. Este livro é para nossos filhos: Ben, Matthew e Anna.

SOBRE O AUTOR



Edmund de Waal é um dos mais importantes ceramistas do mundo, tem obras expostas em instituições como o Victoria & Albert Museum e a Tate Britain. Diplomado em inglês na Universidade de Cambridge, sua formação incluiu estudos de cerâmica feitos no Japão, especialidade que leciona na Universidade de Westminster. A Lebre com olhos de âmbar ganhou o Costa Book Award 2010 na categoria Biografia e foi finalista do South Bank Sky Arts Award na categoria Literatura. O autor, nomeado New Writer of the Year no Galaxy National Book Award de 2010, mora em Londres com a família.